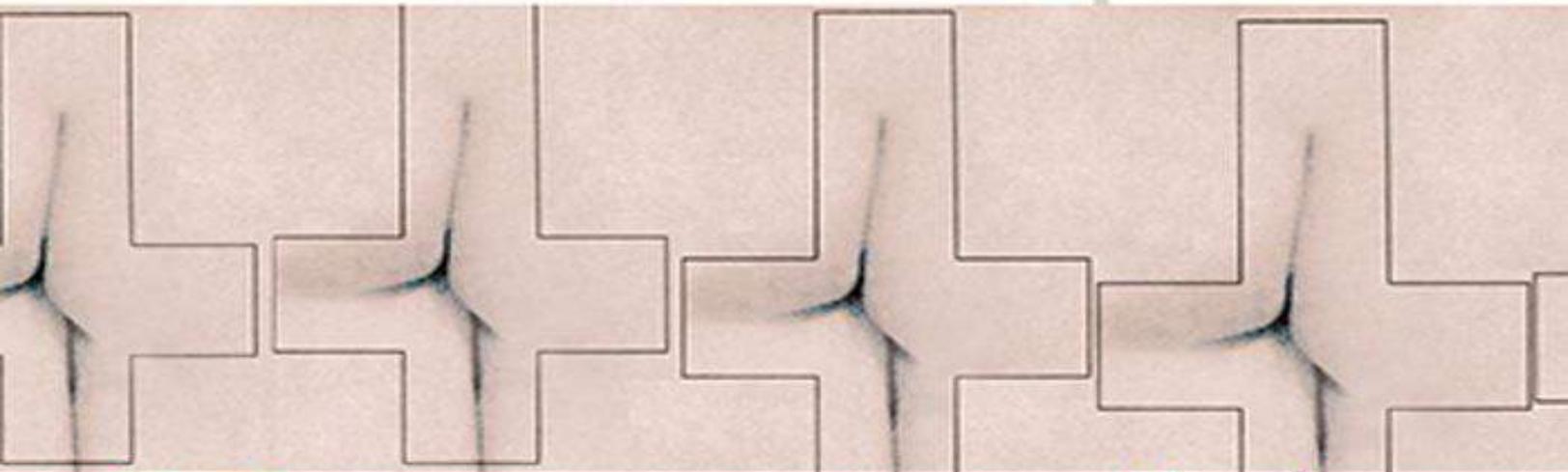


A FILOSOFIA NA ALCOVA

marquês



Saade^de

TRADUÇÃO, POSFÁCIO E NOTAS
CONTADOR BORGES

ILUMI/URAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A filosofia na alcova

COLEÇÃO PÉROLAS FURIOSAS

Donatien Alphonse-François, o marquês de Sade (1740-1814), foi certamente um dos autores da literatura universal que mais sondaram os limites do homem, trazendo à luz (em pleno Iluminismo) aquilo que a cultura sempre tentou ocultar: a violência do erotismo em suas mais variadas formas de transgressão. A tônica de seus principais romances, escritos ao longo de quase trinta anos em onze diferentes prisões sob três regimes distintos, é a da libertação do indivíduo mediante a corrupção dos costumes. Relegado ao esquecimento por muito tempo (somente o século XX o restituiu à luz e o consagrou), o perseguido autor de *Justine* e tantos outros livros escandalosos, “o espírito mais livre que jamais existiu”, nas palavras de Apollinaire, é hoje considerado um clássico, ao lado de Racine ou de Shakespeare, um dos maiores escritores de sua época.

A coleção Pérolas furiosas reúne pela primeira vez em língua portuguesa as principais obras desse transgressor do espírito, que via na literatura uma possibilidade de criar um mundo às avessas onde tudo é levado às últimas consequências. Sade nos faz ver o impossível nas entrelinhas dessa realidade absurda na qual, paradoxalmente, nega-se a vida e os homens para melhor afirmá-los; vale dizer, para glorificá-los.

Marquês de Sade

A FILOSOFIA NA ALCOVA

ou

OS PRECEPTORES IMORAIS

Tradução, posfácio e notas
Contador Borges

ILUMI//URAS

Coleção Pérolas Furiosas
dirigida por Contador Borges

Copyright © 1999 desta tradução e edição
Editora Iluminuras Ltda.

Capa
Michaella Pivetti
sobre *Monument a D.A.F. de Sade* (1933), Man Ray,
fotografia modificada digitalmente.

Revisão
Rose Zuanetti
Ana Luiza Couto

Conversão Digital: e-FICÇÕES
e-book@e-ficcoes.com

(Este livro segue as novas regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Sade, Marquês de, 1740-1814.

A filosofia na alcova, ou, Os preceptores imorais / Marquês de Sade ; tradução,
posfácio e notas Contador Borges. — São Paulo :
Iluminuras, 1999. – 4. Reimp. 2012 — (Coleção Pérolas furiosas /
dirigida por Contador Borges)

Título original: La philosophie dans le boudoir.
Bibliografia.

ISBN 978-85-7321-432-1

1. Pornografia 2. Romance francês - Século 18
I. Borges, Contador. II. Título. III. Título: Os
preceptores imorais. IV. Série.
08-01645 CDD-843

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura francesa 843

2013

EDITORA ILUMINURAS LTDA.

Rua Inácio Pereira da Rocha, 389 - 05432-011 - São Paulo - SP - Brasil

Tel. / Fax: (11)3031-6161

iluminur@iluminuras.com.br

www.iluminuras.com.br

NOTA À TRADUÇÃO

As traduções brasileiras do clássico de Sade (ver bibliografia ao final do volume) apresentam incorreções, infidelidades e consideráveis lacunas. Mas há que ressaltar seus méritos, suas tentativas (muitas vezes felizes) de resgate da palavra do autor. Sei que não há tradução perfeita porque simplesmente o material linguístico de uma língua, por se tratar de uma substância única, não se transfere integralmente para outra. Isso para não falar do distanciamento histórico insuperável entre o original e sua leitura, o caso deste trabalho. Como uma tradução é de certa forma uma leitura levada às últimas consequências, ofereço esta versão da obra, ciente dos riscos e possíveis desacertos de tal empreitada.

Um dos grandes desafios do tradutor é reproduzir o “tom” imanente ao original. O tom de um autor, que é produzido pela leitura e nasce da materialidade dos signos e seu funcionamento na linguagem, se não é algo “palpável”, tem essa característica de se tornar familiar com a leitura. E se faz pensar numa projeção fantasmática do autor, como a silhueta encarnada de uma voz, não chega a ser uma ficção. Toda obra tem uma espécie de intenção secreta que a alimenta e ilumina. O tom seria os raios dessa iluminação sensível, o acento próprio e dramático que marca a dicção singular de uma obra, seu registro musical e poético. De qualquer forma, reconstituí-lo em outra língua é um gesto que não se faz sem alguma ilusão. É com base nela e nos efeitos de uma leitura potencializada ao extremo que o tradutor acredita poder recriar a fala de origem.

Se o leitor, no dizer de Borges, é aquele que pensa com a mente alheia, o tradutor executa um passo além, às vezes em direção ao abismo (caso de Sade), mediante ao qual incorpora a fala autoral à própria língua, ligando assim seu sangue (sua alma) a outros corações e mentes.

C.B.

O presente trabalho foi apresentado ao Departamento de Filosofia da USP como dissertação de Mestrado e contou com a orientação do professor Luiz Fernando Franklin de Matos. Da banca examinadora participaram os professores Eliane Robert Moraes e Leon Kossovitch. A todos, o meu melhor agradecimento.



Na página anterior: frontispício da primeira edição conhecida de *A filosofia na alcova*.
As ilustrações das páginas 34, 92, 119 e 179 são da primeira edição conhecida de *A filosofia na alcova*.

AOS LIBERTINOS

Voluptuosos de todas as idades e de todos os sexos, a vós somente ofereço esta obra; nutri-vos de seus princípios, eles favorecem vossas paixões; e essas paixões, com que estúpidos e frios moralistas tentam vos horrorizar, são apenas os meios que a natureza emprega para fazer o homem atingir as metas que traçou para ele. Não ouvi senão essas paixões deliciosas: sua voz é a única que pode vos conduzir à felicidade.

Mulheres lúbricas, que a voluptuosa Saint-Ange seja o vosso modelo; desprezai, a seu exemplo, tudo o que contraria as leis do prazer que a acorrentaram durante toda a vida.

Moças tanto tempo contidas em laços absurdos e perigosos de uma virtude quimérica e de uma religião nojenta, imitai a ardente Eugénie; destruí, pisoteai tão rapidamente quanto ela todos os ridículos preceitos inculcados por pais imbecis.

E vós, amáveis devassos, que, desde a juventude, não tendes outros freios que vossos desejos e outras leis que vossos caprichos, que o cínico Dolmancé vos sirva de exemplo; ide tão longe quanto ele, se, como ele, desejardes trilhar os caminhos de flores que a lubricidade vos prepara. Convençei-vos em sua escola que, só estendendo a esfera de seus gostos e de suas fantasias, só sacrificando tudo à volúpia, o infeliz indivíduo denominado homem e jogado a contragosto neste triste universo conseguirá semear algumas rosas sobre os espinhos da vida.

A mãe prescreverá sua leitura à filha.

PRIMEIRO DIÁLOGO

*SENHORA DE SAINT-ANGE,
O CAVALEIRO DE MIRVEL*

SAINT-ANGE - Bom dia, meu irmão. E então, e o Sr. Dolmancé?

CAVALEIRO - Chegará às quatro horas em ponto, só jantaremos às sete. Como vês, teremos todo o tempo para conversar.

SAINT-ANGE - Sabes, meu irmão, arrependo-me um pouco da minha curiosidade e dos projetos obscenos concebidos para hoje. Na verdade, meu amigo, és indulgente demais. Quanto mais razoável eu deveria ser, mais minha mente maldita se inflama e se torna libertina; tu deixas passar tudo e com tanto mimo só vais me estragando... Aos vinte e seis anos já deveria ser devota, mas não passo da mais devassa das mulheres!... Não se faz ideia do que posso conceber e de tudo o que seria capaz. Imaginava que me apegando às mulheres, eu teria juízo; que meus desejos, concentrados em meu sexo, não se expandiriam para o vosso. Projetos quiméricos, meu caro; os prazeres de que queria privar-me se ofereceram ao meu espírito com mais ardor ainda, e compreendi que, quando se nasce como eu para a libertinagem, é inútil querer se impor freios: os ardentes desejos logo os fazem aos pedaços. Enfim, meu caro, sou um animal anfíbio; gosto de tudo, tudo me diverte; quero reunir todos os gêneros. Mas meu irmão, confessa, não é uma total extravagância querer conhecer este singular Dolmancé, que, como dizes, desde que nasceu, jamais apreciou uma mulher como reza o costume, e que, sodomita por princípio, não apenas idolatra o próprio sexo, como também só cede ao nosso sob a cláusula especial de lhe proporcionarmos os estimados favores que costuma obter entre os homens? Vê, meu irmão, que fantasia bizarra: quero ser o Ganimedes deste novo Júpiter, desfrutar seus gostos, seus deboches, ser a vítima de seus erros. Tu bem sabes, meu querido, até hoje só me entreguei assim a ti, por complacência, ou a um de meus criados que, pago para me tratar dessa forma, prestou-se a isso somente por interesse. Hoje, não é mais complacência ou capricho que me determinam, mas unicamente o gosto... Vejo uma inconcebível diferença no modo como até aqui me submeti e como de agora em diante irei me submeter a essa estranha mania e quero conhecê-la. Peço-te que me descreva esse teu Dolmancé, a fim de que eu o tenha bem em mente antes que ele apareça, pois, como sabes, só o conheço por tê-lo

encontrado outro dia numa casa onde só passei alguns minutos em sua companhia.

CAVALEIRO - Dolmancé, minha irmã, acaba de completar trinta e seis anos. É alto, dono de uma bela figura, olhos muito vivos e espirituais, mas, apesar disso, um quê de maldade e dureza transparece em seus traços; tem os dentes mais belos do mundo, um gingado na cintura e no andar, sem dúvida por assumir com frequência ares femininos. É de uma extrema elegância, possui voz bonita, talentos e, sobretudo, muita filosofia no espírito.

SAINT-ANGE - Ele não crê em Deus, espero.

CAVALEIRO - Ah, o que estás dizendo? É o mais célebre ateu, o mais imoral dos homens... e da mais extrema e completa corrupção, o indivíduo mais celerado e cruel que possa haver no mundo.

SAINT-ANGE - Ah, como isso tudo me inflama! Enlouquecerei com este homem! E seus gostos, meu irmão?

CAVALEIRO - Já sabes; prefere as delícias de Sodoma, tanto as passivas quanto as ativas; só gosta de homens em seus prazeres. E se às vezes, entretanto, consente em experimentar as mulheres, é com a condição de que sejam complacentes para mudar de sexo com ele. Falei-lhe de ti e o preveni de tuas intenções; ele concordou, mas pediu-me para te advertir das cláusulas do negócio. Previno-

-te, minha irmã, ele não hesitará em te recusar caso tentes outra coisa. “O que consinto em fazer com vossa irmã”, sentenciou, “é uma licença... uma dessas extravagâncias com que só nos sujamos raramente e tomando muitas precauções.”

SAINT-ANGE - *Sujar-se!... Precauções!...* Amo loucamente a linguagem dessa gente amável! Entre nós, mulheres, também temos palavras exclusivas que provam, como essas, o profundo horror que sentimos por tudo o que não diz respeito ao culto admitido. Ah, querido, conta-me, ele já te possuiu? Com esse teu tipo delicioso e teus vinte anos pode-se facilmente cativar um homem assim!

CAVALEIRO - Não te esconderei nossas extravagâncias. És espirituosa o bastante para não censurá-las. De fato, gosto de mulheres; só me entrego a tais gostos bizarros quando um homem amável me determina a isso. Não há nada então que eu não faça. Longe de mim esta arrogância ridícula que autoriza nossos juvenzinhos frívolos¹ a responder com bengaladas semelhantes propostas. Pode o homem dominar seus gostos? Deve-se lastimar aqueles que possuem gostos singulares, mas jamais insultá-los: seu erro vem da natureza; eles não são mais responsáveis de vir ao mundo com gostos diferentes do que somos em

nascer capengas ou bem-feitos. Aliás, um homem vos diz algo desagradável quando demonstra o desejo de desfrutar de vós? Claro que não, é um cumprimento que vos faz. Por que então responder por injúrias ou insultos? Só os tolos pensam assim; jamais um homem razoável falará desta matéria diferentemente do que faço. Mas o mundo é povoado por idiotas completos que se sentem desrespeitados quando lhes confessamos que são talhados para os prazeres, e que, gastos pelas mulheres, sempre ciumentas com o que possa ameaçar seus direitos, imaginam-se os Dom Quixotes desses direitos vulgares, brutalizando aqueles que não reconhecem toda a sua extensão.

SAINT-ANGE - Ah, meu amigo, beija-me! Não serias meu irmão se pensasses de outro modo; suplico-te mais detalhes do físico deste homem e de seus prazeres contigo.

CAVALEIRO - O senhor Dolmancé ficou sabendo, por um de meus amigos, que sou dotado de um soberbo membro, como bem sabes. Pedi então ao marquês de V... que me oferecesse um jantar em sua casa. Chegando lá, fui obrigado a exhibir o que carrego. A curiosidade pareceu de início ser o único motivo. Um belíssimo cu virou-se para mim e alguém suplicou-me para desfrutá-lo; então compreendi que esse gosto era o verdadeiro motivo do exame. Preveni Dolmancé das dificuldades da empresa, mas ele não se intimidou. “Sou à prova de aríete”, respondeu, “e não tereis nem mesmo a glória de serdes o homem mais temível a perfurar o cu que vos ofereço!” O marquês estava presente; encorajou-nos mexendo, acariciando e beijando tudo o que expúnhamos à luz. Apresento-me... Quero ao menos alguns preparativos... “Nada disso!” me diz o marquês, “assim ireis anular metade das sensações que Dolmancé espera de vós; ele quer ser dilacerado... rachado ao meio...” “Pois será satisfeito!”, exclamei, mergulhando cegamente no abismo... Pensas que tive muita dificuldade, minha irmã? Pelo contrário. Meu pau, enorme que é, desapareceu sem que eu sentisse, e toquei o fundo de suas entranhas sem que o bugre² parecesse sentir. Eu tratava Dolmancé como amigo; a excessiva volúpia que ele sentia, seus meneios, sua deliciosa conversa, tudo fez que eu mesmo me sentisse feliz, e logo inundei-o; mal retirei o membro, Dolmancé virou-se para mim, desganhado e vermelho como uma bacante: “Vês o estado em que me deixaste, querido cavaleiro?”. Ofereceu-me então um pau seco e vibrante, muito longo, de pelo menos seis polegadas de contorno.³ “Oh, meu amor! Suplico-te a gentileza de me servir de mulher depois de teres sido meu amante, e que eu possa dizer que desfrutei nos teus braços divinos de todos os prazeres deste gosto que venero.” Não vendo muita dificuldade de um jeito como de outro,

consenti. O marquês, descendo os calções sob os meus olhos, implorou-me ainda para ser seu homem enquanto eu fosse a mulher de seu amigo. Tratei-o como a Dolmancé que, devolvendo-me ao cêntuplo os solavancos com que eu maltratava o terceiro, logo exalou no fundo do meu cu este licor fascinante com que quase ao mesmo tempo reguei o de V...

SAINT-ANGE - Que prazer enorme deves ter sentido, meu irmão, ficando entre os dois... dizem ser encantador!...

CAVALEIRO - Certamente, meu anjo, é o melhor lugar; mas, por mais que digam isso, é uma extravagância que eu jamais trocaria pelos prazeres de uma mulher.

SAINT-ANGE - Muito bem, meu amor. E para recompensar hoje a tua delicada complacência, entregarei aos teus ardores uma jovem virgem, mais bela que o Amor.

CAVALEIRO - O quê? Com Dolmancé aqui... trazer uma mulher?

SAINT-ANGE - Trata-se de uma educação; é uma garota que conheci no convento o outono passado, enquanto meu marido estava numa estação de águas. Não pudemos fazer nada lá, e nem poderíamos ousá-lo com tantos olhos fixos sobre nós; mas prometemos mutuamente nos reunir assim que fosse possível. Dominada por este desejo, travei conhecimento com sua família para poder satisfazê-lo. Seu pai é um libertino... que logo cativei. Enfim, a bela está para chegar; estou aguardando-a. Passaremos dois dias juntas... dois dias deliciosos. Pretendo a maior parte do tempo cuidar da educação da moça. Dolmancé e eu incutiremos em sua linda cabecinha todos os princípios da libertinagem mais desenfreada. Abrasá-la-emos com nosso fogo; nossa filosofia lhe servirá de alimento e nossos desejos de inspiração. Como vou mesclar prática e teoria e demonstrar à medida que formos dissertando, meu caro irmão, destinei-te a colheita dos mirtos de Citera, e a Dolmancé a das rosas de Sodoma. Terei dois prazeres ao mesmo tempo: o de gozar eu mesma dessas volúpias criminosas e o de ministrar lições sobre elas, inspirando esses gostos na amável inocente que lanço em nossas redes. E então, cavaleiro, não é um projeto digno de minha imaginação?

CAVALEIRO - Só ela o teria concebido. É divino, minha irmã. Prometo-te um desempenho estupendo no papel encantador que me reservas. Ah, sacana! Que prazer terás educando esta criança! Como será delicioso corrompê-la, abafar num coração juvenil as sementes de virtude e de religião que suas preceptoras lhe incutiram! Na verdade, é *devassidão*⁴ demais para mim.

SAINT-ANGE - Seguramente não pouparei nada para pervertê-la e pôr de

pernas para o ar todos os falsos princípios morais com que já a atordoaram. Quero, com duas lições, torná-la tão celerada quanto eu... tão ímpia... tão debochada. Previne Dolmancé, põe-no a par de tudo logo que chegar, para que o veneno de suas imoralidades, circulando nesse jovem coração, mais o que vou inocular, arranque em poucos instantes todas as sementes de virtude que aí possam germinar sem nós.

CAVALEIRO - Impossível encontrar um homem que melhor te convenha; irreligião, impiedade, desumanidade, libertinagem fluem dos lábios de Dolmancé como outrora a unção mística dos lábios do célebre arcebispo de Cambrai.⁵ É o sedutor mais profundo, o mais corrupto e perigoso dos homens... Ah, minha cara amiga, que tua aluna corresponda ao empenho do mestre e te garanto que logo estará perdida.

SAINT-ANGE - Com a disposição que tem, certamente não vai demorar...

CAVALEIRO - Mas, responde, minha irmã, não temes a reação de seus pais? E se a garota der com a língua nos dentes ao voltar para casa?

SAINT-ANGE - Não tenhas medo, seduzi seu pai... este já me pertence. Devo confessá-lo? Entreguei-me a ele para que fechasse os olhos; ignora meus propósitos e nem ousaria penetrá-los... Tenho-o nas mãos.

CAVALEIRO - Teus meios são medonhos!

SAINT-ANGE - É assim que devem ser para que sejam seguros.

CAVALEIRO - Mas, por favor, conta-me quem é essa jovem.

SAINT-ANGE - Chama-se Eugénie. É filha de um certo Mistival, um dos mais ricos arrecadadores da capital, que deve ter uns trinta e seis anos de idade. A mãe não tem mais do que trinta e dois, e a garota quinze. Mistival é tão libertino quanto sua mulher devota. Quanto a Eugénie, meu amigo, seria em vão tentar descrevê-la... ela suplanta meus pincéis. Saibas por enquanto que nem tu ou eu jamais vimos algo mais delicioso no mundo.

CAVALEIRO - Mas esboça-me ao menos, se não podes pintar, a fim de que, sabendo aproximadamente o que vou enfrentar, eu preencha melhor a imaginação com o ídolo ao qual devo fazer sacrifício.

SAINT-ANGE - Está bem, meu amigo; seus cabelos castanhos, que mal se podem conter, chegam a cobrir-lhe as nádegas; sua tez é de uma brancura deslumbrante, o nariz levemente aquilino; os olhos de um negro de ébano e com tal ardor... Ah, meu amigo, não se podem fixar muito tempo esses olhos... Não imaginas todas as tolices que me fizeram cometer... Se visses as sobrancelhas lindas que os coroam... as interessantes pálpebras que os bordam!... Sua boca é pequena, seus dentes soberbos, e que frescor!... Uma de suas belezas é a maneira

elegante como sua linda cabeça se liga aos ombros, seu ar de nobreza quando ela gira... Eugénie é grande para a sua idade; passaria por dezessete anos. Seu porte é um modelo de graça e elegância, seu colo, delicioso... e que belos peitinhos!... somem nas mãos... tão suaves, tão frescos, tão brancos!... Vinte vezes perdi a cabeça beijando-os! E se visses como ficou excitada com as minhas carícias... como seus grandes olhos me revelaram o estado de sua alma!... Meu amigo, não conheço o resto, mas, a julgar pelo que vi, nem o Olimpo teve divindade igual... Mas ouço-a... Deixa-nos a sós; sai pelo jardim para não seres visto por ela e chega pontualmente ao encontro.

CAVALEIRO - O quadro que me descreveste responde por minha pontualidade... Céus! Ter que sair... e abandonar-te no estado em que estou!... Adeus!... mas antes um beijo... um beijo apenas, minha irmã, para satisfazer-me enquanto a hora não chega. *(Ela o beija, toca-lhe o pau através dos calções, e o jovem sai com precipitação.)*

SEGUNDO DIÁLOGO

SENHORA DE SAINT-ANGE, EUGÉNIE

SAINT-ANGE - Ah, bom dia, minha bela! Aguardava-te com tal impaciência que facilmente adivinhas se lêes meu coração.

EUGÉNIE - Oh, minha boa amiga, achei que jamais chegaria, tanta a pressa de estar em teus braços. Uma hora antes de partir eu tremia, achando que tudo poderia mudar. Minha mãe opunha-se inteiramente a esta deliciosa partida, dizendo não ser conveniente a uma jovem de minha idade sair sozinha. Mas meu pai tratou-a tão mal anteontem, que um único olhar seu a fez regressar ao nada. A senhora de Mistival acabou por consentir no que o meu pai me concedia, e corri para cá. Deram-me dois dias. É imprescindível que tua carruagem e uma de tuas criadas me levem de volta depois de amanhã.

SAINT-ANGE - Que tempo curto, meu anjo! Mal poderei exprimir-te, em tão pouco tempo, tudo o que me inspiras... Aliás, temos muito o que conversar. Não sabes que neste encontro devo iniciar-te nos mistérios mais secretos de Vênus? Será possível em apenas dois dias?

EUGÉNIE - Ah, se eu não souber tudo, ficarei... Vim aqui para me instruir e só irei embora quando for sábia.

SAINT-ANGE, *beijando-a*. - Oh, meu amor, quantas coisas faremos juntas e quantas não diremos mutuamente! A propósito, minha rainha, não queres almoçar? É possível que a aula seja longa.

EUGÉNIE - Minha única necessidade é ouvir-te, minha cara amiga. Almoçamos há uma légua daqui; posso esperar até às oito da noite sem o menor problema.

SAINT-ANGE - Passemos então à alcova,⁶ onde estaremos mais à vontade. Já avisei os criados. Podes estar certa de que não seremos importunadas. (*Entram de braços dados.*)

TERCEIRO DIÁLOGO

A cena se passa numa deliciosa alcova.

SENHORA DE SAINT-ANGE, EUGÉNIE, DOLMANCÉ

EUGÉNIE, *muito surpresa ao ver no gabinete um homem que ela não esperava.* - Oh, Deus! Cara amiga, isto é uma traição!

SAINT-ANGE, *igualmente surpresa.* - Por acaso, o que fazeis aqui, senhor? Não deveríeis, ao que me consta, chegar às quatro horas?

DOLMANCÉ - Antecipa-se sempre o mais possível, senhora, a felicidade de vos ver. Encontrei o senhor vosso irmão; ele sentiu minha presença necessária nas aulas que ireis ministrar à senhorita; sabendo ser aqui o liceu onde será dado o curso, introduziu-me, secretamente, não imaginando que o desaprovaríeis. Quanto a ele, como sabe que suas demonstrações só serão úteis após as dissertações teóricas, só virá mais tarde.

SAINT-ANGE - Na verdade, Dolmancé, eis um rodeio...

EUGÉNIE - Que não me engana, minha boa amiga; tudo isto é obra tua... Se ao menos tivesses me consultado... Estou tão envergonhada que certamente nossos planos irão por água abaixo.

SAINT-ANGE - Protesto, Eugénie. A ideia desta surpresa foi exclusivamente de meu irmão; mas não te assustes com isso. Dolmancé, homem que reputo amabilíssimo, tem precisamente o grau de filosofia necessária para instruir-te e só pode ser útil aos nossos propósitos. Quanto à sua descrição, respondo por ele tanto quanto por mim. Familiariza-te, pois, minha cara, com o homem mais capacitado do mundo a preparar-te e conduzir-te na carreira da felicidade e dos prazeres que percorreremos juntas.

EUGÉNIE, *corando.* - Oh, nem por isso estou menos confusa...

DOLMANCÉ - Vamos, bela Eugénie, fiquéis à vontade... o pudor é uma velha virtude de que vós, com tantos encantos, podereis muito bem prescindir.

EUGÉNIE - Mas a decência...

DOLMANCÉ - Outro costume gótico, sem a menor importância hoje em dia, e que contraria totalmente a natureza. (*Dolmancé agarra Eugénie, comprime-a em seus braços, e a beija.*)

EUGÉNIE, *defendendo-se.* - Parai com isso, senhor!... Mais respeito!

SAINT-ANGE - Eugénie, acredita-me, não sejamos ambas hipócritas com este homem encantador. Não o conheço mais do que tu, mas olha como me entrego a ele! (*Beija-o lubricamente na boca.*) Imita-me.

EUGÉNIE - Oh, farei isso também; de quem teria melhores exemplos? (*Entrega-se a Dolmancé, que a beija com ardor, introduzindo a língua em sua boca.*)

DOLMANCÉ - Ah, criatura amável e deliciosa!

SAINT-ANGE, *beijando-a do mesmo modo.* - Então, safadinha, achas que eu não ia querer também? (*Dolmancé toma ambas nos braços, enfia-lhes a língua por uns quinze minutos; elas fazem-lhe o mesmo e também a si próprias.*)

DOLMANCÉ - Ah, tais preliminares inebriam-me de volúpia! Senhoras, acreditai-me; faz um calor extraordinário! Fiquemos mais à vontade e conversaremos infinitamente melhor.

SAINT-ANGE - De acordo. Vestiremos apenas estas samarras de gaze; elas só velarão os atrativos que se deve esconder ao desejo.

EUGÉNIE - Na verdade, querida, me obrigas a cada coisa!...

SAINT-ANGE, *ajudando-a a despir-se.* - Totalmente ridículas, não é?

EUGÉNIE - Ao menos bem indecentes... Oh, como me beijas!

SAINT-ANGE - Que colo lindo! É uma rosa que acaba de desabrochar...

DOLMANCÉ, *admirando as tetinhas de Eugénie, sem tocá-las.* - E que promete outros atrativos... infinitamente mais estimáveis.

SAINT-ANGE - Mais estimáveis?

DOLMANCÉ - Oh, sim, palavra de honra! (*Dizendo isso, Dolmancé tenta virar Eugénie para examiná-la por trás.*)

EUGÉNIE - Oh, não, não, vos suplico!

SAINT-ANGE - Não, Dolmancé... não deveis ver ainda um objeto cujo império é demasiado sobre vós, para que, tendo-o uma vez na cabeça, possais em seguida raciocinar com sangue-frio. Necessitamos de vossas aulas; começai a ministrá-las, e os mirtos que desejais colher formarão depois vossa coroa.

DOLMANCÉ - Certo. Mas para demonstrar a esta bela criança as primeiras lições da libertinagem, é preciso que ao menos vós, senhora, tenhais complacência em vos submeter.

SAINT-ANGE - Num instante!... Cá estou, em pelos... Dissertai sobre mim o quanto quiserdes!

DOLMANCÉ - Que belo corpo! É Vênus em pessoa, embelezada pelas Graças!

EUGÉNIE - Oh, minha cara amiga, quantos atrativos! Deixa-me percorrê-los à

vontade... Deixa-me cobri-los de beijos. (*Executa.*)

DOLMANCÉ - Que disposições excelentes! Um pouco menos de ardor, bela Eugénie; só vos peço atenção neste momento.

EUGÉNIE - Está bem, estou ouvindo, estou ouvindo... Mas ela é tão linda... tão rechonchuda, tão fresca!... Ah, como é encantadora a minha boa amiga, não é mesmo, senhor?

DOLMANCÉ - É bela, sem dúvida... perfeitamente bela. Mas estou convencido de que não lhe ficais devendo nada. Vamos, escutai-me, minha linda e pequena aluna, ou receais que, se não fordes dócil, usarei sobre vós direitos que me dão amplamente o título de vosso preceptor.

SAINT-ANGE - Oh, sim, sim, Dolmancé, eu vo-la entrego. Deveis repreendê-la a valer, se não tomar juízo.

DOLMANCÉ - Eu poderia muito bem não ficar só na advertência...

EUGÉNIE - Oh, meu Deus! Estais me assustando... e o que então faríeis, senhor?

DOLMANCÉ, *balbuciando e beijando Eugénie na boca.* - Alguns castigos... corretivos... e esta linda bundinha responderia muito bem pelos erros da cabeça. (*Dá-lhe umas palmadas no traseiro, sobre a samarra de gaze com que Eugénie está agora vestida.*)

SAINT-ANGE - Sim, aprovo o projeto, mas não o resto. Comecemos a aula, ou o pouco tempo que temos para desfrutar Eugénie se passará com preliminares, e a instrução de modo nenhum se fará.

DOLMANCÉ *toca, em Saint-Ange, todas as partes em que vai demonstrando.*
- Vou começar. Não falarei destes globos de carne; sabeis tão bem quanto eu, Eugénie, que se chamam indiferentemente *colo, seios, tetas*. Seu uso tem grande virtude no prazer. O amante os têm sob os olhos ao gozar; acaricia-os, apalpa-os. Há quem faça deles inclusive a sede do gozo, intercalando o membro entre os dois montes de Vênus que a mulher aperta e comprime. Certos homens, após alguns movimentos, derramam aí mesmo o bálsamo delicioso da vida, cujo escoamento faz a felicidade dos libertinos... Mas, senhora, não viria a propósito dar uma dissertação para a nossa aluna a respeito deste membro sobre o qual é preciso dissertar sem cessar?

SAINT-ANGE - Também acho.

DOLMANCÉ - Então, senhora, estender-me-ei neste canapé. Ficai perto de mim, apoderai-vos do tema e explicai vós mesma suas propriedades à nossa jovem aluna. (*Dolmancé ajeita-se e Saint-Ange demonstra.*)

SAINT-ANGE - O cetro de Vênus que tens sob os olhos, Eugénie, é o primeiro

agente dos prazeres do amor. Denomina-se *membro* por excelência. Não há uma só parte do corpo humano em que ele não se introduza. Sempre dócil às paixões de quem o direciona, ele se aninha ali (*toca na boceta de Eugénie*), sua rota comum... a mais usada, mas não a mais agradável. E quando quer um templo mais misterioso, é com frequência aqui (*afasta-lhe as nádegas e mostra o olho do cu*) que o libertino vem gozar. Mas falaremos depois deste gozo, o mais delicioso de todos. A boca, o seio, as axilas, servem-lhe ainda de altares onde queima seu incenso. Sejam quais forem seus lugares preferidos, após ter se agitado por alguns instantes, o homem lança um licor branco e viscoso, cujo fluir mergulha-o num delírio bastante intenso que lhe proporciona os prazeres mais doces que pode esperar da vida.

EUGÉNIE - Oh, como eu gostaria de ver fluir esse licor!

SAINT-ANGE - Isso é possível num simples vibrar de mão: observa como ele cresce à medida em que o agito! Tais movimentos denominam-se *masturbação*,⁷ e em termos de libertinagem, esta ação se chama *bater punheta*.⁸

EUGÉNIE - Oh, minha cara amiga, deixa-me bater punheta com este belo membro!

DOLMANCÉ - Não aguento mais! Deixemo-la fazer, senhora... Esta ingenuidade me dá um tesão horrível!

SAINT-ANGE - Oponho-me a tanto furor. Sede sensato, Dolmancé. O escoamento dessa semente, diminuindo a atividade dos vossos espíritos animais,⁹ abrandará o calor de vossas dissertações.

EUGÉNIE, *tateando os testículos de Dolmancé*. - Estou muito zangada, minha cara, com a resistência que impões aos meus desejos!... E para que servem estas bolas? Como se chamam?

SAINT-ANGE - O termo técnico é *colhões*... testículos é o da arte.¹⁰ Estas bolas encerram o reservatório da semente prolífica de que te falei, e cuja ejaculação na matriz da mulher produz a espécie humana. Mas apoiaremos-nos pouco nestes detalhes, Eugénie, mais concernentes à medicina do que à libertinagem. Uma linda jovem deve ocupar-se apenas em *foder* e jamais em *gerar*. Contornaremos tudo o que se refere ao mecanismo vulgar da reprodução,¹¹ para nos ater única e exclusivamente às volúpias libertinas, cujo espírito de modo nenhum é reprodutor.¹²

EUGÉNIE - Mas, minha cara amiga, quando este membro enorme, que mal cabe em minha mão, penetra, como me asseguras ser possível num buraco tão estreito quanto o de teu traseiro, deve causar muita dor à mulher.

SAINT- ANGE - Quer a introdução se faça pela frente ou por trás, se a mulher

não está acostumada, ela sempre sente dor. Agrada à natureza só nos fazer chegar ao prazer mediante o sofrimento. Mas, uma vez vencida a dor, nada poderá se igualar aos prazeres que gozamos. E o que sentimos na introdução do membro em nosso cu é incontestavelmente preferível a todos os prazeres que proporcionam uma introdução pela frente. Quantos perigos, aliás, a mulher não evita deste modo! Menos riscos para a saúde e nenhum para a gravidez. Não me estenderei demais sobre esta volúpia, Eugénie. Nosso mestre nos dois modos logo vai analisá-la amplamente e, juntando prática à teoria, convencer-te-á, minha querida, espero, de que de todos os prazeres do gozo este certamente é aquele que deves preferir.

DOLMANCÉ - Apressai vossas demonstrações, senhora, suplico-vos!... já não posso mais... estou quase gozando a contragosto; e reduzido a nada, este membro temível não servirá mais para as vossas aulas.

EUGÉNIE - Como? Ele vai murchar, querida, perdendo a semente de que falas?!... Oh, deixa-me fazer isso para ver como ele fica... Ah, que prazer eu teria vendo-o derramá-la!

SAINT-ANGE - Não, não, Dolmancé, erguei-vos. Lembrai que é o prêmio de vossos esforços, e que só posso entregá-lo a vós após o terdes merecido.

DOLMANCÉ - Está bem. Mas para melhor convencer Eugénie de tudo o que lhe esmiuçaremos sobre o prazer, haveria algum inconveniente se a masturbásseis na minha frente, por exemplo?

SAINT-ANGE - Inconveniente nenhum, sem dúvida. Aplicar-me-ei com tanta alegria, que esse episódio lúbrico só irá ajudar nas lições. Acomoda-te neste canapé, minha querida.

EUGÉNIE - Ó Deus, que delicioso nicho! Mas por que tantos espelhos?

SAINT-ANGE - É para que, repetindo as atitudes em mil sentidos diversos, multipliquem ao infinito os mesmos gozos aos olhos daqueles que os desfrutam nesta otomana. Por este meio, nenhuma das partes de um ou outro corpo ficará velada: é preciso deixar tudo à vista; são tantos grupos reunidos em volta daqueles que o amor encadeia, tantos imitadores de seus prazeres, tantos quadros deliciosos com que sua lubricidade se embriaga e que servem em breve para completá-la.

EUGÉNIE - Que deliciosa invenção!...

SAINT-ANGE - Dolmancé, despi vós mesmo a vítima.

DOLMANCÉ - Não será difícil... basta tirar esta gaze para desnudar os atrativos mais pungentes. (*Desnuda-a, e seus primeiros olhares recaem sobre o traseiro.*) Quero ver este cu divino e precioso que cobiço com tanto ardor!...

Santo sacramento! Como é rechonchudo... e que frescor... que luxo... que elegância!... O mais belo que já vi.

SAINT-ANGE - Ah, bandido! Como estas primeiras homenagens comprovam teus prazeres e teus gostos!

DOLMANCÉ - E haverá no mundo algo comparável?... Onde o amor encontraria altar mais divino?... Eugénie... sublime Eugénie, cobrirei vossas nádegas com as mais doces carícias! (*Manuseando-as, beijando-as com furor.*)

SAINT-ANGE - Bastai, libertino!... Vos esquecesteis que só a mim pertence Eugénie, único prêmio das lições que aguarda de vós. Será vossa recompensa, mas só depois de ter recebido as lições. Parai com este ardor, ou vou me zangar.

DOLMANCÉ - Tratante! Isto é ciúme... Mas está bem, entregai-me o vosso; vou homenageá-lo do mesmo modo. (*Tira a samarra da senhora de Saint-Ange e acaricia-lhe o traseiro.*) Ah, que beleza, meu anjo... é igualmente delicioso! Vou compará-los... e admirá-los juntos: é Ganimedes ao lado de Vênus! (*Enche ambos de beijos.*) Para eu ter sob os olhos o espetáculo encantador de tantas belezas, não poderíeis, senhora, abraçar Eugénie para ambas oferecerem ao meu olhar estas sublimes nádegas que idolatro?

SAINT-ANGE - Maravilhoso!... Satisfeito agora?... (*Enlaçam-se uma na outra de modo que suas nádegas ficam diante de Dolmancé.*)

DOLMANCÉ - Não poderia ser melhor; é exatamente o que eu queria. Mexei agora estas lindas bundas com todo o fogo da luxúria. Que elas se abaixem e se elevem cadenciosamente... Que sigam as impressões de prazer ao movê-las... Assim, assim, é delicioso!...

EUGÉNIE - Ah, querida, que prazer me dás!... Como se chama o que fazemos?

SAINT-ANGE - *Masturbar-se*, minha amiga... se dar prazer. Mas agora mudemos de posição. Olha a minha *boceta*... é como se chama o templo de Vênus. Examina bem este antro que minha mão recobre. Vou entreabri-lo; esta elevação que o coroa é o *grelo*:¹³ guarnece-se de pelos, geralmente aos quatorze ou quinze anos, quando uma moça começa a menstruar. Esta lingueta que fica por baixo denomina-se *clitóris*. Reside aí toda a sensibilidade das mulheres; é o foco¹⁴ de toda a minha. Não se poderia me afagar nesta parte sem que eu desmaiasse de prazer... Experimenta... Ah, safadinha! Como fazes bem!... Dir-se-ia que nunca fizeste outra coisa na vida!... Chega!... chega!... Não quero me entregar ainda!... Ah, contém-me, Dolmancé!... Aos dedos encantadores dessa linda garota estou quase perdendo a cabeça!

DOLMANCÉ - Pois bem. Para esfriar, se possível, vossas ideias, vamos variá-

las: masturbai-a vós mesma. Contende-vos, e que ela sozinha se entregue... Assim mesmo!... nesta posição. Seu lindo cu, deste modo, vai ficar sob as minhas mãos. Vou friccioná-lo levemente com um dedo... Soltai-vos, Eugénie... abandonai vossos sentidos ao prazer. Que seja ele o único deus de vossa existência; a ele apenas uma jovem deve sacrificar tudo, e nada, a seus olhos, deve ser mais sagrado, que o prazer.

EUGÉNIE - Ah, eu sinto!... Nada ao menos parece mais delicioso... Estou fora de mim... Não sei mais o que digo ou o que faço... Que embriaguez se apodera dos meus sentidos!

DOLMANCÉ - Como esporra a safadinha!... Seu ânus vai cortar meus dedos de tanto que aperta... Como seria delicioso enrabá-la nesse instante! (*Levanta-se e aproxima o pau do cu da mocinha.*)

SAINT-ANGE - Um pouco mais de paciência. Que a educação da nossa querida menina nos ocupe inteiramente. É tão doce ensiná-la!

DOLMANCÉ - Muito bem. Como vês, Eugénie, após uma masturbação mais ou menos longa, as glândulas seminais se incham e acabam por exalar um licor cujo fluir mergulha a mulher no mais delicioso dos êxtases. Chama-se a isto *esporrar*.¹⁵ Quando tua boa amiga quiser, mostrarei a ti a maneira mais enérgica e imperiosa com que os homens executam esta mesma operação.

SAINT-ANGE - Espera, Eugénie, agora vou ensinar-te uma maneira nova de mergulhar uma mulher na mais extrema volúpia. Afasta bem tuas coxas... Vede, Dolmancé, da forma que a deixo, seu cu fica para vós! Chupai-o, enquanto sua boceta vai sobrar para a minha língua... Façamo-la desmaiar assim, entre nós, três ou quatro vezes, se possível. Teu grelo é um encanto, Eugénie. Como é bom beijar esta penugem!... Vejo agora melhor teu clitóris, ainda pouco desenvolvido, mas já bastante sensível... Como te mexes bem!... Afasta mais as coxas... Ah, és virgem, sem dúvida!... Diz-me o efeito que irás sentir quando nossas línguas se introduzirem ao mesmo tempo nos teus dois orifícios. (*Executa-se.*)

EUGÉNIE - Ah, querida, que delícia! É impossível descrever esta sensação! Ser-me-ia muito difícil dizer qual de vossas línguas mergulha-me em maior delírio.

DOLMANCÉ - Na posição em que me encontro, senhora, meu pau está bem perto de vossas mãos. Peço-vos a gentileza de agitá-lo, enquanto chupo este cu divino. Introduzi a língua mais fundo, senhora, não vos limiteis a sugar o clitóris... Fazei penetrar essa voluptuosa língua até a matriz: não há melhor meio de apressar a ejaculação da porra.

EUGÉNIE, *contraído-se*. - Ah, não posso mais... Vou morrer! Não me

abandoneis, meus amigos, estou quase desmaiando!... (*Esporra entre os dois preceptores.*)

SAINT-ANGE - E então, minha amiga, o que achou do prazer que te proporcionamos?

EUGÉNIE - Estou morta, quebrada, aniquilada!... Mas explicai-me, peço-vos, duas palavras que pronunciastes e que não entendi; em primeiro lugar, o que significa *matriz*?

SAINT-ANGE - É uma espécie de vaso, semelhante a uma garrafa, cujo gargalo abraça o membro do homem e recebe a porra produzida na mulher pelo suor das glândulas, e no homem pela ejaculação, que logo mais te mostraremos. Da mistura desses licores nasce o germe que produz meninos ou meninas.

EUGÉNIE - Ah, entendo. Tal definição também explica-me o termo *porra*, que eu não havia compreendido bem. E a união das sementes é necessária à formação do feto?

SAINT-ANGE - Seguramente, embora esteja comprovado que o feto só deve sua existência à porra do homem; se lançada sozinha, sem se misturar à da mulher, ela não triunfaria; mas a que fornecemos só faz elaborar, nada cria; ajuda na criação, sem ser sua causa. Vários naturalistas modernos até afirmam que ela é inútil; de onde os moralistas, sempre guiados por essa descoberta, terem concluído, com muita verossimilhança, que neste caso a criança, uma vez formada pelo sangue do pai, só deva sentir ternura por ele. Tal asserção parece-me plausível, e, embora eu seja mulher, não ousarei combatê-la.

EUGÉNIE - Querida, tenho no coração a prova do que me dizes, pois amo meu pai loucamente e sinto que detesto minha mãe.

DOLMANCÉ - Essa predileção não me espanta; penso da mesma forma. Ainda não me consolei da morte de meu pai, e quando perdi minha mãe soltei até rojão!...¹⁶ Detestava-a cordialmente. Adotai sem medo os mesmos sentimentos, Eugénie; eles se encontram na natureza. Formados unicamente do sangue de nossos pais, não devemos absolutamente nada a nossas mães. Aliás, elas só se prestaram ao ato, enquanto nossos pais o solicitaram. Logo, o pai queria que nascêssemos, enquanto a mãe não fez mais do que consenti-lo. Que diferença de sentimentos!

SAINT-ANGE - Há mil outras razões a teu favor, Eugénie. Se existe mãe no mundo que deva ser odiada, é seguramente a tua! Impertinente, supersticiosa, beata, rabugenta... e de uma hipocrisia revoltante; aposto que essa falsa carola jamais deu um passo em falso na vida... Ah, minha cara, como detesto as mulheres virtuosas!... Mas deixemos este assunto para depois.

DOLMANCÉ - Não seria agora necessário que Eugénie, por mim dirigida, aprendesse a retribuir aquilo que acabais de lhe prestar, e que vos masturbasse sob os meus olhos?

SAINT-ANGE - Concordo, acho isso útil; e não tenho dúvidas de que durante a operação ireis querer ver meu cu, não é Dolmancé?

DOLMANCÉ - Senhora, ainda duvidai do meu prazer em retribuir-vos com as mais doces homenagens?

SAINT-ANGE, *apresentando-lhe as nádegas*. - Que tal? Estou bem assim?

DOLMANCÉ - Maravilhosa! Assim poderei prestar-vos os mesmos serviços com que Eugénie se deu tão bem. E agora, louquinha, colocai a cabeça entre as pernas de vossa amiga, e concedei a ela os mesmos cuidados que acabais de receber. Mas vede só! Nessa postura ainda poderei possuir os dois cus. Apalparei gostosamente o de Eugénie enquanto chuparei o de sua bela amiga. Assim, muito bem... Vede só que harmonia!

SAINT-ANGE, *desfalecendo*. - Eu morro, santíssimo!... Dolmancé, como gosto de pegar teu belo pau enquanto esporro!... Gostaria que ele me inundasse de porra!... Agitai!.. Chupai-me... Deus fodido!... Como gosto de bancar a *puta* quando meu esperma jorra assim!... Foi o fim, já não podia mais... Vós me arrasastes, ambos... Acho que jamais tive tanto prazer.

EUGÉNIE - Como estou contente de ter sido a causa! Mas minha cara amiga, não entendi uma palavra que deixaste escapar. O que entendes pela expressão *puta*? Perdoa-me, mas, como sabes, estou aqui para ser instruída.

SAINT-ANGE - Lindinha, chama-se deste modo as vítimas públicas do deboche dos homens, sempre prontas a se entregar ao temperamento deles ou ao seu interesse. São felizes e respeitáveis criaturas que a opinião difama, mas a volúpia coroa; e que, bem mais necessárias à sociedade do que as recatadas, têm a coragem de sacrificar, para servi-la, a consideração que esta sociedade ousa lhes tirar injustamente. Vivam as que se sentem honradas com esse título! Eis as mulheres verdadeiramente amáveis, as únicas filósofas de verdade! Quanto a mim, minha cara, que há doze anos trabalho para merecê-lo, asseguro-te que, longe de me escandalizar, ele muito me diverte. Ou melhor: adoro que me chamem assim quando me fodem. Esta ofensa ferve-me a cabeça.

EUGÉNIE - Oh, imagino o quanto, querida. Também não me zangaria se mo dirigissem, muito menos se merecesse o título. Mas a virtude não se opõe a uma tal conduta, e não a estamos ofendendo nos comportando assim?

DOLMANCÉ - Ah, renuncia às virtudes, Eugénie! Haverá algum sacrifício feito a essas falsas divindades que valha um só minuto dos prazeres que

sentimos ultrajando-as? Ora, a virtude não passa de uma quimera cujo culto consiste em imolações perpétuas, em inúmeras revoltas contra as inspirações do temperamento. Serão naturais tais movimentos? Aconselhará a natureza o que a ultraja? Eugénie, não te deixes enganar por essas mulheres que ouves chamar virtuosas. Se queres, elas não servem às mesmas paixões que nós, mas possuem outras quase sempre bem mais desprezíveis: a ambição, o orgulho, os interesses particulares, e frequentemente uma frieza de temperamento que nada lhes aconselha. Devemos alguma coisa a semelhantes seres? Não seguem apenas as impressões do amor próprio? Será então melhor, mais sensato e apropriado, sacrificar antes ao egoísmo do que às paixões? Para mim, creio que um vale bem o outro. Mas quem só ouve esta última voz provavelmente tem muito mais razão, já que ela é apenas o órgão da natureza, enquanto o outro o é da tolice e do preconceito. Eugénie, uma única gota de porra ejaculada por este membro é mais preciosa do que os atos mais sublimes de uma virtude que desprezo. *(Tendo a calma se restabelecido um pouco durante as dissertações, as mulheres, novamente vestidas com suas samarras, encontram-se meio sonolentas no canapé, e Dolmancé, perto delas, ocupa uma grande poltrona.)*

EUGÉNIE - Mas há outras espécies de virtude. O que pensais da piedade, por exemplo?

DOLMANCÉ - O que significa esta virtude para quem não crê na religião? E quem pode crer na religião? Vejamos; ordenemos o raciocínio, Eugénie. Não chamais religião ao pacto que liga o homem a seu Criador, e que o engaja a lhe dar testemunho, por um culto, de seu reconhecimento pela existência recebida deste autor sublime?

EUGÉNIE - Não há melhor definição.

DOLMANCÉ - Pois bem. Se está demonstrado que o homem só deve sua existência aos planos irresistíveis da natureza; se está provado que tão antigo neste globo quanto o próprio globo, ele não passa, como o carvalho, o leão e os minerais que se encontram nas entranhas desse globo, de apenas uma produção exigida pela existência do globo e não deve a sua a quem quer que seja; se está demonstrado que este Deus, que os tolos veem como único autor e fabricante de tudo o que vemos, não passa do *nec plus ultra* da razão humana, do fantasma criado no instante em que esta razão não vê mais nada a fim de ajudar em suas operações; se está provado que a existência deste Deus é impossível e que a natureza, sempre em ação, sempre em movimento, tem por si só o que agrada aos tolos lhe dar gratuitamente; se é certo supor que este ser inerte existiu, ele certamente seria o mais ridículo dos seres, visto só ter servido um único dia, e

que, após milhões de séculos, encontrar-se-ia numa inação desprezível; supondo que existisse, como as religiões no-lo pintam, ele seguramente seria o mais detestável dos seres, já que permitiria o mal sobre a terra, enquanto sua onipotência poderia impedi-lo; se tudo isso estivesse provado, como incontestavelmente está, crede então, Eugénie, que a piedade que liga o homem a esse Criador imbecil, insuficiente, feroz e desprezível, seria uma virtude absolutamente necessária?

EUGÉNIE, *à senhora de Saint-Ange* - O quê?! Será verdade, doce amiga, que a existência de Deus é uma quimera?

SAINT-ANGE - E das mais desprezíveis, sem dúvida.

DOLMANCÉ - Só perdendo os sentidos para acreditar nisso. Esse abominável fantasma, Eugénie, fruto do terror de uns e da fraqueza de outros, é inútil ao sistema da Terra. Ele o prejudicaria infalivelmente, visto que suas vontades, que deveriam ser justas, jamais poderiam aliar-se às injustiças essenciais às leis da natureza; visto que deveria querer constantemente o bem e a natureza só desejá-lo em compensação do mal que serve às suas leis; visto que deveria agir sempre, e a natureza, cuja ação perpétua é uma de suas leis, só poderia encontrar-se em concorrência e em oposição perpétua a ele. Mas, dir-se-á a este propósito, Deus e a natureza são a mesma coisa. Não é um absurdo? A coisa criada ser igual ao criador? Pode um relógio ser igual ao relojoeiro? A natureza não é nada, prossegue-se, é Deus que é tudo. Outra bobagem! Há necessariamente duas coisas no universo: o agente criador e o indivíduo criado. Ora, qual é este agente criador? Eis a única dificuldade que é preciso resolver, a única pergunta que é preciso responder. Se a matéria age, move-se por combinações que nos são desconhecidas, se o movimento é inerente à matéria, se apenas ela pode, enfim, devido à sua energia, criar, produzir, conservar, manter, equilibrar nas imensas planícies do espaço todos os globos cuja vista nos surpreende e cuja marcha uniforme, invariável, enche-nos de respeito e admiração, qual então a necessidade de buscar um agente estranho a tudo isso, já que esta faculdade ativa se encontra essencialmente na própria natureza, que não é outra coisa senão a matéria em ação? Vossa quimera deífica esclarece alguma coisa? Desafio a quem me possa prová-lo. Supondo que eu me engane sobre estas faculdades internas da matéria, só teria diante de mim uma dificuldade. O que fazeis oferecendo-me o vosso Deus? Vós me criais uma dificuldade a mais. E como quereis que eu admita, por causa daquilo que não compreendo, algo que compreendo menos ainda? Será mediante os dogmas da religião cristã que irei examinar... que irei me representar o vosso Deus terrível? Vejamos um pouco como ela mo

descreve... O que vejo no Deus desse culto infame senão um ser inconsequente e bárbaro que cria um mundo hoje de cuja construção se arrepende amanhã? O que vejo nele senão um ser frágil que jamais consegue dobrar o homem à sua vontade? Tal criatura, embora emanada dele, domina-o; ela pode ofendê-lo e merecer por isso eternos suplícios! Que Deus mais fraco esse! Como? Pôde criar tudo o que vemos e lhe ser impossível formar o homem a seu modo? Mas, argumentareis, se ele o tivesse criado assim, o homem não teria tido mérito. Que baixeza! E qual a necessidade dele merecer algo de seu Deus? Se o tivesse criado totalmente bom, ele jamais teria praticado o mal, e só então a obra seria digna de um Deus. É tentar o homem lhe deixando escolha. Ora, em sua presciência infinita, Deus sabia qual seria o resultado disso. Logo, a partir desse momento, é com prazer que perde a criatura que ele mesmo formou. Que Deus horrível esse! Que monstro! Que celerado mais digno de nosso ódio e de nossa implacável vingança! Entretanto, pouco satisfeito com uma tarefa tão sublime, ele afoga o homem para convertê-lo, queima-o, amaldiçoa-o. Nada disso modifica-o. Um ser mais poderoso que esse Deus vilão, o *Diabo*, conservando sempre seu império, podendo sempre afrontar seu autor, acaba sempre pervertendo, com suas seduções, o rebanho que o Eterno reservara para si próprio. Nada pode vencer a energia desse demônio sobre nós. O que então, segundo vós, concebe o Deus horrível que pregais? Ele só tem um filho; um filho único obtido não sei de que comércio; pois, se o homem *fode*, quis ele que seu Deus também fodesse. Destaca do céu esta considerável porção de si mesmo. Imagina-se que, talvez, sobre raios celestes, em meio ao cortejo dos anjos e à vista de todo o universo esta criatura sublime vai aparecer... Nada disso: é do seio de uma puta judia e no meio de um chiqueiro que se anuncia o Deus que vai salvar a terra! Eis a origem digna que se lhe atribuem! Mas sua honrosa missão nos indenizará? Acompanhemos a personagem por um momento. O que diz, o que faz? Que missão sublime recebemos dele? Que mistério vai revelar? Que dogma nos prescrever? Enfim, em que atos sua grandeza vai eclodir?

Vejo, em primeiro lugar, uma infância desconhecida, alguns serviços, sem dúvida bem libertinos, que o fedelho presta aos padres no templo de Jerusalém. Em seguida, desaparece por dez anos, período em que o safado se envenena com todas as fantasias da escola egípcia que leva para a Judeia. Mal ele reaparece, eclode sua demência para fazê-lo dizer que é filho de Deus, igual a seu pai. A essa aliança associa outro fantasma a que chama de Espírito Santo, e essas três pessoas, assegura, devem formar apenas uma! Quanto mais esse mistério ridículo espanta a razão, mais o patife assegura haver mérito em adotá-lo... e

perigo em aniquilá-lo. Foi para nos salvar a todos, garante o imbecil, que ele se encarnou, embora sendo *deus*, no seio de um filho dos homens. E os estrondosos milagres que o veem realizar convenceram logo o universo inteiro! Com efeito, numa ceia de bêbados, segundo dizem, o vigarista transforma água em vinho; num deserto, alimenta alguns celerados com provisões escondidas que seus sectários preparam; um de seus camaradas finge-se de morto e nosso impostor ressuscita-o; ele vai para uma montanha, e, diante de apenas dois ou três amigos, faz uns passes de mágica que fariam corar o pior saltimbanco de nossos dias.

Aliás, amaldiçoando com entusiasmo todos os que não acreditam nele, o tratante promete o céu aos imbecis que o escutarem. Ele nada escreve, devido à sua ignorância; fala muito pouco, devido à sua estupidez; faz menos ainda, devido à sua fraqueza. Deixando por fim os magistrados impacientes com seus discursos rebeldes, embora raríssimos, o charlatão se faz crucificar, após assegurar ao seu séquito de vadios que, a cada vez que o invocarem, descerá entre eles para distribuir comida. Supliciam-no, ele não reage. O senhor, seu papai, o Deus sublime de quem ousa dizer-se descendente, não lhe presta o menor auxílio, e o patife acaba sendo tratado como o último dos celerados, dos quais era tão digno de ser o chefe.

Seus satélites reúnem-se: “Estaremos perdidos, dizem, e todas as nossas esperanças dissipadas, se não encontrarmos um modo brilhante de nos salvar. Embriaguemos a guarda que cerca Jesus; roubemos seu corpo e divulguemos que ele ressuscitou. É um meio seguro. Se com essa trama conseguirmos convencer, nossa nova religião encontrará apoio e propagar-se-á. Ela seduzirá o mundo inteiro... Mãos à obra!” O golpe é dado e triunfa. A quantos vigaristas a astúcia não teve o lugar do mérito?! O corpo é retirado; os tolos, as mulheres, as crianças gritam o mais que podem que foi um milagre! Entretanto, nesta cidade tinta do sangue de um Deus, ninguém acredita nesse Deus, e nenhuma conversão aí se realiza. E há mais: o fato é tão pouco digno de ser transmitido, que nenhum historiador o menciona. Somente os discípulos do impostor pensam tirar partido da fraude, mas não imediatamente.

Essa consideração é também muito essencial. Eles deixam passar vários anos antes de fazer uso de sua gloriosa trapaça. Por fim, erigem sobre ela o vacilante edifício de sua execrável doutrina. Toda mudança agrada aos homens. Cansados do despotismo dos imperadores, uma revolução se fazia necessária. Dão ouvido a esses patifes e seu progresso é galopante: eis a história de todos os erros. Em pouco tempo os altares de Vênus e de Marte são substituídos pelos de Jesus e Maria. Publicam a vida do impostor; esse romance insípido encontra crédulos;

fazem-no dizer coisas que jamais pensou. Algumas dessas propostas absurdas tornam-se logo a base de sua moral. Como essa novidade era pregada aos pobres, a caridade torna-se assim sua primeira virtude. Ritos bizarros são instituídos sob o nome de *sacramentos*, dos quais o mais indigno e abominável é aquele pelo qual um padre, coberto de crimes, tem, todavia, pela virtude de algumas palavras mágicas, o poder de fazer Deus entrar numa fatia de pão.

Não duvidemos: este culto indigno teria sido irremediavelmente destruído se desde o seu nascimento tivessem empregado contra ele tão somente as armas do desprezo que merecia. Mas acabaram perseguindo-o, ele cresceu; o meio era inevitável. E se ainda hoje se tentasse cobri-lo de ridículo, cairia. O hábil Voltaire jamais empregou outras armas. De todos os escritores, é o que pode se gabar de ter feito mais prosélitos. Numa palavra, Eugénie, eis a história de Deus e da religião. Vede o caso que estas fábulas merecem e determinai-vos sobre o seu custo.

EUGÉNIE - Minha escolha não é embaraçosa. Desprezo essas fantasias repulsivas. Inclusive esse Deus, a quem eu me ligava ainda por fraqueza ou ignorância, para mim agora não passa de um objeto de horror.

SAINT-ANGE - Então jura-me que nunca mais irás pensar nele, te ocupar dele ou invocá-lo em nenhum instante de tua vida, e de não recorrer a ele enquanto viveres?

EUGÉNIE, *precipitando-se sobre o seio de Saint-Ange*. - Ah, faço este juramento nos teus braços! Não me é fácil ver que o que estás exigindo é para o meu próprio bem e que não queres que semelhantes reminiscências possam alguma vez perturbar minha tranquilidade?

SAINT-ANGE - Haveria outro motivo?

EUGÉNIE - Mas ao que me parece, Dolmancé, foi a análise das virtudes que nos conduziu ao exame das religiões. Voltemos a esse ponto. Não existiria nessa religião, por mais ridícula que ela seja, algumas virtudes prescritas por ela, cujo culto pudesse contribuir para nossa felicidade?

DOLMANCÉ - Pois bem, examinemos isso. Será a castidade, Eugénie, essa virtude que vossos olhos destroem, embora no conjunto sejais a sua imagem? Venerais a obrigação de combater todos os movimentos da natureza, de sacrificá-los pela honra ridícula e vã de jamais ter uma fraqueza? Sede justa e respondei, bela amiga: acreditais poder encontrar nessa absurda e perigosa pureza de alma todos os prazeres do vício contrário?

EUGÉNIE - Não, não quero saber dessa honra. Não sinto a menor inclinação em ser casta, mas a maior disposição ao vício contrário. Mas Dolmancé, a

caridade, a beneficência, não fariam a felicidade de algumas almas sensíveis?

DOLMANCÉ - Longe de nós, Eugénie, virtudes que só fazem ingratos! Mas não te deixes iludir por elas, encantadora amiga: a beneficência é antes um vício de orgulho do que uma verdadeira virtude da alma. É por ostentação que se consolam os semelhantes, jamais tendo apenas em vista praticar uma boa ação. Fica-se furioso quando a esmola concedida não obtém a publicidade desejada. Não penses também, Eugénie, que tal ação tenha tão bons efeitos quanto se imagina. Eu mesmo só consigo vê-la como o maior de todos os embustes. Ela acaba acostumando o pobre a uma ajuda que deteriora sua energia; ele não trabalha mais quando espera pela caridade. E quando esta lhe falta, torna-se ladrão ou assassino. Ouço clamores de todas as partes para que se encontrem meios de suprimir a mendicância, mas enquanto isso fazem de tudo para que ela se multiplique. Quereis ficar livre de moscas em vosso quarto? Não derrubeis açúcar para atraí-las. Não quereis que a França tenha pobres? Não distribuí nenhuma esmola, e suprimi, sobretudo, vossas casas de caridade. O indivíduo que nasce no infortúnio, vendo-se privado desses perigosos recursos, empregará toda sua coragem, todos os meios que recebeu da natureza para sair do estado em que nasceu. Ele não vos importunará mais. Destruí, derrubai sem a menor piedade essas casas abomináveis que ainda por cima encobrem descaradamente os frutos da libertinagem do pobre, essas cloacas medonhas que todos os dias vomitam na sociedade um repugnante enxame de novas criaturas cuja última esperança é vossa bolsa. De que adianta, pergunto, conservar com tanto zelo tais indivíduos? Teme-se que a França seja despovoada? Ah, jamais devemos ter esse medo!

Um dos primeiros vícios desse governo consiste numa população numerosa demais, e está muito longe de tais supérfluos serem riquezas para o Estado. Estes seres supranumerários são como ramos parasitas que, só vivendo às custas do tronco, terminam sempre por extenuá-lo. Lembrai-vos que todas as vezes que, num governo qualquer, a população for superior aos meios da existência, esse governo perecerá. Examinai bem a França, e vereis ser isso que ela vos oferece. O resultado? Já sabemos. O chinês, mais sensato que nós, não se deixa dominar assim por uma população tão abundante. Não há asilos para os frutos vergonhosos de seu deboche: abandonam esses horríveis resultados como as conseqüências de uma digestão. Casas para pobres não há: não se as conhece na China. Lá, todos trabalham e são felizes; nada altera a energia do pobre, e cada um pode dizer, como Nero: *Quid est pauper?*¹⁷

EUGÉNIE, *à senhora de Saint-Ange.* - Cara amiga, meu pai pensa exatamente

como o senhor Dolmancé: nunca fez uma boa ação na vida. Não cessa de censurar minha mãe pelas somas gastas com todas essas práticas. Ela pertence à *Sociedade Maternal*, à *Sociedade Filantrópica*, e não sei de que associação mais ela participa. Meu pai forçou-a a abandonar tudo isso, afirmando que reduziria sua pensão a uma modesta quantia, se ela caísse de novo em semelhantes torpezas.

SAINT-ANGE - Não há nada mais ridículo e ao mesmo tempo mais perigoso, Eugénie, do que essas associações todas. Devemos a elas, às escolas gratuitas e às casas de caridade, a horrível desordem em que nos encontramos. Suplico-te, querida, jamais dêsmolas.

EUGÉNIE - Não tenhas medo, há muito tempo meu pai exige o mesmo de mim. A beneficência tenta-me muito pouco para que eu contrarie as suas ordens... os movimentos do meu coração e teus desejos, querida.

DOLMANCÉ - Não dividamos essa porção de sensibilidade que recebemos da natureza: estendê-la é aniquilá-la. Que me interessam os males alheios!? Já não bastam os meus para eu ter ainda de me preocupar com aqueles que me são estranhos? Que a chama dessa sensibilidade só ilumine os nossos prazeres! Sejamos sensíveis a tudo o que os deleita e absolutamente inflexíveis quanto ao resto. Desse estado de alma resulta uma espécie de crueldade que por vezes tem suas delícias. Nem sempre se pode fazer o mal. Privados do prazer que nos proporciona, temos de ao menos tentar equivaler esta sensação com a pequena e picante maldade de jamais fazer o bem.

EUGÉNIE - Ah, Deus! Como as vossas lições me inflamam! Acho que preferia morrer a praticar uma boa ação!

SAINT-ANGE - E se fosse uma má ação, estarias pronta para cometê-la?

EUGÉNIE - Cala-te, sedutora. Só responderei a isso quando tiveres acabado de me instruir. Parece-me que depois de tudo o que dissestes, Dolmancé, nada é mais indiferente na Terra do que cometer o bem ou o mal; nossos gostos e temperamento devem ser os únicos respeitados?

DOLMANCÉ - Ah, não duvideis, Eugénie. Palavras como vício e virtude só nos dão ideias puramente locais. Não existe nenhuma ação, por mais singular que se possa supor, que seja verdadeiramente criminosa, e nenhuma que possa realmente se chamar virtuosa. Tudo se dá em razão de nossos costumes e do clima em que vivemos.¹⁸ O que é crime aqui, frequentemente é virtude cem léguas além. E as virtudes de um outro hemisfério poderiam muito bem, ao contrário, ser crimes para nós. Não há horror que não tenha sido divinizado ou virtude que não tenha sido execrada. Dessas diferenças puramente geográficas

nasce o pouco-caso que devemos fazer da estima ou do desprezo dos homens, sentimentos ridículos e frívolos acima dos quais devemos nos colocar, a ponto mesmo de preferir sem medo o seu desprezo, pelo pouco que as ações que no-lo merecem sirvam de alguma volúpia para nós.

EUGÉNIE - Entretanto, parece-me haver ações perigosas demais, maldosas demais nelas mesmas, para que não tenham sido consideradas criminosas e punidas como tais de um canto a outro do universo.

SAINT-ANGE - Não há nenhuma, meu amor; nem mesmo o roubo, o incesto, o assassinato ou o parricídio.

EUGÉNIE - Como? Haverá desculpas para esses horrores em algum lugar?

DOLMANCÉ - Em certas partes eles são até honrados, coroados e considerados excelentes ações, enquanto em outras a humanidade, a candura, a beneficência, a castidade, enfim, todas as nossas virtudes são vistas como monstruosidades.

EUGÉNIE - Peço-vos que me expliqueis tudo isso; exijo uma curta análise de cada um desses crimes, pedindo-vos que me deis, em primeiro lugar, a vossa opinião sobre a libertinagem das moças, e, em seguida, sobre o adultério das mulheres.

SAINT-ANGE - Ouve-me então, Eugénie. É um absurdo dizer que, ao deixar o seio de sua mãe, uma moça deva, a partir de tal momento, tornar-se vítima da vontade dos pais e permanecer assim até o último suspiro. Não é num século em que a extensão e os direitos do homem acabam de ser aprofundados com tanto cuidado que as jovens devem continuar se achando escravas de suas famílias, quando é constante que os poderes dessas famílias sobre elas são totalmente quiméricos. Ouçamos a natureza sobre um objeto tão interessante, e que as leis dos animais, muito mais próximas dela, nos sirvam um momento de exemplo. Por acaso neles os deveres paternos estendem-se para além das primeiras necessidades físicas? Os frutos do gozo do macho e da fêmea não possuem toda a liberdade possível, todos os seus direitos? A partir do momento em que começam a andar e se alimentar sozinhos, os autores de seus dias não deixam de reconhecê-los? E eles, pensarão dever algo àqueles que lhes deram a vida? Não, sem dúvida. Com que direito os filhos do homem devem submeter-se a outros deveres? E quem funda tais deveres senão a avareza ou a ambição dos pais? Ora, pergunto se é justo que uma garota, que começa a sentir e a raciocinar, se submeta a tais freios. Não é o preconceito apenas que prolonga esses grilhões? Há coisa mais ridícula do que ver uma jovem de quinze ou dezesseis anos ardendo de desejos que é obrigada a vencer, esperar, em tormentos piores que os

do inferno, que agrade a seus pais, após tornarem sua juventude infeliz, sacrificar também sua maturidade imolando-a à sua pérfida ambição, associando-a, a contragosto, a um esposo que não vale a pena ser amado ou que tem tudo para ser odiado?

Oh, não, não Eugénie, tais laços se dissiparão em breve. É preciso libertar a jovem da casa paterna quando ela atingir a idade da razão. Em seguida, após lhe proporcionarem uma educação nacional, que a deixem ser senhora, aos quinze anos, de fazer o que bem lhe entender. Ela cairá no vício? O que importa?! Os serviços oferecidos por uma jovem, consentindo em fazer a felicidade de todos os que a procuram, não serão infinitamente mais importantes do que aqueles que ela, isolando-se, possa prestar a seu esposo? O destino da mulher é ser como a loba e a cadela: pertencer a todos os que a desejarem. É visivelmente ultrajar a destinação que a natureza impôs às mulheres, atando-as pelo laço absurdo de um himeneu solitário.

Esperemos que se abram os olhos, e assegurando a liberdade de todos os indivíduos, não se esqueçam das infelizes moças. Mas se elas são lastimáveis o bastante para serem esquecidas, que elas mesmas se coloquem acima dos costumes e preconceitos, e ousem pisotear os vergonhosos ferros com que se pretende escravizá-las. Assim, poderão triunfar em breve sobre os costumes e a opinião. Tornando-se mais sensato, porque será mais livre, o homem perceberá a injustiça que cometeria desprezando as que agem desse modo, e que a ação de ceder aos impulsos da natureza, considerada um crime junto a um povo cativo, não poderá mais sê-lo junto a um livre.

Portanto, Eugénie, parte da legitimidade desses princípios, e quebra os teus grilhões a qualquer custo que seja; despreza os conselhos vãos de uma mãe imbecil, a quem, legitimamente, só deves ódio e desprezo. Se teu pai, que é libertino, te deseja, não perde tempo: que ele desfrute de ti, mas sem acorrentar-te; rompe o jugo se ele quiser te escravizar. Muitas filhas já agiram dessa forma. Numa palavra: fode e apenas fode; é para isso que estás no mundo. Não há limites aos teus prazeres senão os de tuas forças ou os de tuas vontades. Não escolhe lugares, tempo ou pessoas: todas as horas, todos os lugares, todos os homens devem servir às tuas volúpias. A continência é uma virtude impossível, cuja natureza, violada em seus direitos, imediatamente nos pune com mil desgraças. Enquanto as leis continuarem sendo o que são, devemos usar certos véus; a opinião obriga-nos a isso. Mas compensem-nos, em silêncio, dessa cruel castidade que somos forçadas a manter em público.

Que uma moça se empenhe para encontrar uma boa amiga que, livre e na

sociedade, possa fazê-la gozar secretamente os prazeres; na falta disso, que ela procure seduzir os *Argos*¹⁹ que a rodeiam; que lhes suplique para a prostituírem, prometendo-lhes em troca todo o dinheiro que puderem obter com sua venda, ou que esses *Argos*, eles mesmos, ou mulheres denominadas *alcoviteiras*,²⁰ preencham logo os propósitos da jovem. Que ela jogue poeira nos olhos de todos os que a cercam: irmãos, primos, amigos, parentes; que se entregue a todos, se necessário, para encobrir sua conduta. Que ela até mesmo sacrifique seus gostos, suas afeições, se assim for exigido. Uma intriga que a princípio lhe desagrade, a qual só se entregará por política, pode deixá-la mais cedo do que pensa numa situação mais agradável, e ei-la *consagrada*.²¹ Mas que não retorne mais aos preconceitos da infância: ameaças, exortações, deveres, virtudes, religião, conselhos, passando por cima de tudo isso. Que ela rejeite e despreze obstinadamente tudo o que só serve para aprisioná-la de novo, tudo o que, numa palavra, não visa senão mergulhá-la no seio da impudícia.

É uma extravagância de nossos pais essas predições de infortúnios nos caminhos da libertinagem. Há espinhos por toda parte, mas as rosas estão acima deles na carreira do vício. Somente nas sendas enlameadas da virtude a natureza nunca as fez brotar. O único obstáculo a temer na primeira dessas estradas é a opinião dos homens. Mas qual a moça espirituosa que, após refletir um pouco, não se julgará superior a essa opinião desprezível? Os prazeres recebidos pela estima, Eugénie, não passam de prazeres morais, convenientes apenas a certas cabeças. Já os prazeres da *foda*²² agradam a todos, e seus sedutores atrativos logo compensam esse desprezo ilusório ao qual é difícil escapar quando se enfrenta a opinião pública, mas de que mulheres sensatas zombam a ponto de torná-lo um prazer a mais. Portanto fode, Eugénie; fode, meu anjo. Teu corpo só a ti pertence; só tu no mundo tens o direito de gozar dele e fazer gozar a quem bem quiseses.

Aproveita o tempo mais feliz de tua vida: duram pouquíssimo os anos felizes de nossos prazeres! Se formos bastante afortunados para aproveitá-los, deliciosas recordações nos consolam e até nos divertem na velhice. Perdemos-los... Amargos pesares, horríveis remorsos dilaceraram-nos e se somam aos tormentos da idade para cercar de lágrimas e de espinhos as aproximações funestas do caixão...

Tens a loucura da imortalidade? Então, minha cara, é fodendo que ficarás na memória dos homens. Os *Lucrécios* foram depressa esquecidos, mas as *Teodoras*, as *Messalinas*, são o entretenimento mais doce e frequente da vida. Como, Eugénie, não preferir um partido que, nos coroando de flores cá embaixo,

ainda nos deixa a esperança de um culto no além-túmulo? Como não preferir esse partido ao que nos faz vegetar estupidamente na terra e só nos promete esquecimento e desprezo após nossa existência?

EUGÉNIE, *à senhora de Saint-Ange*. - Ah, caro amor, como esse discurso sedutor me abrasa a cabeça e seduz minha alma! É difícil descrever meu estado... Responde-me, poderás apresentar-me algumas dessas mulheres... (*perturbada*) para me prostituírem se eu lhes pedir isso?

SAINT-ANGE - A partir de hoje, até teres mais experiência, isso só a mim compete, Eugénie; que esse cuidado seja meu e mais ainda todas as precauções que tomarei para encobrir teus extravios. Meu irmão e este sólido amigo que te educa serão os primeiros aos quais desejo que te entregues. Encontraremos outros depois. Não te inquietes, cara amiga; eu te farei voar de prazer em prazer e mergulhar num mar de delícias... vou te cumular com tudo isso, meu anjo, até saciar-te!

EUGÉNIE, *precipitando-se aos braços da senhora de Saint-Ange*. - Oh, querida, te adoro! Jamais terás uma aluna mais submissa. Mas creio que me deste a entender, nas nossas antigas conversas, que era difícil uma jovem cair na libertinagem sem que seu futuro marido se apercebesse disso depois.

SAINT-ANGE - É verdade, minha cara; mas há segredos que cobrem qualquer brecha. Prometo ensiná-los; e quando tiveres fodido tanto quanto Antonieta, encarrego-me de deixar-te tão virgem quanto no dia em que vieste ao mundo.

EUGÉNIE - Ah, és deliciosa! Vamos, continua a instruir-me. Ensina-me logo qual deve ser a conduta de uma mulher no casamento.

SAINT-ANGE - Qualquer que seja, querida, o estado de uma mulher, moça, casada ou viúva, ela não deve ter outra meta, ocupação ou desejo senão foder de manhã até a noite. Foi para este único fim que a natureza a criou. Mas se, para preencher tal intento, exijo que ela pisoteie todos os preconceitos da infância, se lhe prescrevo a mais formal desobediência às ordens de sua família, e o mais comprovado desprezo aos conselhos de seus pais, concordarás, Eugénie, que de todos os freios a serem rompidos aquele que mais cedo te aconselho a destruir certamente é o do casamento.

Com efeito, considera, Eugénie, uma jovem que mal saiu da casa paterna ou do internato, que não conhecendo nada, sem qualquer experiência, se veja obrigada a se atirar aos braços de um homem que ela nunca viu, obrigada a jurar a esse homem, aos pés do altar, uma obediência cega, uma fidelidade tão injusta que, com frequência, ela só conserva no fundo do coração o maior desejo em lhe

faltar com a palavra. Pode existir no mundo, Eugénie, destino mais horrível que este? Entretanto, ei-la amarrada, quer o marido a agrade ou não, quer ele tenha por ela ternura ou maus procedimentos. Sua honra está presa a esses juramentos: será maculada se a mulher os quebrar; é preciso que ela se perca ou arraste o jugo, devendo morrer de dor. Não, Eugénie, não foi com esta finalidade que nascemos. Essas leis absurdas foram feitas pelos homens, e não devemos nos submeter a elas. E o divórcio? Poderá nos satisfazer? Não, sem dúvida. Quem nos garante se vamos encontrar com maior segurança num segundo vínculo a felicidade que nos escapou no primeiro? Compensemo-nos, pois, em segredo, de todos os constrangimentos de nós tão absurdos, bem certas de que nossas desordens neste gênero, por maiores que forem os excessos a que pudermos levá-las, longe de ultrajar a natureza, são uma homenagem sincera que lhe prestamos. Ceder aos desejos que somente ela nos incutiu é obedecer a suas leis; só a ultrajaremos se resistirmos a eles. O adultério que os homens veem como um crime, que ousaram punir como tal, arrancando a nossa vida, o adultério, Eugénie, é apenas a quitação de um direito à natureza, de que as fantasias desses tiranos jamais conseguirão nos tirar. Mas não é horrível, dizem nossos maridos, acariciar em público e beijar, como nossos filhos, os frutos de vossas desordens? É objeção de Rousseau. Admito ser a única algo ilusória²³ para se combater o adultério. Ah, não é extremamente fácil cair na libertinagem sem ter medo da gravidez? Não é mais fácil ainda destruí-la, se por imprudência ela ocorrer? Mas, como voltaremos a este assunto, ocupemo-nos agora com o fundo da questão. Veremos que tal argumento, que à primeira vista pode iludir,²⁴ não passa de quimérico.

Em primeiro lugar, se durmo com meu marido e sua semente corre no fundo de minha matriz, se frequento dez homens ao mesmo tempo que ele, nada poderá lhe provar que a criança a nascer não lhe pertença; pode ser dele ou não, e, no caso de incerteza, não pode nem deve jamais (já que cooperou na existência dessa criatura) ter qualquer tipo de escrúpulo em confessar essa existência. Se ela pode lhe pertencer, pertence; e todo homem que ficar infeliz com desconfianças deste tipo se sentirá da mesma forma se sua mulher for uma vestal, porque é impossível responder por uma mulher. E aquela que durante dez anos teve juízo, poderá deixar de tê-lo um dia. Logo, se esse esposo é desconfiado, ele o será em todos os casos. Jamais poderá sentir-se seguro se a criança que beija é verdadeiramente sua. Ora, se ele pode ser desconfiado em todos os casos, não há nenhum inconveniente em, às vezes, se legitimar suspeitas: não seria, para o seu estado de felicidade ou infelicidade moral, nem

mais, nem menos; portanto, tanto faz que seja assim. Ei-lo então, suponho, em completo erro; ei-lo acariciando o fruto da libertinagem de sua mulher. Onde está o crime? Nossos bens não são comuns? Nesse caso, que mal faço em pôr no lar uma criança que deve ter uma porção desses bens? Ela terá a minha parte; não tomará nada do meu terno esposo. Esta porção de que vai desfrutar, considero-a como tirada do meu dote. Logo, nem essa criança nem eu pegamos nada do meu marido. E se a criança fosse dele, que direito teria em participar dos meus bens? Em razão de ter sido emanada de mim? Ora, ela vai gozar dessa parte em virtude dessa mesma razão de aliança íntima. É pelo fato dessa criança me pertencer que lhe devo uma parte de minhas riquezas.

De que podereis me censurar? Ele desfruta da criança. — “Mas enganais vosso marido, tal falsidade é atroz.” — Não, estamos quites, e pronto. Fui vítima primeiro desse vínculo de que ele me forçou tomar parte; vingo-me, há algo mais simples? — “Mas há um ultraje real feito à honra do vosso marido.” — Que preconceito esse! Minha libertinagem em nada atinge meu marido. Meus erros são pessoais. Essa pretensa desonra era boa um século atrás. Hoje em dia nos curamos dessa quimera, e meu marido não está mais difamado pelos meus deboches do que eu estaria pelos seus. Eu foderia com a Terra inteira sem lhe fazer um arranhão! Essa pretensa lesão não passa de uma fábula, cuja existência é impossível. De duas uma: ou meu marido é bruto, ciumento, ou é um homem delicado. Na primeira hipótese, o que posso fazer de melhor é vingar-me de sua conduta; na segunda, eu não saberia afligi-lo. Já que gozo dos prazeres, ele, caso seja honesto, se sentirá feliz com isso: não há homem delicado que não goze ao espetáculo de felicidade da pessoa que adora. — “Mas se o amásseis, gostaríeis que ele fizesse o mesmo?” — Ah, infeliz da mulher que ousa ter ciúmes de seu marido! Que ela se contente com o que ele lhe dá, se de fato o ama. Mas que não tente coagi-lo. Não somente não teria sucesso, como também logo se faria detestar. Se sou razoável, jamais me afligirei dos deboches de meu marido. Que ele aja do mesmo modo comigo e a paz reinará no lar.

Resumamos: sejam quais forem os efeitos do adultério, mesmo que introduzisse em casa filhos que não pertencem ao esposo, desde que sejam da mulher têm direitos certos a uma parte do dote desta mulher. Se o esposo for esclarecido, deve considerá-los como filhos das primeiras núpcias de sua mulher. Se ele nada sabe, não poderia estar infeliz, pois não se pode sê-lo de um mal que se ignora. Se o adultério não tem consequências, e o marido não tem conhecimento dele, nenhum jurisconsulto saberia provar, nesse caso, se ele é de fato um crime. O adultério, a partir deste momento, não passa de uma ação

perfeitamente indiferente para o marido que a desconhece, e perfeitamente boa para a mulher que deleita. Se o marido descobre o adultério, não é mais o adultério que é um mal, já que ele não o era anteriormente e não poderia ter mudado de natureza. O único mal que há é o de ele ter sido descoberto pelo marido. Ora, esse erro é culpa dele e não diz respeito à mulher.

Aqueles que outrora puniram o adultério eram, portanto, carrascos, tiranos, ciumentos, que, só se importando consigo mesmos, imaginavam injustamente que bastaria ofendê-los para ser criminoso, como se uma injúria pessoal devesse sempre ser considerada um crime, e como se fosse possível justamente chamar de crime uma ação que, longe de ultrajar a natureza e a sociedade, evidentemente serve a uma e a outra. Há entretanto casos em que o adultério, fácil de comprovar, torna-se mais embaraçoso para a mulher, sem por isso ser criminoso; é quando, por exemplo, o esposo é impotente ou sujeito a gostos contrários à reprodução.²⁵ Como ela goza, e seu marido não, seus desregramentos tornam-se mais ostensivos. Mas será que isso deve incomodá-la? De jeito nenhum. A única precaução que ela deve tomar é não ter filhos ou abortar caso essas precauções venham a enganá-la. Se devido aos gostos antinaturais²⁶ ela se sente obrigada a compensar-se das negligências do marido, deve primeiramente satisfazê-lo sem repugnância nesses gostos, de quaisquer natureza que possam ser. Que em seguida o convença que tais complacências merecem algumas considerações, e que por isso pede em troca total liberdade em razão de seu assentimento. O marido, então, pode recusar ou consentir; se consente, como fez o meu, fica-se livre para gozar, redobrando as atenções e condescendências aos seus caprichos; se ele recusa, engrossamos os véus e tranquilamente fodemos à sua sombra. Ele é impotente? Separamo-nos. Mas em todos os casos nos entregamos; fodemos, caro amor, porque nascemos para foder e fodendo cumprimos as leis da natureza. Toda lei humana que contraria as da natureza só merece o nosso desprezo.

É bem tola a mulher que laços tão absurdos como os do himeneu impedem de entregar-se às suas inclinações por temor à gravidez ou às censuras do marido, ou à mácula, mais vã ainda, de sua reputação! Acabas de ver, Eugénie, sim, acabas de sentir o quanto ela está enganada, como imola com baixeza aos mais ridículos preconceitos a sua felicidade e todas as delícias da vida. Ah, que ela foda, que foda impunemente! Um pouco de falsa glória, algumas frívolas esperanças religiosas irão compensá-la de tais sacrifícios? Não, não, virtude e vício se misturam no caixão! Ao fim de alguns anos, o público vai exaltar mais a uns do que condenar a outros? Oh, não, mais uma vez não!... e a infeliz, tendo

vivido sem prazer, coitada!... expira sem recompensa.

EUGÉNIE - Como me persuades, meu anjo! Como triunfas sobre os meus preconceitos! Como aniquilas todos os falsos princípios incutidos por minha mãe! Ah, queria hoje mesmo casar-

-me para pôr em prática as tuas máximas! Como são sedutoras, como são verdadeiras, e como gosto delas! Só uma coisa me inquieta, cara amiga, no que me dizes; e, como não a compreendo, peço que me esclareças. Se teu marido, como afirmas, não se empenha nos prazeres de modo a ter filhos, o que faz então?

SAINT-ANGE - Meu marido já era idoso quando o desposei. Desde a primeira noite de núpcias, preveniu-me de suas fantasias, assegurando-me que, de sua parte, jamais iria interferir nas minhas. Jurei obedecer-lhe, e, desde então, ambos vivemos na mais deliciosa liberdade. O gosto de meu marido consiste em ser chupado, e eis o episódio singular que acrescenta a isso: enquanto estou curvada sobre ele, com a bunda apoiada em seu rosto, sugo com ardor a porra dos colhões... e cago em sua boca!... Ele engole!...

EUGÉNIE - Que fantasia extraordinária!

DOLMANCÉ - Não se pode qualificar assim nenhuma, minha cara. Todas estão na natureza. Ao criar os homens, agradou-lhe diferenciar seus gostos como seus rostos, e não devemos nos espantar mais com a diversidade que ela pôs em nossos traços do que com a que pôs em nossas afeições. A fantasia a que vossa amiga se refere está mais do que nunca na moda. Uma infinidade de homens, principalmente os de uma certa idade, entregam-se prodigiosamente a ela. Recusaríeis, Eugénie, se alguém a exigisse de vós?

EUGÉNIE, *corando*. - Com as máximas que aqui me são incutidas, como eu poderia recusar alguma coisa? Só vos peço que perdoeis meu espanto. É a primeira vez que ouço tais lubricidades: devo primeiramente concebê-las. Mas, da solução do problema à execução do procedimento, creio que meus preceptores podem estar seguros de haver nisso somente a distância que eles próprios exigirem. Seja como for, querida, ganhaste tua liberdade por teres concordado, por teres sido tão complacente?

SAINT-ANGE - A liberdade mais completa, Eugénie. De meu lado fiz tudo o que quis, sem que ele pusesse o menor obstáculo; mas não tive amantes: amo demais o prazer para isso. Infeliz da mulher que se prende! Basta um amante para desgraçá-la. Por outro lado, dez cenas de libertinagem todos os dias, se ela quiser, esvanecer-se-ão na noite do silêncio tão logo sejam consumadas. Eu era rica; pagava jovens que me fodiam sem me conhecer. Rodeava-me de lacaios

charmosos, seguros de gozar comigo os mais doces prazeres, caso fossem discretos, e certos de serem despedidos caso dissessem uma só palavra. Não fazes ideia, meu caro anjo, da torrente de delícias em que mergulhei deste modo. Eis a conduta que prescreverei sempre a todas as mulheres que queiram imitar-me. Nos doze anos em que estou casada, já fui provavelmente fodida por mais de dez ou doze mil indivíduos... E ainda me julgam sensata na sociedade! Uma outra teria tido amantes; e já no segundo estaria perdida!

EUGÉNIE - Essa máxima é a mais certa. Decididamente será sempre a minha. Desposarei, como tu, um homem rico, principalmente se tiver fantasias... Mas, querida, teu marido, sendo estritamente ligado aos próprios gostos, nunca exigiu de ti outra coisa?

SAINT-ANGE - Jamais. Em doze anos não se contradisse um único dia, exceto quando estou menstruada. Uma linda moça, que trago comigo, substitui-me nessa ocasião e tudo sai às mil maravilhas.

EUGÉNIE - Mas, provavelmente, ele não deve ficar só nisso; outros objetos não concorrem exteriormente para diversificar seus prazeres?

DOLMANCÉ - Não duvideis, Eugénie; o marido desta senhora é um dos maiores libertinos do século. Gasta mais de cem mil escudos por ano nos gostos obscenos que vossa amiga vos acaba de pintar.

SAINT-ANGE - Para vos dizer a verdade, duvido. Mas o que me importa sua devassidão,²⁷ se, ao multiplicar-se, autoriza e encobre a minha?

EUGÉNIE - Continuemos; quero saber em detalhes, por favor, as maneiras pelas quais uma jovem, casada ou não, pode evitar a gravidez, pois confesso que isso me assusta muitíssimo, seja com meu futuro marido ou na carreira da libertinagem. Acabas de indicar-me uma, falando dos gostos de teu marido. Mas essa maneira de gozar, que pode ser muito agradável para o homem, não me parece sê-lo igualmente para a mulher, e é com os gozos isentos dos riscos que temo, que desejo que me entretenhas.

SAINT-ANGE - Uma mulher só se expõe aos riscos de ter filhos deixando-se foder pela boceta. Ela deve evitar por precaução essa maneira de gozar. Em lugar disso, pode oferecer indistintamente a mão, a boca, os seios ou o olho do cu. Por essa última via, terá muito prazer, bem mais do que nas outras, pelas quais só irá proporcioná-lo.

Na primeira dessas maneiras, Eugénie, quero dizer, a da mão, procede-se como ainda há pouco viste fazer: agita-se o membro do amigo como se o bombeasse. Ao fim de alguns movimentos o esperma se lança; o homem beija-vos, acaricia-vos enquanto isso, e inunda desse licor a parte que mais lhe agrada de vosso

corpo. Queremos que ele meta entre os seios? Deitamos na cama, aninhamos o membro viril entre as mamas e o comprimimos. Após alguns vaivéns, o homem esporra de modo a encharcar-nos os seios e por vezes o rosto. É a maneira menos voluptuosa de todas, e só convém a mulheres cujo colo, por força de hábito, já adquiriu a flexibilidade necessária para apertar o membro do homem, comprimindo-o. O gozo pela boca é infinitamente mais agradável, tanto para o homem como para a mulher. O melhor modo de desfrutá-lo é quando a mulher se deita sobre o corpo de seu fodeador em sentido contrário. Ele enfia o pau em vossa boca, e, com a cabeça entre vossas coxas, retribui-vos aquilo que vos lhe prestais, introduzindo a língua na boceta ou no clitóris. Nessa postura, cada um deve agarrar as nádegas do outro e reciprocamente titilar os orifícios, episódio sempre necessário em complemento à volúpia. Amantes ardorosos e cheios de imaginação engolem a porra exalada em suas bocas, desfrutando assim com delicadeza do prazer voluptuoso de se fazer passar por entranhas mútuas esse precioso licor, maldosamente furtado ao seu destino usual.

DOLMANCÉ - Essa maneira é deliciosa, Eugénie; recomendo sua execução. Fazer perder assim os direitos da procriação e contrariar o que os tolos chamam leis da natureza é algo verdadeiramente cheio de encantos. As coxas e as axilas também servem às vezes de asilos ao membro do homem, proporcionando-lhe redutos onde sua semente pode perder-se sem riscos de gravidez.

SAINT-ANGE - Algumas mulheres introduzem esponjas no interior das vaginas para receber o esperma, impedindo-o de se lançar no vaso que o faria procriar. Outras obrigam seus fodeadores a se servirem de um pequeno saco de pele de Veneza,²⁸ vulgarmente denominado *condom*,²⁹ no qual a semente escorre sem risco de atingir o fim. Mas, de todas essas maneiras, a mais deliciosa sem dúvida é a do cu. Deixo-vos a dissertação a respeito, Dolmancé. Quem melhor do que vós poderia descrever um gosto pelo qual daríeis a própria vida se a exigissem para defendê-lo?

DOLMANCÉ - Confesso o meu fraco. Estou convencido de que não há gozo no mundo que se compare a este! Adoro-o em ambos os sexos. Mas deve-se convir que o cu de um menino me dá ainda mais volúpia que o de uma menina. Chamam-se *bugres*³⁰ aqueles que se entregam a essa paixão. Quando se é bugre, Eugénie, é preciso sê-lo completamente. Foder o cu das mulheres é apenas sê-lo pela metade: é no homem que a natureza quer que o homem sirva essa fantasia, e é especialmente para o homem que ela nos deu esse gosto. É absurdo dizer que essa maneira a ultraja. Como é possível se ela nos inspira a isso? Poderia ditar aquilo que a degrada? Não, Eugénie, não. Servimo-la tão bem dessa forma

quanto de outra, e talvez ainda mais santamente. A propagação não passa de uma tolerância de sua parte. Como ela poderia ter prescrito por lei um ato que a priva dos direitos de sua onipotência, já que a procriação é apenas uma consequência de suas primeiras intenções, e que novas construções, refeitas por sua mão, se nossa espécie fosse totalmente destruída, voltariam a ser intenções primordiais, cujo ato seria bem mais lisonjeiro para seu orgulho e sua potência?

SAINT-ANGE - Sabeis de uma coisa, Dolmancé, que por meio deste sistema acabareis provando que a extinção total da raça humana seria um benefício para a natureza?

DOLMANCÉ - E alguém duvida, senhora?

SAINT-ANGE - Ó justo céu! Então as guerras, as pestes, a fome, o assassinato seriam apenas acidentes necessários às leis da natureza? E o homem, agente ou paciente desses efeitos, não seria, portanto, mais criminoso num caso do que vítima no outro?

DOLMANCÉ - Vítima ele é, sem dúvida, quando se curva aos golpes do infortúnio; mas criminoso jamais. Voltaremos a todas essas coisas. Por enquanto analisemos, para a bela Eugénie, o gozo sodomita, objeto de nossa conversa. A postura mais comum para a mulher, nesse gozo, é deitar-se de bruços à beira da cama, as nádegas bem afastadas e a cabeça o mais baixo possível. O devasso, após entreter-se por alguns instantes com a perspectiva do belo cu que se lhe apresenta, depois de lhe dar uns tapas, apalpar, e, por vezes, até mesmo chicotear, pinçar e morder, umedece com a boca o pequeno orifício que vai perfurar, preparando a introdução com a ponta da língua; lambuza seu instrumento com saliva ou pomada e apresenta-o suavemente ao buraco a ser penetrado. Com uma das mãos conduz o membro, com a outra afasta as nádegas de seu deleite.³¹ Tão logo sinta seu membro penetrar, deve empurrar com ardor, cuidando para não perder terreno. Às vezes isso traz sofrimento à mulher, sobretudo quando jovem e inexperiente. Mas sem dar importância a essas dores que logo mais se transformarão em prazer, o fodedor deve empurrar seu pau vivamente e de forma gradual até atingir o fim, quer dizer, até que os pelos de seu instrumento friccionem exatamente as bordas do ânus do objeto que enraba. Que prossiga assim seu caminho, com rapidez, e todos os espinhos serão colhidos; só restando as rosas. Para terminar de metamorfosear em prazer o resto de dor que seu objeto ainda possa sentir, se ele for um menino, deve segurar seu pau e agitá-lo; se for menina, que lhe acaricie o clitóris; as titilações do prazer que irá produzir, contraindo prodigiosamente o ânus do paciente, duplicarão os prazeres do agente, que, cumulado de alegria e volúpia, logo irá lançar ao fundo

do cu do seu deleite um esperma tão abundante quanto espesso, que detalhes tão lubrificos irão determinar. Há outros que não querem que o paciente goze, o que depois explicaremos.

SAINT-ANGE - Permitti que eu também seja aluna por um momento, Dolmancé, perguntando-vos em que estado deve estar o cu do paciente para o complemento dos prazeres do agente?

DOLMANCÉ - Cheio, certamente. É essencial que o objeto que serve sinta a maior vontade de cagar, para que a glande do fodedor, atingindo o troço, mergulhe nele e exale mais calorosa e molemente a porra que o irrita e o abrasa.

SAINT-ANGE - Achava que o paciente, assim, sentisse menos prazer.

DOLMANCÉ - Errado. O gozo é tamanho que nada pode prejudicá-lo ou impedir que o objeto que o serve seja transportado ao sétimo céu, deleitando-o. Não há nenhum gozo comparável a esse, nenhum que possa satisfazer assim tão completamente a um e a outro, os indivíduos que a ele se entregam, como é difícil aqueles que o desfrutam desejarem depois outra coisa. Tais são, Eugénie, as melhores maneiras de desfrutar o prazer com um homem, sem correr os riscos da gravidez; pois gozamos, estejais bem certa, não apenas dando o cu a um homem, como acabo de explicar, mas também chupando, masturbando etc.; conheci mulheres libertinas que viam mais encanto nesses episódios do que nos gozos reais.³² A imaginação é o aguilhão dos prazeres. Em gente dessa espécie, ela regula tudo, é o móvel de tudo; ora, não é por ela que gozamos? Não é dela que nos vêm as volúpias mais picantes?

SAINT-ANGE - Certo. Mas Eugénie deve tomar cuidado. A imaginação só nos serve quando temos o espírito absolutamente livre de preconceitos: basta apenas um para arrefecê-la. Essa porção caprichosa de nosso espírito é de uma libertinagem que nada pode conter. Seu maior triunfo, suas mais eminentes delícias consistem em romper todos os freios que lhe são impostos. Ela é inimiga da regra, idólatra da desordem e de tudo o que leva as cores do crime. Eis de onde vem a singular resposta de uma mulher de imaginação, que fodia friamente com o marido: — “Por que tanto gelo?” — perguntou ele. — “Oh, realmente,” — respondeu essa criatura singular — *“porque é muito simples o que fazes”*.

EUGÉNIE - Amo loucamente essa resposta... Oh, minha amiga, quanta disposição sinto para conhecer esses impulsos divinos de uma imaginação desregrada! Não imaginas, desde que estamos juntas... e a partir de então somente, não, querida amiga, não podes conceber todas as ideias voluptuosas que meu espírito vem acariciando... Oh, como agora compreendo o mal!... como meu coração o deseja!

SAINT-ANGE - Que as atrocidades, os horrores e os crimes mais hediondos não te espantem demais, Eugénie; o que há de mais sujo, de mais infame e de mais proibido é o que melhor excita a cabeça... é o que sempre nos faz esportar mais deliciosamente.

EUGÉNIE - A quantos desvarios incríveis deveis ter vos entregado, um e outro! Como gostaria de conhecer os detalhes!

DOLMANCÉ, *beijando e apalpando a jovem*. - Bela Eugénie, amaria cem vezes mais vos ver experimentar tudo quanto eu gostaria de fazer, do que vos contar o que já fiz.

EUGÉNIE - Não sei se me faria muito bem me prestar a tudo.

SAINT-ANGE - Não te aconselharia a isso, Eugénie.

EUGÉNIE - Muito bem, dispenso Dolmancé de seus pormenores; mas tu, doce amiga, diz-me, peço-te, o que fizeste de mais extraordinário em tua vida?

SAINT-ANGE - Fiquei numa roda de quinze homens,³³ fui fodida noventa vezes, em vinte quatro horas, pela frente e por trás.

EUGÉNIE - Mas isso são deboches, provas de resistência. Aposto como fizeste coisas mais singulares.

SAINT-ANGE - Já estive num bordel.

EUGÉNIE - O que significa isso?

DOLMANCÉ - Chamam-se assim as casas públicas onde, mediante um determinado preço, um homem pode conseguir mulheres jovens e bonitas, sempre prontas a satisfazer suas paixões.

EUGÉNIE - E lá te entregaste, querida?

SAINT-ANGE - Sim, trabalhando como puta. Durante uma semana inteira pude satisfazer as fantasias de vários devassos e conhecer gostos bem singulares. Por um princípio idêntico de libertinagem, como a célebre imperatriz Teodora, mulher de Justiniano,* trepei nas esquinas, nos passeios públicos e joguei na loteria o dinheiro de toda essa prostituição.

EUGÉNIE - Ah, minha amiga, conheço tua mente... já foste bem mais longe.

SAINT-ANGE - E isso é possível?

EUGÉNIE - Oh! Sim, eis o que penso: não me disseste que nossas mais deliciosas sensações morais vêm da imaginação?

SAINT-ANGE - Disse.

EUGÉNIE - Pois bem. Deixando essa imaginação errar, dando-lhe liberdade para transpor os últimos limites impostos pela religião, decência, humanidade, virtude, enfim, todos os nossos supostos deveres, não é verdade que tais desvarios são prodigiosos?

SAINT-ANGE - Sem dúvida.

EUGÉNIE - Ora, não é devido à imensidade de seus desvarios que ela nos irrita mais?

SAINT-ANGE - Nada mais verdadeiro.

EUGÉNIE - Se assim é, quanto mais quisermos ser agitados, mais desejaremos emoções violentas, pois será preciso dar asas à imaginação sobre as coisas mais inconcebíveis; nosso gozo então melhorará em razão do caminho percorrido pela cabeça, e...

DOLMANCÉ, *beijando Eugénie*. - Deliciosa!

SAINT-ANGE - Que progressos fez a bandida em tão pouco tempo! Mas sabes, meu encanto, que se pode ir longe nessa carreira que nos traças?

EUGÉNIE - Entendo perfeitamente; e como não me imponho nenhum freio, imagina até onde suponho que se possa chegar?

SAINT-ANGE - Aos crimes, celerada, aos crimes mais negros e medonhos.

EUGÉNIE, *em voz baixa e entrecortada*. - Mas se dizes que eles não existem... que só servem para embrasar a cabeça... que crimes não praticamos!...

DOLMANCÉ - Mas é tão doce executar o que concebemos...

EUGÉNIE, *corando*. - Está bem, nós os praticamos... Quereis então me convencer, caros mestres, que jamais fizestes o que concebestes?

SAINT-ANGE - Já me aconteceu algumas vezes.

EUGÉNIE - Chegamos onde eu queria!

DOLMANCÉ - Que cabeça!

EUGÉNIE, *proseguindo*. - O que te pergunto é o que imaginaste e o que fizeste após ter imaginado?

SAINT-ANGE, *balbuciando*. - Eugénie, qualquer dia te contarei minha vida. Continuemos tua educação... pois me farias dizer coisas...

EUGÉNIE - Ora, vejo que não me amas o bastante para me abrir tua alma a esse ponto, mas esperarei o tempo que achares necessário. Vamos aos detalhes. Diz-me ao menos qual o feliz mortal a quem fizeste senhor de tuas primícias?

SAINT-ANGE - Meu irmão. Ele me adorava desde a infância; já nos nossos primeiros anos nos divertíamos, mas sem chegar ao fim. Prometi-lhe que me entregaria a ele quando me casasse e cumpri minha palavra; felizmente meu marido não interferiu: ele pôde colher tudo. Continuamos nos entregando a essa intriga, mas sem importunarmos um ao outro; e não deixamos de mergulhar, ambos, cada um por seu lado, nos mais divinos excessos da libertinagem. Servimo-nos ainda mutuamente; eu lhe arranjo mulheres, ele me apresenta homens.

EUGÉNIE - Que arranjo delicioso! Mas o incesto não é um crime?

DOLMANCÉ - Como considerar assim a mais doce união da natureza, a que ela mais nos prescreve e aconselha? Refleti por um momento, Eugénie. Como a espécie humana, após as enormes desgraças que enfrentou nosso globo, poderia de outro modo se reproduzir a não ser pelo incesto? Não encontramos a prova e o exemplo disso nos livros respeitados pelo cristianismo? As famílias de Adão* e de Noé poderiam de outro modo perpetuar-se a não ser por esse meio? Revistai, compulsai os hábitos do universo. Em toda parte vereis o incesto autorizado, visto como uma lei sensata e feita para cimentar os laços da família. Se, numa palavra, o amor nasce da semelhança, onde esta pode ser mais perfeita do que entre irmão e irmã ou pai e filha? Uma política mal compreendida, produzida pelo temor de tornar certas famílias poderosas demais, proibiu o incesto em nossos costumes. Mas não nos deixemos enganar a ponto de tomar por lei da natureza o que só é ditado pelo interesse ou pela ambição. Sondemos nosso coração. É para ele que sempre remeto nossos pedantes moralistas. Interroguemos esse órgão sagrado, e veremos não haver nada mais delicioso que a união carnal das famílias. Deixemos de nos cegar sobre os sentimentos de um irmão por sua irmã, de um pai por sua filha. Em vão um e outro os disfarçam sob o véu de uma legítima ternura: o mais violento amor é o único sentimento que os inflama, o único que a natureza incutiu em seus corações. Dupliquemos, tripliquemos sem medo esses deliciosos incestos, admitindo que quanto mais próximo estiver o objeto de nosso desejo, maiores encantos teremos no prazer de gozá-los. Um de meus amigos vive normalmente com a filha que teve com sua própria mãe. Há menos de oito dias, deflorou um garoto de treze anos, fruto de suas relações com a filha. Dentro de alguns anos, esse mesmo jovem se casará com a mãe; são os votos de meu amigo, que preparou para ele um destino análogo nesses projetos. Suas intenções, bem sei, consistem em gozar ainda dos frutos que nascerão desse himeneu; ele é jovem e pode esperar. Vede, terna Eugénie, com quantos incestos e crimes sujar-se-ia esse honesto amigo se houvesse algo de verdadeiro no preconceito que nos faz crer que há maldade nessas ligações. Numa palavra: sobre essas coisas, eu parto sempre de um princípio; se a natureza proibisse os prazeres sodomitas, os gozos incestuosos, as masturbações etc., permitiria que encontrássemos neles tanto prazer? E impossível que ela possa tolerar o que verdadeiramente a ultraja.

EUGÉNIE - Oh, divinos mestres, bem vejo que, de acordo com vossos princípios, há pouquíssimos crimes sobre a face da Terra, e que podemos nos entregar em paz a todos os nossos desejos, por mais singulares que possam

parecer aos tolos que, se ofendendo e se alarmando com tudo, tomam estupidamente as instituições sociais por leis divinas da natureza. No entanto, meus amigos, não admitis ao menos a existência de certas ações absolutamente revoltantes e decididamente criminosas, ainda que ditadas pela natureza? Posso concordar convosco que essa natureza, tão singular nas produções que criou quanto na variedade de inclinações que nos dá, leva-nos algumas vezes a ações cruéis. Mas, se, entregues a essa depravação, cedemos às inspirações dessa bizarra natureza a ponto de atentar, suponho, contra a vida de nossos semelhantes, concordareis, ao menos, espero, que tal ação seria um crime?

DOLMANCÉ - De maneira nenhuma poderíamos concordar com isso, Eugénie. Sendo a destruição uma das primeiras leis da natureza, nada que destrói poderia ser um crime. Como uma ação que serve tão bem à natureza poderia alguma vez ultrajá-la? Aliás, essa destruição que deleita o homem é uma quimera. O assassinato não é destruição. Quem o comete só varia as formas. Ele devolve à natureza elementos de que sua hábil mão se serve para imediatamente recompensar outros seres. Ora, como as criações só podem ser prazer para aqueles que se entregam a elas, o assassino também prepara um gozo para a natureza: fornece-lhe materiais que ela imediatamente emprega, e a ação que os tolos tiveram loucura em censurar revela-se apenas um mérito aos olhos desse agente universal. É nosso orgulho que se lembra de edificar o assassinato em crime. Estimando-nos como se fôssemos as primeiras criaturas do universo, imaginamos tolamente que toda lesão que viesse a sofrer essa criatura sublime deveria necessariamente ser um enorme crime. Acreditamos que a natureza pereceria se nossa maravilhosa espécie desaparecesse do globo, quando a destruição total dessa espécie, restituindo à natureza a faculdade criadora que ela nos cede, lhe devolveria a energia que lhe roubamos ao nos propagarmos. Mas que inconsequência, Eugénie! Então um soberano ambicioso poderá destruir à vontade e sem o menor escrúpulo os inimigos nocivos a seus projetos de grandeza... leis cruéis, arbitrárias, imperiosas, poderão da mesma forma assassinar em cada século milhões de indivíduos... e nós, fracos e infelizes particulares, não podemos sacrificar um único ser às nossas vinganças ou aos nossos caprichos? Existe algo mais bárbaro, mais ridiculamente estranho? E não devemos, sob o véu do mais profundo mistério, nos vingar amplamente dessa inépcia?*

EUGÉNIE - Seguramente... Ah, como vossa moral é sedutora, como me deleita!... Mas disse-me, Dolmancé, em sã consciência, não vos tereis satisfeito algumas vezes neste gênero?

DOMANCÉ - Não me forceis a desvelar meus erros; seu número e espécie me fariam enrubescer. Algum dia, talvez, eu os confesse.

SAINT-ANGE - Dirigindo o gládio das leis, o celerado serviu-se dele frequentemente para satisfazer suas paixões.

DOLMANCÉ - Pudesse eu não ter outras censuras a fazer-me!

SAINT-ANGE, *atirando-se a seu pescoço*. - Homem divino!... Eu vos adoro!... Que espírito e coragem são necessários para ter, como vós, saboreado todos os prazeres! Somente ao homem de gênio é reservada a honra de quebrar todos os freios da ignorância e da estupidez. Beijai-me, sois encantador!

DOLMANCÉ - Sede franca, Eugénie, nunca desejastes a morte de ninguém?

EUGÉNIE - Oh! Sim, sim, tenho diariamente sob os olhos uma abominável criatura que há muito tempo gostaria de ver no túmulo.

SAINT-ANGE - Aposto que sei quem é!

EUGÉNIE - De quem desconfias?

SAINT-ANGE - De tua mãe.

EUGÉNIE - Ah, deixa-me esconder meu rubor em teu seio!

DOLMANCÉ - Voluptuosa criatura! Também quero cobrir-te de carícias; é o prêmio da energia de teu coração e de tua deliciosa cabeça. (*Dolmancé beija-a por todo o corpo e lhe dá leves palmadas na bunda; seu pau levanta; a senhora de Saint-Ange empunha-o e agita-o. Vez por outra, suas mãos se perdem no traseiro que Saint-Ange lubricamente lhe oferece. Um pouco mais calmo, Dolmancé prossegue.*) Essa ideia é sublime, por que não a executamos?

SAINT-ANGE - Eugénie, eu detestava minha mãe tanto quanto odeias a tua... e não hesitei.

EUGÉNIE - Não tive meios.

SAINT-ANGE - Não teve coragem.

EUGÉNIE - Oh, eu era apenas uma menina...

DOLMANCÉ - E hoje, Eugénie, o que faríeis?

EUGÉNIE - Tudo... Que me deem os meios e veremos!

DOLMANCÉ - Vós os tereis, Eugénie, eu prometo; mas imponho uma condição.

EUGÉNIE - Qual? Ou antes, qual é a que não estou pronta para aceitar?

DOLMANCÉ - Vem, celerada, vem para os meus braços: não posso mais me conter. Que teu encantador traseiro seja o preço da dádiva que te prometo; é preciso pagar um crime com outro. Vem!... ou melhor, vinde as duas para apagarmos com ondas de porra o fogo divino que nos inflama!

SAINT-ANGE - Vamos pôr ordem nessa orgia, por favor! Isso é necessário mesmo no seio do delírio e da infâmia.

DOLMANCÉ - Nada mais simples. Meu maior objetivo, creio, é esporrar, dando a essa encantadora moça o máximo de prazer que eu puder. Enfiarei o pau em seu cu, enquanto, curvada em vossos braços, a masturbareis da melhor forma possível; na posição em que vou deixar-vos, ela poderá vos fazer o mesmo: beijareis uma a outra. Após alguns vaivéns no cu dessa criança, variaremos o quadro. Eu vos enrabarei, senhora; Eugénie, por cima de vós, com vossa cabeça entre as coxas, oferecer-me-á o clitóris para chupar; eu a farei, assim, perder porra outra vez. Em seguida, penetrarei novamente seu ânus; vós me apresentareis vosso cu em lugar da boceta que ela me oferecia, isto é, tomareis sua cabeça entre as coxas, como ela terá feito, e vos chuparei o olho do cu, como farei com sua boceta. A senhora e eu esporraremos, enquanto minha mão, cingindo o bonito corpinho dessa encantadora noviça, irá afagar-lhe o clitóris para que ela também desfaleça.

SAINT-ANGE - Sim, meu querido Dolmancé, mas algo vos irá faltar.

DOLMANCÉ - Um pau no cu? Tendes razão senhora.

SAINT-ANGE - Passaremos sem ele agora de manhã, mas o teremos ao anoitecer. Meu irmão virá ajudar-nos e nossos prazeres chegarão aos píncaros. Mãos à obra.

DOLMANCÉ - Gostaria que Eugénie me masturbasse por um momento. (*Ela o faz.*) Sim, isso... um pouco mais rápido, coração... conserveis sempre nua esta cabeça vermelha, não a recobrando jamais... Quando mais esticardes o filete, maior será a ereção... Nunca se deve encarapuçar³⁴ o pau que se agita... Bom!... Dessa forma preparais vós própria o membro que irá perfurar-vos... Vede como ele se anima?... Dai-me vossa língua, pilantrinha!... Que vossas nádegas apoiem-se na minha mão direita, enquanto a esquerda vos afagar o clitóris.

SAINT-ANGE - Eugénie, queres fazê-lo provar maiores prazeres?

EUGÉNIE - Certamente; farei tudo para agradá-lo.

SAINT-ANGE - Então põe seu pau na boca e chupa-o por alguns instantes.

EUGÉNIE *executa.* - Assim?

DOLMANCÉ - Que boca deliciosa! Que calor!... Para mim ela se equipara ao mais belo cu!... Mulheres voluptuosas e hábeis, jamais recuseis a vossos amantes esse prazer: ele os prenderá a vós para sempre... Ah, deus sagrado!... deus fodido!...³⁵

SAINT-ANGE - Como blasfemas, meu amigo!

DOMANCÉ - Dai-me o vosso cu, senhora... Sim, quero beijá-lo enquanto ela

me chupa... e não vos espanteis com as blasfêmias: um de meus maiores prazeres é injuriar a Deus quando fico de pau duro. Parece que meu espírito, então mil vezes mais exaltado, execra e despreza muito mais essa quimera nojenta. Queria encontrar um modo de injuriá-la, de ultrajá-la ainda mais; e quando minhas malditas reflexões me levam à convicção da nulidade desse repelente objeto de meu ódio, irrita-me, e gostaria de poder reedificar imediatamente o fantasma, para que minha raiva se dirigisse ao menos sobre alguma coisa. Imitai-me, mulher encantadora, e vereis como tais palavras irão infalivelmente intensificar vossos sentidos. Mas, santíssimo!... estou vendo, seja qual for o meu prazer, devo retirar-me imediatamente dessa boca divina... ou deixarei nela minha porra!... Vamos, Eugénie, tomai posição; executemos o quadro traçado e mergulhemos os três na mais voluptuosa embriaguez. (*A postura se arranja.*)

EUGÉNIE - Querido, receio que vosso esforço seja inútil. A desproporção é medonha!

DOLMANCÉ - Sodomizo gente mais jovem todos os dias. Ontem mesmo um garotinho de sete anos foi deflorado por este pau em menos de três minutos... Coragem, Eugénie, coragem!...

EUGÉNIE - Ah, dilacerai-me!...

SAINT-ANGE - Poupai-a, Dolmancé; lembrai-vos que respondo por ela.

DOLMANCÉ - Masturbai-a, senhora, ela sentirá menos dor; de resto, tudo está dito agora... Ah, entrou até os pelos!...

EUGÉNIE - Oh, céus! Não sem sofrimento... Vede, caro amigo, o suor correndo em minha testa... Meu Deus! Jamais senti dores tão fortes!...

SAINT-ANGE - Já estás deflorada pela metade, minha querida, já fazes parte da classe das mulheres. Vale a pena conquistar essa glória com um pouco de tormento; e meus dedos, não te acalmam?

EUGÉNIE - Poderia resistir sem eles?... Acaricia-me, meu anjo... Sinto que imperceptivelmente a dor se metamorfoseia em prazer... Empurra!... empurra!... Dolmancé... eu morro!...

DOLMANCÉ - Ah, deus sagrado! deus fodido! Mil vezes fodido!³⁶ Mudemos de posição, assim não resistirei!... Vosso traseiro, senhora, suplico-vos; colocai-vos imediatamente como vos disse. (*Arranjam-se, e Dolmancé continua.*) Tenho menos dificuldade aqui... Como meu pau penetra!... Mas o vosso cu não é menos delicioso, senhora!...

EUGÉNIE - Estou bem assim, Dolmancé?

DOLMANCÉ - Uma maravilha! Essa linda bocetinha virgem se oferece deliciosamente para mim. Sou culpado, um infrator, bem sei, tais atrativos não

foram feitos para os meus olhos. Mas o desejo de dar a essa criança as primeiras lições de volúpia suplanta qualquer consideração. Quero fazer correr sua porra... vou esgotá-

-la, se possível... (*Chupa-a*).

EUGÉNIE - Ah, estais me matando de prazer, não vou resistir!...

SAINT-ANGE - Quanto a mim, vou partir!... Ah, fode!... fode!... Dolmancé, estou gozando!...

EUGÉNIE - Faço o mesmo, minha amiga... Ah, meu Deus, como ele me chupa!...

SAINT-ANGE - Blasfema então, putinha!... blasfema!...

EUGÉNIE - Sim, santíssimo! Estou gozando!... na mais doce embriaguez!...

DOLMANCÉ - Ao teu posto!... ao teu posto, Eugénie!... virarei joguete de todas essas trocas de mãos. (*Eugénie retoma seu lugar.*) Assim, muito bem, eis-me de volta a minha primeira morada... mostrai-me o olho do cu, senhora, que vou chupá-lo com gosto!... Como adoro beijar o cu que acabo de foder!... Deixai-me lambê-lo enquanto lanço meu esperma no cu de vossa amiga... Acrediteis, senhora, desta vez entrou sem esforço!... Ah, porra! Não imaginais como ele aperta o pau e o comprime!... Oh, deus sagrado! deus fodido! Que prazer!... Ah, está feito, já não aguento mais... minha porra corre... estou morto!...

EUGÉNIE - Ele também me mata, querida amiga, eu juro...

SAINT-ANGE - Bandida! Como ela vai se acostumar depressa!

DOLMANCÉ - Conheço uma infinidade de moças da tua idade que nada no mundo as faria gozar de outro modo. Só é custoso na primeira vez. Quando uma mulher é sondada assim, não quer outra coisa depois... Céus! Estou esgotado... deixai-me tomar fôlego, ao menos um instante.

SAINT-ANGE - Eis os homens, minha cara: mal nos olham após satisfazerem seus desejos. Esse aniquilamento leva-os ao desgosto, e, do desgosto, passam logo ao desprezo.

DOLMANCÉ, *friamente*. - Mas que injúria, divina beleza! (*Abraça e beija ambas.*) Não fostes feitas, ambas, senão para tais homenagens, seja qual for o estado em que nos encontremos.

SAINT-ANGE - De resto, consola-te, Eugénie. Se eles têm direito em nos negligenciar porque estão satisfeitos, também temos em desprezá-los quando seu procedimento nos força a isso. Se Tibério em Capri sacrificava os objetos que serviam as suas paixões,* Zíngua, rainha africana, também imolava seus amantes.**

DOLMANCÉ - Esses excessos, perfeitamente simples, os quais conheço muito bem, sem dúvida, não devem, entretanto, jamais ser praticados em nós mesmos: “os lobos nunca se devoram entre si”, diz o provérbio; e, por mais trivial que pareça, é justo. Nunca receais algo de mim, minhas amigas: talvez vos faça cometer muitos males, mas jamais os farei contra vós.

EUGÉNIE - Oh, não, querida, ousa responder: Dolmancé jamais abusará dos direitos que lhe damos sobre nós; creio que ele tem a probidade dos *devassos*:³⁷ é a melhor. Mas deixemos nosso mestre com seus princípios e voltemos, suplico-vos, ao grande desígnio que nos inflamava antes de nos acalmarmos.

SAINT-ANGE - O quê? Bandida! Ainda pensas nisso? Pensei que fosse apenas efervescência da tua cabeça.

EUGÉNIE - É o movimento mais certo do meu coração, e só ficarei satisfeita após consumir o crime.

SAINT-ANGE - Oh, certo, certo, mas por que não perdoá-la? Não te esqueças que é tua mãe.

EUGÉNIE - Que belo título!

DOLMANCÉ - Eugénie tem razão. Por acaso sua mãe pensava nela quando a pôs no mundo? A devassa deixava-se foder porque sentia prazer nisso, mas sua filha nem sequer lhe passava pela cabeça. Deixemos que ela faça o que bem entender a esse respeito e contentemo-nos em certificar-lhe que, a qualquer excesso que chegar nesse gênero, não deverá se sentir culpada de nenhum mal.

EUGÉNIE - Detesto-a, abomino-a. Mil razões legitimam meu ódio. Quero sua vida, a qualquer preço!

DOLMANCÉ - Muito bem, já que tuas resoluções são inabaláveis, serás satisfeita, Eugénie, eu juro. Mas antes de agir, permite-me alguns conselhos, que serão de primeira necessidade para ti. Que teu segredo jamais te escape, minha cara, e, sobretudo, age sozinha: nada é mais perigoso do que cúmplices. Desconfiemos sempre, mesmo daqueles que acreditamos nos serem mais ligados. Como disse Maquiavel, *jamais devemos ter cúmplices, ou nos livrar deles tão logo nos tenham servido*. Isso não é tudo: nos projetos que traças, Eugénie, o fingimento é indispensável. Aproxima-te como nunca da vítima antes de imolá-la. Finge ouvir suas queixas ou tenta consolá-la; agrada-a, divide suas penas, jura-lhe que a adora; faze mais ainda: persuade-a. Em tais casos, a falsidade nunca é demais. Nero acariciava Agripina na própria barca que deveria tragá-la. Imita esse exemplo; usa de todas as tramoias, de todas as imposturas que teu espírito sugerir. Se a mentira é sempre necessária às mulheres, é sobretudo quando querem enganar que se lhes torna ainda mais indispensável.

EUGÉNIE - Tais lições serão assimiladas e praticadas, sem dúvida. Mas peço-vos, aprofundemos essa falsidade que aconselhais às mulheres usarem. Julgais mesmo tal maneira de ser absolutamente essencial ao mundo?

DOLMANCÉ - Não conheço, sem dúvida, nada mais necessário na vida. Uma verdade inconteste irá vos provar quão indispensável ela é: o mundo inteiro a emprega. Então vos pergunto: por que um indivíduo sincero não haverá de afundar numa sociedade de gente falsa?! Ora, se é verdade, como se pretende, que as virtudes tenham alguma utilidade na vida civil, como aquele que não tem vontade nem poder, ou dom de qualquer virtude, o que acontece a muita gente, como quereis, digo, que tal ser seja essencialmente obrigado a fingir para obter, por sua vez, a migalha de felicidade que seus concorrentes lhe roubam? E, de fato, é certamente a virtude ou a sua aparência que se torna realmente necessária ao homem social? Não duvidemos, basta somente a aparência: quem a possui tem tudo. Visto que os homens só se relam no mundo, não lhes é suficiente mostrar sua casca? De resto, persuadamo-nos bem que a prática das virtudes só é verdadeiramente útil àquele que a possui. Os outros tiram dela tão pouco que, desde que quem vive conosco pareça virtuoso, tanto faz ele de fato sê-lo ou não. Aliás, a falsidade é quase sempre o melhor meio de se obter êxito. Quem a possui adquire necessariamente uma espécie de prioridade sobre aquele com quem se relaciona ou corresponde. Por inebriá-lo com falsas aparências, ele o persuade; a partir desse momento então triunfa. Se percebo que me enganaram, só culpo a mim, pois quem me suborna se sai tão bem, que acabo não me queixando por orgulho. Será relevante sua ascendência sobre mim; ele sempre terá razão, enquanto eu estarei errado; ele avançará na vida, eu nunca serei nada; ele enriquecerá, eu me arruinarei. Enfim, estando sempre por cima, ele logo cativará a opinião pública. Daí então, por mais que eu queira culpá-lo, jamais me darão ouvidos. Entreguemo-nos, pois, ousada e incessantemente à mais insigne falsidade. Consideremo-la a chave de todas as graças, de todos os favores, reputações, riquezas, e abrandemos sem pressa o pequeno desgosto de ter feito os outros de idiotas pelo prazer picante de ser canalha.

SAINT-ANGE - Eis aí, penso, infinitamente mais do que o necessário para esta matéria. Uma vez convencida, Eugénie deve ser encorajada e ficar tranquila; ela agirá quando bem entender. Penso ser mais urgente agora continuar as dissertações sobre os diferentes caprichos dos homens na libertinagem. Este campo deve ser muito vasto, percorramo-lo. Acabamos de iniciar nossa aluna em alguns mistérios da prática, não negligenciemos a teoria.

DOLMANCÉ - Os detalhes libertinos das paixões dos homens são pouco

suscetíveis, senhora, como temas de instrução para uma garota como Eugénie, que não se destina a fazer carreira de mulher pública. Ela se casará e, nessa hipótese, aposto dez contra um que seu marido não terá esses gostos; se os tiver, no entanto, a conduta é fácil: muita doçura e complacência para com ele; por outro lado, muita falsidade e compensações secretas. Essas poucas palavras encerram tudo. Se a vossa Eugénie, entretanto, deseja algumas análises dos gostos do homem no ato da libertinagem para examiná-los mais sumariamente, nós os reduziremos a três: *sodomia, fantasias sacrílegas e gostos cruéis*. A primeira dessas paixões é hoje universal; vamos acrescentar algumas reflexões ao que já dissemos a respeito. Ela se divide em duas classes, ativa e passiva; o homem que enraba, seja um garoto, seja uma mulher, comete a sodomia ativa; ele é sodomita passivo quando se deixa foder. Com frequência se questiona qual dos dois modos de praticar a sodomia é o mais voluptuoso; seguramente o passivo, já que se goza simultaneamente da sensação da frente e da de trás; é tão doce mudar de sexo, tão delicioso se fazer de puta, entregar-se a um homem que nos trata como uma mulher, chamar esse homem de amante, e de se confessar sua amante!... Ah, meus amigos, que volúpia! Mas Eugénie, limitemo-nos aqui a alguns conselhos de detalhe concernentes apenas às mulheres que, transformadas em homens, querem como nós gozar desse prazer delicioso. Acabo de familiarizar-vos com esses ataques, Eugénie, e já vi o suficiente para convencer-me de que um dia fareis grandes progressos nessa carreira. Exorto-vos a percorrê-la como uma das mais deliciosas da ilha de Citera, perfeitamente seguro de que cumprireis à risca este conselho. Limitar-me-ei a dois ou três avisos essenciais a toda pessoa decidida a só conhecer este gênero de prazeres, ou os que lhe são análogos. Primeiramente, não deixeis de esfregar o clitóris enquanto vos sodomizam: nada se casa tão bem quanto esses dois prazeres. Evitai o bidê ou limpar com pano³⁸ quando acabardes de foder dessa forma: é bom que a brecha esteja sempre aberta; disso resultam desejos, titilações que os cuidados com a limpeza imediatamente anulam. Não se faz ideia a que ponto essas sensações se prolongam. Assim, quando quiserdes vos divertir dessa forma, Eugénie, evitai os ácidos: eles inflamam as hemorroidas e tornam as introduções dolorosas. Não permiti que diversos homens vos esporrem sucessivamente no ânus; esta mistura de esperma, embora voluptuosa para a imaginação, é quase sempre perigosa para a saúde; expulsai sempre essas diferentes emissões à medida em que forem feitas.

EUGÉNIE - Mas não será um crime se forem feitas pela frente?

SAINT-ANGE - Não imagines, pobre louca, que haja o menor mal em

proceder assim, desviando do grande caminho a semente do homem, porque a procriação de modo nenhum é finalidade da natureza; ela apenas a tolera. E, quando não procriamos, executamos melhor suas intenções. Eugénie, sê a inimiga jurada dessa fastidiosa procriação, desviando sem cessar, mesmo no casamento, esse pérfido licor cuja vegetação só serve para nos estragar as cinturas e embotar em nós as sensações voluptuosas, fazendo-nos murchar, envelhecer e perturbando nossa saúde. Faze com que teu marido se acostume a essas perdas. Oferece-lhe todas as vias que possam afastar a homenagem do templo. Dize-lhe que detestas crianças e implora-lhe que jamais as faça em ti. Observa bem este ponto, querida, pois confesso ter pela procriação um tal horror que eu deixaria de ser tua amiga no mesmo instante em que engravidasses. Se, no entanto, essa desgraça ocorrer a contragosto, previne-me nas primeiras sete ou oito semanas, e farei com que escurras isso suavemente. Não receies o infanticídio, crime imaginário; somos sempre senhoras do que trazemos no ventre, e não fazemos mal pior destruindo essa espécie de matéria do que purgando outras com medicamentos quando necessitamos disso.

EUGÉNIE - E se a criança estivesse formada?

SAINT-ANGE - Mesmo que estivesse no mundo, somos sempre senhoras de destruí-la. Não há sobre a face da Terra nenhum direito mais certo do que o das mães sobre seus filhos. Não existe nenhum povo que não tenha reconhecido essa verdade: ela está fundada na razão, nos princípios.

DOLMANCÉ - Este direito encontra-se na natureza... é incontestável. A extravagância do sistema deífico foi a fonte de todos estes erros grosseiros. Os imbecis que acreditam em Deus, persuadidos de que a ele devemos a existência, creem que assim que um embrião amadurece, uma pequena alma, de Deus emanada, vem logo animá-lo. Esses tolos, digo, tiveram certamente de considerar um crime capital a destruição dessa pequena criatura, porque, segundo sua opinião, ela já não pertencia aos homens: era obra de Deus, pertencia a Deus. Podia-se dispor dela sem crime? Mas desde que o facho da filosofia dissipou todas essas imposturas, desde que a quimera divina foi pisoteada, desde quando melhor instruídos nas leis e nos segredos da física desenvolvemos o princípio da geração, e desde que esse mecanismo material não oferece aos olhos nada mais espantoso que a vegetação do grão de trigo, tivemos que apelar à natureza pelo erro dos homens. Estendendo a medida de nossos direitos, enfim reconhecemos que somos perfeitamente livres para reaver aquilo que só demos com dor no coração ou por acaso, e que é impossível exigir que um indivíduo qualquer se torne pai ou mãe sem desejá-lo; que uma criatura a

mais ou a menos, aliás, não tem maior consequência, e que nos tornamos, em suma, tão absolutamente senhores dessa porção de carne, apesar de animada, quanto o somos das unhas que arrancamos aos dedos, das excrescências de carne que extirpamos de nossos corpos, ou das digestões que suprimimos de nossas entranhas, porque um e outro vêm de nós, e somos absolutamente possuidores daquilo que de nós emana. Ao desenvolver para vós, Eugénie, a importância mui medíocre que tem a ação do crime sobre a Terra, deveis ter percebido a consequência ínfima que tem igualmente tudo o que se relaciona com o infanticídio cometido contra uma criatura, inclusive na idade da razão; é inútil, pois, voltar a isso. A excelência do vosso espírito contribui para as minhas provas. A leitura da história dos costumes de todos os povos da Terra, mostrando ser esse costume universal, acabará convencendo-vos da imbecilidade que há em se admitir o mal numa ação tão indiferente.

EUGÉNIE, *primeiro a Dolmancé*. - Não posso dizer a que ponto estou persuadida. (*Dirigindo-se em seguida à senhora de Saint-Ange*.) Mas, responde-me, grande amiga, já te serviste alguma vez do remédio que me ofereces para destruir interiormente o feto?

SAINT-ANGE - Duas vezes, e sempre com grande sucesso. Mas confesso só ter experimentado no começo. Duas conhecidas minhas, entretanto, administraram o mesmo remédio no meio do período,³⁹ e asseguraram-me também de seu êxito. Podes contar comigo na ocasião, querida, mas exorto-te a jamais necessitá-lo; é muito mais seguro. Retomemos agora a sequência dos detalhes lúbricos que prometemos a essa jovem. Prossegui, Dolmancé, estamos nas fantasias sacrílegas.

DOLMANCÉ - Suponho que Eugénie esteja desiludida demais dos erros religiosos para não ficar intimamente persuadida de que tudo o que joga com os objetos de piedade dos tolos não pode ter nenhuma espécie de consequência. Essas fantasias, de fato, só aquecem as mentes mais jovens, a quem toda ruptura de freio resulta em gozo. É uma espécie de pequena vindita que inflama a imaginação e talvez divirta por alguns instantes. Mas tais volúpias, parece-me, devem tornar-se insípidas e frias a quem teve tempo de instruir-se e de convencer-se da nulidade dos objetos cujos ídolos que ridicularizamos não passam de sua débil representação. Profanar relíquias, imagens de santos, hóstias ou crucifixos, tudo isso só deve ser, aos olhos do filósofo, o que seria a degradação de uma estátua pagã. Uma vez consagradas ao desprezo essas bugigangas execráveis, é preciso abandoná-las e não se ocupar mais delas. De tudo isso só é bom conservar a blasfêmia; não que tenha mais realidade, pois,

desde o instante em que não há mais Deus, de que serve insultar seu nome? Mas porque é essencial pronunciar palavras fortes ou sujas na embriaguez do prazer, e as de blasfêmia são muito úteis à imaginação. Que nada se poupe! É preciso ornar tais palavras com o maior luxo de expressões; e que escandalizem ao máximo possível; escandalizar é tão doce! Existe aí um pequeno triunfo para o orgulho que de modo algum se deve desprezar. Confesso-vos, minhas senhoras, é uma de minhas volúpias secretas: existem poucos prazeres morais mais ativos sobre a minha imaginação. Tentai, Eugénie, e vereis os resultados. Ostentai, sobretudo, uma prodigiosa impiedade quando encontrardes com pessoas de vossa idade que ainda vegetem nas trevas da superstição. Ostentai o deboche e a libertinagem. Banca a *puta*,⁴⁰ mostrai os seios. E se fordes com elas a lugares secretos, levantai a roupa com indecência, deixai-as ver com afetação as partes mais secretas de vosso corpo. Exigi o mesmo delas. Seduzi-as, repreendei-as, fazei ver o ridículo de seus preconceitos; levai-as, como se diz, *para o mau caminho*;⁴¹ ofendei-as como só um homem faria. Se forem mais jovens, usai a força e diverti-vos com isso; corrompei-as, seja com exemplos, seja com conselhos, seja com tudo o que podereis julgar mais capaz de as perverter. Do mesmo modo, sede extremamente livre com os homens; esbanjai com eles irreligião e impudência; longe de aterrorizar-vos com as liberdades que tomarem, concedei misteriosamente tudo o que vos possa divertir sem vos comprometer. Deixai que vos toquem; masturbai-os e fazei que vos masturbem; ides mesmo ao ponto de lhes dar o cu... mas, considerando a honra quimérica com que as mulheres guardam suas primícias anteriores, tornai isso mais difícil. Uma vez casada, nada de amantes: tomai os lacaios, ou pagai alguns jovens de confiança: a partir deste momento tudo se encobrirá; sem atentados à vossa reputação, e, sem que alguma vez tenham suspeitado de vós, tereis encontrado a arte de fazer somente aquilo que vos agrada. Prossigamos: a análise dos prazeres da crueldade vem a seguir. Essas espécies de prazeres são hoje muito comuns entre os homens, e eis o argumento de que se servem para legitimá-los: queremos embriagar-nos, dizem eles; é o objetivo de todo homem que se entrega à volúpia, e queremos sê-lo pelos meios mais ativos. Partindo deste ponto, não se trata de saber se nossos procedimentos vão agradar ou não ao objeto que nos serve, mas de apenas fazer vibrar a massa de nossos nervos pelo choque mais violento possível. Ora, como a dor nos afeta bem mais do que o prazer, não é de se duvidar que os choques resultantes em nós dessa sensação produzida sobre os outros, sendo essencialmente uma vibração mais vigorosa, e retinindo em nós de forma mais enérgica, vão colocar em circulação mais violenta os espíritos

animais,⁴² que, determinando-se sobre as regiões baixas ao movimento de retrogradação que lhes é essencial, no mesmo instante abrasarão os órgãos da volúpia, dispondo-os ao prazer. Os efeitos do prazer são sempre enganosos nas mulheres. É muito difícil, aliás, um homem feio ou velho produzi-los... Chegam a tanto? São fracos, e os choques muito menos nervosos. Será então preferível a dor, cujos efeitos não podem enganar e cujas vibrações são mais ativas. Objetar-se-á, contudo, aos afeiçoados dessa mania, que essa dor aflige o próximo. Será caridoso fazer mal aos outros para deleitar-se a si próprio? Os devassos vos respondem que, acostumados, no ato do prazer, a só fazerem conta de si mesmos, e nenhum pouco dos outros, estão persuadidos de que é muito simples, segundo os impulsos da natureza, preferir o que sentem ao que não sentem. O que nos causam, ousam dizer, as dores provocadas no próximo? Acaso as sentimos? Não; ao contrário, acabamos de demonstrar que sua produção resulta numa sensação deliciosa para nós. Por que razão poupar um indivíduo que não nos toca em nada? Por que razão evitar que sofra uma dor que jamais nos custará uma lágrima, quando é certo que dessa dor nascerá um imenso prazer para nós? Alguma vez experimentamos um único impulso da natureza que nos tenha aconselhado preferir os outros a nós, e cada um não está por si no mundo? Falam-nos de uma voz quimérica dessa natureza que nos diz de não fazer aos outros o que não queremos que nos seja feito. Mas esse conselho absurdo nunca nos veio senão de homens, e de homens fracos. Um poderoso jamais faria tal discurso. Foram os primeiros cristãos, dia a dia perseguidos por seu sistema imbecil, que gritaram a quem queria ouvi-los: “Não nos queimeis, não nos esfoleis! *A natureza diz que não se deve fazer aos outros o que não queremos que nos seja feito*”. Imbecis! Como a natureza, que sempre nos aconselha o deleite e jamais nos imprime outros movimentos e inspirações, poderia, em seguida, numa incoseqüência sem limites, assegurar-nos de que não devemos nos deleitar se isso traz sofrimento aos outros? Ah, acreditemos, acreditemos, Eugénie! A natureza, mãe de todos, só nos fala de nós mesmos; nada é tão egoísta quanto sua voz; e o que reconhecemos nela de mais claro e imutável é seu santo conselho de deleitar-nos não importando à custa de quem quer que seja. Mas os outros, vos dizem a propósito, podem se vingar... Tanto melhor! Somente o mais forte terá razão. Eis o estado primitivo de guerras e de destruição perpétuo em que nos lançou, o único em que lhe é vantajoso estarmos.

Reparai, minha cara Eugénie, como essa gente raciocina; e acrescento, graças a minha experiência e meus estudos, que bem longe de ser um vício, a crueldade é

o primeiro sentimento que a natureza nos imprime. A criança destrói seu brinquedo, morde a teta de sua ama de leite, estrangula seu passarinho, muito antes de atingir a idade da razão. A crueldade está impressa nos animais, em quem, como creio que dissestes, as leis da natureza se leem muito mais energicamente do que em nós; ela está, entre os selvagens, muito mais próxima da natureza do que entre os homens civilizados; logo, seria um absurdo estabelecer que é consequência da depravação. Este sistema é falso, repito.⁴³ A crueldade está na natureza. Todos nascemos com uma dose de crueldade que só a educação modifica; mas a educação não está na natureza e prejudica tanto seus efeitos sagrados quanto o cultivo prejudica as árvores. Comparai os vergéis em que a árvore é abandonada aos cuidados da natureza com a que tem seus movimentos tolhidos pela arte, e vede qual a mais bela, qual a que dá melhores frutos. A crueldade não é outra coisa senão a energia do homem ainda não corrompida pela civilização; é uma virtude, portanto, e não um vício. Suprimi vossas leis, vossas punições, vossos costumes, e a crueldade não terá mais efeitos perigosos, já que nunca agirá sem ser imediatamente repelida pelos mesmos meios. É no estado de civilização que ela se torna perigosa, porque quase sempre falta ao ser lesado força ou meios de repelir a injúria; mas num estado incivilizado, se ela age sobre o forte, será repelida por ele, e se age sobre o fraco, não lesando senão um ser que cede ao mais forte pelas leis da natureza, não terá a menor inconveniência.

Não vamos analisar a crueldade nos prazeres lúbricos entre os homens, mas conhecereis um pouco, Eugénie, os diferentes excessos a que podem chegar, e vossa ardente imaginação vos fará facilmente compreender que, numa alma firme e estoica, os excessos não devem ter limites. Nero, Tibério, Heliogábalo imolavam crianças para ficar de pau duro. O marechal de Retz,⁴⁴ Charolais, tio de Condé, também cometeram mortes de deboche. O primeiro confessou em seu interrogatório não conhecer volúpia mais poderosa que a obtida num suplício infligido por seu capelão e ele a jovens de ambos os sexos. Foram encontrados setecentos ou oitocentos imolados em um de seus castelos na Bretanha. Tudo isso é admissível, como acabo de prová-lo. Nossa constituição, nossos órgãos, o curso dos licores, a energia dos espíritos animais são as causas físicas que produzem ao mesmo tempo os Titos, os Neros, as Messalinas ou as Chantal.⁴⁵ Não devemos nos orgulhar da virtude, ou nos arrepender do vício, nem acusar a natureza por nos ter feito nascer bons ou por nos ter criado celerados. Ela agiu conforme seus desígnios, seus planos e necessidades: sujeitemo-nos. Portanto, só examinarei aqui a crueldade das mulheres, sempre mais ativa

nelas que nos homens, pela poderosa razão da excessiva sensibilidade de seus órgãos.

Distinguimos em geral duas espécies de crueldade: uma que nasce da estupidez, que, jamais pensada ou analisada, assimila o indivíduo assim nascido ao animal feroz; essa não proporciona nenhum prazer porque quem se predispõe a ela não é suscetível de nenhuma busca; as brutalidades de tal ser raramente são perigosas e é sempre fácil preveni-las. A outra espécie de crueldade, fruto da extrema sensibilidade dos órgãos, só é conhecida em seres muitíssimo delicados, e os excessos a que chegam são apenas refinamentos de sua delicadeza; é essa delicadeza, mui prontamente embotada graças à sua excessiva finura, que, para ser desperta, põe em uso todos os recursos da crueldade. Quão poucos concebem tais diferenças!... Quão poucos as sentem! Entretanto, elas existem e são indubitáveis. Ora, é por esse segundo gênero de crueldade que as mulheres são mais frequentemente afetadas. Estudai-as bem: vede se não é seu excesso de sensibilidade que as leva a isso, se não é a extrema atividade de sua imaginação, a força de seu espírito que as torna celeradas e ferozes; também são encantadoras, e não existe uma única dessa espécie que não vire cabeças quando quer. Infelizmente a rigidez, ou antes, o absurdo de nossos costumes alimenta pouco sua crueldade; elas se veem obrigadas a esconder, a dissimular sua inclinação com atos ostensivos de beneficência que detestam do fundo do coração; e tão somente sob o véu mais obscuro, com as maiores precauções, ajudadas por algumas amigas de confiança, podem entregar-se às suas inclinações. Sendo neste gênero numerosas, conseqüentemente, há muitas infelizes. Quereis conhecê-las? Anunciai-lhes um espetáculo cruel, um duelo, um incêndio, uma batalha, um combate de gladiadores, e vereis como elas acorrerão; mas tais ocasiões não bastam para alimentar seu furor: elas contêm-se e sofrem.

Passemos rapidamente os olhos sobre as mulheres desse gênero. Zíngua, rainha de Angola, a mais cruel das mulheres, imolava seus amantes tão logo desfrutassem dela. Frequentemente fazia os guerreiros lutarem diante dela, e tornava-se o prêmio do vencedor. Para encantar sua alma feroz, divertia-se mandando esmagar num almofariz todas as mulheres grávidas com menos de trinta anos.* Zoé, mulher de um imperador chinês, sentia grande prazer mandando executar criminosos diante de seus olhos; na falta deles, fazia imolar escravos enquanto fodia com o marido, regulando os impulsos de seu gozo à crueldade das angústias infligidas a esses infelizes. Foi ela que, refinando o gênero de suplício imposto a suas vítimas, inventou a famosa coluna de bronze

oca que era abrasada após encerrar-se dentro a vítima. Teodora, mulher de Justiniano, divertia-se vendo fazer eunucos. E Messalina masturbava-se enquanto homens eram extenuados diante dela por meio da masturbação. Já as floridianas faziam endurecer o membro de seus esposos e colocavam sobre a glândula pequenos insetos, causando-lhes dores horríveis; elas os amarravam durante a operação, e reuniam-se várias à volta de um único homem para dar cabo dele com maior segurança. Vendo os espanhóis se aproximarem, seguraram elas mesmas seus maridos, para que esses bárbaros europeus os assassinassem. A Voisin e a Brinvilliers envenenavam pelo único prazer de cometer um crime. Numa palavra: a história fornece-nos milhares de traços da crueldade das mulheres. E é por causa da inclinação natural que sentem nesses movimentos que eu gostaria que se acostumassem ao uso da flagelação ativa, pelo qual os homens cruéis acalmam a ferocidade delas. Sei que algumas utilizam-na, mas ela ainda não faz parte dos hábitos das pessoas desse sexo tanto quanto desejo. A sociedade ganharia com essa opção dada à crueldade feminina; pois, não podendo ser maldosas deste modo, elas o são de outro, disseminando seu veneno pelo mundo e fazendo o desespero dos esposos e famílias. A recusa em praticar uma boa ação, quando a ocasião se apresenta, como socorrer o infortúnio, dá bem, se quisermos, um impulso a essa ferocidade a que certas mulheres são naturalmente levadas, mas isto é fraco e muitas vezes demasiado longe de sua necessidade em fazer pior. Sem dúvida existem outros meios pelos quais uma mulher, ao mesmo tempo sensível e feroz, possa acalmar suas fogosas paixões; mas são perigosos, Eugénie, e eu jamais ousaria te aconselhá-los... Oh, céus! O que é isso, meu caro anjo?... Vede, senhora, em que estado se encontra vossa aluna!...

EUGÉNIE, *masturbando-se*. - Ah, meu Deus! Vós me virais a cabeça... Eis o efeito de vossa conversa fodida!...

DOLMANCÉ - Socorro, senhora, socorro!... Vamos deixar essa bela criança gozar sem ajudá-la?...

SAINT-ANGE, *tomando-a nos braços*. - Seria muito injusto! Adorável criatura, nunca vi sensibilidade como a tua, nem cabeça tão deliciosa!...

DOLMANCÉ - Cuidai da frente, senhora; vou roçar com a língua seu lindo cuzinho e aplicar-lhe uns tapas de leve nas nádegas. Que ela esporre em nossas mãos desse modo ao menos sete ou oito vezes.

EUGÉNIE, *fora de si*. - Ah, porra! Isso não vai ser difícil!...

DOLMANCÉ - Na posição em que vos encontrais, senhoras, vejo que poderíeis, uma de cada vez, chupar meu pau; assim excitado, eu procederia com

muito mais energia nos prazeres de nossa encantadora aluna.

EUGÉNIE - Querida, disputo contigo a honra de chupar este belo pau!
(*Agarra-o.*)

DOLMANCÉ - Ah!... hum... que delícia! Que calor voluptuoso!... Mas, Eugénie, sabereis vos comportar na hora da crise?

SAINT-ANGE - Ela vai engolir... vai sim... respondo por ela. E se por criancice ou não sei o que... negligenciar os deveres exigidos pela lubricidade...

DOLMANCÉ, *muito animado.* - Não a perdoarei, senhora, não a perdoarei!... Terá um castigo exemplar... Juro que será açoitada... e até sangrar!... Ah, meu Deus! Estou gozando... minha porra corre!... Engole, Eugénie,... engole... não desperdices uma só gota!... E a senhora, cuidai do meu cu! Depressa!... ele se vos oferece... Não vedes como se entreabre, o meu cu fodido?... Não vedes como clama por vossos dedos?... Deus fodido! Meu êxtase é completo... entrou até o punho!... Descansemos um pouco... não posso mais... essa garota encantadora chupou-me como um anjo.

EUGÉNIE - Meu adorado e querido mestre! Não perdi uma única gota. Beijame, amor querido, tua porra está agora no fundo de minhas entranhas...

DOLMANCÉ - Ela é mesmo deliciosa... e como gozou a safadinha!...

SAINT-ANGE - Está encharcada!... Céus! O que ouço?... Batem à porta. Quem viria assim incomodar-nos?... Ah! É meu irmão... o imprudente!...

EUGÉNIE - Isso é traição, minha cara!

DOLMANCÉ - Extraordinário, não é? Não receeis nada, Eugénie, só trabalhamos para os vossos prazeres...

SAINT-ANGE - Ah, logo iremos convencê-la! Aproxima-te, meu irmão, e ri dessa mocinha que se esconde de ti.

* Ver as anedotas de Procópio.

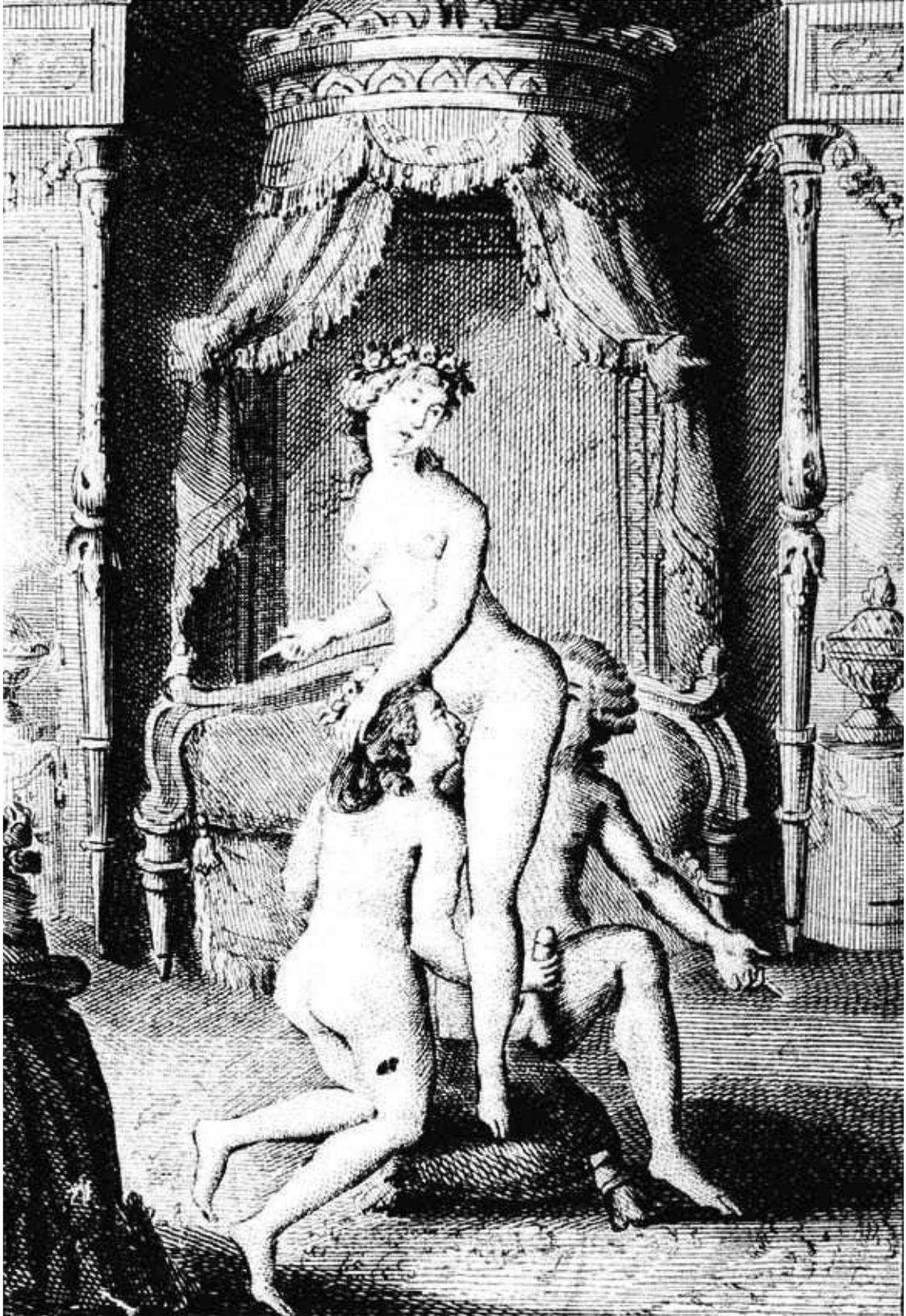
* Adão, como Noé, foi apenas um restaurador do gênero humano. Uma terrível desordem deixou Adão sozinho na terra, e algo parecido aconteceu a Noé; mas a tradição de Adão perdeu-se, enquanto a de Noé se conservou.

* Como este assunto será amplamente tratado mais tarde, contentamo-nos apenas em lançar aqui algumas bases do sistema que logo mais desenvolveremos.

* Ver Suetônio e Dion Cássio de Niceia.

** Ver *História de Zíngua, rainha de Angola*.

* Ver *História de Zíngua, rainha de Angola*, por um missionário.



QUARTO DIÁLOGO

*SENHORA DE SAINT-ANGE, EUGÉNIE, DOLMANCÉ,
CAVALEIRO DE MIRVEL*

CAVALEIRO - Bela Eugénie, conjuro-vos, não tenhais medo da minha discricção; ela é total... Aí estão minha irmã e meu amigo, e ambos podem responder por mim.

DOLMANCÉ - Só vejo um modo de acabar de vez com este cerimoniaal ridículo. Escuta, cavaleiro, estamos educando essa linda jovem, ensinando-lhe tudo o que uma donzela de sua idade deve saber, e, para instruí-la melhor, acrescentamos um pouco de prática à teoria. Vamos encenar agora um quadro onde haja um pau esportando. Estamos nesse ponto... Queres servir-nos de modelo?

CAVALEIRO - É uma proposta lisonjeira demais para ser recusada, e a nossa donzela possui atrativos que decidirão prontamente os efeitos da lição desejada.

SAINT-ANGE - Então vamos, mãos à obra!

EUGÉNIE - Oh, isso realmente é demais! A que ponto abusais de minha juventude!... e por quem este senhor irá me tomar?

CAVALEIRO - Por uma garota encantadora, Eugénie... pela mais adorável criatura que já vi na minha vida. (*Beija-a, escorregando as mãos por seu encantos.*) Oh, Deus! Que atrativos⁴⁶ frescos e delicados!... Como são encantadores!

DOLMANCÉ - Vamos falar menos e agir mais, cavaleiro... Dirigirei a cena, tenho esse direito. O objetivo é mostrar a Eugénie o mecanismo da ejaculação; mas como é difícil observar tal fenômeno a sangue-frio, nos colocaremos os quatro em frente e bem próximos um do outro. Masturbareis vossa amiga, senhora; eu cuidarei do cavaleiro. Quando se trata de punheta, um homem se entende com outro infinitamente melhor do que com uma mulher; como sabe o que lhe convém, sabe como proceder com o outro... Preparemo-nos então. (*Arranjam-se.*)

SAINT-ANGE - Não estamos muito perto um do outro?

DOLMANCÉ, *já agarrando o cavaleiro.* - Nunca estaremos o bastante, senhora. É preciso inundar os seios e o rosto de vossa amiga com as provas da virilidade de vosso irmão; ele deve esportar-lhe, por assim dizer, bem em cima

do nariz. Senhor da bomba, dirigirei os jatos de maneira que ela fique inteiramente coberta. Friccionai enquanto isso, cuidadosamente, todas as partes lubrificadas de seu corpo. Eugénie, entregai completamente a imaginação aos últimos desregramentos da libertinagem. Pensai que ides ver seus mais belos mistérios se operarem sob os olhos. Passai por cima de toda reserva: pudor nunca foi virtude. Se a natureza desejasse que cobríssemos algumas partes de nosso corpo, teria ela mesma tomado essa precaução; mas ela nos fez nus, pois nos quer assim em nossa conduta; todo procedimento contrário ultraja completamente suas leis. As crianças, sem possuir ainda nenhuma ideia do prazer, e, por conseguinte, da necessidade de torná-lo mais vivo pela modéstia, mostram tudo o que trazem. Por vezes também encontramos uma singularidade maior. Há países onde o pudor das vestimentas é costume, sem que nisso haja modéstia. No Taiti, as mulheres andam vestidas, e despem-se quando se exige.

SAINT-ANGE - O que gosto em Dolmancé é que ele não perde tempo. Enquanto discorre, vede como age, com que complacência examina o soberbo cu de meu irmão, como agita voluptuosamente o belo pau do rapaz!... Vamos, Eugénie, mãos à obra! Eis o tubo da bomba erguido, logo vai inundar-nos...

EUGÉNIE - Ah, minha cara amiga, que membro monstruoso!... Mal posso empunhá-lo... Oh, Deus! São todos grossos como este?

DOLMANCÉ - Como sabeis, Eugénie, o meu é bem inferior. Tais instrumentos são temíveis para uma garota; já pressentistes que esse não vos perfuraria sem perigo...

EUGÉNIE, *já masturbada pela senhora de Saint-Ange*. - Ah, eu desafiaria todos a me darem gozo!...

DOLMANCÉ - E teríeis razão. Uma garota jamais deve se assustar com essas coisas; a natureza ajuda, e a torrente de prazeres que irá cumulá-la reparará as pequenas dores que os precedem. Já vi garotas mais jovens suportarem paus maiores. Com coragem e paciência vencem-se os maiores obstáculos. É loucura imaginar que só se deve, tanto quanto possível, deflorar uma menina com paus pequenos. Minha opinião é que uma virgem, ao contrário, deva entregar-se aos maiores membros que puder encontrar, para que, mais cedo rompidos os ligamentos do hímen, as sensações de prazer possam nela se decidir mais prontamente. É verdade que, uma vez nesse regime, terá dificuldade em depois passar a um mais medíocre; mas sendo rica, jovem e bonita, encontrará desse tamanho sempre que desejar. Que se limite, pois, a eles; caso apareçam menores e tiver vontade de usá-los, que os enfie então no cu.

SAINT-ANGE - Sem dúvida. E para ser ainda mais feliz, que se sirva de um e

de outro ao mesmo tempo; que as voluptuosas mexidas daquele que a fode pela frente sirvam para precipitar o êxtase daquele que lhe entra pelo rabo; e, inundada na porra de ambos, lance também a sua, morrendo de prazer.

DOLMANCÉ, *observa que as masturbações continuam durante todo o diálogo.* - Parece-me que deveriam entrar dois ou mais paus no quadro que arrançais, senhora; a mulher que colocais em tal posição não poderia ter ainda um na boca e um em cada mão?

SAINT-ANGE - Poderia tê-los nas axilas e nos cabelos... e mais trinta à sua volta se possível. Em momentos assim, deveria possuir, tocar e devorar todos esses paus reunidos, sendo inundada por todos de uma vez enquanto ela própria esporra. Ah, Dolmancé, por mais puta que sejas, desafio-vos a ter me igualado nesses deliciosos combates de luxúria... Já fiz tudo o que é possível neste gênero.

EUGÉNIE, *sempre masturbada pela amiga, como o cavaleiro por Dolmancé.* - Ah, minha amiga... me fazes rodar a cabeça!... Como?... Então poderei entregar-me... a tantos homens assim?!... Que delícia!... Como me masturbas bem, querida!... És a própria deusa do prazer! E este belo pau... como cresce!... como sua majestosa cabeça incha e se avermelha!...

DOLMANCÉ - Está bem próximo do desfecho.

CAVALEIRO - Eugénie... minha irmã... aproximai-vos... Ah, que seios divinos! Que coxas macias e carnudas!... Vamos! Gozai... gozai ambas!... Minha porra vai juntar-se à vossa... ela jorra!... Ah, meu Deus!... *(Durante essa crise, Dolmancé tem o cuidado em dirigir os jatos do esperma de seu amigo sobre as duas mulheres, principalmente sobre Eugénie, que fica inundada.)*

EUGÉNIE - Que belo espetáculo!... Tão nobre e majestoso!... Estou enopada... Espirrou-me até nos olhos!...

SAINT-ANGE - Espera, minha amiga, deixa-me recolher pérolas tão preciosas... Vou esfregá-las no teu clitóris para que gozes mais rápido.

EUGÉNIE - Ah, sim... querida, sim... que ideia deliciosa... Faze isso e gozarei em teus braços!

SAINT-ANGE - Criança divina, beija-me mil vezes!... Deixa-me chupar-te a língua... respirar teu hálito voluptuoso abrasado pelo fogo do prazer!... Oh, porra! Estou gozando também!... Meu irmão, suplico-te, ajuda-me a acabar!...

DOLMANCÉ - Sim, cavaleiro... sim, masturba tua irmã.

CAVALEIRO - Prefiro fodê-la, ainda sinto tesão.

DOLMANCÉ - Então penetra-a apresentando-me teu cu; eu o foderei durante esse voluptuoso incesto. Servida deste consolo,⁴⁷ Eugénie virá enrabar-me.

Destinada a desempenhar um dia todos os diferentes papéis da luxúria, ela deve exercitar-se nas lições que lhe damos para cumprir todos com igual desenvoltura.

EUGÉNIE, *servindo-se de um consolo*. - Oh, com muito gosto! Jamais me vereis em falta quando se tratar de libertinagem; ela é agora meu único deus, a única regra da minha conduta, a única base de todas as minhas ações.

(*Enrabando Dolmancé*.) É assim, meu caro mestre?... Faço bem?...

DOLMANCÉ - Maravilhosamente!... Em verdade a pilantrinha enraba-me como um homem!... Bem, parece que nós quatro estamos perfeitamente ligados: agora é só ir em frente...

SAINT-ANGE - Ah!... vou morrer, cavaleiro!... É impossível acostumar-me aos deliciosos arrancos de teu belo pau!...

DOLMANCÉ - Oh, Deus! Como este cu encantador me dá prazer!... Ah, fodei! fodei! esporremos os quatro ao mesmo tempo!... Oh, três vezes Deus! Eu morro! expiro!... Ah, nunca esporrei com mais volúpia!... Perdeste o esperma, cavaleiro?

CAVALEIRO - Não vês esta boceta como está lambuzada?...

DOLMANCÉ - Ah, meu amigo, pena não estar assim meu cu!

SAINT-ANGE - Repousemos, estou morta...

DOLMANCÉ, *beijando Eugénie*. - Esta criança fodeu-me como um deus.

EUGÉNIE - Na verdade, tive muito prazer...

DOLMANCÉ - Todos os excessos o proporcionam quando se é libertino; e o melhor que uma mulher tem a fazer é multiplicá-los mesmo além do possível.

SAINT-ANGE - Depositei quinhentos luíses num tabelião para qualquer indivíduo ensinar-me uma paixão que eu ainda não conheça, e que possa mergulhar meus sentidos numa volúpia ainda não desfrutada.

DOLMANCÉ - *aqui os interlocutores, recompostos, tão somente conversam*. - Esta é uma ideia bizarra, e a comprarei. Mas duvido, senhora, que esse gosto singular que perseguis possa assemelhar-se aos pequenos prazeres que acabais de provar.

SAINT-ANGE - Como assim?

DOLMANCÉ - É que, palavra de honra, não conheço nada tão enfadonho quanto o gozo da boceta; e já tendo provado, como a senhora, os prazeres do cu, não posso conceber como ainda podeis retornar aos outros.

SAINT-ANGE - São velhos hábitos. Quando alguém pensa como eu, quer ser fodido em todo lugar; e qualquer que seja a parte que um membro perfure, fica sempre feliz por senti-lo dentro de si. Mas estou inteiramente de acordo com o vosso parecer, e atesto aqui a todas as mulheres voluptuosas que o prazer que

sentirão dando o cu ultrapassa de longe aquele que experimentam pela boceta. Que levem portanto em conta a palavra de uma mulher que na Europa mais praticou o sexo de um jeito ou de outro: certifico-lhes que não há a menor comparação, e que será muito difícil voltarem à frente quando tiverem passado pela experiência do traseiro.

CAVALEIRO - Não penso exatamente assim. Presto-me a tudo o que quiserem, mas, por gosto mesmo, só me agrada de verdade nas mulheres o altar que a natureza nos indicou para lhes prestar homenagem.

DOLMANCÉ - Ora, o altar é o cu! A natureza, meu caro cavaleiro, se perscrutares com cuidado suas leis, jamais indicou outro à nossa homenagem que não fosse o olho do traseiro; ela permite o resto, mas ordena este. Ah, por Deus! Se não tivesse a intenção de que fodêssemos cus, teria ajustado tão proporcionalmente seu orifício aos nossos membros? Seu orifício não é redondo como eles? Que ser tão inimigo do bom senso pode imaginar que um buraco oval possa ter sido criado pela natureza para membros redondos?! Leem-se suas intenções nessa disformidade. Com isso a natureza nos faz ver claramente que sacrifícios reiterados em demasia nesta parte da frente, multiplicando uma propagação que ela apenas tolera, infalivelmente a desagradaria. Mas continuemos a nossa educação. Eugénie acaba de considerar, totalmente à vontade, o mistério sublime de um esporro; gostaria que agora ela aprendesse a dirigir seus jatos.

SAINT-ANGE - Na fraqueza em que ambos se encontram seria um trabalho muito penoso.

DOLMANCÉ - Concordo; por isso é que seria bom dispor de algum moço bem robusto de vossa casa, ou de vossa chácara, para nos servir de modelo, e no qual pudéssemos demonstrar as lições.

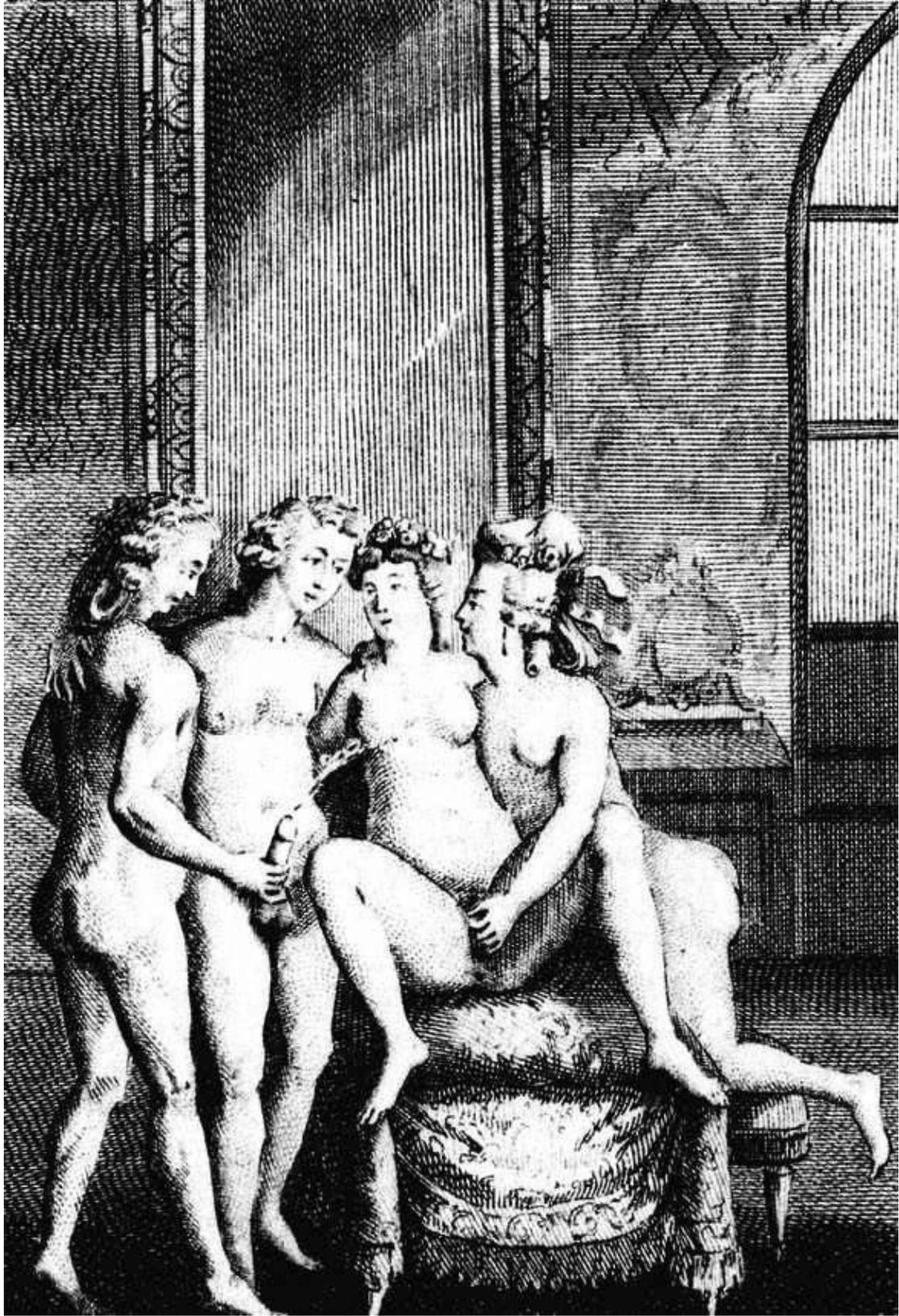
SAINT-ANGE - Tenho exatamente o que procurais.

DOLMANCÉ - Seria, por acaso, um jovem jardineiro de feições deliciosas, de dezoito ou vinte anos, que há pouco vi trabalhando em vossa horta?

SAINT-ANGE - Augustin? Sim, justamente, Augustin, cujo membro tem treze polegadas de comprimento por oito e meia de circunferência.⁴⁸

DOLMANCÉ - Céus! Que monstro!... e isso esporra?...

SAINT-ANGE - Oh, como uma torrente!... Vou buscá-lo.



QUINTO DIÁLOGO

*DOLMANCÉ, CAVALEIRO DE MIRVEL, AUGUSTIN,
EUGÉNIE, SENHORA DE SAINT-ANGE*

SAINT-ANGE, *trazendo Augustin*. - Eis o homem de que vos falei. Vamos, meus amigos, divirtamo-nos!... O que seria da vida sem o prazer?... Aproximate, pateta!... Oh, que idiota!... Acreditais que há seis meses tento educar esse porcalhão e não consigo?

AUGUSTIN - Palavra, senhora!... na verdade dissestes... às vezes... que eu tinha inté melhorado... e quando ia ter terreno pra cultivar, a senhora ia dar só pra mim.

DOLMANCÉ, *rindo*. - Ah, encantador!... encantador!... O caro amigo é tão franco quanto fresco... (*Mostrando Eugénie*.) Aí está, Augustin, um canteiro de flores que precisa ser cultivado; não cuidarias dele?

AUGUSTIN - Puxa vida, senhor... porções tão gentis não são para nós!...

DOLMANCÉ - Vamos, senhorita!

EUGÉNIE, *corando*. - Céus!... Estou tão envergonhada!

DOLMANCÉ - Ora, afastai de vós este sentimento pusilânime. Todos os nossos atos, sobretudo os de libertinagem, são inspirados pela natureza, e não há nenhum, seja de que espécie for, de que se possa envergonhar-se. Vamos, Eugénie, bancai a puta com esse jovem. Sabei que é uma dádiva da natureza uma moça provocar um rapaz, e que seu sexo só a celebra melhor quando se prostitui com o nosso. Sabei, em suma, que foi para serdes fodida que nascestes, e aquela que se recusa a essa intenção da natureza sobre ela não merece ver o dia!

Abaixai vós própria o calção desse moço até suas belas coxas, enrolai sua camisa sob a veste para que a parte da frente... e o traseiro, formosíssimo aliás, fiquem à vossa disposição... Uma das vossas mãos deve se apoderar desse enorme rolo de carne que, pelo que estou vendo, logo vos assustará com sua forma, e, a outra, deverá passear por suas nádegas e afagar o olho de seu cu... Sim, desse modo... (*Para mostrar a Eugénie como se faz, socratiza⁴⁹ Augustin ele mesmo*.)

Arregaçai a touca dessa cabeça vermelha, não a recobri enquanto agitardes, conservai-a nua... esticai o filete a ponto de rompê-lo... Pronto!... Percebeis o efeito de minhas lições?... E tu, meu filho, peço-te que não fiques assim com as mãos encolhidas!... Será que não existe nada aí com que se ocupar?... Acaricia

esses belos seios, essas lindas nádegas...

AUGUSTIN - Sim, senhor! Será que não posso beijar essa menina que me dá tanto prazer?

SAINT-ANGE - Ora, beija-a, imbecil!... Beija-a quanto quiseres; acaso não me beijas quando durmo contigo?

AUGUSTIN - Ah, puxa vida! que boca mais bonita!... que coisa fresca! Parece que meu nariz tá nas rosas de nosso jardim... (*Mostrando seu pau duro.*) Vede o efeito que fez, senhor!...

EUGÉNIE - Céus! Como cresce!...

DOLMANCÉ - Que seus movimentos se tornem agora mais regrados, mais enérgicos... Concedei-me vosso lugar um instante e olhai bem como faço. (*Masturbando Augustin.*) Vede como meus movimentos são mais firmes e ao mesmo tempo mais moles?... Vamos, retomai, e sobretudo não recobri a cabeça... Bom! Ei-lo em pleno vigor! Examinemos agora se realmente é maior que o do cavaleiro.

EUGÉNIE - Sem dúvida; vedes bem que mal posso empunhá-lo!

DOLMANCÉ *mede.* - Tendes razão, senhora: treze polegadas de comprimento por oito e meia de circunferência. O maior que já vi. É isso que chamamos de pau soberbo! E vos servi dele, senhora?

SAINT-ANGE - Sim, todas as noites quando estou nesta chácara.

DOLMANCÉ - No cu, espero!...

SAINT-ANGE - Com mais frequência que na xoxota.

DOLMANCÉ - Ah, meu Deus! Que libertinagem!... Com toda a honestidade, não sei se o aguentaria...

SAINT-ANGE - Não vos façais de apertado, Dolmancé! Entrará no vosso rabo como entra no meu.

DOLMANCÉ - Isso veremos. Deleito-me em pensar que nosso Augustin me fará a honra de lançar um pouco de porra no meu traseiro... o que farei questão de devolver. Mas continuemos a nossa lição... Bem, Eugénie, a serpente logo vai vomitar seu veneno. Preparai-vos; que os vossos olhos se fixem na cabeça desse membro sublime. E quando, como prova de sua ejaculação próxima, ele inflar-se em nuances da mais bela púrpura, que os vossos movimentos então adquiram toda a energia de que são capazes; que os dedos que acariciam o ânus mergulhem o mais fundo possível; entregai-vos completamente ao libertino que se diverte convosco; buscai sua boca para chupá-la; que os vossos atrativos voem, por assim dizer, ao encontro de suas mãos... Ele esporra, Eugénie, é o

momento de vosso triunfo!...

AUGUSTIN - Ai! Ai! Oh! senhorita, eu morro!... não posso mais!... mais forte, suplico-vos... Ah, Deus do céu! Não vejo mais nada!...

DOLMANCÉ - Mais rápido, Eugénie, mais rápido! Não o poupeis! Ele delira!... Ah!... que esperma abundante!... com que vigor se lança!... Vede as marcas do primeiro jato: espirrou além de dez pés... Deus fodido! O quarto transborda!... Jamais vi alguém esporrar assim!... E ainda fodeu-vos hoje, senhora?

SAINT-ANGE - Nove ou dez vezes, creio... Faz tempo que não contamos mais...

CAVALEIRO - Bela Eugénie, estais ensopada!

EUGÉNIE - Queria mesmo ser inundada... (*A Dolmancé.*) E então, mestre, satisfeito?

DOLMANCÉ - Muito bom para o começo; mas existem alguns episódios que foram negligenciados.

SAINT-ANGE - Um momento... o restante só virá como fruto da experiência. De minha parte, confesso estar muito satisfeita com minha Eugénie; ela anuncia as mais felizes disposições, e acho que devemos agora fazê-la desfrutar de outro espetáculo. Mostremo-lhe os efeitos de um pau no cu. Dolmancé, eu vos oferecerei o meu, ficando nos braços de meu irmão. Ele me penetrará pela frente, vós por trás. E é Eugénie que vai preparar o vosso pau, colocá-lo em meu cu, coordenar e estudar todos os movimentos, a fim de familiarizar-se com essa operação, que faremos em seguida ela própria experimentar ao pau enorme desse Hércules.

DOLMANCÉ - Isso me agrada; e esse pequeno e belo traseiro logo será rasgado sob nossos olhos pelos arrancos violentos do bravo Augustin. Por enquanto aprovo o que me propondes, senhora; mas se quereis que eu vos trate bem, permiti-me acrescentar uma cláusula: Augustin, a quem deixarei novamente de pau duro com dois movimentos, irá enrubar-me enquanto eu vos sodomizar.

SAINT-ANGE - Aprovo inteiramente tal arranjo; ganharei com ele: representará para a minha escolar duas excelentes lições em vez de uma.

DOLMANCÉ, *atacando Augustin.* - Vem, meu garotão, vou reanimar-te... Como é belo!... Beija-me, querido amigo... Continuas molhado de porra... e é porra que te peço... Ah, meu Deus! É preciso chupar-lhe o cu enquanto o masturbo!...

CAVALEIRO - Aproxima-te, minha irmã. Para cumprir os objetivos de

Dolmancé e os teus, estender-me-ei nesta cama; irás deitar em meus braços e expor para ele as tuas belas nádegas o mais afastadas possível... sim... está bem; podemos começar.

DOLMANCÉ - Ainda não, esperai... Devo primeiramente enrubar vossa irmã, pois Augustin já me ameaça; em seguida vou tornar-vos marido e mulher: meus dedos irão ligar-vos. Não devemos faltar com nenhum dos princípios: lembrem-nos de que uma escolar nos observa, e que é nosso dever dar-lhe lições exatas. Eugénie, vinde masturbar-me enquanto ergo o enorme membro deste sujeito malvado. Mantendes a ereção do meu pau esfregando-o levemente em vossas nádegas... (*Ela executa.*)

EUGÉNIE - Faço certo?

DOLMANCÉ - Há muita moleza em vossos movimentos; apertai mais forte o pau que agitais; se a masturbação só é agradável por comprimir mais que o gozo,⁵⁰ é necessário que a mão que aí coopera se torne para o membro que trabalha um local infinitamente mais estreito que qualquer outra parte do corpo... Assim está melhor!... Afastai um pouco mais as nádegas a fim de que a cada impulso a cabeça do meu pau toque o olho do vosso cu... Sim, assim mesmo!... Masturba tua irmã enquanto isso, cavaleiro; estaremos prontos para ti num minuto... Ah, bom! Eis meu homem de pau duro... Preparai-vos senhora; abri esse cu sublime a meu ardor impuro; guia o dardo, Eugénie; é tua mão que vai conduzi-lo à brecha; que ela o faça penetrar, e, assim que estiver dentro, agarrarás o de Augustin e com ele me fartarás as entranhas... São os deveres de uma noviça; há que instruir-te com tudo isso, eis porque insisto que o faças.

SAINT-ANGE - Minhas nádegas estão bem para ti, Dolmancé? Ah, meu anjo... se soubesses quanto te desejo... e há quanto tempo quero ser enrabada por um bugre!

DOLMANCÉ - Vossos desejos serão satisfeitos, senhora. Mas deixai-me demorar um instante aos pés do ídolo: devo reverenciá-lo antes de introduzir-me no fundo de seu santuário... Que cu divino!... Vou beijá-lo... e lambê-lo muitas e muitas vezes!... Toma!... eis o pau que desejas!... Sentes, devassa? Fala... fala!... sentes como penetra?...

SAINT-ANGE - Ah! penetra-me até o fundo das entranhas!... Ó doce volúpia, é esse então teu império?!...

DOLMANCÉ - Um cu como este jamais fodi na minha vida... é digno de Ganimedes!⁵¹ Vamos, Eugénie! Cuidai para que Augustin me enrabe imediatamente.

EUGÉNIE - Aqui o tendes. (*A Augustin.*) Então, belo anjo, vês o buraco que

deves penetrar?

AUGUSTIN - Ora se vejo, dama!... Tem muito espaço aí!... Entro nele mais fácil do que no vosso, senhorita; beija-me um pouco pra entrar melhor!...

EUGÉNIE, *beijando-o*. - Oh, o quanto quiseses... és tão fresco!... Empurra agora... Credo! A cabeça já sumiu!... e o resto não vai demorar...

DOLMANCÉ - Empurra! Empurra, meu amigo... Rasga-me se preciso... Sente como meu cu coopera... ufa! Meu Deus! Que cacete!... jamais levei tamanho... Quantas polegadas ficaram de fora, Eugénie?

EUGÉNIE - Apenas duas!

DOLMANCÉ - Guardo então onze no rabo!... Que delícia!... Vai arrebentar-me, não posso mais!... E tu, cavaleiro, estás pronto?...

CAVALEIRO - Segura e dize o que achas...

DOLMANCÉ - Vinde, meus filhos, vou casar-vos... Colaborarei ao máximo nesse incesto divino. (*Introduzindo o pau do cavaleiro na boceta de sua irmã.*)

SAINT-ANGE - Ah! meus amigos, sou fodida pelos dois lados!... Deus! Que prazer divino!... Não... não existe nada igual no mundo... Porra! Tenho pena da mulher que nunca o experimentou!... Ui! Ai! Mexe, Dolmancé, mexe...

Arremessa-me com a violência de teus solavancos contra o gládio de meu irmão... E tu, Eugénie, contempla-me. Vem me ver em pleno vício!... Vem aprender com meu exemplo a gozá-lo com furor, a saboreá-lo deliciosamente... Vê, meu amor... vê o que cometo ao mesmo tempo: escândalo, sedução, mau exemplo, incesto, adultério, sodomia!... Ó Lúcifer! Único deus da minha alma! Inspira-me algo mais... oferece-me novos desvios ao coração... e me verás mergulhar neles!...

DOLMANCÉ - Voluptuosa criatura! Como determinas minha porra... como lhe apressas a descarga com essa conversa e o calor extremo do teu cu!... Vais me fazer partir agora mesmo... Eugénie, reanima meu fodedor; comprime seus flancos, entreabre suas nádegas; agora já conheces a arte de reanimar desejos vacilantes... Tua simples presença dá energia ao pau que me fode... Estou sentindo... seus arrancos são cada vez mais vivos... Bandida! É preciso te ceder o que só quero para o meu cu... Cavaleiro!... estás quase... eu sinto... espera-me! Espera-nos! Ó meus amigos, não gozemos senão juntos: é a única felicidade da vida!...

SAINT-ANGE - Ah, porra, porra! Gozai quando quiserdes, que já não posso mais! Em nome de deus com que me fodo!... Sagrado bugre de deus! Estou gozando!... Inundai, meus amigos... inundai vossa puta!... Lançai as ondas de vossa porra espu-

mante até o fundo da minha alma abrasada: ela só existe para recebê-las!... Ui! Oh! Ah! porra!... que excesso incrível de volúpia!... Eu morro!... Vou beijar-te, Eugénie, vou comer-te, devorar tua porra enquanto perco a minha!... (*Augustin, Dolmancé e o cavaleiro fazem coro; o medo de nos tornarmos monótonos nos impede de transcrever expressões que, nesses momentos, se assemelham entre si.*)

DOLMANCÉ - Eis um dos bons prazeres que já tive na vida... (*Mostrando Augustin.*) Este bugre encheu-me de esperma!... Mas também recebestes o meu, senhora...

SAINT-ANGE - Nem me faleis!... Estou ensopada.

EUGÉNIE - Ai! O mesmo não posso dizer de mim... (*Atirando-se com gracejos aos braços da senhora de Saint-Ange.*) Dizes ter cometido muitos pecados, minha amiga; mas, por mim, graças a Deus, nenhum. Ah, se só como a fumaça do pão, ao menos não vou ter indigestão.

SAINT-ANGE, *rindo a valer.* - Que criatura adorável!

DOLMANCÉ - Simplesmente encantadora!... Vinde a mim, mocinha, preciso açoitar-vos. (*Dando-lhe um tapa na bunda.*) Beijai-me, logo será vossa vez.

SAINT-ANGE - Doravante só cuidaremos dela, meu irmão, leva isso em conta. A presa é tua: examina a virgindade fascinante que logo vai pertencer-te.

EUGÉNIE - Oh, não!... pela frente não! Isso me faria muito mal... Mas, por trás, o quanto quiseses, como Dolmancé me fez ainda há pouco...

SAINT-ANGE - Que garota ingênua e deliciosa! Ela pede justamente aquilo que é tão difícil obter das outras!...

EUGÉNIE - Oh! Não sem algum remorso; pois não me tranquilizastes a respeito desse crime enorme que eu sempre soube haver nisso, sobretudo de homem com homem, como aconteceu agora entre Dolmancé e Augustin. Vejamos, senhor, vejamos como a vossa filosofia explica essa espécie de delito. Ele é horrível, não é?

DOLMANCÉ - Parti deste ponto, Eugénie; não há nada horrível em libertinagem porque o que ela inspira também se encontra na natureza. As ações mais extraordinárias e bizarras, as que com mais evidência parecem chocar a todas as leis, todas as instituições humanas (pois o céu nem menciono); não, Eugénie, nem mesmo essas são horríveis, e não há nem uma sequer que não possa ser demonstrada na natureza. É certo que essa de que me falais, bela Eugénie, é relativamente a mesma da qual há uma fábula tão singular no pobre romance da Santa Escritura, fastidiosa compilação de um judeu ignorante no cativo da Babilônia. Mas, apesar de toda verossimilhança, é falso que estas

idades, ou melhor, aldeolas, tenham perecido ao fogo como punição por tais desvios. Erguidas em crateras de antigos vulcões, Sodoma e Gomorra pereceram como as cidades da Itália, engolidas pelas lavas do Vesúvio. Eis todo o milagre! No entanto partiram desse evento tão simples para inventar barbaramente o suplício do fogo contra os infelizes humanos que se entregavam, numa parte da Europa, a essa fantasia natural.

EUGÉNIE - Oh, natural...

DOLMANCÉ - Sim, natural, asseguro: a natureza não tem duas vozes, em que uma cumpre diariamente a tarefa de condenar o que a outra inspira; é bem certo ser somente de seu órgão que os homens afeiçoados a esta mania recebem as impressões que os levam a ela. Os que querem proscrever ou condenar este gosto acham que ele prejudica a reprodução. Como são insípidos os imbecis que só têm esta ideia de população na cabeça e veem crime em tudo o que dela se afasta! Acaso já se demonstrou que a natureza necessita tanto dessa reprodução como eles gostariam de nos fazer crer? Será realmente certo que a ultrajamos cada vez que nos afastamos dessa estúpida procriação? Para nos convenceremos disso, investiguemos um instante suas leis e sua marcha. Se a natureza só criasse e jamais destruísse, eu poderia crer, como esses fastidiosos sofistas, que o mais sublime de todos os atos seria trabalhar incessantemente naquilo que produz, e, em consequência disso, estaria de acordo com eles de que a recusa em produzir deveria necessariamente ser um crime. Um simples olhar de relance sobre as operações da natureza não prova que as destruições são tão necessárias a seus planos quanto as criações? Que estas operações se ligam e se encadeiam tão intimamente que é impossível uma agir sem a outra? Que nada poderá nascer ou regenerar-se sem destruição? Logo, a destruição é uma das leis da natureza, tanto como a criação.

Admitindo tal princípio, como posso ofender a natureza recusando-me a criar? Assim, supondo haver algum mal nessa ação, ele sem dúvida seria infinitamente menor que o de destruir, que, no entanto, se encontra nessas leis como acabo de demonstrar. Se, pois, de um lado, admito a inclinação que a natureza me deu para essa perda, e, se de outro, vejo que ela lhe é necessária e que não faço outra coisa senão participar de suas intenções entregando-me a ela, pergunto-vos onde está o crime? Mas, vos contrapõe ainda os imbecis e os populadores, que, aliás, são sinônimos: este esperma produtivo não poderia ser colocado em seus rins para outro fim que não o da propagação; é uma ofensa desviá-lo disso. Em primeiro lugar, acabo de provar o contrário, já que essa perda não se equivaleria nem mesmo a uma destruição, e que a destruição, bem mais importante do que a

perda, não seria ela própria um crime. Em segundo, é falso que a natureza queira que este licor espermático seja absoluta e inteiramente destinado a produzir. Se assim fosse, não somente ela não permitiria que esse escoamento ocorresse em qualquer outro caso, como a experiência comprova, já que o perdemos quando e onde queremos, como ela também se oporia a que essas perdas ocorressem sem coito, o que acontece em nossos sonhos e lembranças. Avara de um licor tão precioso, só permitiria seu escoamento no vaso da propagação; ela certamente não iria querer que essa volúpia com que nos coroa pudesse ser sentida quando desviamos a homenagem, pois não seria razoável supor que ela consentisse em nos dar prazer mesmo no momento em que a cobríssemos de ultrajes. Indo mais longe: se as mulheres nascessem apenas para procriar, o que certamente aconteceria se esta produção fosse tão cara à natureza, seria possível, com os devidos descontos, que na vida mais longa de uma mulher, ela só estivesse apta a dar vida a seu semelhante durante sete anos? Ora, a natureza é ávida de propagação; tudo o que não tende a este fim ofende-a, e em cem anos de vida o sexo destinado a produzir só poderá fazê-lo durante sete anos! A natureza só quer propagações, e a semente que ela empresta ao homem para servir essas propagações se perde quando bem agrada ao homem! Ele encontra tanto prazer nesta perda quanto no emprego útil da semente, e sem o menor inconveniente!...

Deixemos, meus amigos, deixemos de crer em tais absurdos; eles fazem tremer o bom senso. Ah, longe de ultrajar a natureza, persuadamo-nos bem de que, pelo contrário, o sodomita e a tríbade servem-na quando decididamente se recusam a uma conjunção que só faz resultar uma progenitura fastidiosa para ela. Esta propagação, não nos enganemos, nunca foi uma de suas leis, mas, no máximo, uma tolerância; já vos disse. O que importa para a natureza se a raça humana se extinguir ou se aniquilar sobre a terra! Ela ri de nosso orgulho, como que para persuadir-nos de que tudo se acabaria se esta desgraça ocorresse; mas sequer perceberia isso. Será que já não há raças extintas? Buffon enumera várias, e a natureza, muda diante uma perda tão preciosa, parece nem se dar conta. A espécie inteira poderia se aniquilar, e nem por isso o ar seria menos puro, o astro menos brilhante e a marcha do universo menos exata. Entretanto, quanta imbecilidade seria necessária para acreditar que nossa espécie seja de tal forma útil ao mundo que aquele que não trabalhasse para propagá-la ou perturbar esta propagação se tornaria necessariamente um criminoso! Deixemos de nos cegar a esse ponto, e que o exemplo de povos mais razoáveis que o nosso sirva para nos persuadir de nossos erros. Não há um só canto sobre a Terra em que esse pretense crime de sodomia não tenha tido templos e sectários. Os gregos, que,

por assim dizer, faziam dele uma virtude, erigiram-lhe uma estátua sob o nome de Vênus Calipígia. Roma foi buscar leis em Atenas e trouxe de lá esse gosto divino.

Quanto progresso não o vemos fazer junto aos imperadores! Ao abrigo das águias romanas, ele se espalha de um canto a outro da Terra. Com a destruição do império, refugia-se junto à tiara, segue as artes na Itália, e nos alcança quando nos civilizamos. Descubramos um hemisfério, encontraremos nele a sodomia. Cook ancora num novo mundo: ela reina nele. Se nossos balões tivessem chegado na Lua, ela igualmente lá estaria. Gosto delicioso, filho da natureza e do prazer, deveis estar em toda parte onde se encontrem homens, e, onde quer que estiverdes, vos elevarão altares! Ó meus amigos! Pode haver uma extravagância igual a esta de conceber o homem como um monstro digno de perder a vida, porque preferiu em seu gozo o buraco de um cu ao de uma boceta; porque um jovem que lhe proporciona dois prazeres, o de ser amante e puta ao mesmo tempo, lhe pareceu melhor ao de uma mulher que só lhe promete um gozo! Ele então é um celerado, um monstro, por querer viver o papel de um sexo que não é o seu? Ora, por que a natureza o fez sensível a este prazer?

Examinai sua conformação e podereis observar uma total diferença em relação aos homens que não foram favorecidos com este gosto: suas nádegas são mais brancas e carnudas; nenhum pelo sombreia o altar do prazer, cujo interior, revestido de uma membrana mais delicada, mais sensual, mais acariciante, é, positivamente, do mesmo gênero que o interior da vagina de uma mulher. Também o caráter deste homem difere dos outros: tem mais moleza, mais flexibilidade; reconhecereis nele quase todos os vícios e virtudes das mulheres, podereis até constatar suas fraquezas. Todos têm as mesmas manias que elas e alguns inclusive conservam seus traços. Logo, será possível que a natureza, assimilando-os desta maneira às mulheres, possa irritar-se só porque eles têm seus gostos? Não é claro que constituem uma classe diferente de homens e que a natureza os criou assim para diminuir a propagação, cuja extensão demasiada a prejudicaria infalivelmente?... Ah, cara Eugénie, se soubésseis como gozamos deliciosamente quando um pau grosso nos enche o traseiro... Quando, enterrado até os colhões, ele se agita com ardor... e, retirado até o prepúcio, volta a mergulhar até os pelos!? Não, não há no mundo inteiro um gozo igual a este. É o gozo dos filósofos e o dos heróis, e seria o dos deuses, se as partes desse gozo divino não fossem elas próprias os únicos deuses que devemos adorar na terra!...*

EUGÉNIE, *muito animada*. - Oh, meus amigos, enrabai-me!... Tomai, eis aqui

minha bunda... é vossa!... Fodei-me, vou gozar!... *(Pronunciando tais palavras, ela cai nos braços da senhora de Saint-Ange, que a aperta nos braços e beija-a, oferecendo a Dolmancé as ancas erguidas da moça.)*

SAINT-ANGE - Divino mestre, resistireis a tal proposta? Este sublime traseiro não vos tenta? Vede como ele se mexe, como se entreabre!

DOLMANCÉ - Peço-vos perdão, bela Eugénie, mas não serei eu, se permitirdes, que irá apagar o fogo que acendo. Querida criança, tendes a meus olhos o grave defeito de ser mulher. Gostaria muito de esquecer toda prevenção para poder colher vossas primícias, mas permiti-me ficar só nisso; o cavaleiro se encarregará do serviço. Sua irmã, armada desse consolo, vai desferir no cu de seu irmão os golpes mais terríveis, e ao mesmo tempo apresentar seu belo traseiro a Augustin, que a enrabará, e ao qual eu mesmo foderei durante a operação; pois não vos escondo que o cu desse belo rapaz está me tentando há uma hora, e quero absolutamente lhe retribuir o que ele me fez.

EUGÉNIE - Aceito a troca; mas, na verdade, Dolmancé, a franqueza da vossa confissão não eliminou a impolidez.

DOLMANCÉ - Mil perdões, senhorita; mas nós, os bugres, só nos excitamos com a franqueza e a exatidão de nossos princípios.

SAINT-ANGE - Entretanto, não têm reputação de franqueza aqueles que, como vós, só estão acostumados a pegar as pessoas por trás.

DOLMANCÉ - Um pouco traidor sim, um pouco falso... crede? Pois bem, senhora, já vos demonstrei que este caráter é indispensável na sociedade. Condenados a viver com pessoas que têm o maior interesse em esconder-se aos nossos olhos, em ocultar os próprios vícios para só nos oferecer virtudes que jamais incensaram, correríamos o maior risco se só lhes mostrássemos nossa franqueza; pois, é claro, desta forma, lhes daríamos vantagens sobre nós que eles nos recusam, e nossa estupidez ficaria manifesta. A dissimulação e a hipocrisia são necessidades que a sociedade nos impõe; aceitemo-las. Permita-me, senhora, oferecer um instante a mim mesmo como exemplo: seguramente não há no mundo ser mais corrompido; pois bem, meus contemporâneos estão enganados; perguntai-lhes o que pensam de mim, e dirão que sou um homem honesto, ao passo que não existe um único crime que eu não tenha feito para minhas próprias delícias!

SAINT-ANGE - Oh, não ireis me persuadir agora que cometestes crimes atrozés!

DOLMANCÉ - Atrozés?... Na verdade, senhora, eu fiz horrores!

SAINT-ANGE - Certo, sois como o tal que disse ao confessor: “é inútil

entrarmos em detalhes, senhor; com exceção do roubo e do assassinato, podereis estar certo de que tudo mais eu já fiz!”

DOLMANCÉ - Sim, senhora, eu diria a mesma coisa, incluindo a exceção.

SAINT-ANGE - O quê? Libertino, vos permitistes a...

DOLMANCÉ - Tudo, senhora, tudo... Com o meu temperamento e meus princípios, pode-se recusar alguma coisa?

SAINT-ANGE - Ah, vamos foder! Foder!... com essa conversa toda, não me contenho mais; retomaremos isso depois, Dolmancé. Mas para acrescentar um pouco de fé às vossas confissões, só me permitirei ouvi-las *de cabeça fria*. Quando estais de pau duro, gostais de dizer horrores e, provavelmente, nos faria tomar aqui, por verdades, os prestígios libertinos de vossa imaginação inflamada. (*Arranjam-se.*)

DOLMANCÉ - Espera, cavaleiro, espera... Eu mesmo vou introduzi-lo; mas, antes, peço a bela Eugénie perdoar-me... é preciso que me permita açoitá-la para ficar estimulada. (*Açoita-a.*)

EUGÉNIE - Respondo que esta cerimônia é inútil... Dizei-me, Dolmancé, se não é para satisfazer vossa luxúria? Fazei-o, mas, peço-vos não fingir que o fazeis por mim...

DOLMANCÉ, *chicoteando sempre*. - Ah, logo mais ireis me dizer novidades a esse respeito!... Não conheceis o império dessa preliminar... Vamos, vamos, sacaninha, sereis fustigada!

EUGÉNIE - Oh, céus! Como ele faz!... minhas nádegas estão em chamas!... Na verdade, estais me machucando!...

SAINT-ANGE - Vou vingar-te, minha amiga, darei nele também. (*Chicoteia Dolmancé.*)

DOLMANCÉ - Oh, de todo o coração, só peço uma graça a Eugénie: gostar de ser chicoteada tão forte quanto desejo sê-lo eu mesmo. Vede como ajo conforme a lei da natureza. Mas, esperai, arranjem os dois; quero Eugénie montada em vossos flancos, senhora; que ela se agarre ao vosso pescoço como essas mães que carregam os filhos nas costas; terei assim dois cus ao meu alcance e os esfolarei juntos. O cavaleiro e Augustin farão o mesmo, batendo os dois de uma vez em minha bunda... Sim... isso... Ah, é isso!... Que delícia!...

SAINT-ANGE - Não poupeis essa putinha, por favor; como não vos peço nenhuma graça, não quero que concedeis a ela tão pouco.

EUGÉNIE - Ai! Ai! Ai!... Na verdade... creio... que meu sangue corre.

SAINT-ANGE - Embelezará tuas nádegas, colorindo-as... Coragem, meu anjo, coragem; lembra-te de que é através das penas que se chega sempre aos prazeres.

EUGÉNIE - Na verdade, já não aguento mais isso...

DOLMANCÉ *pára um pouco para contemplar sua obra; depois prossegue.* - Só mais sessenta, Eugénie... sim, sessenta em cada nádega!... Ah, sacanas! Como tereis prazer em foder agora!... *(A postura se desfaz.)*

SAINT-ANGE, *examinando a bunda de Eugénie.* - Ah, pobrezinha, seu traseiro está sangrando!... Criminoso! Como podes ter prazer em beijar assim os vestígios de tua crueldade?

DOLMANCÉ, *masturbando-se.* - Sim, e não escondo que meus beijos seriam mais ardentes se os vestígios fossem ainda mais cruéis.

EUGÉNIE - Oh, sois um monstro!

DOLMANCÉ - Sei disso.

CAVALEIRO - Bem, ao menos ele possui boa-fé...

DOLMANCÉ - Agora sodomiza-a, cavaleiro.

CAVALEIRO - Segura suas ancas que em três arrancos meu pau estará dentro.

EUGÉNIE - Cruzes! É bem mais grosso que o de Dolmancé!... Cavaleiro, dilacerai-me! Poupai-me, por favor!...

CAVALEIRO - Impossível, meu anjo. Devo ir até o fim... Lembrai que estou sob a mira do mestre: tenho de ser digno de suas lições.

DOLMANCÉ - Entrou!... Ah, como adoro prodigiosamente ver os pelos de um pau roçando as bordas de um ânus... Vamos, senhora, enrabai vosso irmão... Eis o pau de Augustin pronto para penetrar-vos... e garanto que não pouparei vosso fodedor... Ah, bom! Parece que o rosário está formado; pensemos agora somente em gozar!...

SAINT-ANGE - Examinai essa putinha, como se requebra...

EUGÉNIE - Tenho culpa? Morro de prazer!... Esta fustigação... este pau imenso... e este amável cavaleiro que me masturba o tempo todo!... Ah, minha amiga... minha amiga... não aguento mais!...

SAINT-ANGE - Deus do céu! Também me rendo!... estou gozando!...

DOLMANCÉ - Um pouco mais de conjunto, amigos... concedei-me dois minutos e vos alcançarei... partiremos então todos juntos!...

CAVALEIRO - Tarde demais... Minha porra corre no cu da bela Eugénie... Eu morro!... Ah, sagrado nome de deus! Que prazer!...

DOLMANCÉ - Eu vos sigo, amigos, eu vos sigo... Oh, a porra também me cega!...

AUGUSTIN - E eu então!... e eu então!...

SAINT-ANGE - Que cena!... esse bugre me encheu o cu!...

CAVALEIRO - Ao bidê, senhoras... ao bidê!...

SAINT-ANGE - Não, na verdade gosto disso. Gosto de sentir a porra no meu cu, jamais a retiro quando a tenho.

EUGÉNIE - Na verdade, já não posso mais... Dizei-me agora, meus amigos, se uma mulher deve aceitar sempre propostas para ser fodida assim...

SAINT-ANGE - Sempre, minha cara, sempre, e deve fazer mais ainda; como esta maneira de foder é deliciosa, deve exigi-la daqueles de quem se serve. Mas se depende daquele com quem se diverte, se espera obter favores dele, presentes ou graças, que se valorize, que finja estar necessitada; não há homem com esse gosto que, em semelhante caso, não se arruine por uma mulher suficientemente hábil para não recusá-lo, com o desígnio de inflamá-lo ainda mais. Ela conseguirá tudo o que quiser se dominar a arte de só conceder oportunamente o que lhe pedem.

DOLMANCÉ - Então, anjinho, converteu-te? Ainda crês que a sodomia é um crime?

EUGÉNIE - E mesmo que fosse, o que me importa? Não me demonstrastes que os crimes são o mesmo que nada? Poucas ações agora são criminosas aos meus olhos.

DOLMANCÉ - Não há crime em nada, minha filha, em coisa alguma deste mundo. A mais monstruosa das ações não tem sempre um lado que nos favorece?

EUGÉNIE - Quem duvida disso?

DOLMANCÉ - Pois bem. Sendo assim, ela deixa de ser um crime. Se o que é útil a um fosse crime por prejudicar a outro, seria preciso demonstrar que o ser lesado é mais precioso à natureza que o ser favorecido. Ora, se todos os indivíduos são iguais a seus olhos, tal predileção é impossível. Logo, uma ação que favoreça alguém, ainda que prejudique outro, é perfeitamente indiferente para a natureza.

EUGÉNIE - Mas se a ação prejudicasse uma maioria de indivíduos, e nos proporcionasse apenas uma leve dose de prazer, não seria horrível se entregar a ela?

DOLMANCÉ - De modo nenhum. Não se pode comparar o que os outros sentem ao que nós sentimos. A mais forte dose de dor nos outros deve ser absolutamente nula para nós, ao passo que a mais leve cócega de prazer que sentimos nos toca. Logo, devemos, a qualquer preço, preferir esta leve cócega que nos deleita à imensa soma das desgraças alheias que não poderia nos atingir. Mas, se, pelo contrário, ocorrer que a singularidade de nossos órgãos, uma construção bizarra, nos torne agradável as dores do próximo, como aliás costuma

acontecer, quem então duvidará que devamos incontestavelmente preferir essa dor alheia, que nos diverte, à ausência de uma dor que seria uma privação para nós? A fonte de todos os nossos erros em moral vem da admissão ridícula desse fio de fraternidade inventado pelos cristãos em seu século de infortúnio e de angústia. Obrigados a mendigar a piedade dos outros, não foi inábil estabelecer que todos eram irmãos. Como negar socorro após uma tal hipótese? Mas é impossível admitir essa doutrina. Não nascemos todos isolados? Digo mais: todos inimigos uns dos outros, num estado de guerra perpétuo e recíproco? Ora, pergunto-vos se isto aconteceria na suposição de que as virtudes exigidas por esse pretenso fio de fraternidade realmente existissem na natureza. Se sua voz as inspirassem aos homens, eles as conheceriam desde o nascimento; então a piedade, a beneficência, a humanidade seriam virtudes naturais, das quais seria impossível defender-se, e que tornariam este estado primitivo do homem selvagem totalmente contrário ao que vemos dele.

EUGÉNIE - Mas, se, como dizes, a natureza faz nascer homens isolados, independentes uns dos outros, ao menos deveis concordar que as necessidades, ao aproximá-los, devem ter necessariamente estabelecido certas ligações entre eles como as ligações do sangue, nascidas de sua aliança recíproca, as do amor, da amizade, do reconhecimento. Tendes respeito, espero, ao menos por estas... Ou não?

DOLMANCÉ - Na verdade, não mais do que pelas outras. Mas analisemos, Eugénie, insisto, num olhar de relance, as particularidades de cada uma. Diríeis, por exemplo, que a necessidade de me casar, para ver prolongar minha raça ou fazer fortuna, deve estabelecer laços indissolúveis ou sagrados com o objeto ao qual me alio? Não seria, vos pergunto, um absurdo sustentar isso? Enquanto dura o ato do coito, eu sem dúvida necessito desse objeto para que possa participar dele; mas, tão logo ele é satisfeito, o que resta, dizei-me, entre mim e o tal objeto? Que obrigação real ligará a ele ou a mim os resultados desse coito? Estes últimos laços são frutos do temor dos pais de serem abandonados na velhice, e os cuidados interesseiros que nos dispensam durante a infância são apenas para merecer depois, na derradeira idade, as mesmas atenções. Não nos deixemos enganar com tudo isso: nada devemos a nossos pais... nem a coisa mais insignificante, Eugénie. E como trabalharam muito mais para eles do que para nós, temos o direito de odiá-los, e de nos desfazer deles, inclusive, se seu procedimento nos irrita. Só devemos amá-los se agirem bem conosco; mas essa ternura não deve ultrapassar nem um grau sequer a que temos para com outros amigos porque os direitos de nascimento nada estabelecem, nada fundamentam.

Sondando-os com sabedoria e reflexão, com certeza só encontraremos mais razões para odiar aqueles que, só pensando em seus prazeres, frequentemente nos proporcionaram uma existência infeliz ou malsã.

Falai-me dos laços de amor, Eugénie; que jamais venhais a conhecê-los! Ah, que um sentimento como esse, pelo bem que vos desejo, jamais se aproxime de vosso coração! O que é o amor? Só podemos considerá-lo, creio, como o efeito que nos causam as qualidades de um belo objeto. Estes efeitos nos transportam, nos inflamam. Se possuímos este objeto, ficamos contentes; mas se nos é impossível tê-lo, nos desesperamos. Qual a base deste sentimento?... o desejo. Quais as suas conseqüências?... a loucura. Atenhamo-nos, pois, ao motivo, e garantiremos os efeitos. O motivo é possuir o objeto? Ora, tentemos então consegui-lo, mas com sabedoria; gozemos dele, assim que o tivermos; consolemo-nos em caso contrário: mil outros objetos semelhantes, e quase sempre melhores, consolar-nos-ão da perda deste. Todos os homens e mulheres se parecem: não há amor que resista aos efeitos de uma reflexão sadia. Oh, que embriaguez enganosa essa que, nos absorvendo o resultado dos sentidos, coloca-nos em tal estado que não mais enxergamos e só passamos a existir para esse objeto loucamente adorado! Isso é viver? Não é antes se privar voluntariosamente de todas as doçuras da vida? Não é querer ficar numa febre ardente que nos absorve e devora sem nos proporcionar outra felicidade além dos gozos metafísicos, tão semelhantes aos efeitos da loucura? Se devêssemos amar sempre este objeto adorável, se fosse certo que nunca viéssemos a abandoná-lo, já seria sem dúvida uma extravagância, mas ao menos desculpável. Mas é isso que acontece? Acaso temos muitos exemplos dessas ligações eternas que jamais são desmentidas? Alguns meses de gozo, que recolocam depressa o objeto em seu verdadeiro lugar, fazem-nos corar pelo incenso queimado em seus altares, e muitas vezes chegamos a nem mesmo conceber como ele pode nos seduzir a tal ponto.

Oh, moças voluptuosas, entregai vossos corpos o mais que puderdes! Fodei, diverti-vos, eis o essencial. Mas fugi cuidadosamente do amor. Nele, só há de bom o físico, dizia o naturalista Buffon; e não era apenas sobre isso que refletia como bom filósofo. Diverti-vos, repito; mas não ameis em hipótese nenhuma. Não vos embarceis mais com isso; não é se extenuando em lamentos, suspiros, olhares ternos e bilhetes doces que se deve agir, mas fodendo, multiplicando e trocando sempre os fodedores, e sobretudo opondo-vos firmemente a que um único queira escravizar-vos; pois, o fim desse amor constante seria, ligando-vos a ele, o de impedir-vos de entregar-vos a um outro, egoísmo cruel, fatal aos

vossos prazeres. As mulheres não foram feitas para um único homem: a natureza as criou para todos. Ouvindo apenas esta voz sagrada, elas devem entregar-se indiferentemente a todos aqueles que as quiserem: putas sempre, jamais amantes. Fugindo ao amor, adorando o prazer, só colherão rosas na carreira da vida, e só flores irão nos prodigalizar! Perguntai, Eugénie, perguntai à encantadora mulher, que tão bem se encarrega de vos educar, o que se deve fazer com um homem quando já se gozou dele? (*Falando baixo para Augustin não ouvir.*) Perguntai a ela se moveria uma palha para conservar este Augustin que hoje faz suas delícias? Na hipótese de alguém levá-lo embora, ela pegaria outro, não pensando mais nele e, logo que estivesse cansada do novo, ela própria o imolaria em dois meses, se novos prazeres pudessem nascer desse sacrifício.

SAINT-ANGE - Que minha querida Eugénie fique bem certa que Dolmancé lhe explica aqui meu coração, e o de todas as mulheres, como se lhe abrissemos os recônditos.

DOLMANCÉ - A última parte de minha análise refere-se aos laços da amizade e do reconhecimento. Respeitemos os primeiros, concordo, enquanto nos são úteis; conservemos nossos amigos enquanto nos servem; esqueçamo-los desde que não possamos tirar deles mais nada. Só devemos amar as pessoas por nossa própria causa; amá-las por elas mesmas é um ledó engano. Nunca foi próprio da natureza inspirar aos homens outros movimentos, outros sentimentos, senão aqueles que lhe servem para alguma coisa; nada é tão egoísta quanto a natureza; sejamo-lo nós também se quisermos cumprir suas leis. Quanto ao reconhecimento, Eugénie, é provavelmente o mais frágil de todos os elos. Será mesmo por nós que os homens nos favorecem? Não acrediteis nisso, minha cara; é por ostentação, por orgulho. Não é, pois, humilhante, tornarmo-nos o brinquedo do amor próprio dos outros? Não o será ainda mais se somos obrigados? Nada pesa tanto quanto um favor recebido. Não há meio-termo; ou o retribuímos, ou seremos aviltados por ele. Almas orgulhosas sofrem com o peso do benefício; é tanta a violência com que pesa sobre elas, que o único sentimento que exalam é o de ódio ao seu benfeitor. Quais são, portanto, em vossa opinião, os laços que compensam o isolamento em que a natureza nos criou? Quais são aqueles que devem estabelecer as relações entre os homens? Por que razão iremos amá-los, acariciá-los e preferi-los a nós mesmos? Com que direito aliviaremos seus infortúnios? Onde estão agora em nossas almas o berço de vossas belas e inúteis virtudes da beneficência, da humanidade, da caridade, indicadas no código absurdo de algumas religiões imbecis, que, pregadas por impostores ou mendigos, tiveram necessaria-

mente de aconselhar o que podia sustentá-los ou tolerá-los? Então, Eugénie, ainda admitis alguma coisa sagrada entre os homens? Imaginais algum motivo para não nos preferirmos sempre a eles?

EUGÉNIE - Estas lições que meu coração pressente⁵² deleitam-me demais para que meu espírito as recuse.

SAINT-ANGE - Elas estão na natureza, Eugénie; teu consentimento é o bastante para comprová-las. Tendo acabado de brotar em teu seio, como aquilo que sentes poderia ser fruto da corrupção?

EUGÉNIE - Mas se todos os erros que preconizais estão na natureza, por que as leis se opõem a eles?

DOLMANCÉ - Porque as leis não são feitas para o particular, mas para o geral, o que as coloca em contradição perpétua com o interesse pessoal, já que o interesse pessoal sempre se opõe ao geral. Mas as leis, boas para a sociedade, são péssimas para os indivíduos que as compõem; pois, a cada vez que os protegem ou os garantem, elas os oprimem e os escravizam três quartos de sua vida. Também o homem sensato, que tanto as despreza, tolera-as, como faz com as serpentes e víboras, que, embora firam ou envenenem, servem de vez em quando à medicina. Ele se defenderá das leis, como se defende dos animais peçonhentos; ele se abrigará com precauções, mistérios, coisas fáceis à sabedoria e à prudência. Que a fantasia de alguns crimes inflamem vossa alma, Eugénie, e estejais bem certa de cometê-los em paz, entre mim e vossa amiga.

EUGÉNIE - Ah, já tenho esta fantasia no coração!

SAINT-ANGE - Que capricho te agita tanto, Eugénie? Dize-nos com toda confiança.

EUGÉNIE, *desvairada*. - Quero uma vítima.

SAINT-ANGE - E de que sexo a desejas?

EUGÉNIE - Do meu!

DOLMANCÉ - E então, senhora, satisfeita com vossa aluna? Seus progressos não são rápidos?

EUGÉNIE, *no mesmo estado*. - Uma vítima, minha amiga, uma vítima!.. Oh, meu deus! Seria a minha felicidade!...

SAINT-ANGE - E o que farás com ela?

EUGÉNIE - Tudo!... tudo aquilo que a tornar a mais infeliz das criaturas. Ah, minha amiga, minha amiga, tem piedade de mim, não aguento mais!

DOLMANCÉ - Meu Deus! Que imaginação!... Vem, Eugénie, és deliciosa... vem, que vou beijar-te mil e uma vezes! (*Toma-a nos braços.*) Vede, senhora, vede como esta libertina esporra *de cabeça*,⁵³ sem ser tocada... Devo

absolutamente enrabá-la mais uma vez!

EUGÉNIE - Terei depois o que peço?

DOLMANCÉ - Sim, louca, sim, respondo por isso.

EUGÉNIE - Oh, meu amigo, eis o meu cu!... Fazei dele o que quiserdes!

DOLMANCÉ - Esperai, vou antes preparar esse gozo de maneira mais luxuriante. (*Tudo se executa conforme Dolmancé vai indicando.*) Augustin, estenda-te na beirada desta cama; Eugénie deitará em teus braços; enquanto eu a sodomizar, esfregarei seu clitóris com a soberba glândula do pau de Augustin, que, para poupar sua porra, terá cuidado em não esporrar; o caro cavaleiro que, sem dizer uma palavra, se masturba suavemente nos ouvindo, deverá ficar sobre os ombros de Eugénie, expondo suas belas nádegas aos meus beijos. Vou masturbá-lo por baixo; quer dizer, tendo meu engenho num cu, agitarei um pau em cada mão; quanto a vós, senhora, depois de ter sido vosso marido, quero que sejais agora o meu; tomai o maior de vossos consolos! (*A senhora de Saint-Ange abre uma caixa cheia deles e nosso herói escolhe o mais temível.*) Bom, este aqui, diz o número, tem catorze polegadas de comprimento por dez de contorno. Senhora, colocai isso em volta dos rins e desferi-me os golpes mais medonhos.

SAINT-ANGE - Sois mesmo louco, Dolmancé, vou estropiar-vos com ele.

DOLMANCÉ - Não receais nada. Empurrai, penetrai, meu anjo! Só enrabarei vossa querida Eugénie quando vosso enorme membro estiver bem dentro do meu cu!... Já entrou! Entrou, santíssimo!... Ah, tu me pões nas nuvens!... Sem piedade, minha bela... Declaro-te que vou foder teu cu sem qualquer preparação... Ah, meu deus! Que lindo traseiro!...

EUGÉNIE - Oh, meu amigo, vais dilacerar-me... Prepara ao menos o caminho...

DOLMANCÉ - Isso evitarei, com a graça de deus! O prazer cai pela metade com essas atenções bobas. Pensa em nossos princípios, Eugénie; eu trabalho para mim: agora és a vítima, meu belo anjo, em breve serás a perseguidora... Ah, Deus do céu! Entrou!...

EUGÉNIE - Tu me matas!...

DOLMANCÉ - Oh, deus fodido! Foi no fundo!...

EUGÉNIE - Ah, faze agora o que quiseres, já está dentro... só sinto prazer!...

DOLMANCÉ - Como adoro esfregar este pau grosso no clitóris de uma virgem!... E tu, cavaleiro, vira o cu melhor para mim... Marturbo-te bem, libertino?... E vós, senhora, fodei... fodei vossa puta!... sim, sou uma e quero sê-la... Esporra, Eugénie, esporra, meu anjo!... Augustin, sem querer, me encheu de

porra... Recebo a do cavaleiro também; vou acrescentar a minha ... não aguento mais... Mexe a bunda, Eugénie; teu ânus deve comprimir meu pau: lançarei no fundo de tuas entranhas a porra ardente que se exala... Ah, bugre fodido de deus! Eu morro! (*Retira-se; a postura se desfaz.*) Vede, senhora, vossa pequena libertina ainda está cheia de porra; os lábios de sua boceta estão inundados. Masturbai-a, sacudi vigorosamente seu clitóris completamente molhado de esperma: é uma das coisas mais deliciosas que se pode fazer.

EUGÉNIE, *palpitante*. - Oh, minha amiga, que prazer me farás!... Ah, meu amor, estou queimando de luxúria! (*A postura se arranja.*)

DOLMANCÉ - Cavaleiro, como esta bela criança será deflorada por ti, soma teus esforços aos de tua irmã para fazê-la desmaiar em teus braços; e na posição em que estás, apresenta-me as nádegas: vou foder-te enquanto Augustin me enraba. (*Tudo se ajeita.*)

CAVALEIRO - Estou bem posicionado para ti?

DOLMANCÉ - Levanta mais a bunda, meu amor... Sim, assim está melhor... Sem preparação, cavaleiro...

CAVALEIRO - Na verdade, faze como quiseres; sobre o seio dessa menina deliciosa o que mais posso sentir além de prazer? (*Ele beija-a, masturba-a, enfiando de leve um dedo na boceta, enquanto a senhora de Saint-Ange acaricia o clitóris de Eugénie.*)

DOLMANCÉ - Quanto a mim, querido, podes estar certo, ganho muito mais contigo do que com Eugénie: há tanta diferença entre o cu de um rapaz e o de uma moça!... Enraba-me, Augustin, o que está esperando?

AUGUSTIN - Ora, senhor! Isso acabou de escorrer junto dessa gentil pombinha;⁵⁴ como quereis que levante de novo pro vosso cu... que não é tão bonito, né?

DOLMANCÉ - Imbecil! Por que te queixas? É a natureza: cada um reza a seu santo. Vamos, vamos, que penetre logo o verdadeiro Augustin; quando fores mais experiente, irás me dizer se os cus não valem mais que as bocetas... Eugénie, devolve ao cavaleiro o que ele te deu; só cuidas de ti mesma: tens razão, libertina; mas, no interesse de teu próprio prazer, masturba-o, já que ele vai colher tuas primícias.

EUGÉNIE - Está bem, vou masturbá-lo, beijá-lo... perder a cabeça! Ai! Ui! Oh! Meus amigos, já não posso mais!... tende piedade do meu estado... vou morrer... estou gozando!... santíssimo! Estou fora de mim!...

DOLMANCÉ - Quanto a mim, tenho juízo. Só quero excitar-me neste belo cu; estou guardando para a senhora de Saint-Ange a porra que aqui inflamei: nada

me diverte mais do que começar num cu a operação que terminarei em outro. Então, cavaleiro, estamos prontos? Vamos deflorar?...

EUGÉNIE - Oh, céus! Não... não quero que seja ele, senão vou morrer; o vosso é bem menor, Dolmancé; encarregai-vos da operação, imploro-vos!

DOLMANCÉ - Impossível, meu anjo; jamais fodi uma boceta em minha vida! Permiti que eu não comece na minha idade. Vossas primícias pertencem ao cavaleiro; só ele é digno de colhê-las; não lhe tiremos esse direito.

SAINT-ANGE - Recusar um cabaço... tão fresco, tão bonito quanto este... Desafio a quem diga que minha Eugénie não é a menina mais bela de Paris! Oh, senhor, senhor!... Realmente, eis o que se pode chamar de apego excessivo aos princípios!

DOLMANCÉ - Não tanto quanto deveria, senhora, pois há um monte de confrades meus que certamente jamais a enrabariam... Eu já o fiz e o farei de novo; não levo meu culto assim ao fanatismo, como suspeitais.

SAINT-ANGE - Então vamos, cavaleiro! Mas... poupa-a; vê a pequenez do estreito que vais atravessar: há alguma proporção entre o conteúdo e o continente?

EUGÉNIE - Oh, morrerei disso, é inevitável... Mas meu desejo ardente de ser fodida me faz arriscar sem nenhum temor... Vem, querido, penetra, abandono-me a ti.

CAVALEIRO, *empunhando seu pau duro*. - Sim, porra! Vou penetrá-la... Minha irmã, Dolmancé, segurai cada um de vós uma perna... Ah, santíssimo! Que empresa!... Sim, sim, ela tem de ser partida, rasgada... Duplodeus!⁵⁵ Que ela passe por isso!

EUGÉNIE - Devagar, devagar, assim não aguento... (*Grita; as lágrimas correm em suas faces...*) Socorro! Minha boa amiga... (*Debatendo-se.*) Não, não quero que ele entre!... vou gritar que estão me matando, se persistires!...

CAVALEIRO - Grita quanto quiseres, putinha, vai entrar nem que morras mil vezes!

EUGÉNIE - Barbaridade!

DOLMANCÉ - Ah, porra! Como ser delicado de pau duro?

CAVALEIRO - Segura-a... já entrou!... entrou tudo, meu Deus!... Porra! Foi-se um cabaço⁵⁶ para o inferno!... Vede seu sangue como jorra!

EUGÉNIE - Vem, tigre!... vem, rasga-me agora se quiseres, não ligo a mínima!... Beija-me, carrasco, beija-me, te adoro!... Ah, não é nada quando está dentro, todas as dores são esquecidas... Infeliz da moça que fica horrorizada com um ataque como este!... Quantos prazeres imensos não recusa por uma pena tão

ínfima!... Empurra! Empurra! Cavaleiro, estou gozando!... Rega com tua porra as feridas com que me cobriste... Empurra-o até o fundo da matriz... Ah, a dor cede ao prazer... vou desmaiar!... (*O cavaleiro esporra; enquanto fodia, Dolmancé agitava-lhe o cu e os colhões, e a senhora de Saint-Ange acariciava o clitóris de Eugénie. A postura se desfaz.*)

DOLMANCÉ - Minha opinião é seguinte: assim que o caminho estiver aberto, Augustin deve imediatamente foder a safadinha.

EUGÉNIE - Augustin?!... com um pau deste tamanho!... em seguida?... enquanto eu ainda sangro?... quereis por acaso me matar?

SAINT-ANGE - Beija-me, caro amor, lamento por ti... Mas a sentença foi pronunciada... não dá para apelar, coração: é preciso que te submetas.

AUGUSTIN - Ó meu Deus! Tô pronto... pra enfiar nessa mocinha, por Deus, eu vinha inté de Roma a pé!

CAVALEIRO, *empunhando o pau enorme de Augustin.* - Vê, Eugénie, como ele cresce... como é digno de me substituir!

EUGÉNIE - Oh, céus, que corveia!... Quereis me matar, isto sim!...

AUGUSTIN, *agarrando Eugénie.* - Isso não, senhorita, isso nunca matou ninguém.

DOLMANCÉ - Um momento, meus filhos, um momento: ela deve apresentar-me o cu enquanto tu a fodes... Sim, assim; aproximai, senhora de Saint-Ange: prometi enrubar-vos e mantereí a palavra; mas posicionai-vos de maneira que, fodendo-vos, eu fique em posição de chicotear Eugénie. Que o cavaleiro também me açoite ao mesmo tempo. (*Tudo se arranja.*)

EUGÉNIE - Porra! Ele vai me matar!... Devagar, estúpido!... Ah, o bugre! Ele está entrando!... este porra já entrou!... ai, chegou ao fundo!... eu morro!... Oh, Dolmancé, como me bateis!... queimam-me os dois lados; minhas nádegas estão em chamas!

DOLMANCÉ, *açoitando com toda força.* - Vão ficar assim mesmo, putinha, assim mesmo!... e com isso vais gozar mais deliciosamente. Ah, como a masturbas bem, Saint-Ange... como este leve dedo deve suavizar os males que Augustin e eu lhe fazemos!... Mas vejo que vosso ânus se comprime, senhora; acho que vamos esporrar ao mesmo tempo... Ah, que divino ficar assim entre irmão e irmã!

SAINT-ANGE, *a Dolmancé.* - Fode, meu astro, fode!... Creio que jamais tive tanto prazer!...

CAVALEIRO - Troquemos de lugar, Dolmancé; passa rapidamente do cu de minha irmã ao de Eugénie para fazê-

-la conhecer os prazeres que sentem os que ficam no meio; eu enrabarei minha irmã, que, enquanto isso, te devolverá na bunda os golpes de vara com os quais há pouco ensanguentaste a de Eugénie.

DOLMANCÉ, *executando*. - Aceito... Olha, meu amigo, é possível uma troca mais rápida que esta?

EUGÉNIE - O quê!? Ambos sobre mim? Céus!... Já não sei mais quem é quem; não bastava aquele asno? Ah, quanta porra vai me custar este gozo duplo!... Ela já está correndo. Sem esta ejaculação sensual acho que estaria morta... Ah, minha amiga, estás me imitando? Oh, como a devassa blasfema!... Esporra, Dolmancé, esporra, meu amor... este camponês enorme inunda-me, jorrando em minhas entranhas... Ah, meus fodedores... os dois ao mesmo tempo!? Santíssimo!... Amigos, recebi minha porra! Ela junta-se às vossas... Estou acabada... (*As posturas se desfazem.*) E então, minha amiga, contente com tua aluna? Já sou puta o suficiente agora? Vós me deixastes num tal estado... numa tal agitação... Oh, sim, juro que na embriaguez em que estava, eu iria, caso fosse preciso, foder no meio da rua!...

DOLMANCÉ - Como ela fica linda assim!

EUGÉNIE - Detesto-vos, me recusastes!...

DOLMANCÉ - Poderia contrariar meus dogmas?

EUGÉNIE - Está bem, vos perdoo; devo respeitar os princípios que levam aos extravios. Como não os adotaria eu que só quero viver no crime? Sentemo-nos e conversemos um pouco; não aguento mais. Continuai minha instrução, Dolmancé, mas disse algo que me console dos excessos a que me entreguei; apaziguai meus remorsos, dai-me coragem.

SAINT-ANGE - Isso é justo; um pouco de teoria é sempre bom depois da prática; é o meio de se tornar uma aluna perfeita.

DOLMANCÉ - Pois bem, Eugénie, sobre que assunto quereis conversar?

EUGÉNIE - Gostaria de saber se os costumes são verdadeiramente necessários num governo, se sua influência tem algum peso sobre o gênio de uma nação.

DOLMANCÉ - Ah, por deus! Hoje mesmo, ao sair pela manhã, comprei no Palácio da Igualdade uma brochura que, a julgar pelo título, deverá com certeza responder a vossa questão. Acaba de sair do prelo.

SAINT-ANGE - Vejamos. (*Lê.*) *Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos.* Com a minha palavra, eis um título singular; ele promete. Cavaleiro, tu que tens uma voz bela, lê isto para nós.

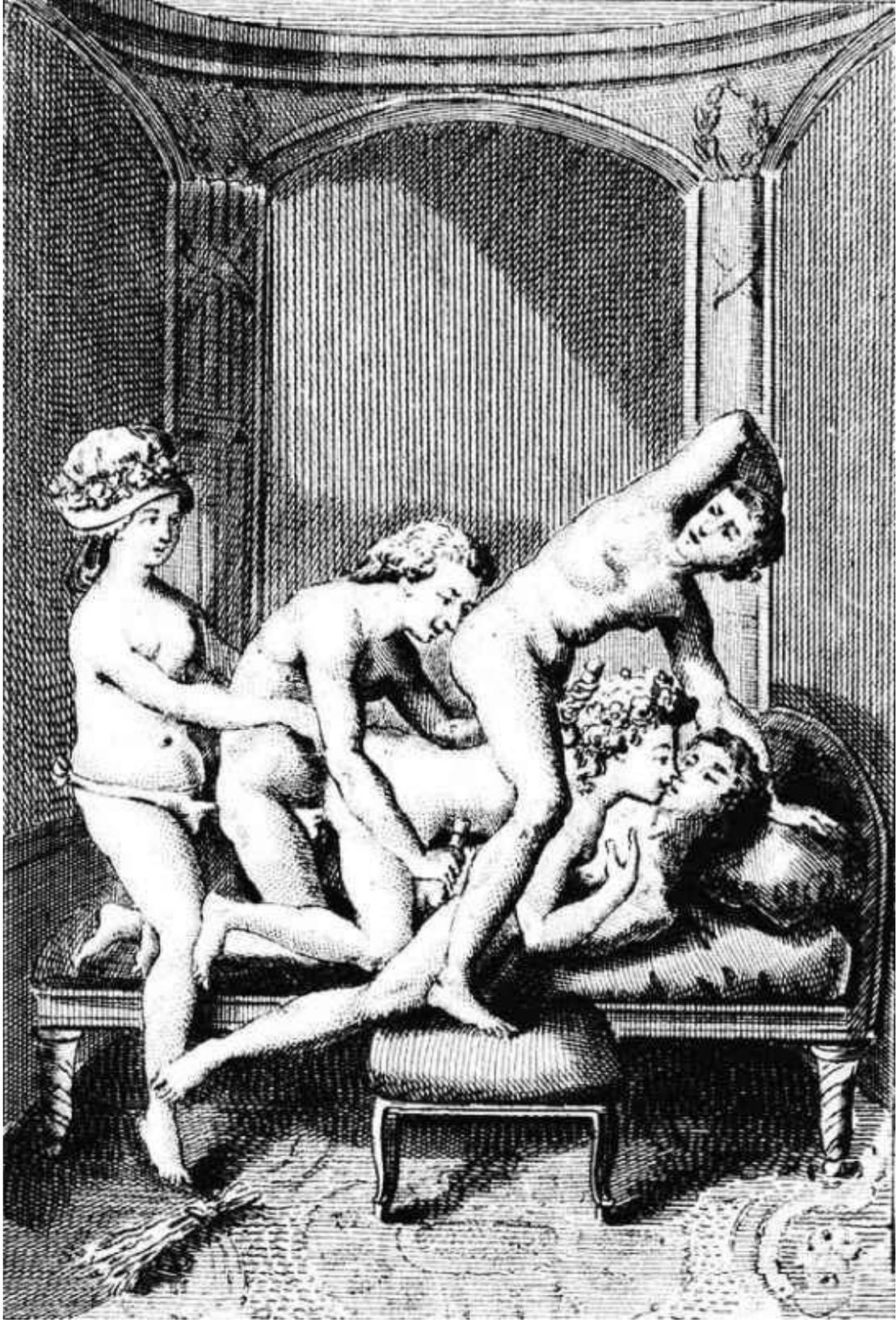
DOLMANCÉ - Se não me engano, isto deve responder perfeitamente à questão de Eugénie.

EUGÉNIE - Seguramente.

SAINT-ANGE - Sai, Augustin, isto não foi feito para ti; mas não te afastes muito: chamaremos quando for preciso que reapareças.

CAVALEIRO - Vou começar.

* Como a sequência desta obra nos promete uma dissertação bem mais extensa sobre esta matéria, nos limitaremos aqui apenas a uma ligeira análise.



FRANCESES, MAIS UM ESFORÇO SE QUEREIS SER REPUBLICANOS

A religião

Venho vos oferecer grandes ideias; elas serão ouvidas e sobre elas se refletirá. Se todas não agradarem, algumas ao menos ficarão; terei de algum modo contribuído para o progresso das luzes, e ficarei contente. Não o escondo, é com pesar que vejo a lentidão com que tentamos atingir essa meta, é com inquietude que sinto que estamos à véspera de fracassar novamente. Pensa-se que este fim será atingido quando nos tiverem dado as leis? Não acreditemos nisso. Que faríamos das leis sem a religião? Precisamos de um culto, e um culto feito para o caráter de um republicano, bem certos de nunca mais retomar o de Roma. Num século em que estamos tão convencidos de que a religião deve apoiar-se sobre a moral, e não a moral sobre a religião, é preciso uma moral que se dirija aos costumes, que seja como que o seu desenvolvimento, sua consequência necessária, e que possa, elevando a alma, mantê-la perpetuamente à altura dessa liberdade preciosa de que faz hoje seu único ídolo. Pergunto-vos se é possível supor que a religião de um escravo de Tito, a de um vil histrião da Judeia, possa convir a uma nação livre e guerreira que acaba de se regenerar? Não, meus compatriotas, não podeis acreditar nisso. Se o francês, infelizmente para ele, estivesse ainda amortilhado nas trevas do cristianismo, de um lado o orgulho, a tirania, o despotismo dos padres, vícios sempre reincidentes nesta horda impura, e, de outro, a baixeza, a visão estreita, a vulgaridade dos dogmas e dos mistérios desta indigna e fabulosa religião, enfraquecendo o orgulho da alma republicana, em breve o teriam reconduzido ao jugo que sua energia acaba de quebrar.

Não percamos de vista que essa religião pueril era uma das melhores armas nas mãos de nossos tiranos: um de seus primeiros dogmas era: *dar a César o que é de César*. Mas nós destronamos César e não queremos lhe dar mais nada. Franceses, seria em vão vos vangloriar que o espírito de um clero juramentado não deva ser o mesmo de um clero refratário. Há vícios de Estado que jamais se corrigem. Em menos de dez anos, mediante a religião cristã, sua superstição, seus preconceitos, vossos padres, apesar de seu juramento, de sua pobreza, retomariam sobre as almas o império que haviam invadido; eles vos acorrentariam novamente aos reis, pois o poder destes sempre apoiou o outro, e

vosso edifício republicano se desmoronaria por falta de bases.

Ó vós que tendes a foice nas mãos, desferi o derradeiro golpe na árvore da superstição; não vos contenteis com podar os ramos: desenraizai de uma vez uma planta cujos efeitos são tão contagiosos; convencei-vos perfeitamente de que vosso sistema de liberdade e de igualdade contraria demasiado abertamente os ministros dos altares de Cristo para que um só deles o adote de boa-fé ou não procure abalá-lo, se chegar a ter de novo qualquer império sobre as consciências. Qual o padre que, comparando o estado a que acabam de reduzi-lo, com o que gozava outrora, não fará tudo o que depender dele para recobrar a confiança e a autoridade que lhe fizeram perder? E quantos seres fracos e pusilânimes não se tornarão logo escravos desse ambicioso tonsurado? Por que não imaginar que os inconvenientes que existiram ainda podem renascer. Na infância da Igreja cristã os padres não eram o que são hoje? Vós vistes aonde chegaram. Quem, no entanto, os conduziu até lá? Não foram os meios que a religião lhes forneceu? Ora, se não proibirdes absolutamente esta religião, os que a pregam, tendo sempre os mesmos meios, logo atingirão os mesmos fins.

Aniquilai, pois, para sempre tudo o que poderá um dia destruir vossa obra. Pensai que, estando o fruto de vossos trabalhos reservado apenas aos vossos descendentes, é vosso dever, vossa proibição, não lhes deixar nenhum desses germes perigosos que poderiam mergulhá-los novamente no caos de onde saímos com tanta dificuldade. Nossos preconceitos já começam a dissipar-se, o povo começa a abjurar os disparates católicos; ele já suprimiu os templos, derrubou os ídolos, concordou que o casamento não passa de um ato civil; os confessionários quebrados abastecem as lareiras públicas; os pretensos fiéis, desertando o banquete apostólico, deixaram os deuses de farinha para os ratos. Franceses, não pareis! A Europa inteira, já com a mão sobre a venda que lhe fascina os olhos, espera de vós um esforço para arrancá-la da frente. Apressai-vos: não deixais que a *Roma santa*, que se agita em todos os sentidos para reprimir vossa energia, não tenha tempo nem para conservar alguns prosélitos. Golpeai sem piedade sua cabeça orgulhosa e fremente, que, em menos de dois meses, a árvore da liberdade, sombreando os destroços da cadeira de São Pedro, cobrirá com o peso de seus ramos vitoriosos todos os desprezíveis ídolos do cristianismo, descaradamente erguidos sobre as cinzas dos Catões e dos Brutos.

Eu vos repito, franceses: a Europa espera que vós a liberteis de uma vez do *cetno* e do *incensório*. Pensai que é impossível livrá-la da tirania real sem lhe quebrar ao mesmo tempo os freios da superstição religiosa: os laços que unem ambas estão por demais unidos intimamente para que, deixando uma delas

subsistir, não tombeis de novo sob o império daquela que tiverdes negligenciado em dissolver. Não é mais aos pés de um ser imaginário ou de um vil impostor que um republicano deve se curvar; seus únicos deuses devem ser doravante a *coragem* e a *liberdade*. Roma desapareceu desde que o cristianismo lá se pregou, e a França estará perdida se nela ainda o venerarem.

Examinemos com atenção os dogmas absurdos, os arrepiantes mistérios, as cerimônias monstruosas, a moral impossível dessa religião repelente, e veremos se ela pode convir a uma República. Acreditais de boa-fé que eu me deixaria levar pela opinião de um homem que acabasse de ver aos pés do imbecil sacerdote de Jesus? Não, não, evidentemente. Este homem, sempre vil pela baixeza de seus fins, estará sempre ligado às atrocidades do antigo regime; desde que ele pode se submeter à estupidez de uma religião tão ordinária como a que tínhamos a loucura de admitir, não poderá mais nem ditar leis nem me transmitir luzes. Não o vejo senão como um escravo dos preconceitos e da superstição.

Para nos convencer desta verdade, lancemos os olhos sobre os poucos indivíduos que ainda estão ligados ao culto insensato de nossos pais; veremos se não são todos inimigos irreconciliáveis do sistema atual; veremos se não é entre eles que se encontra toda essa casta tão justamente desprezada de *realistas* e *aristocratas*. Que o escravo de um bandido coroado se dobre, se quiser, aos pés de um ídolo de massa: tal objeto é feito para sua alma de lama; quem pode servir aos reis deve adorar os deuses! Mas nós, franceses, nós, meus compatriotas, rastejar humildemente sob freios tão desprezíveis? Antes morrer mil vezes do que nos sujeitar a isso de novo. Já que acreditamos ser um culto necessário, imitemos o dos romanos: ações, paixões, heróis, eis seus respeitáveis objetos. Tais ídolos elevavam a alma, eletrizavam-na; e faziam mais: comunicavam-lhe as virtudes do ser respeitado. O adorador de Minerva queria ser prudente. A coragem estava no coração daquele que se via aos pés de Marte. Nenhum dos deuses desses grandes homens era privado de energia; todos transmitiam à alma daquele que os venerava o fogo de que eles próprios se abrasavam; e, como se tinha esperança de ser um dia também adorado, aspirava-se chegar a ser ao menos tão grande quanto aquele que se tomava por modelo. O que vemos, ao contrário, nos deuses vãos do cristianismo? O que vos oferece essa religião imbecil?* O vulgar impostor de Nazaré vos desperta grandes ideias? Sua imunda e asquerosa mãe, a impudica Maria, vos inspira alguma virtude? Encontrais entre os santos que guarnecem seu Eliseu algum modelo de grandeza, de heroísmo ou de virtude? É tal a verdade, que esta religião estúpida em nada contribui para as grandes ideias que nenhum artista pode empregar seus atributos nos

monumentos que eleva. Mesmo em Roma, a maior parte dos enfeites e ornamentos do Palácio dos papas baseia-se nos modelos do paganismo, e, enquanto o mundo existir, apenas ele inflamará a verve dos grandes homens.

Encontraremos no teísmo puro maiores motivos de grandeza e elevação? Será a adoção de uma quimera que, dando a nossa alma esse grau de energia essencial às virtudes republicanas, levará o homem a adorá-las e a praticá-las? Não acreditemos nisso, já nos curamos desse fantasma; e o ateísmo é no presente o único sistema dos que sabem raciocinar. Na medida em que fomos nos esclarecendo, sentimos que, o movimento sendo inerente à matéria, o agente necessário para imprimir esse movimento tornava-se um ser ilusório e que, devendo tudo o que existia estar em movimento por essência, o motor era inútil. Sentiu-se que este deus quimérico, prudentemente inventado pelos primeiros legisladores, não passava em suas mãos de um meio a mais para nos acorrentar, e que, reservando-se o direito de só fazer falar este fantasma, saberiam fazê-lo dizer apenas o que serviria de apoio às leis ridículas por meio das quais pretendiam nos escravizar. Licurgo, Numa, Moisés, Jesus Cristo, Maomé, todos estes grandes canalhas, todos estes grandes déspotas de nossas ideias, souberam associar às divindades que fabricavam a própria ambição desmesurada, e, certos de cativar os povos com a sanção desses deuses, tiveram sempre, como se sabe, o cuidado de só os interrogar a propósito, ou de os fazer responder o que acreditavam poder servi-los.

Conservemos hoje o mesmo desprezo, tanto pelo deus vão que os impostores pregam como por todas as sutilezas religiosas decorrentes de sua ridícula adoção. Os homens livres não se deixam mais iludir por um chocalho⁵⁷ como este. Que a extinção total dos cultos faça parte dos princípios que propagamos por toda Europa. Não nos contentemos em quebrar os cetros; pulverizemos para sempre os ídolos. A superstição esteve sempre a um passo do realismo.* E é preciso que assim seja, sem dúvida, já que um dos primeiros artigos da sagração dos reis manteve sempre a religião dominante como uma das melhores bases políticas de sustentação do trono. Mas uma vez abatido este trono, felizmente para sempre, não receemos extirpar também o que lhe servia de apoio.

Sim, cidadãos, a religião é incoerente com o sistema da liberdade; já o sentistes. O homem livre jamais se curvará aos deuses do cristianismo; jamais seus dogmas, seus ritos, seus mistérios ou sua moral convirão a um republicano. Mais um esforço! Já que trabalhais para destruir todos os preconceitos, não deixais subsistir nenhum, se um apenas basta para trazer todos de volta. E como não estar certos quanto ao seu retorno, se aquele que deixais viver é

positivamente o berço de todos os outros! Deixemos de acreditar que a religião possa ser útil ao homem. Tenhamos boas leis, e passaremos bem sem a religião. Mas, asseguram, o povo precisa de uma religião; ela o distrai, ela o contém. Agora sim! Dai-nos nesse caso a religião que convém aos homens livres. Devolvi-nos os deuses do paganismo. Adoremos de boa vontade Júpiter, Hércules ou Palas; mas não queremos mais o quimérico autor de um universo que se move por si mesmo, não queremos mais um deus sem extensão e que todavia preenche tudo com sua imensidade, um deus todo-poderoso que jamais executa o que deseja, um ser soberanamente bom que só faz descontentes, um ser amigo da ordem e em cujo governo só há desordem. Não, não queremos mais um deus que perturba a natureza, que é o pai da confusão, que move o homem no instante em que ele se entrega aos horrores. Um deus como este nos faz tremer de indignação e nós o relegamos para sempre ao esquecimento, de onde o infame Robespierre quis tirá-lo.*

Franceses, substituamos este indigno fantasma por imponentes simulacros que fizeram de Roma a senhora do universo; tratemos todos os ídolos cristãos como fizemos com os dos nossos reis. Nós recolocamos os emblemas da liberdade sobre as bases que outrora sustentavam os tiranos; reedifiquemos também a efígie dos grandes homens sobre os pedestais desses velhacos⁵⁸ adorados pelo cristianismo.** Cessemos de temer o efeito do ateísmo em nossas aldeias. Os camponeses não sentiram a necessidade de aniquilamento do culto católico, tão contraditório com os verdadeiros princípios da liberdade? Não viram, sem assombro ou dor, cair por terra seus altares e presbitérios? Ah, podeis acreditar que eles também renunciarão ao seu ridículo deus. As estátuas de Marte, de Minerva e da Liberdade serão colocadas nos lugares mais importantes de suas habitações; uma festa anual celebrar-se-á neles, em que uma coroa cívica será concedida ao cidadão que mais mérito tiver aos olhos da pátria. À entrada de um bosque solitário, Vênus, Himeneu e Amor, erigidos sob um templo agreste, receberão a homenagem dos amantes; aí, será pela mão das Graças que a beleza coroará a constância. Amar apenas não será suficiente para ser digno desta coroa; será preciso ter merecido sê-lo. Heroísmo, talentos, humanidade, grandeza de alma, um civismo a toda prova, eis os títulos que o amante será obrigado a dispor aos pés da amada; eles valerão pelos títulos de nascença e de riqueza, outrora exigidos por um orgulho estúpido. Algumas virtudes ao menos brotarão deste culto, enquanto só nascem crimes daquele que tivemos a fraqueza de professar. Este culto se aliará com a liberdade que servimos; ele a animará, a conservará, a abracará, ao passo que o teísmo é, por sua essência e natureza, o

mais mortal inimigo da liberdade que servimos. Custou uma gota de sangue quando os ídolos pagãos foram destruídos sob o Baixo Império? Preparada pela estupidez de um povo outra vez escravizado, a Revolução operou-se sem o menor obstáculo. Como poderemos rezear que a obra da filosofia seja mais penosa do que a do despotismo? Apenas os padres ainda mantêm cativos, aos pés de seu deus quimérico, este povo que vós tanto temeis esclarecer; afastai-o deles, e o véu cairá naturalmente. Crede que este povo, bem mais sensato do que imaginais, liberto dos ferros da tirania, em breve o será dos da superstição. Vós os temeis sem este freio? Que extravagância! Ah, acreditai, cidadãos, aquele que o gládio material das leis não detém, muito menos será detido por medo moral dos suplícios do inferno, de que ele zomba desde a infância. Em suma: vosso teísmo fez cometer muitos crimes, mas jamais conseguiu evitar um. Se é verdade que as paixões cegam, que seu efeito é elevar sobre nossos olhos uma nuvem que nos esconde os perigos de que se cercam, como poderemos supor que aqueles que estão longe de nós, como estão as punições anunciadas por vosso deus, possam dissipar esta nuvem que nem mesmo o gládio das leis consegue dissolver, sempre suspenso sobre as paixões? Se está provado que este suplemento de freios imposto pela ideia de um deus torna-se inútil, se está demonstrado que ele é perigoso por outros efeitos, pergunto em que ele pode servir e em quais razões nos apoiaremos a fim de prolongar sua existência? Dir-me-ão que ainda não amadurecemos o bastante para consolidar nossa revolução de um modo tão brilhante. Ah, meus concidadãos; o caminho que percorremos depois de 89 foi incomparavelmente mais difícil do que este que ainda nos resta a fazer, e teremos de trabalhar muito menos a opinião naquilo que vos proponho, do que já a atormentamos em todos os sentidos desde a queda da Bastilha. Acreditemos que um povo bastante sensato, bastante corajoso para conduzir um monarca impudente do topo de suas grandezas aos pés do cadafalso, que em tão poucos anos soube vencer tantos preconceitos, quebrar tantos freios ridículos, o será suficientemente para imolar ao bem da coisa, à prosperidade da República, um fantasma bem mais ilusório ainda do que poderia ser o de um rei.

Franceses, desferireis os primeiros golpes: vossa educação nacional fará o resto. Mas trabalhai prontamente nesta tarefa; que ela se torne um de vossos encargos mais importantes; que ela tenha sobretudo por base esta moral essencial, tão negligenciada na educação religiosa. Substituí as tolices deíficas com que fatigais as jovens vozes⁵⁹ de vossas crianças por excelentes princípios sociais; que em lugar de aprender a recitar preces fúteis que farão a glória de esquecer aos dezesseis anos, elas sejam instruídas de seus deveres na sociedade;

ensinai-lhes a amar as virtudes de que lhe faláveis antigamente, e que, sem vossas fábulas religiosas, são suficientes para a sua felicidade pessoal. Fazei-lhes sentir que esta felicidade consiste em fazer os outros tão felizes quanto nós mesmos desejamos sê-lo. Se assentais estas verdades sobre quimeras cristãs, como tínheis a loucura de fazer outrora, tão logo vossos alunos tenham reconhecido a futilidade das bases, derrubarão o edifício, e tornar-se-ão celerados apenas por acreditar que a religião que lançaram por terra os proibia de sê-lo. Fazendo-os sentir, ao contrário, a necessidade da virtude unicamente porque sua própria felicidade depende dela, eles serão honestos por egoísmo, e esta lei que rege todos os homens será sempre a mais certa de todas. Que se evite, pois, com o maior cuidado, misturar alguma fábula religiosa a esta educação nacional. Não percamos jamais de vista que são homens livres que desejamos formar e não vis adoradores de um deus. Que um filósofo simples instrua os novos alunos nas sublimidades incompreensíveis da natureza; que ele lhes prove que o conhecimento de um deus, frequentemente muito perigoso aos homens, jamais serviu a sua felicidade, e que eles não serão mais felizes admitindo como causa do que não compreendem algo que compreendem menos ainda; que é bem menos essencial entender a natureza do que respeitar suas leis e delas desfrutar; que estas leis são tão sensatas quanto simples; que estão escritas no coração de todos os homens, e que basta interrogar o coração para lhe desvendar o impulso. Se eles quiserem absolutamente que vós lhes faleis de um criador, respondi-lhes que as coisas tendo sido sempre o que são, não tendo havido jamais um começo e não devendo ter jamais um fim, é tão inútil quanto impossível ao homem remontar a uma origem imaginária que nada explicaria ou faria avançar. Dizei-lhes ser impossível aos homens ter ideias verdadeiras sobre um ser que não age em nenhum de nossos sentidos.

Todas as nossas ideias são representações de objetos que nos impressionam. Quem pode nos representar a ideia de Deus, que, evidentemente, é uma ideia sem objeto? Uma tal ideia, ajuntaríeis, não é tão impossível quanto efeitos sem causa? Uma ideia sem protótipo pode ser outra coisa além de uma quimera? Alguns doutores, continuareis, asseguram que a ideia de Deus é inata e que os homens a possuem desde o ventre materno. Mas isso é falso, podereis acrescentar. Todo princípio é um julgamento, todo julgamento é o efeito da experiência, e a experiência só se adquire pelo exercício dos sentidos; de onde se segue que os princípios religiosos, evidentemente, não se assentam sobre nada e de modo algum são inatos. Como é possível, prosseguireis, ter persuadido seres razoáveis de que a coisa mais difícil de se compreender era a mais essencial para

eles? E que foram por demais aterrorizados, e que, quando se tem medo, cessa-se de raciocinar; e que principalmente quando se recomenda que se desconfie da razão e quando o cérebro é perturbado, acredita-se em tudo e nada se examina. A ignorância e o medo, ainda direis a eles, são as duas bases de todas as religiões. A incerteza em que o homem se encontra em relação a seu Deus é precisamente o motivo que o liga à religião. Nas trevas o homem teme, física e moralmente; o medo torna-se nele habitual e se transforma em necessidade: ele pensará que lhe falta alguma coisa, se não tiver mais nada a esperar ou temer. Retornai em seguida à utilidade da moral: dai-lhes muito mais exemplos do que lições sobre este grande objeto, muito mais provas do que livros, e fareis deles homens tanto mais devotados à liberdade de seu país que nenhuma ideia de servidão poderá mais se apresentar ao seu espírito e nenhum terror religioso poderá perturbar seu gênio. Então, o verdadeiro patriotismo eclodirá em todas as almas; reinará nelas em toda a sua força e em toda a sua pureza, porque será o único sentimento dominante e nenhuma ideia estranha diminuirá sua energia. Então, vossa segunda geração estará assegurada, e vossa obra, consolidada por ela, tornar-se-á a lei do universo. Mas, se, por temor ou pusilanimidade, estes conselhos não forem seguidos, se se deixarem subsistir as bases do edifício que se acreditava destruído, o que acontecerá? Reconstruir-se-á sobre estas bases, e sobre elas serão erigidos os mesmos colossos, com a cruel diferença de que serão desta vez cimentados com tal força, que nem a vossa geração nem as que a seguirem conseguirão derrubá-los.

Que jamais se duvide que as religiões sejam o berço do despotismo. O primeiro déspota foi um padre; o primeiro rei e o primeiro imperador de Roma, Numa e Augusto, associaram-se ambos ao sacerdócio; Constantino e Clóvis foram mais bispos que soberanos; Heliogábalo foi sacerdote do Sol. Em todos os tempos, em todos os séculos, houve entre o despotismo e a religião uma tal conexão, que está mais do que demonstrado que destruindo um se derrubará o outro, pela considerável razão de que o primeiro sempre servirá de lei ao segundo. Entretanto, não proponho nem massacres nem deportações; todos estes horrores estão demasiado longe de minha alma para que eu ouse concebê-los ainda que num minuto. Não, não deveis assassinar nem deportar: tais atrocidades são próprias dos reis ou dos celerados que os imitaram. Não é fazendo como eles que fareis com que se tome horror por aqueles que as exerciam. Empreguemos a força apenas contra os ídolos; basta ridicularizar aqueles que os servem: os sarcasmos de Juliano prejudicaram mais a religião cristã do que todos os suplícios de Nero. Sim, destruamos para sempre toda ideia de Deus e façamos

soldados de seus padres; alguns já o são; que eles se atenham a esta ocupação, tão nobre para um republicano, mas que nunca mais voltem a nos falar de seu ser quimérico ou de sua religião fabulosa, único objeto de nosso desprezo. Condenemos a ser vaiado, ridicularizado, coberto de lama em todos os cruzamentos das maiores cidades da França o primeiro destes charlatães abençoados que vier nos falar de Deus ou de religião; prisão perpétua será a pena para quem cometer duas vezes a mesma falta. Que as mais insultantes blasfêmias, os livros mais ateus, sejam em seguida plenamente autorizados, a fim de extirpar completamente do coração e da memória dos homens estes brinquedos horripilantes de nossa infância. Que por um concurso se eleja a obra mais capaz de esclarecer os europeus sobre uma matéria tão importante, e que um prêmio considerável, outorgado pela nação, seja a recompensa daquele que, tendo dito e demonstrado tudo sobre esta matéria, não deixe aos seus compatriotas nada mais do que uma foice para ceifar todos estes fantasmas, e um coração íntegro para os odiar. Em seis meses tudo estará acabado; vosso infame Deus cairá no nada, e isto sem que deixeis de ser justos, ciumentos da estima dos outros, sem que deixeis de temer o gládio das leis; e sejais honestos, porque teremos sentido que o verdadeiro amigo da pátria não deve, como o escravo dos reis, ser ameaçado por quimeras; que não é, afinal, nem a esperança frívola de um mundo melhor nem o medo de males maiores do que aqueles que a natureza nos envia que devem conduzir um republicano, cujo único guia é a virtude e o único freio, o remorso.

Os costumes

Após ter demonstrado que o teísmo de modo nenhum convém a um governo republicano, parece-me necessário provar que os costumes franceses também lhe são inconvenientes. Este artigo é tanto mais essencial quanto são os costumes que servirão de motivo às leis que se vai promulgar.

Franceses, sois esclarecidos demais para não perceber que um novo governo precisa de novos costumes. É impossível que o cidadão de um Estado livre se conduza como o escravo de um rei déspota. As diferenças de interesses, deveres e relações entre eles, determinam essencialmente uma maneira totalmente diversa de se comportar em sociedade; uma infinidade de pequenos erros, de pequenos delitos sociais, considerados muito essenciais sob o governo dos reis que deviam agir tanto mais por terem necessidade de impor freios para se tornarem respeitáveis ou inacessíveis a seus súditos, aqui serão inúteis. Outros crimes, conhecidos pelo nome de regicídio ou de sacrilégio, sob um governo que não conhece mais nem rei nem religião, devem também desaparecer num Estado

republicano. Ao conceder a liberdade de consciência e a de imprensa, pensai, cidadãos, que isso é quase o mesmo que conceder a liberdade de agir, e que, com exceção do que choca diretamente as bases do governo, restar-vos-á muito menos crimes a punir, pois, de fato, há bem poucas ações criminosas numa sociedade que tem por base a liberdade e a igualdade; e que pensando e examinando bem as coisas, o que há de verdadeiramente criminoso é só aquilo que a lei reprova; pois se a natureza nos dita igualmente vícios e virtudes devido à nossa organização, ou mais filosoficamente ainda, devido à necessidade que ela tem de ambos, o que ela nos inspira tornar-se uma medida muito incerta para regradar com precisão o que é bem e o que é mal. Mas para melhor desenvolver minhas ideias sobre um objeto tão essencial, classifiquemos as diferentes ações da vida humana que, até aqui, se convencionou chamar de criminosas, e em seguida vamos compará-las com os verdadeiros deveres de um republicano.

Em todos os tempos os deveres do homem foram considerados sob três diferentes aspectos, a saber:

1. Aqueles que sua consciência e sua credulidade lhe impõem em relação ao Ser Supremo;
2. Aqueles que ele é obrigado a manter com seus irmãos;
3. Enfim, aqueles que só dizem respeito a ele mesmo.

A certeza que devemos ter de que nenhum deus venha se intrometer conosco e que, criaturas necessitadas da natureza como as plantas e os animais, nós estamos aqui porque seria impossível que aqui não estivéssemos; esta certeza sem dúvida aniquila imediatamente, como se vê, a primeira parte desses deveres, isto é, aqueles de que nos julgamos falsamente responsáveis em relação à divindade; com eles desaparecem todos os delitos religiosos conhecidos pelos nomes vagos e indefinidos de *impiedade*, de *sacrilégio*, de *blasfêmia*, de *ateísmo* etc., enfim, todos esses que Atenas puniu com tanta injustiça em Alcebiades e a França no infortunado La Barre. Há algo mais extravagante no mundo do que homens que, só conhecendo seu Deus e aquilo que este Deus pode exigir segundo suas ideias limitadas, queiram no entanto decidir sobre a natureza do que contenta ou desagrada este ridículo fantasma de sua imaginação? Não gostaria que nos limitássemos a permitir indiferentemente todos os cultos; desejaria que fôssemos livres para caçar e rir de todos; que homens, reunidos num templo qualquer para invocar o Eterno segundo sua fantasia, fossem vistos como comediantes num teatro cujo jogo permite a qualquer um rir. Se não considerardes as religiões sob este ângulo, elas terão de volta a gravidade que as torna importantes, elas favorecerão as opiniões, e logo mais estaremos não

apenas disputando sobre as religiões, como também nos batendo pelas religiões.* A igualdade destruída pela preferência ou a proteção concedida a uma delas irá depressa desaparecer do governo, e a *aristocracia* logo renascerá da *teocracia* reedificada. Eu não me cansarei de repetir: não há deuses, franceses, não há deuses, se não quiserdes que seu funesto império vos mergulhe de novo em todos os horrores do despotismo. Mas só os destruireis ridicularizando-os; todos os perigos que arrastam consigo renascerão depressa aos milhares, se por eles derramardes bÍlis,⁶⁰ ou lhes derdes importância. Não derrubeis seus ídolos com cólera: pulverizai-os brincando, e a opinião cairá por si mesma.

É o bastante, espero, para demonstrar que nenhuma lei deve ser promulgada contra os delitos religiosos porque o que ofende uma quimera não ofende nada, e seria a última das inconseqüências punir aqueles que ultrajam ou que desprezam um culto cuja prioridade sobre os outros nada vos pode ser demonstrado com evidência; seria necessariamente adotar um partido e, em consequência, influenciar a balança da igualdade, primeira lei de vosso novo governo.

Passemos aos segundos deveres do homem, aqueles que o ligam aos seus semelhantes; esta classe é provavelmente a mais extensa.

A moral cristã, demasiado vaga sobre as relações do homem com seus semelhantes, estabelece bases tão cheias de sofismas, que nos é impossível admiti-las, porque, quando se quer edificar princípios, é preciso evitar lhes atribuir sofismas como bases. Ela nos diz, esta moral absurda, para amar o próximo como a nós mesmos. Nada seguramente seria tão sublime, se o que é falso pudesse alguma vez conservar as características da beleza. Não se trata de amar seus semelhantes como a si mesmos, pois isso contraria todas as leis da natureza, e apenas sua voz deve dirigir todas as ações de vossa vida. Só se trata de amar nossos semelhantes como irmãos, como amigos que a natureza nos dá e com os quais deveremos viver tanto melhor num Estado republicano, em que o desaparecimento das distâncias deve necessariamente estreitar os laços.

Que a humanidade, a fraternidade, a beneficência nos prescrevam, de acordo com isso, nossos deveres recíprocos, e cumpramo-los individualmente com o simples grau de energia que a natureza nos deu sobre este ponto sem censurar, e, sobretudo, sem punir aqueles que, mais frios ou mais atrabiliários, não sentem nesses vínculos, por mais tocantes que sejam todas as doçuras que outros neles encontram; pois, convenhamos, seria um absurdo palpável desejar prescrever leis universais. Este procedimento seria tão ridículo quanto o de um general de armada que exigisse que seus soldados se vestissem com uniformes do mesmo tamanho. É uma injustiça espantosa exigir que homens de caracteres desiguais se

curvem a leis iguais; o que convém a um não serve para outro. Estou de acordo que não se pode fazer tantas leis quantos são os homens, mas as leis podem ser tão brandas, em número tão pequeno, que todos os homens, de qualquer caráter, possam facilmente sujeitar-se a elas. Eu ainda exigiria que este pequeno número de leis fosse de uma espécie passível de se adaptar facilmente a todos os diferentes caracteres. O espírito de quem as dirigisse teria de aplicá-las mais ou menos em razão do indivíduo que seria preciso atingir. Está demonstrado que há virtudes cuja prática é impossível a certos homens, como há remédios que não seriam convenientes a determinados temperamentos. Ora, a que cúmulo não chegaria vossa injustiça se atingísseis com a lei aquele a quem seria impossível sujeitar-se à lei! A iniquidade que cometeríeis não seria igual àquela de que vos sentiríeis culpados se quisésseis forçar um cego a discernir as cores? Destes primeiros princípios decorre, percebe-se, a necessidade de se fazer leis suaves, e sobretudo de aniquilar para sempre a atrocidade da pena de morte,⁶² porque a lei que atenta contra a vida de um homem é impraticável, injusta, inadmissível. Não que não haja uma infinidade de casos, como direi a seguir, nos quais, sem ultrajar a natureza (o que demonstrarei), os homens não tenham recebido desta mãe comum a inteira liberdade de atentarem contra a vida uns dos outros; mas é impossível a lei obter o mesmo privilégio, porque a lei, fria em si mesma, não poderia ser acessível às paixões que podem legitimar no homem a ação cruel do assassinato. O homem recebe da natureza as impressões que podem lhe fazer perdoar esta ação, e a lei, ao contrário, sempre em oposição à natureza e não recebendo nada dela, não pode estar autorizada a se permitir os mesmos erros; sem os mesmos motivos, é impossível que ela tenha os mesmos direitos. Eis uma das distinções sábias e delicadas que escapam a muita gente porque muito pouca gente reflete; mas elas serão acolhidas pela gente instruída a quem me dirijo e influirão, espero, sobre o novo Código que preparam para nós.

A segunda razão pela qual se deve aniquilar a pena de morte é que ela jamais reprimiu o crime, já que ele é cometido todos os dias aos pés do cadafalso. Em suma: deve-se suprimir esta pena porque não há cálculo mais molesto do que levar um homem à morte por ter matado outro, já que desse procedimento evidentemente resulta que, em lugar de um homem a menos, haverá dois de uma vez, e tal aritmética só pode ser familiar a carrascos e a imbecis. Enfim, quaisquer que sejam os crimes que possamos cometer contra nossos irmãos, eles se reduzem a quatro principais: a *calúnia*, o *roubo*, os crimes que, causados pela *impureza*, podem atingir desagradavelmente os outros, e o *assassinato*. Todas essas ações, consideradas capitais num governo monárquico, serão tão graves

num Estado republicano? É o que vamos analisar sob o facho da filosofia, pois somente sob a sua luz se poderá realizar tal exame. Que não me taxem de inovador perigoso; que não me digam que há nisso risco de embotar o remorso na alma dos malfeitores, como talvez fariam estes escritos; que há um mal ainda maior em aumentar pela doçura de minha moral a inclinação que estes mesmos malfeitores têm para os crimes. Atesto formalmente aqui não ter em vista nenhum desses objetivos perversos. Exponho as ideias com as quais me identifico desde a idade da razão e ao jorro das quais o infame despotismo dos tiranos há tantos séculos se opõe. Pior para aqueles que estas grandes ideias corromperam, pior para aqueles que só sabem tirar o mal das opiniões filosóficas, suscetíveis de se corromper por tudo! Quem sabe se eles não se gangrenariam lendo Sêneca e Charron? Não é para eles que falo: só me endereço aos que são capazes de me entender; estes me lerão sem perigo.

Confesso com a mais extrema franqueza jamais ter acreditado que a calúnia fosse um mal, sobretudo num governo como o nosso onde todos os homens mais ligados ou próximos, evidentemente, têm o maior interesse em se conhecerem bem. De duas uma: ou a calúnia atinge um homem verdadeiramente perverso, ou ela recai sobre um ser virtuoso. Haveremos de convir que, no primeiro caso, é quase indiferente falar mal de um homem conhecido por cometer o mal em demasia; talvez até o mal que não existe esclareça aquele que de fato existe, e com isso o malfeitor será melhor conhecido.

Se reina em Hanover, suponho, uma influência malsã, e eu não deva correr riscos maiores, expondo-me a esta inclemência do ar, do que ganhar um acesso de febre, poderia queixar-me do homem que, para impedir-me de ir até lá, me dissesse que eu morreria assim que chegasse? Obviamente não, porque tendo me assustado com um grande mal ele teria me impedido de sofrer um pequeno. E se a calúnia, ao contrário, recair sobre um homem virtuoso? Que ele não se alarme; que ele se mostre, e todo o veneno do caluniador acabará sendo inoculado no próprio. Para tais pessoas, a calúnia é apenas um escrutínio depuratório do qual sua virtude só sairá mais brilhante. Nisso haverá mesmo proveito para a massa das virtudes da República; pois este homem virtuoso e sensível, picado pela injustiça que acaba de sofrer, aplicar-se-á em fazer ainda melhor. Ele vai querer ultrapassar esta calúnia de que se acreditava a salvo, e suas belas ações adquirirão um grau a mais de energia. Assim, no primeiro caso, o caluniador terá produzido efeitos bastante satisfatórios, multiplicando os vícios do homem perigoso; no segundo, os efeitos serão excelentes, obrigando a virtude a se oferecer a nós por inteira. Ora, então vos pergunto, em que o caluniador vos

parecerá temível, sobretudo num governo onde é tão essencial conhecer os maus e aumentar a energia dos bons? Que se evite pronunciar alguma pena contra a calúnia; consideremo-la sob o duplo aspecto de um fanal e de um estimulante e, em todos os casos, como algo muito útil. O legislador, que deve ter sempre grandes ideias como a obra a que se dedica, jamais deve estudar o efeito do delito que só atinja individualmente; é seu efeito em massa que ele deve examinar. E quando observar desta maneira os efeitos que resultam da calúnia, desafio-o a encontrar aí algo que possa ser punido; desafio-o a colocar alguma sombra de justiça na lei que o puniria; ele se tornará, ao contrário, o mais justo e o mais íntegro dos homens se a favorecer ou a recompensar.

O roubo é o segundo dos delitos morais que nos propusemos examinar.

Se percorremos a Antiguidade, veremos o roubo permitido, recompensado em todas as Repúblicas da Grécia. Esparta e a Lacedemônia o favoreciam abertamente. Alguns outros povos viam-no como uma virtude guerreira. É certo que ele mantém a coragem, a força, a habilidade, enfim, todas as virtudes úteis a um governo republicano e por consequência ao nosso. Ousarei perguntar-vos, sem imparcialidade agora, se o roubo, cujo efeito é nivelar as riquezas, é um grande mal num governo cujo objetivo é a igualdade. Não, sem dúvida, porque, se de um lado ele mantém a igualdade, de outro mostra como se deve conservar os bens. Havia um povo que não punia o ladrão, mas quem se deixasse roubar, a fim de ensinar-lhe a cuidar melhor de suas propriedades. Isso nos leva a reflexões mais extensas.

Deus me livre de querer aqui atacar ou destruir o juramento do respeito às propriedades que a nação acaba de pronunciar; mas que me seja permitido ao menos expor algumas ideias sobre a injustiça deste juramento. Qual o espírito de um juramento pronunciado por todos os indivíduos de uma nação? Não é o de manter uma perfeita igualdade entre os cidadãos, de submetê-los igualmente à lei protetora das propriedades de todos? Pergunto-vos agora se é justa a lei que ordena a quem nada possui respeitar quem tem tudo. Quais são os elementos do pacto social? Ele não consiste em ceder um pouco de sua liberdade e de suas propriedades para assegurar e manter o que se conserva de uma e de outra?

Todas as leis assentam-se sobre estas bases; elas são os motivos das punições infligidas àqueles que abusam de sua liberdade. Elas também autorizam as imposições; o que faz que um cidadão não reclame quando se as exige dele, é saber que por meio do que dá, conserva aquilo que lhe resta. Mas, uma vez mais, com que direito aquele que nada tem se prenderia a um pacto que só protege aquele que tem tudo? Se praticais um ato de equidade conservando, por vosso

juramento, as propriedades de um rico, não cometeríeis uma injustiça exigindo este juramento do “conservador” que não tem nada? Que interesse ele poderia ter em vosso juramento? E por que haveis de querer que ele prometa algo que só seja favorável àquele que tanto difere dele por suas riquezas? Nada, seguramente, é mais injusto: um juramento deve produzir igual efeito em todos os indivíduos que o pronunciam; é impossível que ele possa acorrentar aquele que não tem nenhum interesse em sua manutenção, pois não seria o pacto de um povo livre; seria a arma do forte contra o fraco, contra a qual este deveria incessantemente revoltar-se. É o que acontece ao juramento do respeito das propriedades que a nação acaba de exigir; somente o rico acorrenta o pobre, somente o rico tem interesse no juramento que o pobre pronuncia, com tanta falta de consideração que não percebe que por meio deste juramento, extorquido à sua boa-fé, obriga-se a fazer algo que não se pode fazer com ele face a face.

Assim convencidos, como deveis estar, desta bárbara desigualdade, não agraveis vossa injustiça punindo aquele que nada tem por haver ousado furtar qualquer coisa àquele que tem tudo. Vosso injusto juramento assegura-lhe mais direito que nunca; obrigando-o ao perjúrio por este juramento absurdo para ele, vós legitimais todos os crimes onde este perjúrio o levará. Logo, não cabe a vós punir aquilo de que fostes a causa. Nada mais direi para fazer sentir a horrível crueldade que se pratica ao punir os ladrões. Imitai a sábia lei do povo de que vos falei há pouco; puni o homem negligente o bastante para se deixar roubar, mas não pronunciai nenhum tipo de pena contra aquele que rouba. Pensai que o vosso juramento autoriza-o a uma ação como esta e que aquele que a pratica nada mais faz do que seguir o primeiro e o mais sábio dos movimentos da natureza, que é o de conservar a todo custo sua própria existência.

Os delitos que devemos examinar nesta segunda classe dos deveres do homem em relação a seus semelhantes consistem nas ações que se pode empreender na libertinagem, entre as quais distinguem-se, particularmente, como as mais atentatórias ao que cada um deve aos outros, a *prostituição*, o *adultério*, o *incesto*, o *estupro* e a *sodomia*. Certamente não devemos duvidar um só momento que tudo o que chamamos crimes morais, isto é, todas as ações da espécie que acabamos de citar, sejam perfeitamente indiferentes num governo cujo único dever consiste em conservar, por qualquer meio que seja, a forma essencial para a sua manutenção. Eis a única moral de um governo republicano. Ora, como ele é sempre contrariado pelos déspotas que o cercam, seria difícil imaginar de modo razoável que seus meios conservadores pudessem ser *meios morais*, pois ele só se conservará pela guerra e não há nada menos moral do que

a guerra. Pergunto agora como se conseguirá demonstrar que, num Estado *imoral* por suas obrigações, é essencial os indivíduos serem *morais*. Digo mais: é bom que eles não o sejam. Os legisladores da Grécia sentiram perfeitamente a importante necessidade de gangrenar os membros para que sua *dissolução moral*, influenciando na que é útil à máquina, provocasse a insurreição sempre indispensável num governo que, perfeitamente feliz como o governo republicano, deve necessariamente excitar ódio e inveja a todos os que o cercam. A insurreição, pensavam esses sábios legisladores, não é um estado *moral*; no entanto, ela deve ser o estado permanente de uma República. Logo, seria tão absurdo como perigoso exigir que aqueles que devem manter o perpétuo abalo⁶³ *imoral* da máquina fossem, eles mesmos, extremamente *morais*, porque o estado *moral* de um homem é um estado de paz e tranquilidade, enquanto que seu estado *imoral* é um estado de movimento perpétuo que o aproxima da insurreição necessária, na qual o republicano deve manter sempre o governo de que toma parte como membro.

Detalhemos agora, começando a analisar o pudor, esse movimento pusilânime, contraditório aos afetos impuros. Se estivesse nas intenções da natureza que o homem fosse pudico, seguramente, ela não o teria feito nascer nu; uma infinidade de povos menos degradados que nós pela civilização andam nus e não sentem a menor vergonha disso. Não duvidemos do fato de que o costume de se vestir teve por única base a inclemência do ar e a vaidade das mulheres; elas sentiram que perderiam logo todos os efeitos do desejo se os precipitassem em vez de deixá-los nascer; imaginaram que a natureza, não as tendo criado sem defeitos, lhes teria assegurado todos os meios de agradar disfarçando estes defeitos com adornos; assim, o pudor, longe de ser uma virtude, foi de fato um dos primeiros efeitos da corrupção, um dos primeiros meios de coquetismo usado pelas mulheres. Licurgo e Sólon, convencidos de que os resultados do impudor mantêm o cidadão num estado *imoral* essencial às leis do governo republicano, obrigaram as jovens a se apresentar nuas no teatro.* Roma logo imitou este exemplo: dançava-se nu nos jogos de Flora; a maior parte dos mistérios pagãos eram celebrados desta forma; a nudez inclusive foi tida como virtude por alguns povos. De qualquer modo, do impudor nascem inclinações luxuriantes; o que resulta destas inclinações compõe os pretensos crimes que analisamos e cujo primeiro efeito é a prostituição. Agora que a respeito de tudo isso estamos curados da multidão dos erros religiosos que nos cativavam, e que, mais próximos da natureza pela quantidade de preconceitos que acabamos de aniquilar, só escutamos sua voz, estejamos seguros de que, se houvesse crime em

alguma coisa, seria antes por resistir às inclinações que a natureza nos inspira do que por combatê-los, pois, persuadidos de que a luxúria é uma consequência dessas inclinações, trata-se muito menos de extinguir em nós esta paixão do que regradar os meios para satisfazê-la em paz. Logo, devemos pôr ordem nessa parte e garantir nela toda a segurança necessária, para que o cidadão que a necessidade aproxima dos objetos de luxúria possa, com esses objetos, se entregar a tudo o que suas paixões lhe prescrevam, sem jamais se prender a nada, porque não há no homem paixão nenhuma que necessite de tamanha liberdade quanto esta. Locais variados, saudáveis, vastos, adequadamente mobiliados e seguros em todos os aspectos, serão erigidos em todas as cidades. Aí, todos os sexos, todas as idades, todas as criaturas se oferecerão aos caprichos dos libertinos que vierem desfrutá-los; a mais completa subordinação será a regra exigida entre os indivíduos presentes; a menor recusa será arbitrariamente punida no mesmo instante por aquele que a tiver sofrido. Devo esclarecer isso melhor fazendo uma comparação com os costumes republicanos. Prometi a mesma lógica em tudo, mantereí a palavra.

Se, como acabo de dizer, nenhuma paixão tem mais necessidade da mais ampla liberdade que esta, nenhuma provavelmente é tão despótica. É aí que o homem gosta de comandar, ser obedecido, rodeado de escravos obrigados a satisfazê-lo. Ora, todas as vezes que não derdes ao homem o meio secreto de exalar a dose de despotismo que a natureza pôs no fundo de seu coração, ele correrá para exercê-la sobre os objetos que o cercam, ele perturbará o governo. Permiti, se quiserdes evitar tal perigo, uma livre expansão a estes desejos tirânicos que, contra a sua vontade, o atormentam incessantemente. Contento em ter podido exercer sua pequena soberania sobre o harém de icogãs⁶⁴ ou de sultanas que vossos cuidados e seu dinheiro lhe proporcionam, ele sairá satisfeito e sem nenhum desejo de perturbar um governo que lhe assegura com tanta complacência todos os meios de sua concupiscência. Exercei, ao contrário, procedimentos diversos, impondo sobre estes objetos da luxúria pública os ridículos entraves outrora inventados pela tirania ministerial e pela lubricidade de nossos Sardanapalos*: o homem, logo irritado contra o vosso governo, invejoso do despotismo que vos vê exercer totalmente só, sacudirá o jugo a que o submeteis e, farto de vossa maneira de governá-lo, modificará tudo, como, aliás, acaba de fazer.

Vede como os legisladores gregos, compenetrados destas ideias, tratavam o deboche na Lacedemônia e em Atenas. Longe de o proibir, inebriavam o cidadão com ele; nenhum gênero de lubricidade era proibido. Sócrates, declarado pelo oráculo o mais sábio dos filósofos da Terra, passava indiferentemente dos braços

de Aspásia para os de Alcebíades, e nem por isso deixava de ser a glória da Grécia. Vou ainda mais longe; por mais que minhas ideias contrariem os costumes de hoje, como meu objeto é provar que devemos nos apressar em mudá-los se quisermos conservar o governo adotado, tentarei vos convencer que a prostituição das mulheres ditas honestas não é mais perigosa do que a dos homens, e que não somente devemos associá-las às luxúrias praticadas nas referidas casas, como também devemos criar outras casas para elas, onde seus caprichos e as necessidades de seu temperamento, muito mais ardente que o nosso, possam do mesmo modo se satisfazer com todos os sexos.

Em primeiro lugar, com que direito pretendeis que as mulheres devam ser excetuadas da cega submissão que a natureza lhes prescreve aos caprichos dos homens? Depois, com que direito pretendeis subjugar a mulher a uma continência impossível para seu físico e absolutamente inútil à sua honra?

Vou tratar separadamente de ambas as questões.

É certo que, no estado de natureza, as mulheres nascem *vulgívas*, isto é, gozando as vantagens dos outros animais fêmeas e pertencendo, como elas, sem nenhuma exceção, a todos os machos. Tais foram, sem dúvida, as primeiras leis da natureza e as únicas instituições dos primeiros grupos formados pelo homem. O *interesse*, o *egoísmo* e o *amor* degradaram essas primeiras finalidades tão simples e naturais. Acreditou-se que se poderia enriquecer tomando uma mulher e com ela os bens de sua família; eis satisfeitos os dois primeiros sentimentos que acabo de indicar; com mais frequência ainda raptava-se essa mulher para ligar-se a ela; eis o segundo motivo em ação, e, em todo caso, a injustiça.

Jamais um ato de posse pode exercer-se sobre um ser livre; é tão injusto possuir exclusivamente uma mulher quanto possuir escravos. Todos os homens nascem livres, todos são iguais em direito; não devemos jamais perder de vista esses princípios. A partir disso, não se pode, pois, jamais conceder direito legítimo a um sexo de se apoderar com exclusividade do outro; e jamais um desses sexos ou uma dessas classes poderá possuir o outro arbitrariamente. Até mesmo uma mulher, na pureza das leis da natureza, não pode alegar, para justificar a recusa de alguém que a deseje, o amor que sente por outro, porque esse motivo torna-se uma exclusão e nenhum homem pode ser excluído da posse de uma mulher, desde que tenha ficado claro que ela decididamente pertence a todos. O ato de posse só pode se exercer sobre um imóvel ou um animal, jamais sobre um indivíduo que se nos assemelhe. E todos os laços que podem prender uma mulher a um homem, de qualquer espécie que podeis supô-los, são tão injustos quanto quiméricos. Se é incontestável que recebemos da natureza o

direito de exprimir nossos desejos indiferentemente a todas as mulheres, é evidente que podemos obrigá-las a se submeterem aos nossos desejos, se não de modo exclusivo, contradir-me-ia, ao menos momentaneamente.* É incontestável que temos o direito de estabelecer leis que as obriguem ceder ao furor de quem as deseja; sendo a violência um dos efeitos desse direito, podemos empregá-la legalmente. Ah, a natureza já não provou que temos esse direito nos dando a força necessária para submetê-las aos nossos desejos?

Para defenderem-se, as mulheres podem apelar em vão ao pudor ou à sua ligação com outros homens; esses meios quiméricos são nulos; vimos antes o quanto o pudor é um sentimento artificial e desprezível. O amor, que podemos chamar de *loucura da alma*, não possui mais títulos para legitimar sua constância. Não satisfazendo senão a dois indivíduos, o ser amado e o amante, não pode servir à felicidade dos outros; e foi para a felicidade de todos, não para uma felicidade egoísta e privilegiada, que nos foram dadas as mulheres. Todos os homens têm um direito de gozo idêntico sobre todas as mulheres. Não há um só homem que, diante das leis da natureza, possa erigir sobre uma mulher um direito único e pessoal. A lei que as obrigará a se prostituírem quando quisermos, nas casas de deboche que há pouco mencionamos, que as obrigará a frequentá-las, punindo-as caso se recusem a isso, será uma lei das mais equitativas e contra a qual nenhum motivo legítimo ou justo poderia reclamar.

Um homem que queira gozar de uma mulher ou de uma garota qualquer poderá, se as leis que promulgais são justas, intimá-la a comparecer a uma dessas casas de que falei; e lá, sob a salvaguarda das matronas desse templo de Vênus, ela lhe será entregue para satisfazer, com igual humildade e submissão, todos os caprichos que lhe agradar, por mais estranhos e irregulares que possam parecer; pois não há nenhum que não esteja na natureza, nenhum em favor do qual ela não se confesse. Só teria que se fixar a idade. Ora, creio não poder fazê-lo sem perturbar a liberdade de quem deseja gozar de uma mulher desta ou daquela idade. Quem tem o direito de comer o fruto de uma árvore certamente poderá colhê-lo verde ou maduro, conforme as inspirações de seu gosto. Mas, dirão, há uma idade em que a saúde da jovem decididamente pode ser prejudicada pelos procedimentos do homem. Essa consideração não tem nenhum valor; desde que me concedeis o direito de propriedade sobre o gozo, esse direito é independente dos efeitos que ele produz; a partir de então, tanto faz esse gozo ser vantajoso ou prejudicial ao objeto que a ele deve se submeter. Não provei a legalidade em contrariar a vontade de uma mulher nesse assunto e que, tão logo ela inspire o desejo do gozo, deve submeter-se a ele, abstraindo todo sentimento

egoísta? O mesmo acontece com a sua saúde. Desde que as considerações que se façam a esse respeito possam destruir ou enfraquecer o gozo daquele que a deseja, e que tem o direito de se apropriar dela, esse cuidado com a idade torna-se inútil porque de modo algum se trata aqui de saber o que sente o objeto condenado pela natureza e pela lei à satisfação momentânea dos desejos de outro. Não se trata neste exame senão daquilo que convém a quem deseja. Vamos restabelecer a balança.

Sim, devemos restabelecê-la, sem dúvida. A essas mulheres que acabamos de escravizar de forma tão cruel devemos incontestavelmente indenizar, e isso responderá a segunda questão que me propus.

Se admitimos, como fizemos agora, que todas as mulheres devem ser submissas aos nossos desejos, certamente devemos permitir-lhes que também satisfaçam amplamente os seus. É para tal fim que nossas leis devem favorecer seu temperamento de fogo. É um absurdo ter colocado sua honra e sua virtude na força antinatural de sua resistência às inclinações que receberam em muito maior profusão que nós. Essa injustiça de nossos costumes é tanto mais gritante que consentimos de uma só vez enfraquecer as mulheres à força de sedução, para em seguida puni-las por terem cedido a todos os esforços que fazemos para provocar sua queda. Todo o absurdo de nossos costumes está gravado, parece-me, nessa atrocidade desigual. Essa simples exposição deveria nos fazer sentir a extrema necessidade que temos de trocá-los por outros mais puros. Digo, portanto, que tendo as mulheres recebido inclinações muito mais violentas para os prazeres da luxúria do que nós, poderão entregar-se a eles o tanto que quiserem, absolutamente livres de todos os laços do himeneu, de todos os falsos preconceitos do pudor, devolvidas completamente ao estado de natureza. Quero que as leis lhe permitam entregar-se a tantos homens quantos desejarem; quero que a elas também seja permitido, como aos homens, o gozo de todos os sexos e de todas as partes de seus corpos. Sob a cláusula especial de se entregarem do mesmo modo a todos os que as desejarem, que elas tenham a liberdade de gozar igualmente de todos aqueles que julgarem dignos de satisfazê-las.

Quais são, pergunto, os perigos dessa licença? Crianças sem pais? Ah, o que importa isso numa República onde todos os indivíduos não devem ter outra mãe senão a pátria, onde todos os que nascem são filhos da pátria? Ah, o quanto não irão amá-la melhor aqueles que, só tendo conhecido a ela, saberão desde o nascimento que apenas dela devem esperar tudo? Não imagineis fazer bons republicanos isolando em suas famílias crianças que só devem pertencer à República. Dando somente a alguns indivíduos a dose de afeição que devem

repartir entre todos os irmãos, eles adotam inevitavelmente os preconceitos quase sempre perigosos desses indivíduos. Suas opiniões, suas ideias isolam-se, particularizam-se, e todas as virtudes de um homem de Estado tornam-se-lhes absolutamente impossíveis. Enfim, abandonando seus corações completamente aos autores de seus dias, eles não encontrarão mais neles nenhuma afeição por aquela que deve fazê-los viver, conhecer e ilustrar-se, como se estes segundos benefícios não fossem mais importantes que os primeiros! Se há grande inconveniente em deixar as crianças sugarem assim em suas famílias interesses quase sempre diferentes dos da pátria, haverá uma vantagem bem maior em separá-las delas; não haverá perigo, naturalmente, pelos meios que proponho, uma vez que destruindo completamente todos os laços do himeneu, os únicos frutos a nascerem dos prazeres da mulher serão crianças absolutamente proibidas de conhecerem o pai e pertencerem a uma única família, e que, em vez disso, serão como devem ser, ou seja, apenas filhos da pátria.

Haverá, pois, casas destinadas à libertinagem das mulheres sob proteção do governo, como as destinadas à libertinagem dos homens. Nelas serão fornecidos todos os indivíduos de um sexo e de outro que elas possam desejar; quanto mais frequentarem essas casas, mais serão estimadas. Não há nada mais bárbaro e ridículo do que ter ligado a honra e a virtude das mulheres à resistência que elas põem aos desejos recebidos da natureza e que incessantemente inflamam os que fazem a barbaridade de censurá-las. Desde a mais tenra idade,* uma moça, livre dos laços paternos, nada mais tendo a conservar para o himeneu (absolutamente abolido pelas leis sensatas que desejo), acima do preconceito que outrora encadeava seu sexo, poderá entregar-se a tudo que seu temperamento lhe ditar nas casas estabelecidas para esses fins. Ela será recebida com respeito, satisfeita em profusão e, retornando à sociedade, poderá falar publicamente dos prazeres que tiver provado, como faz hoje a respeito de um baile ou de um passeio. Sexo encantador, sereis livre! E como os homens gozareis de todos os prazeres que a natureza tornou para vós um dever; e não sereis coagidas a nenhum. Deveria a parte mais divina da humanidade submeter-se aos ferros da outra? Ah, quebrai-os! A natureza o quer; não tenhais outros freios senão os de vossas inclinações, outras leis senão os vossos desejos, outra moral que não seja a da natureza. Não vos deixeis languescer tanto tempo nesses bárbaros preconceitos que murchavam vossos encantos e escravizavam os impulsos divinos de vossos corações.** Sois livres como nós, e o caminho dos combates de Vênus está aberto para vós, assim como para nós; não temais absurdas censuras; o pedantismo e a superstição foram aniquilados. Ninguém mais vos verá corar devido aos vossos encantadores

erros. Coroadas de mirtos e de rosas, a estima que concebermos por vós só levará em conta a maior extensão que vós mesmas permitirdes lhe dar.

O que acaba de ser dito deveria, sem dúvida, dispensar-nos de examinar o adultério. Lancemos, no entanto, um breve olhar sobre ele, por mais irrelevante que tenha se tornado após as leis que estabeleci. A que ponto era ridículo considerá-lo criminoso em nossas antigas instituições! Se havia algo de absurdo no mundo, era com certeza a eternidade dos laços conjugais. Bastaria, ao que me parece, examinar ou sentir todo o peso desses liames para deixar de ver como um crime a ação que os alijasse. A natureza, como há pouco dissemos, tendo dotado as mulheres com um temperamento mais ardente, com uma sensibilidade mais profunda que a dos indivíduos de outro sexo, era para elas, sem dúvida, que o jugo de um himeneu eterno mais pesava. Mulheres ternas e abrasadas pelo fogo do amor, desforrai agora sem medo; persuadi-vos de que não pode haver nenhum mal em seguir os impulsos da natureza, que não foi para um único homem que ela vos criou, mas para agradar indiferentemente a todos. Que nenhum freio vos detenha. Imitai os republicanos da Grécia; jamais os legisladores que lhes deram as leis imaginaram fazer do adultério um crime, e quase todos autorizavam a desordem das mulheres. Em sua *Utopia*, Thomas Morus prova ser vantajoso para as mulheres se entregarem ao deboche, e as ideias deste grande homem nem sempre eram sonhos.*

Entre os Tártaros, quanto mais uma mulher se prostituía, mais honrada ela era; exibia publicamente no pescoço as marcas de seu despudor, e aquelas que não tinham o pescoço decorado não eram estimadas. No Peru, as próprias famílias entregavam suas mulheres ou meninas aos estrangeiros que aí viajavam: eram alugadas por dia como cavalos e viaturas! Enfim, os livros não seriam suficientes para demonstrar que jamais a luxúria foi considerada criminoso em nenhum dos povos sábios da Terra. Todos os filósofos sabem muito bem que devemos aos impostores cristãos o fato de ela ter sido instituída como crime. Os padres tinham seus motivos proibindo-nos a luxúria: tal recomendação, reservando-lhes o conhecimento e a absolvição dos pecados secretos, lhes proporcionava um incrível domínio sobre as mulheres e lhes abria uma carreira de lubricidade cuja extensão não tinha limites. Sabemos como eles desfrutavam disso, e como ainda abusariam caso seu crédito não estivesse perdido sem recursos.

Será mais perigoso o incesto? Não, sem dúvida; ele estende os laços de família e, em consequência, torna mais ativo o amor dos cidadãos pela pátria. Ele nos foi ditado pelas primeiras leis da natureza, nós o experimentamos, e o gozo dos

objetos que nos pertencem nos parece sempre mais delicioso. As primeiras instituições favoreceram o incesto; encontramos-lo na origem das sociedades; ele é consagrado em todas as religiões; todas as leis o favorecem.

Se percorrermos o universo, encontraremos o incesto estabelecido em toda parte. Os negros da Costa da Pimenta e do Rio Gabão prostituem suas mulheres com os próprios filhos; o filho mais velho, no reino de Judá, deve desposar a mulher de seu pai; os povos do Chile dormem indiferentemente com as próprias irmãs e filhas e desposam com frequência de uma só vez a mãe e a filha. Em suma, ousa assegurar que o incesto deveria ser a lei de todo governo baseado na fraternidade. Como é que homens razoáveis chegaram ao absurdo de crer que gozar de sua mãe, irmã ou filha pudesse ser um crime? Pergunto-vos se não é um abominável preconceito querer fazer de um homem um criminoso só porque ele prefere gozar do objeto que o sentimento da natureza mais aproxima dele? Isso equivaleria dizer que nos é proibido querer tanto os indivíduos aos quais a natureza mais ordena que amemos, e que quanto mais ela nos dá inclinações para um objeto, ao mesmo tempo, mais ordena que nos afastemos dele! Tais contrariedades são absurdas; somente os povos embrutecidos pela superstição podem acreditar nelas ou adotá-las. Incluindo necessariamente o incesto na comunidade de mulheres que estabeleço, resta pouco a dizer sobre um pretense delito cuja nulidade está suficientemente demonstrada, para que necessitemos aprofundar ainda mais este assunto. Passemos ao estupro que parece ser, à primeira vista, de todos os desvios⁶⁵ da libertinagem, aquele cuja lesão está melhor estabelecida devido ao ultraje que ele talvez provoque. Entretanto, é certo que o estupro, ação tão rara e difícil de provar, causa menos dano ao próximo do que o roubo, já que este último invade a propriedade que o primeiro se contenta em deteriorar. Que podereis, aliás, objetar ao violador, se ele vos responde que, de fato, o mal que causou é bem medíocre, já que deixou mais cedo o objeto de que abusou no estado em que logo mais seria necessariamente deixado pelo himeneu ou pelo amor?

Mas a sodomia, esse pretense crime que atraiu o fogo do céu sobre as cidades que a ela se entregavam, não é um extravio monstruoso cujo castigo não poderia ser bastante forte? Sem dúvida é muito doloroso para nós termos de censurar nossos ancestrais pelos assassinatos judiciários que ousaram permitir-se sobre este assunto. Será possível ser tão bárbaro a ponto de condenar a morte o infeliz indivíduo cujo único crime é não ter os mesmos gostos que vós? Trememos quando pensamos que há quarenta anos apenas os absurdos dos legisladores chegavam a isso. Consolai-vos, cidadãos! Tais absurdos não se repetirão! A

sabedoria de vossos legisladores responde por isso. Inteiramente esclarecidos sobre essa fraqueza de alguns homens, sabemos hoje perfeitamente que tal erro não pode ser criminoso; a natureza não teria colocado no fluido que corre em nossos rins uma importância tão grande para se enfurecer com o caminho que nos agrada seguir por este licor.

Que crime haveria nisso? Seguramente não seria o de se colocar neste ou naquele lugar, a menos que se quisesse sustentar que as partes do corpo não se assemelham todas, e que existem umas puras e outras sujas; mas, sendo impossível avançar tais absurdos, o único pretendo delito aqui só consistiria na perda da semente. Ora, pergunto-vos se é verossímil que esta semente seja tão preciosa aos olhos da natureza que não se possa perdê-la sem cometer um crime? Se assim fosse, ela procederia todos os dias a estas perdas? Não seria autorizá-las, permiti-las durante os sonhos ou quando gozamos de uma mulher grávida? Pode-se imaginar a natureza nos dando a possibilidade de um crime que a ultrajasse? Será possível que ela consinta a que homens destruam seus prazeres e se tornem com isso mais fortes do que ela? É espantoso o abismo de absurdos em que mergulhamos quando não raciocinamos à luz da razão! Tenhamos bem claro que é tão simples gozar de uma mulher de uma maneira ou de outra, que é absolutamente indiferente gozar de uma moça ou rapaz, e que é constante em nós não existir outras inclinações além das que recebemos da natureza; ela é por demais sensata e conseqüente para ter colocado em nós as que pudessem alguma vez ofendê-la.

A inclinação à sodomia resulta da organização e em nada contribuimos para esta organização. Crianças na mais tenra idade anunciam este gosto, e dele jamais se libertam. Às vezes é fruto da saciedade; mas, por causa disso, pertence menos à natureza? Sob todos os aspectos a obra da natureza, e, em qualquer caso, o que ela inspira, deve ser respeitado pelos homens. Se, por um recenseamento exato, viéssemos a provar que este gosto afeta infinitamente mais que o outro, que os prazeres que dele resultam são muito mais vivos, e que devido a isso seus sectários são mil vezes mais numerosos que seus inimigos, não seria possível concluir que, longe de ultrajar a natureza, esse vício serve seus desígnios, e que ela se importa muito menos com a progenitura do que temos a loucura de crer? Ora, percorrendo o universo, quantos povos não veremos desprezar as mulheres? Alguns só servem dela quando absolutamente necessitam de um filho para substituí-los. O hábito que os homens têm de viver juntos nas repúblicas tornará este vício cada vez mais comum, mas ele certamente não é perigoso. Os legisladores da Grécia tê-lo-iam introduzido em sua República se

assim o julgassem? Longe disso; achavam-no necessário a um povo guerreiro. Plutarco nos fala com entusiasmo do batalhão dos *amantes* e dos *amados*; somente eles defenderam durante tanto tempo a liberdade da Grécia. Este vício reinou na associação dos irmãos de armas, cimentando-a, propriamente. Os maiores homens lhe eram propensos. A América inteira, quando descoberta, encontrava-se povoada de gente com este gosto. Na Luisiana, entre os habitantes do Ilinóis, índios vestidos de mulheres prostituíam-se como cortesãs. Os negros de Benguela mantêm homens publicamente. Quase todos os haréns da Argélia hoje em dia só são povoados por rapazes; em Tebas, o amor entre os rapazes não era apenas tolerado, mas ordenado; o filósofo de Queroneia o prescrevia para suavizar os costumes dos jovens.

Sabemos a que ponto ele reinou em Roma: havia lugares públicos em que os rapazes prostituíam-se vestidos de mulheres e as moças vestidas de rapazes. Marcial, Catulo, Tíbulo, Horácio, Virgílio escreviam tanto para homens como para suas amantes, e podemos ler em Plutarco* que as mulheres não devem ter nenhuma parte no amor dos homens. Os amásios da Ilha de Creta raptavam outrora rapazes nas cerimônias mais singulares: quando amavam um rapaz informavam aos pais o dia em que o raptor iria buscá-lo; se o amante não lhe agradasse, o rapaz mostrava alguma resistência; em caso contrário, partia com ele, e o sedutor o restituía à família tão logo se servisse dele; nesta paixão, como na das mulheres, sempre se quer mais quando já se tem o bastante. Estrabão nos conta que nessa mesma ilha os haréns estavam cheios só de rapazes; eram prostituídos publicamente.

Querem uma última autoridade para provar quanto esse vício é útil numa República? Escutemos Jerônimo, o Peripatético: o amor dos rapazes, nos diz, expandiu-se por toda a Grécia porque dava coragem e força, e também servia para expulsar os Tiranos. As conspirações se formavam entre os amantes e eles se deixariam antes torturar a revelar seus cúmplices. O patriotismo assim sacrificava tudo à prosperidade do Estado; tinha-se certeza de que essas ligações fortaleciam a República; declamava-se contra as mulheres; ligar-se a tais criaturas era considerado uma fraqueza reservada ao despotismo.

A pederastia foi sempre o vício dos povos guerreiros. César nos ensina que os gauleses entregavam-se extraordinariamente a ela. As guerras que as repúblicas tinham de suportar, separando os dois sexos, propagavam este vício, e, quando nele se reconheceram consequências úteis aos Estado, a religião também o consagrou. Sabe-se que os romanos santificaram os amores de Júpiter e Ganimedes. Sextus Empiricus assegura-nos que essa fantasia era também

praticada entre os persas. Enfim, as mulheres, ciumentas e desprezadas, ofereceram-se para prestar aos maridos os mesmos serviços que eles recebiam dos rapazes. Alguns tentaram, mas voltaram a seus antigos hábitos, não achando a ilusão possível.

Os turcos, fortemente inclinados a essa depravação consagrada por Maomé no Alcorão, asseguram, todavia, que uma virgem bastante jovem pode satisfatoriamente substituir um rapaz, e raramente tornam-se mulheres antes de terem passado por essa prova. Sixto-Quinto e Sanches permitiam esse deboche; este último tentou mesmo provar que ele era útil à procriação e que uma criança engendrada após este decurso prévio seria infinitamente melhor constituída. Enfim, as mulheres se compensaram entre elas. Essa fantasia sem dúvida não tem mais inconvenientes que a outra porque o resultado é apenas a recusa em criar, e os meios dos que possuem gosto pela propagação são poderosos o bastante para que seus adversários jamais possam prejudicá-los. Os gregos apoiavam igualmente os extravios das mulheres em razões de Estado. Resultava disso que, bastando-se a si mesmas, suas comunicações com os homens eram menos frequentes e elas assim não prejudicavam os negócios da República. Luciano nos ensina o progresso que fez essa licenciosidade, e não é sem interesse que a vemos em Safo.

Em suma, não há um único perigo em todas essas manias, mesmo que fossem mais longe; mesmo se chegassem a acariciar monstros e animais, como nos demonstra o exemplo de muitos povos, não haveria nessas frivolidades o menor inconveniente porque a corrupção dos costumes, quase sempre muito útil num governo, não poderia ser nociva sob nenhum aspecto; devemos esperar de nossos legisladores bastante sabedoria e prudência para estarmos seguros de que lei alguma emanará deles para reprimir essas misérias, que, levando em conta a organização, jamais poderiam tornar mais culpado aquele que se acha inclinado a ele do que o indivíduo que a natureza criou contrafeito.

Só nos resta a examinar o assassinato na segunda classe dos delitos do homem para com seu semelhante; passaremos em seguida aos seus deveres para consigo mesmo. De todas as ofensas que o homem pode fazer a seu semelhante, o assassinato é, indubitavelmente, a mais cruel, já que lhe retira o único bem que recebeu da natureza, o único cuja perda é irreparável. Várias questões entretanto aqui se apresentam, abstraindo-se todo o prejuízo que o assassinato causa àquele que se torna sua vítima.

1. Essa ação, considerando apenas as leis da natureza, é verdadeiramente criminosa?

2. E em relação às leis da política?
3. O assassinato é prejudicial à sociedade?
4. Como ele deve ser considerado num governo republicano?
5. Enfim, o assassinato deve ser reprimido com o assassinato?

Examinemos separadamente cada uma dessas questões; o objeto é bastante essencial para que nos detenhamos nele. Provavelmente acharão nossas ideias um tanto fortes, mas e daí? Não adquirimos o direito de dizer tudo? Explicitemos aos homens grandes verdades; eles aguardam-nas de nós. Já é tempo que o erro desapareça; que sua venda caia junto a dos reis. O assassinato é um crime aos olhos da natureza? Eis a primeira questão.

Vamos aqui sem dúvida humilhar o orgulho do homem rebaixando-o ao nível de todas as outras produções da natureza; mas o filósofo não acaricia as pequenas vaidades humanas: sempre ardente na busca da verdade, ele a distingue sob os tolos preconceitos do amor-próprio, atinge-a, desenvolve-a, e a mostra audaciosamente à Terra espantada.

O que é o homem, e qual a diferença entre ele e as plantas, entre ele e os outros animais da natureza? Certamente nenhuma. Colocado fortuitamente como eles sobre o globo, nasce como eles, propaga-se, cresce e declina como eles; atinge como eles a velhice e como eles tomba no nada após o termo que a natureza assina a cada espécie de animais devido à construção de seus órgãos. Se essas aproximações são tão exatas que torna impossível ao olho examinador do filósofo perceber alguma dissemelhança, haverá, pois, tanto mal em matar um animal quanto um homem, ou quase muito pouco em fazê-lo num caso ou no outro, e a distância residirá apenas nos preconceitos de nosso orgulho. Mas nada infelizmente é tão absurdo como os preconceitos do orgulho. Encurtemos, todavia, a questão. Não podereis discordar que seja igual destruir um homem ou um animal; mas a destruição de todo animal que vive não é decididamente um mal como acreditavam os pitagóricos e como ainda acreditam os habitantes das margens do Ganges? Antes de responder a isso, recordemos aos leitores que só examinamos a questão do ponto de vista da natureza. Afrontá-la-emos, em seguida, com relação aos homens.

Pergunto que valor terão para a natureza indivíduos que não lhe custam a menor pena ou o menor cuidado? O operário só estima sua obra em razão do trabalho que ela lhe custa e do tempo que emprega para criá-la. O homem custa alguma à natureza? E, supondo que custe, custa-lhe mais do que um macaco ou elefante? Vou mais longe: quais são as matérias geradoras da natureza? De que são compostos os seres que nascem? Os três elementos que os formam não

resultam da primitiva destruição de outros corpos? Se todos os indivíduos fossem eternos, não se tornaria impossível à natureza criar novos seres? Se a eternidade dos seres é impossível à natureza, sua destruição torna-se portanto uma de suas leis. Ora, se as destruições lhe são tão úteis que ela não possa absolutamente passar sem elas, e se não pode criar sem extrair dessas massas de destruição que a morte lhe prepara, a partir desse momento a ideia de aniquilamento que ligamos à morte deixará de ser real; não haverá mais aniquilamento passível de se constatar. O que chamamos fim de cada animal vivente não será mais um fim real, mas uma simples transmutação cuja base é o movimento perpétuo, verdadeira essência da matéria e que os filósofos modernos admitem como uma de suas primeiras leis. A morte, de acordo com esses princípios irrefutáveis, não é mais do que uma mudança de forma, uma imperceptível passagem de uma existência a outra, eis o que Pitágoras chamava de metempsicose.

Uma vez admitidas tais verdades, pergunto se será possível afirmar que a destruição é um crime? Visando conservar nossos preconceitos absurdos, ousareis me dizer que a transmutação é uma destruição? Não, certamente. Seria preciso para isso provar um instante de inação, um momento de repouso na matéria. Ora, jamais descobrireis este momento. Pequenos animais se formam no instante em que o grande deixa de respirar; a vida desses pequenos animais é apenas um dos efeitos necessários e determinados para o sono momentâneo do grande. Ousareis dizer que um agrada mais à natureza do que o outro? Para isso seria preciso provar uma coisa impossível: que a forma longa ou quadrada é mais útil, mais agradável à natureza do que a oblonga ou triangular. Seria preciso provar que, com respeito aos planos sublimes da natureza, um vagabundo que engorda de preguiça e indolência é mais útil do que o cavalo cujo serviço é tão essencial, ou o boi cujo corpo é tão precioso que se aproveita todas as suas partes; seria preciso dizer que a serpente venenosa é mais necessária do que o cão fiel.

Como todos esses sistemas são insustentáveis, é preciso absolutamente admitir a impossibilidade em que nos encontramos para aniquilar as obras da natureza, admitindo que a única coisa que fazemos, entregando-nos à destruição, é operar uma variação nas formas que não pode extinguir a vida; logo, provar que existe crime na pretensa destruição de uma criatura de qualquer idade, sexo ou espécie está acima das forças humanas. Conduzidos ainda mais pela série de nossas consequências que nascem umas das outras, será, enfim, preciso convir que, longe de prejudicar a natureza, a ação que cometeis variando as formas de suas

diferentes obras é vantajosa para ela, pois lhe forneceis por esta ação a matéria-prima de suas reconstruções cujo trabalho lhe seria impraticável se nada aniquilásseis. Ora, direis, deixai a natureza agir! Isto certamente é preciso, mas não são os seus impulsos que o homem segue quando se entrega ao homicídio; é a natureza que o aconselha; e o homem que destrói seu semelhante é para a natureza aquilo que é para ele a peste ou a fome, igualmente enviadas pela sua mão, a qual se serve de todos os meios possíveis para obter mais depressa esta matéria-prima de destruição, absolutamente essencial à suas obras.

Dignemos esclarecer um instante nossa alma ao santo archote da filosofia. Que outra voz senão a da natureza nos sugere os ódios pessoais, as vinganças, as guerras, enfim, todos esses motivos de assassinatos perpétuos? Se ela nos aconselha isso tudo, é porque necessita. Como podemos, em consequência, nos considerar culpados diante dela se não fazemos outra coisa que seguir seus desígnios?

Mas eis mais do que é preciso para convencer qualquer leitor esclarecido não ser possível que o assassinato possa ultrajar a natureza.

Será ele um crime em política? Ousemos confessar, pelo contrário, ser ele, infelizmente, uma das grandes molas da política. Não foi à custa de assassinatos que Roma se tornou a senhora do mundo? Não foi à custa de assassinatos que a França hoje é livre? É inútil advertir que só falamos aqui dos assassinatos ocasionados pela guerra, e não das atrocidades cometidas pelos facciosos e desordeiros; estes são tão execrados pelo público que basta mencioná-los para excitar de uma vez o horror e a indignação geral. Que outra ciência humana tem maior necessidade de se sustentar pelo assassinato do que esta que tende a enganar, que só almeja o crescimento de uma nação às expensas de outro? As guerras, únicos frutos dessa bárbara política, são outra coisa a não ser os meios pelos quais ela se alimenta, se fortifica, se sustém? O que é a guerra senão a ciência de destruir? Estranha cegueira a do homem que ensina publicamente a arte de matar, que recompensa quem nela mais se distingue e que pune aquele que por motivos particulares se desfaz de seu inimigo! Já não é tempo de nos afastarmos desses erros tão bárbaros?

Enfim, o assassinato será um crime contra a sociedade? Quem pode imaginar isso em sua consciência? Ah, o que importa a esta numerosa sociedade que haja em seu seio um membro a mais ou a menos? Suas leis, seus modos e costumes corromper-se-iam? A morte de um indivíduo alguma vez influiu sobre a massa geral? E após a perda da maior das batalhas, ou seja, após a extinção da metade do mundo, de sua totalidade, o pequeno número de seres que pudesse sobreviver

sofreria a menor alteração material? Oh, não! A natureza inteira nada sofreria, e o tolo orgulho do homem que acredita que tudo é feito para ele ficaria bem espantado, após a destruição total da espécie humana, ao verificar que nada muda na natureza e que o curso dos astros nem sequer é desviado. Continuemos.

Como o assassinato deve ser visto num Estado republicano e guerreiro?

Certamente haveria o maior perigo em levar esta ação à desgraça ou puni-la. O orgulho do republicano pede um pouco de ferocidade; se amolece, se perde a energia, logo será subjogado. Uma singularíssima reflexão surge agora; apesar de ousada é muito verdadeira; vou dizê-la: uma nação que começa a ser governada como República só se sustentará por virtudes, pois para chegar ao máximo é preciso começar com pouco; mas uma nação velha e corrupta, que, corajosamente, abalará o jugo de seu governo monárquico para adotar um republicano, só se manterá com muitos crimes; como ela já vive no crime, se quiser passar do crime à virtude, isto é, sair de um estado violento para um suave, cairá numa inércia que certamente logo a levará à ruína. Que seria da árvore transplantada de um terreno pleno de vigor para uma superfície arenosa e seca? Todas as idéias intelectuais estão de tal forma subordinadas à física da natureza, que as comparações fornecidas pela agricultura jamais nos enganarão em moral.

Os homens mais independentes, que mais próximos se encontram da natureza, os selvagens, entregam-se diariamente ao assassinato. Em Esparta, na Lacedemônia, caçavam-se ilotas, como na França caçamos perdizes. Os povos mais livres são aqueles que mais acolhem o assassinato. Em Mindanau, quem deseja cometer um assassínio é elevado à categoria dos bravos, e logo o enfeitam com um turbante; entre os Caraguos, é preciso ter matado sete homens para obter as honrarias deste toucado; os habitantes de Bornéu creem que todos aqueles que foram levados à morte lhe serão úteis após a morte deles mesmos; os devotos espanhóis inclusive faziam votos a São Joaquim da Galícia de matar doze americanos por dia; no reino de Tangut, escolhia-se um jovem forte e vigoroso ao qual era permitido, em certos dias do ano, assassinar todos os que encontrasse pela frente. Havia um povo mais amigo do assassinato do que os judeus? É o que se vê de todas as formas, em todas as páginas de sua história.

O imperador e os mandarins da China, de tempos em tempos, tomam medidas para revoltar o povo a fim de obter, com essas manobras, o direito de promover horrendas carnificinas. Que este povo mole e afeminado se liberte do jugo de seus tiranos; ele os espancará por sua vez com muito mais razão, e o assassinato, sempre adotado, sempre necessário, só teria mudado de vítimas; ele faria o

prazer de alguns e a felicidade de outros.

Uma infinidade de nações toleram os assassinatos públicos: são totalmente permitidos em Gênova, Veneza, Nápoles, e em toda a Albânia. Em Kachau, os assassinos, na ribeira de São Domingos, em seu costumeiro traje oficial, degolam sob vossas ordens e aos vossos olhos os indivíduos por vós indicados. Os indianos tomam ópio para se encorajarem ao assassinato; depois se precipitam pelas ruas massacrando todos os que encontram pela frente; viajantes ingleses também encontraram essa mania na Batávia.

Que povo foi ao mesmo tempo maior e mais cruel do que os romanos e que nação conservou por mais tempo seu esplendor e sua liberdade? O espetáculo dos gladiadores animava sua coragem; Roma tornou-se guerreira pelo hábito de fazer do assassinato um jogo. Mil e duzentas a mil e quinhentas vítimas lotavam diariamente a arena do circo; e as mulheres, mais cruéis do que os homens, exigiam que os moribundos caíssem com graça e ainda encenassem⁶⁶ sob as convulsões de morte. Os romanos passaram daí ao prazer de ver anões degolando-se diante deles; e quando o culto cristão, infectando a Terra, veio persuadir aos homens de que era um mal se matarem uns aos outros, os tiranos, imediatamente, encadearam esse povo, e os heróis do mundo depressa tornaram-se brinquedos.

Em toda parte, enfim, com razão acreditou-se que o assassino, isto é, aquele que sufoca sua sensibilidade a ponto de matar seu semelhante e de desafiar a vingança pública ou particular, em toda parte, digo, acreditou-se que um tal homem só podia ser bastante corajoso e, por conseguinte, muito precioso num governo guerreiro ou republicano. Percorrendo ainda nações que, mais ferozes ainda, só ficavam satisfeitas imolando crianças, com frequência as próprias, veremos essas ações adotadas universalmente e até mesmo às vezes fazendo parte de suas leis. Várias populações selvagens matam seus recém-nascidos. Às margens do Orenoque, as mães imolavam suas filhas tão logo lhes davam à luz; acreditavam que elas só nasciam para serem infelizes, já que seu destino era o de tornarem-se esposas dos selvagens dessa região que não permitia mulheres. Na Trapobana e no reino de Sopit, todas as crianças disformes eram imoladas pelos próprios pais. As mulheres de Madagascar expunham às feras as crianças nascidas em certos dias da semana. Nas repúblicas da Grécia, todas as crianças que vinham ao mundo eram cuidadosamente examinadas, e caso se constatasse não serem constituídas para defender um dia a República, eram imediatamente imoladas: lá ninguém achava essencial erigir casas ricamente dotadas para conservar essa vil escória da natureza humana*. Até a mudança da sede do

Império, todos os romanos que não quisessem alimentar seus filhos os jogavam no depósito de lixo. Os antigos legisladores não tinham nenhum escrúpulo em destinar crianças à morte, e jamais nenhum de seus códigos reprimia os direitos que um pai se arrogava sobre sua família. Aristóteles aconselhava o aborto; esses antigos republicanos, cheios de entusiasmo e ardor pela pátria, desconheciam esta comiseração individual que se encontra nas nações modernas; amava-se menos as crianças, mas amava-se mais o país. Em todas as cidades chinesas encontra-se todas as manhãs uma incrível quantidade de crianças abandonadas pelas ruas; ao fim do dia são recolhidas por uma carroça e depois jogadas numa fossa; por vezes as parteiras mesmas aliviam as mães afogando seus frutos em tinas de água fervente ou jogando-os no rio. Em Pequim, as crianças são postas em pequenos cestos de junco e depois abandonadas nos canais; o célebre viajante Duhalde calcula em aproximadamente mais de trinta mil o número dos que são retirados de lá em cada averiguação. Não se pode negar que seja absolutamente necessário e extremamente político barrar a população num governo republicano; por objetivos completamente opostos é preciso encorajá-la numa Monarquia onde os tiranos, ricos apenas em razão do número de seus escravos, seguramente necessitam de homens; mas a abundância dessa população, não duvidemos disso, é um vício real num governo republicano. Entretanto, não é preciso degolar para diminuir a população, como diziam nossos modernos decenviros: deve-se apenas não lhe dar meios de se estender além dos limites que sua felicidade prescreve. Evitai multiplicar demais um povo em que cada ser é soberano e estejais bem certos de que as revoluções jamais são outra coisa que os efeitos de uma população numerosa demais. Se, para o esplendor de um Estado, concedeis a vossos guerreiros o direito de destruir homens, para a conservação desse mesmo Estado, concedei a cada indivíduo o direito de se desfazer das crianças que não pode alimentar ou das quais o governo não possa tirar nenhum proveito; cada indivíduo pode entregar-se a isso o quanto quiser, já que assim fazendo não ultraja a natureza. Concedei-lhe também que se desfaça, assumindo seus riscos e perigos, de todos os inimigos que lhe possam prejudicar, pois o resultado de todas essas ações, absolutamente nulas em si mesmas, será conservar vossa população num Estado moderado e jamais numeroso o bastante para derrubar vosso governo. Deixai os monarquistas dizer que um Estado só é grande por causa de sua extrema população; esse Estado será sempre pobre se a população exceder os meios de vida, e florescerá sempre se, contido nos justos limites, puder comerciar seus excedentes. Não é preciso podar a árvore quando ela se enche de galhos e cortar

seus ramos para conservar-lhe o tronco? Todo sistema que se afasta desses princípios é uma extravagância cujos abusos nos levariam logo à destruição total do edifício que acabamos de erguer com tanto esforço. Não se deve destruir um homem já criado para diminuir a população; é injusto abreviar os dias de um indivíduo bem constituído; mas não é injusto impedir que venha ao mundo um ser que certamente lhe será inútil. A espécie humana deve ser depurada no berço; só assim ireis prevenir e suprimir de seu seio tudo aquilo que jamais seria útil à sociedade. Eis os únicos meios razoáveis de diminuir uma população que, por ser extensa demais, é, como acabamos de provar, o mais perigoso dos abusos.

É tempo de resumir.

O assassinato deve ser reprimido pelo assassinato? Não, sem dúvida. Só devemos impor ao assassino a pena que podem incorrer por vingança os amigos ou a família da vítima. *Eu vos perdoo*, disse Luís XV a Charolais que matara um homem para se divertir, *mas também àquele que irá matar-vos*. Todas as bases da lei contra os assassinos se encontram nessas palavras sublimes.*

Enfim, o assassinato é um horror, mas um horror quase sempre necessário, jamais criminoso; por isso é essencial tolerá-lo num Estado republicano. O universo inteiro, como já mostrei, nos dá exemplos dele; mas, será preciso considerá-lo uma ação feita para ser punida de morte? Os que respondem ao seguinte dilema terão resolvido a questão: o assassinato é ou não um crime? Se não é, para que fazer leis que o punem? E se for, por que bárbara e estúpida inconseqüência o punireis com um crime semelhante?

Só nos resta falar dos deveres do homem para consigo mesmo. Como o filósofo só adota esses deveres na medida em que contribuem para seu prazer e conservação, é inútil recomendar-lhes sua prática e, mais inútil ainda, impor castigos se não os cumprir.

O único delito que o homem pode cometer nesse gênero é o suicídio. Não me entretere aqui em provar a imbecilidade das pessoas que fazem desta ação um crime. Remeto à famosa carta de Rousseau⁶⁷ aqueles que ainda tiverem dúvida sobre isso. Quase todos os antigos governos autorizavam o suicídio pela política e pela religião. Os atenienses expunham no Areópago as razões pelas quais se matavam e depois se apunhalavam. Todas as repúblicas da Grécia toleraram o suicídio; ele constava do plano dos legisladores; as pessoas matavam-se em público, fazendo da morte um espetáculo pomposo. A República romana encorajava o suicídio; seus célebres devotamentos à pátria não passavam de suicídios. Quando Roma foi tomada pelos gauleses, os senadores mais ilustres consagraram-se à morte. Retomando esse mesmo espírito, adotaremos as

mesmas virtudes. Um soldado matou-se de desgosto durante a campanha de 92 por não poder acompanhar seus camaradas na questão de Jemmapes.⁶⁸ Se fossemos sempre colocados à altura desses orgulhosos republicanos, superaríamos logo suas virtudes. É o governo que faz o homem. Um hábito tão longo de despotismo debilitara totalmente nossa coragem, corrompera nossos costumes; nós renascemos. Logo veremos de que ações sublimes são capazes o gênio, o caráter francês quando livres. Sustentemos ao preço de nossas fortunas e de nossas vidas esta liberdade que já nos custou tantas vítimas; não lamentaremos nenhuma se atingirmos a meta; eles se sacrificaram voluntariamente. Que esse sangue não seja inútil! Mais união é preciso... mais união, ou perderemos o fruto de tantos esforços. Fundemos excelentes leis sobre as vitórias conquistadas; nossos primeiros legisladores, ainda escravos do déspota que enfim abatemos, só nos tinham dado leis dignas desse tirano que eles ainda incensavam. Refaçamos sua obra, pensando que é para os republicanos e para os filósofos que vamos trabalhar. Que nossas leis sejam brandas como o povo que devem reger.

Oferecendo aqui o nada, como acabo de fazer, a indiferença de uma infinidade de ações que nossos ancestrais, seduzidos por uma falsa religião, viam como criminosas, reduzo nosso trabalho a bem pouca coisa. Fazemos poucas leis, mas que sejam boas. Não se trata de multiplicar os freios, mas de dar àquele que o emprega uma qualidade indestrutível. Que as leis promulgadas só tenham por finalidade a tranquilidade do cidadão, sua felicidade e o brilho da República. Mas, após ter rechaçado o inimigo de vossas terras, franceses, eu não desejaria que o ardor de propagar vossos princípios vos arrastasse longe demais; somente a ferro e fogo podereis levá-los aos confins do universo. Antes de cumprir essas resoluções, tendes sempre em mente o malogro das cruzadas. Quando o inimigo estiver do outro lado do Reno, acreditai-me, guardai vossas fronteiras e ficai em vossa casa; reanimai o comércio, restituindo a energia e o mercado a vossas manufaturas; fazei reflorescer as artes, encorajai a agricultura, tão necessária num governo como o vosso, cujo espírito deve ser poder fornecer a toda gente sem ter necessidade de ninguém; deixai os tronos da Europa desmoronarem por si mesmos; o vosso exemplo, a prosperidade, depressa os lançarão por terra sem que preciseis interferir.

Invincíveis em vosso território, modelos de todos os povos pela vossa polícia e boas leis, não haverá governo no mundo que não fará tudo para vos imitar e que não se honre com a vossa aliança. Mas se, pela honra vã de levar longe vossos princípios, abandonardes o cuidado de vossa própria felicidade, o despotismo,

que está apenas adormecido, renascerá, discórdias intestinas vos dilacerarão, tereis exaurido vossas finanças e vossos soldados, e tudo isso para outra vez beijar os ferros que os tiranos vos imporão, os quais vos terão subjogado durante vossa ausência. Tudo o que desejais pode-se conseguir sem que seja preciso deixar vossos lares; que os outros povos vos vejam felizes e correrão ao encontro da felicidade pelo mesmo caminho que lhes tiverdes traçado.*

EUGÉNIE, *a Dolmancé* - Eis o que se pode chamar um escrito pleno de sabedoria, e, sob tantos aspectos, tão de acordo com os vossos princípios, que eu seria tentada a acreditar que sois o autor.

DOLMANCÉ - É bem verdade que concordo com uma parte dessas reflexões, e meus discursos, como pudestes comprovar, dão mesmo à leitura que acabamos de fazer a aparência de uma repetição...

EUGÉNIE, *interrompendo* - Não percebi isso; nunca é demais dizer boas coisas; acho apenas que alguns desses princípios são um tanto perigosos.

DOLMANCÉ - Só a piedade e a beneficência são perigosas no mundo. A bondade é apenas uma fraqueza cuja ingratidão e a impertinência dos fracos forçam sempre as pessoas honestas a se arrepender. Que um bom observador ouse calcular todos os perigos da piedade, e que os coloque em paralelo com os de uma firmeza convicta, e verá se os primeiros não serão maiores. Mas estamos indo longe demais, Eugénie; resumamos para a vossa educação um único conselho que podemos tirar de tudo o que foi dito: não deis ouvidos ao coração, minha filha, é o guia mais falso que a natureza nos poderia ter dado; fechai-o cuidadosamente aos apelos falaciosos do infortúnio. Vale muito mais a pena recusar aquele que de fato seria conforme o vosso interesse, do que vos arriscar entregando-vos a um celerado, a um intrigante ou a um trapaceiro; um teria leve consequência, o outro, o maior inconveniente.

CAVALEIRO - Peço-vos permissão para retomar do começo os princípios de Dolmancé e destruí-los, se puder. Ah, como seriam diferentes, homem cruel, se, privado dessa fortuna imensa onde encontras incessantemente os meios de satisfazer tuas paixões, pudesses languescer alguns anos nesse acabrunhante infortúnio com que teu espírito feroz ousa injustiçar os miseráveis! Lança um olhar de piedade sobre eles, e não anula tua alma a ponto de endurecê-la, para sempre, aos gritos lacerantes da necessidade! Enquanto teu corpo, cansado unicamente da volúpia, repousa languidamente em colchão de penas, vê o dele, abatido pelos trabalhos que te fazem viver, recolher apenas um pouco de palha para se preservar da friagem da terra, de que tem, como os animais, somente a

fria superfície para se estender. Lança um olhar sobre eles, quando, rodeado de suculentos pratos de que vinte discípulos de Comus despertam todos os dias a tua sensualidade, esses desgraçados disputam com os lobos, nos bosques, a amarga raiz de um solo árido. Quando os jogos, as graças e os risos conduzem ao teu leito impuro os mais tocantes objetos do templo de Citera, repara nesse miserável estendido ao lado da triste esposa, que, satisfeito dos prazeres que colhe ao seio das lágrimas, nem sequer desconfia de outros; olha-o, quando nada te recusas, quando nadas no supérfluo; olha-o, digo, obstinadamente carecer das necessidades básicas da vida. Lança um olhar sobre sua família desolada; vê sua esposa trêmula desdobrar-se com ternura entre os cuidados que oferece ao marido inerte a seus pés, e os que a natureza ordena para com os rebentos de seu amor, sem a possibilidade de cumprir qualquer um desses deveres tão sagrados para a sua alma sensível. Ouve-a sem tremer, se puderes, reclamando junto a ti esse supérfluo que tua crueldade lhe recusa!

Bárbaro! Não são todos homens como tu? E se são teus semelhantes, como podes gozar enquanto eles languescem? Eugénie, Eugénie, não apagueis jamais em vossa alma a voz sagrada da natureza: é à beneficência que ela vos irá conduzir, apesar de vós mesma, quando separardes seu órgão do fogo das paixões que o absorve. Deixemos de lado, concordo, os princípios religiosos, mas não abandonemos as virtudes que a sensibilidade nos inspira. Só praticando-as iremos provar os mais doces e deliciosos prazeres da alma. Todos os desvios de vosso espírito serão resgatados por uma boa obra; ela extinguirá em vós os remorsos que vossa má conduta fará nascer nele, e, formando no fundo de vossa consciência um asilo sagrado em que podereis, às vezes, vos concentrar em vós mesma, encontrareis a consolação dos desvios a que vossos erros vos terão levado. Minha irmã, sou jovem, libertino, ímpio, capaz de todos os deboches do espírito, mas meu coração se salva; ele é puro, e é com ele, meus amigos, que me consolo de todos os caprichos da minha idade.

DOLMANCÉ - Sim, cavaleiro, sois jovem, vosso discurso comprova-o; vos falta experiência. Quero vos ouvir depois que ela vos tiver amadurecido; então, meu caro, não falareis tão bem dos homens porque os tereis conhecido. Foi sua ingratidão que secou meu coração, sua perfídia que aniquilou em mim essas virtudes funestas para as quais eu talvez tenha nascido como vós. Ora, se os vícios de uns tornam essas virtudes perigosas nos outros, não se presta um serviço à juventude sufocando-as o quanto antes? Que me dizeis do remorso, meu amigo? Poderá existir na alma dos que não veem crime em nada? Que os vossos princípios os sufoquem, se temeis seu aguilhão! Podereis vos arrepender

de uma ação de cuja indiferença estareis profundamente convencido? Se não vedes mal em mais nada, de que mal podereis vos arrepender?

CAVALEIRO - Não é do espírito que vêm os remorsos, eles são frutos do coração; jamais os sofismas da mente hão de extinguir os movimentos da alma.

DOLMANCÉ - Mas o coração engana, porque não é mais do que a expressão dos falsos cálculos do espírito; amadurecendo este, o outro imediatamente cederá. Falsas definições sempre nos extraviam quando queremos raciocinar; eu mesmo não sei o que o coração é; chamo assim as fraquezas do espírito. Uma única tocha me ilumina. Quando estou são e firme, ela jamais me desencaminha. Sou velho, hipocondríaco e pusilânime? Ela me engana; digo que sou sensível, quando, no fundo, sou apenas fraco e tímido. Mais uma vez, Eugénie, que esta pérfida sensibilidade não abuse de vós; estejais bem certa de que ela é apenas fraqueza da alma. Só choramos porque tememos, eis porque os reis são tiranos. Portanto, rejeitai, detestai os conselhos pérfidos do cavaleiro. Pedindo para abrir vosso coração a todos os males imaginários do infortúnio, ele procura arranjar-vos uma soma de penas que, não sendo vossas, vos dilaceram inutilmente. Ah, acreditai Eugénie, acreditai que os prazeres nascidos da apatia valem bem os que a sensibilidade vos dá; esta só sabe atingir o coração num sentido, enquanto a outra o acaricia e o agita em todas as partes. Em suma: os gozos permitidos poderão se comparar aos que reúnem, em atrativos bem mais picantes, os inestimáveis gozos de ruptura dos freios sociais e da destruição de todas as leis?

EUGÉNIE - Tu triunfas, Dolmancé, tu venceste! O discurso do cavaleiro apenas tocou minha alma; o teu a seduz e a arrebatou. Ah, acreditai-me, cavaleiro, deveis antes dirigir-vos às paixões do que às virtudes, quando quiserdes persuadir uma mulher.

SAINT-ANGE, *ao cavaleiro* - Sim, meu amigo. Fode-nos com ardor, mas não nos pregues sermões: não vais nos converter e poderás perturbar as lições com que desejamos abeberar a alma e o espírito desta encantadora jovem.

EUGÉNIE - Perturbar? Oh, não, não! Vossa obra está concluída. Aquilo que os tolos chamam de corrupção está suficientemente estabelecido em mim para não deixar uma única esperança de retorno, e seus princípios estão muito bem gravados em meu coração para que os sofismas do cavaleiro possam destruí-los.

DOLMANCÉ - Ela tem razão, cavaleiro. Não falemos mais disso. Cometeríeis um erro, e esperamos de vossa parte apenas ações.

CAVALEIRO - Está bem; sei que estamos aqui para uma finalidade muito diferente da que eu pretendia. Vamos direto ao ponto; guardarei minha moral para aqueles que, menos ébrios do que vós, estarão em melhores condições de

compreendê-la.

SAINT-ANGE - Sim, meu irmão, dá-nos apenas tua porra; dispensamos tua moral; ela é doce demais para os *devassos* de nossa espécie.

EUGÉNIE - Receio, Dolmancé, que esta crueldade que preconizais com tanto ardor influencia um pouco os vossos prazeres; já constatei o quão duro sois ao gozar; acho que também tenho algumas disposições para tal vício. Para esclarecer minhas ideias a esse respeito, digei-me, por favor, como vede o objeto que serve aos vossos prazeres?

DOLMANCÉ - Como absolutamente nulo, minha cara. Que ele participe ou não de meus gozos, que sinta ou não contentamento, apatia ou mesmo dor, contanto que eu seja feliz, o resto para mim tanto faz.

EUGÉNIE - Melhor ainda quando ele sofre, não é mesmo?

DOLMANCÉ - Certamente, é muito melhor. Já vos disse, a repercussão, mais ativa em nós, determina de forma mais rápida e enérgica os espíritos animais na direção necessária da volúpia. Abri os serralhos da África, da Ásia e da Europa meridional; vede se os chefes desses célebres haréns se preocupam muito em dar prazer aos indivíduos que os servem quando sentem tesão. Eles ordenam e são obedecidos; gozam e ninguém ousa respondê-los; quando estão satisfeitos, todos se afastam. Alguns deles puniriam como falta de respeito a audácia de participar de seus prazeres. O rei de Achem manda impiedosamente cortar a cabeça da mulher que ousa se esquecer, em sua presença, a ponto de gozar, e com frequência ele mesmo a decepa. Esse déspota, um dos mais singulares da Ásia, só tem mulheres como guarda; só lhes dá ordens mediante sinais; a morte mais cruel é a punição para aquelas que não conseguem entendê-los e os suplícios são executados sempre por sua própria mão ou diante de seus olhos.

Tudo isso, minha cara Eugénie, está absolutamente fundado sobre princípios que vos desenvolvi. O que se deseja quando se goza? Que todos aqueles que nos rodeiam só se ocupem de nós, só pensem em nós, só cuidem de nós. Se os objetos que nos servem também gozam, ei-los mais ocupados consigo próprios do que conosco, e conseqüentemente nosso prazer será prejudicado. Não há homem que não queira ser déspota quando sente tesão. Por certo seu prazer diminui quando os outros também parecem senti-lo. Levado por um movimento de orgulho muito natural nesse momento, ele quer ser o único no mundo a ser suscetível de experimentar o que sente. A ideia de ver outro gozar como ele coloca-o numa espécie de igualdade que prejudica os atrativos individuais que o *despotismo* proporciona.* É falso, aliás, que haja prazer quando o proporcionamos aos outros; isto seria servi-los, e o homem de pau duro está

longe do desejo de ser útil aos outros. Praticando o mal, ao contrário, ele experimenta todos os encantos provados por um indivíduo nervoso que faz uso de suas forças; ele então domina, é *tirano*. Que diferença para o amor próprio! Não acreditemos que ele se cale neste caso.

O ato de gozar é uma paixão que subordina a si todas as outras, concordo, mas que reúne todas ao mesmo tempo. Esta vontade de dominar, neste momento, é tão forte na natureza que a reconhecemos mesmo entre os animais. Vede se os que estão sob o cativo procriam quando estão livres. Os dromedários vão além: só procriam quando estão sós. Tentai surpreendê-los, mostrai que podeis dominá-los, e imediatamente se separam de suas companheiras e fogem. Se não fosse intenção da natureza esta superioridade do homem, ela não teria feito mais fracos do que ele os seres que lhe destina para tais momentos. Esta debilidade a que a natureza condenou as mulheres prova incontestavelmente ser sua intenção que o homem, que então goza mais do que nunca de sua potência, a exerça mediante todas as formas de violência que desejar, incluindo os suplícios. A crise da volúpia seria uma espécie de raiva se a intenção dessa mãe do gênero humano não fosse dar ao coito o mesmo tratamento que a cólera? Que homem bem constituído, enfim, dotado de órgãos vigorosos, não deseja, de um modo ou de outro, molestar o objeto de seu gozo? Sei perfeitamente que uma infinidade de idiotas, que jamais se dão conta de suas sensações, compreenderão mal os sistemas que estabeleço; mas que me importam estes imbecis? Não é para eles que falo. Vis adoradores de mulheres, deixo-os aos pés de suas insolentes Dulcineias aguardando o suspiro que os fará felizes, e desprezíveis escravos do sexo que deveriam dominar, abandono-os aos míseros encantos de se agrilhoarem enquanto a natureza lhes dá o direito de martirizar os outros. Que estes animais vegetem na baixeza que os avilta: seria em vão tentar aconselhá-los. Mas que não denigram o que não podem compreender, persuadindo-se que aqueles que só querem estabelecer seus princípios em tais matérias conforme os impulsos de uma alma vigorosa e de uma imaginação sem freios, como nós fazemos, senhora, vós e eu, serão os únicos que merecerão ser ouvidos, os únicos feitos para lhes prescreverem leis e lhes dar lições.

Porra! Que tesão!... Chamai Augustin, por favor! (*Soam a sineta, ele aparece.*) ...É espantoso como o cu soberbo deste belo rapaz não me sai da cabeça desde o momento em que comecei a falar! Todas as minhas ideias pareciam involuntariamente se ligar a ele... Expõe aos meus olhos esta obra-prima, Augustin... Que eu a beije e acaricie por quinze minutos! Vem, meu amor, que eu me torne digno em teu belo cu das flamas com que me abrasa Sodoma! Ele tem

as nádegas mais lindas... mais brancas! Gostaria que Eugénie, de joelhos, lhe chupasse o pau enquanto isso. Nessa posição, ela vai expor seu traseiro ao cavaleiro, que vai enrabá-la. A senhora de Saint-Ange, cavalgando Augustin, me apresentará suas nádegas para eu beijar; armada de um punhado de varas e curvando-se um pouco, ela poderia ainda, ao que me parece, açoiar o cavaleiro, que com essa estimulante cerimônia não irá poupar nossa aluna. *(A postura se arranja.)* Sim, assim mesmo. Está muito melhor, meus amigos! De fato, é um prazer encomendar-vos quadros; não há artistas no mundo que os executem tão bem!... que cu estreito tem este patife!... Tudo o que posso fazer é me alojar nele... Quereis permitir, senhora, que eu morda e belisque vossa bela carne enquanto fodo?

SAINT-ANGE - O quanto quiser, meu amigo; mas minha vingança não tardará, estou te avisando; juro que, a cada vexação, soltarei um peido em tua boca.

DOLMANCÉ - Ah, meu deus! Que ameaça!... só servirá para apressar teu suplício, querida. *(Morde-a.)* Vejamos se manterás a palavra! *(Recebe um peido.)* Ah, porra! Que delícia! Que delícia!... *(Ele lhe dá umas palmadas e imediatamente recebe outro peido.)* Oh, que divino, meu anjo! Guarda alguns para o instante da crise⁶⁹... e saibas que irei tratar-te com toda a crueldade... toda a barbárie... Porra!.. Não aguento mais... estou esportando!... *(Morde-a, dá-lhe palmadas e ela não para de peidar.)* Vê como te trato, sacana!... como te domino... Toma mais esta... e esta... e que o último insulto seja no próprio ídolo em que sacrifiquei! *(Morde-lhe o olho do cu; a postura se desfaz.)* E vós, amigos, o que fizestes?

EUGÉNIE, *expelindo a porra que tem no cu e na boca.* - Ai de mim! Meu mestre... vede como vossos alunos me deixaram... Meu traseiro e minha boca estão cheios de porra... só lanço porra de todos os lados!

DOLMANCÉ, *vivamente.* - Esperai, quero que devolveis para minha boca o que o cavaleiro vos depositou no cu.

EUGÉNIE, *tomando posição.* - Que extravagância!

DOLMANCÉ - Ah, não há nada melhor quanto a porra que sai do fundo de um belo traseiro!... É um manjar digno dos deuses. *(Engole.)* Vede como o degusto. *(Dirige-se ao cu de Augustin, e o beija.)* Peço-vos licença, senhoras, para ir com este jovem ao gabinete vizinho.

SAINT-ANGE - Mas não podeis fazer aqui tudo o que quiserdes com ele?

DOLMANCÉ, *baixo e misterioso.* - Não, há certas coisas que exigem véus.

EUGÉNIE - Ah, meu deus! Dizei-nos ao menos de que se trata.

SAINT-ANGE - Só o deixo ir sob esta condição.

DOLMANCÉ - Quereis mesmo saber?

EUGÉNIE - Absolutamente.

DOLMANCÉ, *levando Augustin*. - Está bem, senhoras, vou... mas, na verdade, isto não se pode dizer.

SAINT-ANGE - Acaso existe alguma infâmia no mundo que não somos dignas de ouvir e executar?

CAVALEIRO - Vinde, minha irmã, vou dizer-vos. (*Fala baixo às duas mulheres.*)

EUGÉNIE, *com ar de repugnância*. - Tens razão, é horrível!

DOLMANCÉ - Vede por que eu não devia contar esta fantasia; agora compreendeis que é preciso estar só e na penumbra para entregar-se a semelhantes torpezas.

EUGÉNIE - Quer que eu vos acompanhe? Posso masturbar-vos enquanto vos divertirdes com Augustin.

DOLMANCÉ - Não, não, é uma questão de honra que só deve ser tratada entre homens; uma mulher só iria atrapalhar... Voltaremos logo, senhoras. (*Sai, levando Augustin.*)

* Se alguém examinar atentamente esta religião verá que as impiedades que nela abundam originam-se em parte da ferocidade e da ignorância dos judeus, e em parte da indiferença e da confusão dos gentios; em vez de se apropriarem do que os povos da antiguidade podiam oferecer de bom, os cristãos parecem ter formado sua religião apenas da mescla dos vícios que encontraram por todo lado.

* Acompanhai a história de todos os povos: vereis que jamais algum deles trocou o governo que tinha por um governo monárquico a não ser em razão do próprio embrutecimento ou superstição. Vereis sempre os reis apoiarem a religião e a religião sagrar os reis. É conhecida a história do intendente e do cozinheiro: “*Passai-me a pimenta, vos passarei a manteiga*”. Ó infelizes humanos, estareis sempre destinados a se parecerem com o chefe desses tratantes!?

* Todas as religiões concordam em nos exaltar a sabedoria e a potência íntimas da divindade; mas assim que elas nos expõem sua conduta, só encontramos imprudência, fraqueza e loucura. Dizem que deus criou o mundo para si mesmo, e, até agora, não conseguiu se fazer honrar convenientemente. Deus nos criou para adorá-lo e passamos os dias caçoando dele! Que deus mais pobre este!...

** Trata-se aqui apenas daqueles cuja reputação há muito tempo é conhecida.

* Cada povo considera sua religião a melhor e, para se convencer disso, apoia-se sobre uma infinidade de provas não apenas discordantes entre si mas quase todas contraditórias. Na profunda ignorância em que nos encontramos, qual é aquela que pode agradar a Deus supondo que exista um deus? Se formos sensatos, devemos proteger todas igualmente ou proscrevê-las todas; ora, proscrevê-las certamente é mais seguro, já que temos a certeza moral de que todas as religiões são fingimentos,⁶¹ e nenhuma pode agradar mais do que outra a um deus que não existe.

* Disse-se que a intenção desses legisladores era, embotando a paixão que os homens sentem por uma mulher nua, tornar mais ativa aquela que experimentam algumas vezes pelo próprio sexo. Esses sábios demonstravam o que queriam que causasse desgosto e ocultavam o que acreditavam feito para inspirar os

- mais doces desejos; em todo caso, não trabalhavam pelos mesmos objetivos que acabamos de apresentar? Percebe-se que sentiam necessidade da imoralidade nos costumes republicanos.
- * É sabido que o infame e celerado Sartine dispunha para Luís XV os meios da luxúria, fazendo-o ler, por intermédio da Dubarry, três vezes por semana, detalhes da vida privada que ele mesmo enriquecia com tudo o que se passava nos piores antros de Paris. Esse ramo da libertinagem do Nero francês custava três milhões ao Estado!
 - * Não venham me dizer que estou aqui me contradizendo; e que depois de ter estabelecido anteriormente que não temos o direito de ligar uma mulher a nós, destruo esses princípios dizendo que temos direito de obrigá-la a isso; repito aqui tratar-se do gozo e não da propriedade; não tenho nenhum direito de propriedade sobre uma certa fonte que encontro em meu caminho, mas tenho todo o direito de usufruí-la, de desfrutar da água límpida que oferece à minha sede; também não tenho direito de propriedade desta ou daquela mulher, mas tenho incontestavelmente o de gozá-la; posso assim obrigá-la a me satisfazer caso ela queira por qualquer motivo recusar-me.
 - * As babilonianas levavam suas primícias ao templo de Vênus antes de completar sete anos. O primeiro movimento de concupiscência que uma jovem sente é a época que a natureza lhe indica para se prostituir, e, sem qualquer outra espécie de consideração, ela deve ceder assim que sua natureza fala; se resiste, ultraja suas leis.
 - ** As mulheres não sabem a que ponto a lascívia as embeleza. Se compararmos duas mulheres de idade e beleza mais ou menos equivalente, uma vivendo no celibato e a outra na libertinagem, veremos como esta última reúne mais brilho e frescor; toda violência contra a natureza desgasta muito mais do que o abuso dos prazeres; não há pessoa que não saiba o quanto os leitos embelezam uma mulher.
 - * Ele mesmo queria que os noivos se vissem completamente nus antes do casamento. Quantos casamentos não se realizariam se esta lei fosse promulgada! Caso contrário, confessemos ser o que acontece quando se compra uma mercadoria sem antes vê-la.
 - * *Obras morais, Tratado do amor.*
 - * É preciso esperar que a nação modifique essa despesa, a mais inútil de todas; todo indivíduo que nasce sem as qualidades necessárias para um dia ser útil à república não tem nenhum direito em conservar a vida, e o que melhor se pode fazer é tirá-la no momento em que ele a recebe.
 - *) A lei sálica só punia o assassinato com uma simples multa, e como o culpado facilmente encontrava meios de escapar dela, Childebert, rei da Austrásia, por um regulamento feito em Colônia, decretou pena de morte não ao assassino, mas àquele que se subtraísse à multa prevista para o assassino. A lei ripuária também só ordenava uma multa contra esse ato, proporcional ao indivíduo que ele matasse. Era muito alta quando se tratava de um padre: fazia-se uma túnica de chumbo do tamanho do assassino, e ele devia pagar em ouro o peso equivalente dessa túnica; caso contrário, o culpado e sua família se tornariam escravos da Igreja.
 - *) Lembremo-nos de que a guerra exterior jamais foi proposta a não ser pelo infame Dumouriez.
 - * A pobreza da língua francesa nos obriga a empregar palavras que nosso feliz governo hoje com tanta razão nos reprova. Esperamos que nossos leitores esclarecidos nos entendam e não confundam despotismo político com o despotismo luxuriosíssimo da libertinagem.



SEXTO DIÁLOGO

SENHORA DE SAINT-ANGE, EUGÉNIE, O CAVALEIRO

SAINT-ANGE - De fato, meu irmão, teu amigo é bem libertino.

CAVALEIRO - Não te enganei, portanto, a seu respeito.

EUGÉNIE - Estou persuadida de que não há outro igual no mundo... Oh, minha amiga, ele é encantador! Vejamo-lo sempre, eu te peço.

SAINT-ANGE - Batem à porta... Quem poderá ser?... Proibi que o fizessem... Espero que não demore muito... Vê quem é, por favor, cavaleiro.

CAVALEIRO - Uma carta trazida por Lafleur; ele retirou-se depressa, dizendo não ter esquecido vossas ordens, mas achou que fosse algo importante e urgente.

SAINT-ANGE - Ora, ora, mas o que é isso? Ah, é de teu pai, Eugénie!

EUGÉNIE - De meu pai? Oh!... estamos perdidas!...

SAINT-ANGE - Vamos ler antes de nos desencorajar. (*Lê.*)

“Minha bela dama, acreditaríeis que a minha insuportável esposa, alarmada com a viagem de minha filha à vossa casa, parte nesse instante para buscá-la? Ela imagina coisas... E mesmo que fossem verdadeiras, seriam até muito simples. Peço-vos punir rigorosamente esta sua impertinência. Ontem, castiguei-a por uma semelhante, mas a lição parece não ter sido suficiente. Concedei-me a graça de ludibriá-la ao extremo e saibais que, seja qual for o ponto a que chegueis, não me lastimarei... Esta sacana tem sido um grande peso para mim... e na verdade... compreendeis? Qualquer coisa que fizerdes, estará bem-feito: é tudo o que vos posso dizer. Ela vai chegar quase ao mesmo tempo que esta carta. Ficai, pois, de prontidão. Adeus. Desejaria muito ser um dos vossos. Não me mandeis Eugénie de volta, por favor, a não ser quando estiver instruída. Podereis fazer a primeira colheita, mas estejais certa de que tereis trabalhado um pouco para mim.”

Como vê, Eugénie, não há com que se preocupar; mas, convenhamos, que mulherzinha insolente!

EUGÉNIE - Que puta!... Ah, minha cara, já que papai nos deu carta branca, suplico-te de receber a sacana como ela merece.

SAINT-ANGE - Beija-me, meu amor. Como estou contente em te ver tão disposta!... Tranquiliza-te; garanto-te que não a pouparemos. Querias uma vítima, Eugénie? Eis aí uma que a natureza e o destino te oferecem ao mesmo

tempo.

EUGÉNIE - Gozaremos juntas isso, minha cara, gozaremos, eu juro!

SAINT-ANGE - Ah, não vejo a hora de saber como Dolmancé vai receber a notícia!

DOLMANCÉ, *entrando com Augustin*. - Como a melhor coisa do mundo, senhoras; eu não estava tão longe que não vos pudesse ouvir; já sei de tudo. A senhora de Mistival não poderia chegar em melhor hora... Estais bem decidida, espero, a cumprir os desígnios de seu marido?

EUGÉNIE, *a Dolmancé*. - Cumpri-los?... Vou ultrapassá-los, querido!... Ah, quero que a terra afunde sob os meus pés se me virdes fraquejar, por piores que sejam os horrores a que ireis condenar essa meretriz!... Querido amigo, encarrego-te de dirigir tudo isso.

DOLMANCÉ - Deixai comigo e com tua amiga. Vós, outros, apenas obedeci, é tudo o que vos peço... Ah, criatura insolente! Jamais vi algo semelhante!...

SAINT-ANGE - Que desastrada!... Então, que tal nos vestir mais decentemente para recebê-la?

DOLMANCÉ - Não, pelo contrário; assim que ela entrar, é preciso que não tenha dúvidas de como sua filha aproveitou o tempo. Ficaremos todos na maior desordem.

SAINT-ANGE - Ouço um barulho; é ela. Coragem, Eugénie! Lembra-te de nossos princípios... Ah, meu deus! Que cena deliciosa!...

SÉTIMO E ÚLTIMO DIÁLOGO

*SENHORA DE SAINT-ANGE, EUGÉNIE, O CAVALEIRO,
AUGUSTIN, DOLMANCÉ, SENHORA DE MISTIVAL*

SENHORA DE MISTIVAL, *à senhora de Saint-Ange.* - Peço-vos desculpas, senhora, se chego a vossa casa sem avisar-vos; soube que minha filha está aqui, e, como ela ainda é muito nova para sair sozinha, dignai-vos a me entregá-la e não reprovar minha atitude.

SAINT-ANGE - Vossa atitude é das mais indelicadas, senhora. Dir-se-ia, ao ouvir-vos, que vossa filha não se encontra em boas mãos.

MISTIVAL - Com toda a franqueza, considerando o estado em que a encontro, como também a senhora e vossos acompanhantes, creio não estar totalmente errada se julgar deste modo.

DOLMANCÉ - Sois muito impertinente, senhora; e mesmo sem saber a que ponto sois ligada à senhora de Saint-Ange, não vos escondo que, em seu lugar, já teria feito com que vos jogassem pela janela.

MISTIVAL - Jogar-me pela janela?... O que é isso!?!... Sabei, senhor, que isso não se faz a uma mulher como eu! Ignoro quem sois, mas, levando em conta o que diz e o vosso estado, é fácil julgar vossos hábitos. Vem comigo, Eugénie!

EUGÉNIE - Perdoai, senhora, mas não posso me dar esta honra.

MISTIVAL - O quê? Minha filha desobedecendo-me?

DOLMANCÉ - Ela está mesmo, senhora, como podeis ver. Mas, acreditai-me, não ligueis para isso. Quereis que eu mande buscar umas varas para corrigir essa criança teimosa?

EUGÉNIE - Receio que essas varas possam servir antes à senhora do que a mim!

MISTIVAL - Criatura impertinente!

DOLMANCÉ, *aproximando-se da senhora de Mistival.* - Devagar, coração, sem desaforos aqui. Nós protegemos Eugénie e podeis arrepender-vos de tê-la insultado.

MISTIVAL - O quê? Minha filha me desobedece e não posso usar dos direitos que tenho sobre ela?

DOLMANCÉ - E que direitos são esses, senhora? Podeis gabar-vos de sua legitimidade? Quando o senhor de Mistival ou sei lá quem lançou em

vossa vagina as gotas de porra que produziram Eugénie, a tínheis por acaso em vista? Não, não é mesmo? Como então quereis que ela vos agradeça agora por terdes esportado enquanto fodiam vossa boceta ordinária? Deveis saber, senhora, que não há nada mais ilusório do que os sentimentos do pai ou da mãe para com seus filhos, e desses para com os autores de seus dias. Nada funda, nada estabelece os sentimentos aqui em voga e detestados em outra parte, visto haver países onde os pais matam os filhos e outros onde os filhos degolam aqueles de quem ganharam a vida. Se os movimentos do amor recíproco estivessem na natureza, a força do sangue não seria mais quimérica, e, sem se terem vistos, sem se conhecerem mutuamente, os pais distinguiriam, adorariam seus filhos e vice-versa, em meio a maior multidão, os filhos discerniriam seus pais desconhecidos, correriam para seus braços e os adorariam. Em vez disso, o que vemos? Ódios recíprocos e inveterados; filhos que, mesmo antes da idade da razão, jamais suportariam encarar seus pais; pais que afastam os filhos porque jamais puderam suportar sua aproximação. Logo, esses pretensos movimentos são ilusórios, absurdos; apenas o interesse os concebeu, o uso os prescreveu, o hábito os manteve, mas a natureza jamais os imprimiu em nossos corações. Vede se os animais os conhecem; não, certamente; são eles, no entanto, que devemos consultar quando queremos conhecer a natureza. Ó pais! Tranquilizai-vos pelas pretensas injustiças que vossas paixões ou vossos interesses vos levam a cometer contra tais seres, nulos para vós, aos quais algumas gotas de vosso esperma deram a vida; vós não lhes deveis nada, estais no mundo por vós mesmos e não para eles; sérieis bem loucos de incomodar-vos, de não vos ocupar senão convosco: somente para vós deveis viver. E vós, filhos, muito mais livres dessa piedade filial cuja base é uma verdadeira quimera, ficai também persuadidos de que do mesmo modo nada deveis a esses indivíduos cujo sangue vos pôs no mundo. Piedade, reconhecimento, amor, nenhum destes sentimentos lhes são devidos; aqueles que vos deram o ser, não têm o menor direito a exigi-lo de vós; eles só trabalharam para si próprios; que se arranjem. O maior de todos os logros seria proporcionar-lhes cuidados ou socorros que vós não lhes deveis sob nenhum aspecto; não há lei que vos obrigue a isso; e, se por acaso, vos imaginásseis discernindo sua voz, quer nas inspirações do uso, quer nas dos efeitos morais do caráter, abafai sem remorsos sentimentos absurdos... sentimentos locais, frutos dos costumes climatéricos que a natureza reprova e a razão sempre recusa.

MISTIVAL - Ora essa! E os cuidados que tive com ela, e a educação que lhe dei!...

DOLMANCÉ - Oh, quanto aos cuidados, nunca passaram de frutos do uso ou do orgulho; não tendo feito por Eugénie mais do que aquilo que o costume prescreve no país em que viveis, ela seguramente não vos deve nada. Quanto à sua educação, deve ter sido mesmo muito ruim, pois nos vemos aqui obrigados a refazer todos os princípios que vós lhe inculcais. Não há um único deles que trabalhe por sua felicidade, e nenhum que não seja absurdo ou quimérico. Vós lhe falastes em Deus, como se de fato houvesse um; de virtude, como se ela fosse necessária; de religião, como se todos os cultos religiosos fossem outra coisa que o resultado da impostura do mais forte e da imbecilidade do mais fraco; de Jesus Cristo, como se esse bandido fosse outra coisa além de um celerado e de um hipócrita! Vós lhe dissestes que *foder* era um pecado, e *foder* é a coisa mais deliciosa da vida; vós quisestes lhe inculcar os bons costumes, como se a felicidade de uma jovem não estivesse no deboche e na imoralidade, como se a mais feliz das mulheres não devesse ser incontestavelmente aquela que mais se atolou na imundice e na libertinagem, aquela que melhor afronta todos os preconceitos e que mais zomba da reputação! Ah, desiludi-vos, senhora, desiludi-vos! Nada fizestes por vossa filha; não cumpristes, a propósito, nenhuma obrigação ditada pela natureza. Em suma: Eugénie não vos deve nada a não ser o ódio.

MISTIVAL - Ó céus! Minha Eugénie está perdida, está claro... Eugénie, minha querida Eugénie, ouve pela última vez as súplicas desta que te deu a vida; creio não ser isto mais ordens, minha filha, são preces! Desgraçadamente é verdade que estás aqui entre monstros; foge desse comércio perigoso e acompanha-me, eu te peço de joelhos! (*Ajoelha-se diante dela.*)

DOLMANCÉ - Ah, ótimo! Eis uma cena de lágrimas!... Vamos, Eugénie, entenecei-vos!

EUGÉNIE, *seminua, como devemos nos lembrar.* - Aí está, mãezinha, tomai minha bunda... ela se encontra exatamente na altura de vossa boca; beijai-a, coração, chupai-a, é tudo o que Eugénie pode fazer por vós... Não te esqueças, Dolmancé, sempre me mostrarei digna de ser tua aluna.

MISTIVAL, *repelindo Eugénie com horror.* - Ah, afasta-te monstro, eu te renego para sempre como minha filha!

EUGÉNIE - Acrescentai, se quiserdes, vossa maldição, minha mui querida mãe, a fim de tornar a coisa mais tocante, e me vereis ainda com o mesmo fleuma.

DOLMANCÉ - Oh, devagar, senhora, devagar, isto é um insulto! Empurrastes asperamente Eugénie sob os nossos olhos; já vos disse que ela está sob a nossa

proteção; é preciso punir este crime; peço-vos a gentileza de tirar vossa roupa a fim de receberdes o castigo que vossa brutalidade merece.

MISTIVAL - Tirar a roupa, eu?...

DOLMANCÉ - Augustin, sê a criada de quarto da senhora, já que ela resiste. (*Augustin procede com brutalidade; ela se defende.*)

MISTIVAL, à senhora de Saint-Ange. - Oh, céus! Onde estou? Senhora, refleti o que fazeis permitindo que me tratem deste modo em vossa casa. Crede que não vou me queixar de tais procedimentos?

SAINT-ANGE - Não tenho certeza se podereis fazê-lo.

MISTIVAL - Deus do céu! Vão me matar aqui!

DOLMANCÉ - E por que não?

SAINT-ANGE - Um momento, senhores. Antes de expor aos vossos olhos o corpo dessa encantadora beleza, devo prevenir-vos do estado em que ireis encontrá-lo. Eugénie acaba de cochichar-me ao ouvido que ela foi ontem duramente açoitada por seu marido devido a pequenas falhas no serviço doméstico... e, Eugénie garante, ireis achar sua bunda parecida com tafetá estampado.⁷⁰

DOLMANCÉ, assim que a senhora de Mistival fica nua. - Ah, por deus! Nada mais verdadeiro!... Creio nunca ter visto um corpo mais maltratado do que este... Nossa!... Com mil demônios! Não é que ela está do mesmo jeito pela frente?... Entretanto, seu cu até que é bastante bonito. (*Ele o beija e apalpa.*)

MISTIVAL - Soltai-me, soltai-me, ou gritarei por socorro!

SAINT-ANGE, aproximando-se dela e agarrando-a pelo braço. - Ouça aqui, puta, vou contar-te a verdade... Para nós, tu não passas de uma vítima enviada por teu próprio marido. Deves aceitar teu destino; nada poderemos te garantir a esse respeito... O que será, não sei te dizer! Talvez sejas enforcada, supliciada na roda⁷¹, esquartejada, atenazada, queimada viva... Teu suplício dependerá da escolha de tua filha; ela que vai pronunciar a sentença. Só sei que irás sofrer, meretriz! Oh, sim, serás imolada depois de padeceres uma infinidade de tormentos preliminares. Quanto aos teus gritos, previno-te que serão inúteis: podem degolar um boi neste gabinete que ninguém ouvirá seus mugidos. Teus criados, cavalos, todos já partiram. Mais uma vez, beleza: teu marido autoriza o que fazemos e tua empreitada não passou de uma armadilha por teres sido tão simplória, em que, como vês, caíste qual patinho!

DOLMANCÉ - Enfim, podereis ficar tranquila, senhora.

EUGÉNIE - Preveni-la a esse ponto!... com certeza é isso que se chama ter consideração!

DOLMANCÉ, *apalpando-a e batendo em sua bunda*. - Na verdade, senhora, vê-se que tendes uma amiga ardente na senhora de Saint-Ange... Onde mais ireis encontrar tanta franqueza hoje em dia? E com que verdade ela se dirige a vós!... Eugénie, colocai vossa bunda ao lado da de vossa mãe para eu poder compará-las. (*Eugénie obedece.*) Palavra de honra! A tua é bonita, querida, mas a da mamãe não fica atrás... Quero divertir-me um pouco fodendo estes dois cus... Segura a senhora, Augustin.

MISTIVAL - Deus misericordioso, que ultraje!

DOLMANCÉ, *indo em frente e enrabando a mãe primeiro*. - Ah, viu só como foi fácil... Nem sentistes, senhora!... Vê-se o quanto vosso marido usou este caminho! Tua vez, Eugénie... Que diferença!... Mas estou contente; só queria fazer carícia para ficar em forma... Agora, um pouco de ordem. Primeiramente a senhora, Saint-Ange, e vós, Eugénie, tendes a bondade de vos servirem de consolos para que podeis desferir, respectivamente, na boceta e no cu dessa respeitável dama, os mais terríveis golpes. O cavaleiro, Augustin e eu, com nossos próprios membros, nos revezaremos convosco na mesma precisão. Vou começar, e como podeis supor, prestarei minha homenagem de novo em seu cu. Durante o gozo, cada um será senhor de condená-la ao suplício que lhe parecer melhor, com a cautela de proceder gradativamente a fim de que ela não pereça de uma vez... Augustin, consola-me por favor enrabando-me, pois sou obrigado a sodomizar esta vaca velha. Eugénie, deixa-me beijar teu belo traseiro enquanto fodo o de tua mamãe; e vós, senhora, trazei mais perto o vosso, que vou apalpá-lo... e socratizá-lo... É preciso estar rodeado de cus quando se fode um.

EUGÉNIE - O que farás, meu amigo, o que farás com essa cadela? A que irás condená-la ao perder teu esperma?

DOLMANCÉ, *açoitando sem parar*. - À coisa mais simples e natural do mundo: vou arrancar seus pêlos e martirizar suas coxas com beliscões.

MISTIVAL, *recebendo a tortura*. - Ah, que monstro! Criminoso! Ele vai estropiar-me!... Ó céus!...

DOLMANCÉ - Não adianta, minha amiga, o céu é surdo à tua voz como a de todos os homens; este céu poderoso jamais se importou com cu nenhum!...

MISTIVAL - Ah, como me fazeis mal!

DOLMANCÉ - São inacreditáveis os efeitos extravagantes do espírito humano! Tu sofres, minha cara, tu choras, e eu gozo... Ah, filha da puta! Eu poderia estrangular-te se não quisesse deixar prazer aos outros. Tua vez, Saint-Ange. (*A senhora de Saint-Ange enfia-lhe o consolo no cu e na boceta; dá-lhe alguns socos; o cavaleiro é o próximo; percorre também as duas vias e a*

esbofeteia quando esporra. Augustin é o seguinte; age do mesmo modo e conclui com alguns piparotes em seu nariz. Durante esses diferentes ataques, Dolmancé percorre com seu instrumento os cus de todos os agentes, excitando-os com palavras.) Vamos, bela Eugénie, fodei vossa mãe; enfiai primeiro na boceta!

EUGÉNIE - Vinde, minha linda mamãe, vinde, que serei vosso marido. É um pouco maior que o dele, não é, querida? Não importa, vai entrar... Ah, tu gritas, minha mãe, tu gritas quando tua filha te fode!?!... E tu, Dolmancé, ainda me enrabas?... Sou ao mesmo tempo incestuosa, adúltera, sodomita, tudo isso numa garota que só foi deflorada hoje!... Quantos progressos, meus amigos!... com que rapidez percorri a estrada espinhosa do vício!... Oh, sou uma moça perdida!... Por acaso estás gozando, minha doce mãe? Dolmancé, vê seus olhos!... Não é evidente que ela está gozando?... Ah, cadela! Vou te ensinar a ser libertina!... Toma, puta, toma!... *(Aperta-lhe a garganta, deixando-a marcada.)* Ah, fode, Dolmancé... fode, meu doce amigo, eu morro!... *(Eugénie distribui dez ou doze socos nos seios e nas costas de sua mãe, enquanto esporra.)*

MISTIVAL, *desfalecendo*. - Tende piedade de mim, eu imploro... estou me sentindo mal... vou desmaiar... *(A senhora de Saint-Ange tenta socorrê-la; Dolmancé não permite.)*

DOLMANCÉ - Não, não, deixai-a nesta síncope: nada é mais lúbrico do que uma mulher desmaiada; vamos açoitá-la para trazê-la de volta à luz... Eugénie, vinde deitar-vos sobre o corpo da vítima... Verei agora se sois de fato dura. Cavaleiro, fodei-a sobre o seio da mãe desfalecida, e que ela nos masturbe, a Augustin e a mim, com ambas as mãos. Vós, Saint-Ange, ireis masturbá-la enquanto a fodem.

CAVALEIRO - Na verdade, Dolmancé, é horrível o que nos mandais fazer; isso ultraja ao mesmo tempo a natureza, o céu, e as leis mais santas da humanidade.

DOLMANCÉ - Nada é mais divertido do que os sólidos ímpetos de virtude do cavaleiro. Onde diabos ele vê, em tudo o que fazemos, o menor ultraje à natureza, ao céu e à humanidade? Meu amigo, é da natureza que os devassos tiram os princípios que colocam em ação. Já te disse mil vezes que a natureza, para a perfeita manutenção das leis de seu equilíbrio, necessita tanto de vícios quanto de virtudes, e nos inspira um por vez os movimentos que lhe são necessários; logo, não praticamos nenhuma espécie de mal nos livrando a tais movimentos, de quaisquer tipos que se possa supô-los. Quanto ao céu, meu caro cavaleiro, para, peço-te, de temer seus efeitos. Um único motor age no universo, e esse motor é a natureza. Os milagres, ou antes, os efeitos físicos dessa mãe do

gênero humano, diferentemente interpretados pelos homens, têm sido deificados por eles sob mil formas, umas mais extraordinárias do que as outras. Hipócritas e intrigantes, abusando da credulidade de seus semelhantes, têm propagado seus ridículos devaneios; é isso que o cavaleiro chama de céu, é isso que receia ultrajar!... As leis da humanidade, acrescenta ele, são violadas pelas tolices a que nos permitimos! Saibas de uma vez por todas, homem simplório e covarde, que aquilo que os idiotas chamam de humanidade não passa de uma fraqueza nascida do temor ou do egoísmo; que essa virtude quimérica, só acorrentando homens fracos, é desconhecida daqueles que têm o caráter formado pelo estoicismo, pela coragem e pela filosofia. Portanto, age, cavaleiro, age sem nenhum temor; poderíamos pulverizar essa puta, que não haveria nisso a menor suspeita de um crime. Os crimes são impossíveis ao homem. A natureza, incutindo-lhes o irresistível desejo de cometê-los, soube prudentemente afastar deles as ações que pudessem perturbar suas leis. Vá, meu amigo, estejas certo de que todo o resto é absolutamente permitido e que ela não tem sido absurda a ponto de nos dar o poder de perturbar ou desordenar sua marcha. Cegos instrumentos de suas aspirações, ela mandou-nos abraçar o universo; desobedecê-la seria o nosso único crime. Todos os celerados da terra são apenas agentes de seus caprichos... Vamos, Eugénie, colocai-vos... Mas, o que é isso?... Estais pálida!...

EUGÉNIE, *deitando-se sobre a mãe*. - Eu, pálida? Por Deus! Logo vereis que não! (*Executa-se a postura; a senhora de Mistival continua desmaiada. Assim que o cavaleiro esporra, o grupo se desfaz.*)

DOLMANCÉ - O quê? A cadela ainda não voltou a si?! As varas! As varas!... Augustin, vai depressa colher um punhado de espinhos no jardim. (*Enquanto espera, a esbofeteia e a humilha.*) Ah, palavra de honra, receio que ela esteja morta... Nada adiantou.

EUGÉNIE, *com humor*. - Morta? Ora essa! Será que vou ter que usar luto neste verão? Justamente agora que mandei fazer vestidos tão bonitos?

SAINT-ANGE, *rindo às gargalhadas*. - Ah, que monstrinho!...

DOLMANCÉ, *pegando as varas de espinhos da mão de Augustin, que entra*. - Vejamos o efeito desse último remédio. Eugénie, chupai meu pau enquanto trabalho para trazer vossa mãe de volta; e que Augustin me retribua os golpes que vou distribuir. Eu não ficaria nem um pouco zangado, cavaleiro, em te ver enrabando tua irmã; irás te posicionar de maneira que eu possa beijar-te as nádegas durante a operação.

CAVALEIRO - Obedecemos, pois não há meio de convencer este celerado que é monstruoso tudo o que nos manda fazer. (*O quadro arranja-se; a senhora de*

Mistival vai ressuscitando à medida que é açoitada.)

DOLMANCÉ - Ora, ora! Vede o efeito do meu remédio! Bem que vos disse que ele era infalível.

MISTIVAL, *abrindo os olhos*. - Ó céus! Por que me chamaram do seio do túmulo? Por que devolver-me aos horrores da vida?

DOLMANCÉ, *flagelando sem parar*. - Ah, mãezinha, é que nem tudo foi dito. Acaso ouvistes vossa sentença?... E não é preciso executá-la?... Vamos todos nos reunir em volta da vítima; que ela se ajoelhe no meio do círculo e ouça tremendo o que lhe será anunciado. Começai, senhora de Saint-Ange. *(As sentenças são pronunciadas sempre durante a ação dos atores.)*

SAINT-ANGE - Condeno-a à forca.

CAVALEIRO - A ser esquartejada, como fazem os chineses, em vinte e quatro mil pedaços.

AUGUSTIN - Eu não, que seja quebrada viva.

EUGÉNIE - Minha bela mãezinha será recheada com mechas de enxofre, e atarei fogo em todos os pedaços. *(A postura aqui se desfaz.)*

DOLMANCÉ, *de sangue frio*. - Pois bem, meus amigos; como vosso instrutor vou atenuar a sentença; mas a diferença entre o meu pronunciamento e o vosso é que vossas sentenças são apenas efeitos de uma mistificação mordaz, ao passo que a minha será executada. Lá embaixo há um valete meu munido com um dos mais belos membros que existem na natureza, mas, infelizmente, destilando vírus e roído por uma das mais terríveis sífilis jamais vistas neste mundo. Vou mandá-lo subir: lançará seu veneno nos dois condutos naturais dessa amável e querida dama, a fim de que, durante o longo tempo em que durarem as impressões desta cruel doença, a puta se lembre de não incomodar sua filha quando ela foder. *(Aplausos. Fazem o valete subir. Dolmancé dirige-se ao valete:)* Lapierre, fodei esta mulher aí; é extraordinariamente sã. Este gozo poderá curar-vos: é um remédio comprovado.

LAPIERRE - Diante de todo o mundo, senhor?

DOLMANCÉ - Tens medo de nos mostrar teu pau?

LAPIERRE - Claro que não, senhor; ele é muito bonito... Vamos, senhora, tenhais a bondade de tomar posição, por favor.

MISTIVAL - Ó ceus! Que condenação horrível!

EUGÉNIE - É melhor do que morrer, mamãe; ao menos usarei meus lindos vestidos neste verão!

DOLMANCÉ - Vamos nos divertir um pouco enquanto isso; minha ideia é nos flagelar a todos. A senhora de Saint-Ange esfolará Lapierre para que ele foda

com firmeza a boceta da senhora de Mistival; eu esfolarei Saint-Ange, Augustin me esfolará; Eugénie esfolará Augustin, que por sua vez será açoitado pelo cavaleiro. (*Tudo se arranja. Quando Lapierre acaba de foder a boceta, seu senhor ordena-lhe que foda o cu, ele obedece. Dolmancé, quando tudo está terminado, ordena.*) Bem, agora sai, Lapierre. Toma estes dez luíses. Oh, por Deus! Eis uma inoculação que nem Tronchin⁷² fez em seus dias!

SAINT-ANGE - Acho agora essencial que o veneno que circula nas veias desta senhora não se exale; por isso, Eugénie deve cuidadosamente costurar a boceta e o cu, para que o humor virulento, mais concentrado e menos sujeito a evaporar-se, possa calcinar os ossos mais depressa.

EUGÉNIE - Excelente! Vamos, vamos, agulha e linha!... Afastai as coxas, mamãe; vou coser-vos para que não me deis mais irmãos nem irmãs. (*A senhora de Saint-Ange entrega a Eugénie uma enorme agulha contendo um grosso fio vermelho e encerado; Eugénie costura.*)

MISTIVAL - Meu Deus!... que dor!...

DOLMANCÉ, *rindo como um louco.* - Jesus! que ideia excelente! Ela te faz justiça, minha cara, eu jamais teria pensado nisso.

EUGÉNIE, *picando de vez em quando os lábios da boceta, no interior e também no ventre e no grelo.* - Isso não é nada, mamãe; só estou experimentando a agulha.

CAVALEIRO - A putinha vai ensanguentá-la!

DOLMANCÉ, *fazendo-se masturbar pela senhora de Saint-Ange, diante da operação.* - Ah, sagrado-coração-de-Jesus! que tesão me dá essa loucura! Multiplicai os pontos, Eugénie, para que fique bem firme.

EUGÉNIE - Darei mais de duzentos, se for preciso... Cavaleiro, masturbai-me enquanto opero.

CAVALEIRO, *obedecendo.* - Nunca houve garota mais sacana que esta!

EUGÉNIE, *exaltada.* - Sem insultos, cavaleiro, ou vou picar-vos! Contentai-vos com me afagar como é preciso. Ah, peço-vos não esquecer o cu, meu anjo! Será que só tendes uma mão? Ah, já não vejo mais nada, os pontos vão ficar atravessados... Vede até onde minha agulha se extravia... nas coxas, nas tetas... Ah, porra! Que prazer!...

MISTIVAL - Tu me dilaceras, criminosa!... Que vergonha ter te dado à luz!

EUGÉNIE - Enfim, a paz, mãezinha, já terminei.

DOLMANCÉ, *abandonando tesudo as mãos de Saint-Ange.* - Eugénie, cede-me o cu, esta parte é minha.

SAINT-ANGE - Estás com muito tesão, Dolmancé, vais martirizá-la.

DOLMANCÉ - E daí? Não temos a permissão por escrito? (*Deita-a de bruços, pega uma agulha e cose o olho do cu.*)

MISTIVAL, *gritando como o diabo*. - Ai! Ai! Ai!...

DOLMANCÉ, *fincando a agulha mais fundo na carne*. - Cala-te, puta! Ou farei tua bunda virar marmelada!... Eugénie, masturba-me!...

EUGÉNIE - Sim, contanto que a piqueis mais forte, pois acho que assim a estais poupando. (*Masturba-o.*)

SAINT-ANGE - Trabalhai um pouco nessas grossas nádegas!

DOLMANCÉ - Paciência, já vou cortá-la como um pedaço de alcatra. Mas esqueceste a lição, Eugénie, estás recobrando meu pau!

EUGÉNIE - É que as dores desta vaca inflamam minha imaginação a ponto de eu não saber mais o que faço.

DOLMANCÉ - Ah, Deus sagrado e fodido! Estou perdendo a cabeça. Saint-Ange, que Augustin te enrabe na minha frente, por favor, enquanto teu irmão foder tua boceta, mas deixa-me ver os cus... Esse quadro me fará acabar. (*Pica as nádegas enquanto os outros colocam-se na posição exigida.*) Toma, querida mãezinha, recebe esta... e mais esta!... (*Picando-a em mais de vinte lugares.*)

MISTIVAL - Ah, perdão, senhor! Mil vezes perdão! Estais me matando!...

DOLMANCÉ, *delirando de prazer*. - Seria ótimo... Ah, faz tempo que não sentia tanto tesão; eu quase não acredito, depois de tanto esporrar...

SAINT-ANGE, *executando a postura solicitada*. - Que tal estamos, Dolmancé?

DOLMANCÉ - Um pouco para a direita, Augustin, não estou vendo bem o teu cu; inclina-o, quero ver o buraco.

EUGÉNIE - Ah, porra! A cadela está sangrando!

DOLMANCÉ - Não tem importância. Então, todos prontos? Quanto a mim, logo mais regarei as feridas que fiz com o bálsamo da vida.

SAINT-ANGE - Sim, sim, coração, estou gozando... Chegamos ao fim ao mesmo tempo que tu.

DOLMANCÉ (*ao esporrar, conclui a operação multiplicando as picadas sobre as nádegas da vítima.*) - Ah, deus três vezes fodido! Meu esperma jorra... perde-se, santíssimo!... Eugénie, dirige-o sobre as nádegas que martirizo... Ah, porra! porra! está acabado, já não podia mais!... Por que será que a fraqueza tem de suceder a paixões tão vivas!

SAINT-ANGE - Fode, fode, meu irmão, estou gozando!... (*A Augustin.*) Mexe-te mais, cagão! Não sabes que quando gozo quero que entres mais fundo no meu cu?... Ah, sagrado nome de deus! Como é doce ser fodida assim por dois homens! (*O grupo se desfaz.*)

DOLMANCÉ - Está tudo dito. (*à senhora de Mistival.*) Vamos, puta! Já podes vestir a roupa e ir embora quando quiseres. Não te esqueças que fomos autorizados por teu próprio esposo a tudo o que acabamos de fazer. Nós te dissemos e não acreditaste. Eis a prova. (*Mostra-lhe a carta.*) Que este exemplo sirva para não esqueceres que tua filha está na idade de fazer tudo aquilo que quiser; se não queres ser fodida, o mais simples a fazer é deixar que ela o seja. Agora sai; o cavaleiro vai conduzir-te. Saúda a companhia, puta! Ajoelha-te diante de tua filha e peça-lhe perdão por tua abominável conduta para com ela. Vós, Eugénie, aplicai duas bofetadas na senhora vossa mãe; e assim que ela estiver na soleira da porta, fazei-a sair com fortes pontapés nu cu. (*Executa-se.*) Adeus, cavaleiro; não fode esta senhora no caminho; lembra-te que ela está costurada e tem sífilis. (*Após saírem.*) Quanto a nós, meus amigos, vamos para a mesa; e, daí, os quatro para o mesmo leito. Eis uma boa jornada! Nunca como tão bem, nunca durmo melhor na santa paz de deus do que quando me sujo o bastante, durante o dia, com aquilo que os tolos chamam de crimes.

NOTAS

1) “*freluquets*”, no original. Segundo *Le Robert, Dictionnaire historique de la langue française* de Alain Rey, o termo *freluquet* deriva de *freluqué* (1609) que significa “mecha de cabelo” ou “franjinha”, variante de *freluque*, “ornamento”, “pequena coisa de pouco valor”. *Freluque* seria então uma franja (de cabelos ou vestimenta) e *freluquet* um homem pretensioso, vestido com ornamentos vãos. O termo é considerado hoje pejorativo.

2) “*bougre*”, no original. As traduções existentes do romance optaram por verter o termo para correlatos chulos como “veado” ou termos mais genéricos como “invertido” ou “devasso”, que desconsideraram sua dimensão semântica e sua importância no conjunto da obra sadiana. *Bougre* (masculino) e *bougresse* (feminino) são termos recorrentes em Sade. Sua origem remonta ao latim medieval *bulgarus*, *búlgaro*. O termo evolui semanticamente com as “heresias búlgaras”, notadamente no século X, as célebres *Bogomiles* de tendência dualista, inimigas da hierarquia eclesiástica que negava vários sacramentos, como o casamento. Tais práticas foram perseguidas durante toda a Idade Média nos Balcãs e taxadas de homossexuais. Até o começo do século XVI e mesmo em Rabelais, o termo significa principalmente “herético”. Devido aos costumes atribuídos aos heréticos búlgaros, a palavra adquiriu um sentido ligado à homossexualidade. O termo foi largamente difundido nos séculos XVI e XVII e depois saiu de uso, sendo considerado “antigo” pela Academia Francesa a partir de 1842. O valor moderno de “indivíduo de humor maldoso” que existe desde o século XVI é uma extensão da linguagem familiar. Modernamente o termo ganha outros significados, como o de “bravo homem”, “um bom bugre”, “um pobre bugre”, evidenciando uma certa simpatia mesclada de indulgência. No século XVIII, juntamente com *foutre* (porra), é um dos termos característicos do Padre Duchesne e de seus êmulos, durante a Revolução Francesa, sobretudo como um valor sexual. Hoje em dia, no entanto, o termo foi suavizado como na expressão “*bougre d’idiot*”, ou seja, “espèce d’idiot” (espécie de idiota). O termo *bougrerie*, que retém o sentido de “heresia”, correlacionado a *bougre*, adquiriu o sentido de “sodomia” (1540) tão caro a Sade, que, pelo que tudo indica, trabalhava com essa palavra numa perspectiva etimológica. Ele o demonstra, aliás, numa nota de rodapé em *A nova Justine*: “Sabe-se que a palavra *boulgre* ou *bougre* deriva de *búlgaro*” (*La nouvelle Justine*, v. 1, op. cit., p. 83.). E ainda: “Contra a heresia dos búlgaros devotos dessa paixão, havia outrora uma lei de São Luís que os condenava ao fogo” (Idem, *ibidem*.). O correlativo “*bougrement*” significa “à maneira dos debochados”. De qualquer forma, o termo e seus equivalentes remetem às práticas comuns do universo sadiano (heresia, sodomia, deboches). Registre-se, no entanto, que, embora a palavra exista em português, originária do francês, nenhum de seus sentidos correntes parece ter guardado algum parentesco com essa tradição.

3) Cifra aproximadamente convertida de “*six pouces de tour*”. As medidas usadas por Sade encontram-se em *pouce* (polegada), antiga unidade de comprimento equivalente a 27,07 mm. Mas não se deve esquecer que o exagero é lugar-comum na retórica sadiana e seu apego à hipérbole.

4) “*roué*”, no original. Termo comum no universo sadiano. Literalmente quer dizer “supliciado na roda”. Diz-se de alguém “roué” quando está “roído, quebrado de cansaço”. Mas também com respeito aos excessos da libertinagem, no sentido do indivíduo “gasto”, “usado” nessas práticas. “*Roué*” se diz dos companheiros de deboche do Regente, o que depois se generalizou para os “debochados” desta época. Em todo caso, o termo encontra-se muito disseminado nos romances de Sade onde os libertinos se divertem bancando “vítimas” entre si.

5) A arquidiocese de Cambrai foi fundada em 1559.

6) “*boudoir*”, no original. Segundo Yvon Belaval, a palavra *boudoir*, assim como *ottomane*, são relativamente novas quando Sade escreve *La philosophie dans le boudoir*, em 1795. Ver, a este respeito, o estudo de Eliane Robert Moraes (*Sade, a felicidade libertina*, Rio de Janeiro, Imago, capítulo 5, p. 177.). Este “mobiliário destinado à luxúria” como Sade o apresenta ao leitor, marcado por uma economia de objetos, conforme observa Eliane, é composto apenas de otomana, móvel imprescindível nas cenas lúbricas,

e dos espelhos que o revestem (op. cit., p. 178.). O termo *boudoir* recebeu o qualificativo de “familiar” da Academia Francesa em 1740 e 1798. Designa, portanto, um pequeno quarto elegante para onde a dona da casa pode retirar-se para ficar só ou se entreter com seus íntimos. O *boudoir* tornou-se no século XVIII um lugar erótico. Em português o termo se traduz por “tocado”, “antecâmara”, ou “salinha elegante (de senhora)”. Mas nenhum desses sentidos retém a conotação erótica, motor essencial do texto sadiano. As traduções existentes do romance, inclusive esta, optaram por “alcova”, que resolve em parte o problema. O termo vem do árabe *alqubba* e também passou ao francês “alcove”, entre outras línguas europeias, através do espanhol *alcoba*. A *qubba* (cúpula) árabe era em princípio um pequeno quarto contíguo a uma grande sala. Mas, com a evolução do termo, passou a significar “passagem pública coberta” (em francês antigo *alcube* ou *acube* designa uma “pequena tenda”) e “quarto côncavo onde se coloca o leito”. As traduções que optaram por *A filosofia na alcova* têm a seu favor alguma proximidade semântica com *boudoir*, apesar da diferença etimológica entre ambos. Entretanto, como alerta ainda Eliane Robert Moraes, o termo “alcova” comporta um sentido ambíguo. O *Dicionário Melhoramentos da língua portuguesa*, por exemplo, só acusa: “1. Em casas antigas, pequeno quarto de dormir, ordinariamente sem janelas. 2. Quarto de dormir. 3. Esconderijo”. E no *Dicionário etimológico Nova Fronteira*, consta que seu significado de “aposento, recâmara, quarto de dormir”, de origem árabe, aparece no século XVI no idioma português (Op. cit., p. 179.). Apesar de todas as restrições apresentadas, optou-se por *alcova* por dois motivos: em primeiro lugar, por não haver correspondente do termo *boudoir* em português; em segundo, porque o título *A filosofia na alcova*, a despeito de tudo, foi “consagrado” em nosso idioma, ao menos por duas instituições: o mercado e a universidade.

7) “*pollution*”, no original.

8) “*branler*”, no original.

9) A clássica teoria dos “espíritos animais”, revista por Sade, serve de sustentação a uma de suas teses centrais de que o sistema nervoso de determinados indivíduos (os libertinos), quando devidamente provocado, os predispõe à crueldade. Sade nos fornece uma explicação desse mecanismo na *Nova Justine*, que vale a pena transcrever. Num diálogo com a tribo Dorothée, Justine, a heroína do romance, contesta a suposta felicidade dos libertinos de encontrar prazer no sofrimento alheio, alegando que só poderia ser feliz sabendo que os outros também o são. Ao que Dorothée responde: “isso porque és fragilmente constituída, e porque tens fracos desejos... fracas paixões... volúpias medíocres. Mas essa mediocridade de opinião de modo nenhum é admissível num ser organizado como eu; e se minha felicidade só pode existir com o infortúnio dos outros, é que encontro aí o único estimulante que me pica com força os nervos e, a partir da violência desse choque, determina mais prontamente ao prazer os átomos elétricos que circulam em suas cavidades” (*La nouvelle Justine, ou Les malheurs de la vertu*. Paris, Union Générale d’Éditions, 1972, v. II, p. 545.). Trata-se assim de uma questão de “organização” de cada indivíduo conforme sua natureza. Em nota de rodapé, Sade ainda continua a explicação de Dorothée: “... O nervo é a parte do corpo humano que se assemelha a um cordão branco por vezes arredondado, por vezes achatado, que, tirando de ordinário sua origem do cérebro, daí sai em feixes arrançados simetricamente por pares. Não há no corpo humano parte mais interessante que o nervo. É uma espécie de fenômeno, diz Martinière, tanto mais admirável por parecer menos suscetível de ação. É dos nervos que dependem a vida e toda a harmonia da máquina; daí os sentidos e as volúpias, os conhecimentos e as ideias. Numa palavra, são a sede de toda a organização, e lá também se encontra a da alma, isto é, esse princípio de vida que se extingue nos animais, crescendo e decrescendo com eles, e que, conseqüentemente, é todo material. Consideram-se nervos os tubos destinados a veicular os espíritos nos órgãos onde se distribuem, e a trazer de volta ao cérebro as impressões dos objetos exteriores sobre esses órgãos. Uma grande inflamação agita de modo extraordinário os espíritos animais que correm na cavidade desses nervos, determinando-os ao prazer, se essa excitação é produzida nas partes geradoras ou nas que se lhes avizinham, o que explica os prazeres recebidos por golpes, picadas, beliscões ou chicote. Da extrema influência da moral sobre o físico nasce assim o choque doloroso ou agradável dos espíritos animais devido à sensação moral que se recebe, de onde se ressalta que, com princípios e filosofia, com o aniquilamento total dos preconceitos, pode-se incrivelmente estender, como já se disse, a esfera de suas sensações” (idem, pp. 545-546.).

- 10) A medicina.
- 11) “*population*”. Literalmente, “população”.
- 12) “*populateur*”, no original.
- 13) “*motte*”, no original.
- 14) “*foyer*”. Optei por uma solução etimológica. “Foyer” vem de *focus*, que também dá origem à palavra “fogo”. Daí os sentidos de “lar”, “lareira”, “fogão da sala”, “fornalha”; e, por extensão, “sede”, “centro”, “salão”, “lugar de reunião”, “morada” etc.
- 15) “*décharger*”, no original. O sentido chulo caiu em desuso. O verbo hoje em dia tem o mesmo sentido de “descarregar” em português: tirar a carga, extrair a carga (de uma arma de fogo), arremessar, despejar, e ainda: desafogar, expandir, “descarregar a raiva”. É certo que o sentido usado na medicina se aproxima um pouco: evacuar, “descarregar humores”. De qualquer modo, o termo é lugar-comum em Sade. Numa literatura em que o elemento erótico está atrelado à crueldade, à profanação e à violência, a expressão parece ganhar ainda mais ênfase. Traduzi-la literalmente, no entanto, não faria muito sentido.
- 16) “*feu de joie*”, no original. A “fogueira em sinal de regozijo” era comum nas festas públicas. Trata-se, pois, de uma comemoração.
- 17) “Que coisa é o pobre?”
- 18) Pode-se pensar aqui numa aproximação com o pensamento de Voltaire e sua tese de que a moral é relativa aos costumes diferentes dos povos. De qualquer modo, isso já não era novidade na época de Sade.
- 19) No singular, é o nome de um gigante da mitologia grega que possuía cem olhos, dos quais cinquenta permaneciam abertos durante o sono. Fora encarregado por Hera de montar guarda sobre Io, uma sacerdotisa da deusa, que a surpreendera fazendo amor com Zeus. No contexto, o termo parece aplicar-se aos “cafetões”, em sentido figurado, de “vigiar” suas prostitutas. Proverbialmente, *argos* passou a designar “olhos que tudo veem”.
- 20) “*maquerelles*”, no original.
- 21) “*lancée*”.
- 22) “*fouterie*”.
- 23) “*specieuse*”.
- 24) Textualmente, Sade usa um adjetivo: “*specieux*”.
- 25) “*population*”.
- 26) “*antiphysiques*”. Refere-se aos gozos “contrários à natureza”.
- 27) “*ses déportements*”, no original.
- 28) “*sac de peau de Venise*”.
- 29) Do inglês *condom*, variante de Conton, médico britânico (1795). Ao que tudo indica, o termo é recente na época. Seu emprego, por sinal, é contemporâneo do romance. O *condom* é um preservativo masculino geralmente feito de borracha (o referido por Sade é de “pele de Veneza”. Mas de que material?). A própria existência de seu inventor, o médico Condom ou Conton, é incerta. O *Larousse* aventa a hipótese (ou anedota) de que este provável higienista teria mudado de nome para despistar seus inimigos, tamanhos os problemas causados por sua invenção, que recebeu na época “uma reprovação universal”. O *condom*, portanto, é o precursor das populares camisas de vênus.
- 30) Ver nota 2.
- 31) “*jouissance*”, no original. Literalmente: “gozo”, que, no contexto, soa ambíguo em português.
- 32) Subentendem-se os gozos convencionais, principalmente o genital.
- 33) “*J’ai fait la chouette à quinze hommes*”. Segundo o *Littré, Dictionnaire de la langue française*, “*faire la chouette*” é um termo de jogo: significa “jogar sozinho contra vários parceiros, ser um contra vários”.
- 34) “*recalotter*”, no original.
- 35) “*foutredieu*”. Expressão corrente em Sade. A injúria a Deus ganha ênfase quando associada a uma ideia libertina. Sade mescla assim, nos contextos de deboche e crueldade, o elemento religioso ao erótico.
- 36) Trata-se aqui do mesmo recurso, desta vez com um suplemento hiperbólico.
- 37) “*roués*”. Ver nota 4.
- 38) “*frottement de linge*”, no original.

39) Literalmente, “a meio-termo”.

40) “vous mettre en fille”, no original.

41) “a mal”.

42) Ver nota 9.

43) O alvo de Sade é Rousseau. A tese de que o homem é bom por natureza e corrompido socialmente é aludida pelo marquês em várias passagens de sua obra, sempre com ironia, escárnio ou indignação. Já se disse que Rousseau e Sade formam uma antítese “irredutível” (o termo é de Jean Fabre). O século XVIII tem duas correntes simétricas e opostas: a materialista, que tem em Sade um de seus representantes, e a idealista, que conduz a Rousseau. (V. Jean Fabre, “Sade face à Rousseau”. In: *Europe, revue littéraire mensuelle*. Paris, Europe et les Éditeurs Français Réunis. Número consagrado a Sade, 1972, p. 43.)

A opinião de Sade em relação a Rousseau é ambígua, mas é inegável que o marquês o admirava muito. Tendo-lhe sido proibido o envio das *Confissões* de Rousseau, na prisão, Sade comenta com sua esposa, com amarga ironia, tal atitude: “Recusar-me as *Confissões* de Jean-Jacques é mais uma excelente coisa, sobretudo após me terdes enviado Lucrécio e os diálogos de Voltaire; isso comprova um grande discernimento, um profundo juízo da parte de vossos diretores. Sim, eles me fazem a honra de crer que um autor deísta possa ser um mau livro para mim”. E ainda confessa: “Jean-Jacques é para mim o que é para vós uma *Imitação de Jesus Cristo*. A moral e a religião de Rousseau são coisas severas para mim, e leio-as quando quero edificar-me”. (“A Mme de Sade”. In: *Lettres choisies*. Paris, Union Générale d’Editions, 1974, pp. 119-120.) Acerca do estilo de Rousseau romancista, também se manifesta o marquês entusiasmado: “Que vigor, que energia na *Héloïse*! Esse livro sublime jamais terá imitadores. (...) Para repetir-se tal efeito, seria preciso uma alma de fogo como a de Rousseau, um espírito como o seu (sic.), duas coisas que a natureza não reúne duas vezes no mesmo século”. (“Idée sur les romans”. In: *Les crimes de l’amour*, v. 1. Paris, J.J. Pauvert, 1961, p. 25.)

44) Também conhecido como Gilles de Rais, marechal de França (1400-1440), cujos numerosos crimes cometidos contra crianças tiveram grande repercussão.

45) Trata-se das freiras da Ordem da Visitação, fundada por Santa Joana de Chantal (1572-1641) e São Francisco de Sales.

46) “appas”, no original. O *Dicionário erótico* organizado por Pierre Guiraud acusa o emprego constante do termo “atrativos secretos” (“*secrets appas*”) no século XVIII, que designa por eufemismo “les charmes de femmes”, essa outra forma com que a literatura libertina do século de Sade designa o sexo da mulher. Agradeço, para esta nota, o esclarecimento de Eliane Robert Moraes.

47) “*godemiché*”: pênis artificial. Em português chulo: “consolador” ou “consolo”.

48) Conversão aproximada da medida original em “*pouces*”. Ver nota 3.

49) Veja-se a explicação que o próprio Sade dá a respeito deste termo: “Todos os libertinos sabem que socratizar é a ação de enfiar um ou vários dedos no olho do cu do paciente. Esse episódio, um dos mais essenciais em lubricidade, convém sobretudo aos velhos ou às pessoas gastas; ele determina prontamente a ereção e torna-se uma incrível volúpia no momento da ejaculação. No entanto, os que puderem substituí-lo por um pau, encontrarão nisso sem dúvida prazeres infinitamente mais vivos na diferença excessiva da ilusão à realidade. De fato, não há de maneira nenhuma lubricidade mais viva no mundo do que a de ser fodido fodendo. Não há idade para esse gosto delicioso: tanto o jovem Alcibíades quanto o velho Sócrates o amavam. Povos inteiros têm preferido essa deliciosa parte a todas as outras belezas do corpo de uma mulher; e, de fato, nenhuma outra, por sua brancura, redondeza, conformação, forma encantadora e pelos sensíveis prazeres que promete, merece as voluptuosas homenagens de um verdadeiro libertino. Infeliz de quem nunca fodeu um garoto, ou de quem não fez de um garoto seu amante. É bem cru em volúpia quem não ousou uma coisa nem outra”. (“*La nouvelle Justine*”, v. 1. Paris, Union Générale d’Editions, col. “10/18”, 1978, pp. 48-49.) O ato de “socratizar” é, pois, uma figura do texto sadiano em louvor à sodomia.

50) Da cópula.

51) Herói troiano, considerado “o mais belo dos mortais”. Segundo o mito, fora raptado por Zeus enquanto pastoreava e levado para o Olimpo, onde conquistou a imortalidade; tinha como função servir néctar nas assembleias dos deuses, substituindo Hebe nessa tarefa. De acordo com outras versões, o jovem teria sido

raptado por Mino, Tântalo ou ainda Aurora. É patente a devoção de Sade aos deuses do paganismo e às figuras mitológicas em geral, tal a abundância dessas referências em sua volumosa obra. Se o marquês é considerado por alguns autores (como Béatrice Didier) um romancista barroco, seu ideal estético é clássico, inspirado na cultura greco-romana. Assim, figuras como Hércules, Adónis, Zéfiro, Vênus, Hebe e tantas outras são suas principais referências quando quer descrever a beleza de seus personagens. Curiosamente, os grandes libertinos são com frequência comparados a deuses feios, como Hefáistos, ou a seres mitológicos disformes ou híbridos como sátiros. Uma consideração a esse respeito o leitor encontrará mais adiante, no texto “Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos”, onde Sade assevera que, se a República necessitar de deuses, deve adotar os do paganismo.

52) “*devance*”, no original.

53) “*de tête*”.

54) “*tourterelle*”: literalmente, “rola”. Preferi, no entanto, “pombinha”, que faz mais sentido em português no contexto do romance. As falas de Augustin, por sinal, que caracterizam um simples jardineiro francês do século XVIII, ganham, na versão sadiana, expressões e acentos quase intraduzíveis para o português contemporâneo. Procurei não sobrecarregar demais na reconstrução dessa “fala popular”, até por falta de um parâmetro adequado. Entretanto, para imprimir o tom que Sade empresta à voz do personagem, era inevitável algum tipo de caracterização.

55) “*doubledieu*”, no original.

56) “*pucelage*”.

57) “*hochet*”.

58) “*polissons*”.

59) “*organes*”.

60) Literalmente, “se vós colocardes humor neles”. A palavra “humor” deve ser entendida em sua etimologia latina, como *humor* significando “líquido”. O sentido empregado por Sade é o que se encontra na medicina: substância fluida elaborada por um organismo animal, como o sangue, a linfa, a bÍlis etc. No contexto, porém, o termo “bÍlis” parece mais apropriado, sobretudo por seu sentido de “mau humor” ou “cólera”.

61) “*momêrie*”, no original.

62) Vale lembrar que o cidadão de Sade, quando presidente do Comitê Revolucionário da Seção de Piques, pronunciou-se contra a pena de morte. A propósito, ele dirá mais tarde, em 1795, numa carta a Gaufridy: “*a guilhotina sob os olhos me fez cem vezes pior do que jamais me fariam todas as Bastilhas imagináveis*”. (Citado por Maurice Lever, op. cit., p. 503.)

63) “*ébranlement*”, no original.

64) Eunucos. Segundo o Littré, o termo aparece em Voltaire, *Ode 16*: “No fundo de um serralho inútil/ Que faz entre esses icoglãs o velho sucessor imbecil dos Barjazets e dos Orcans? (Conforme a nota da edição portuguesa de *A filosofia na alcova*, op.cit., p. 205.)

65) “*écarts*”.

66) Literalmente, “se desenhassem”.

67) A carta XXI, de *A nova HeloÍsa*, em que Saint-Preux declara: “Quanto mais reflito nisso, mais acho que a questão se reduz a esta proposta fundamental: procurar o seu bem e fugir do mal naquilo que não ofende outrem, é o direito da natureza. Quando a nossa vida é um mal para nós e não é um bem para ninguém, é permitido, portanto, libertar-se dela. Se há no mundo uma máxima evidente e certa, penso ser esta, e se se conseguisse derrubá-la, não há nenhuma ação humana da qual não se possa fazer um crime”. (J. J.Rousseau. *Julie ou la nouvelle HéloÍse*. Paris, Garnier frères, 1960, p. 357.)

68) Batalha em que Dumouriez vence os austrÍacos, em 1792.

69) do orgasmo.

70) “*taffetas chiné*”, no original. O tecido em questão, feito de várias matizes de cor, alude à vermelhidão da pele e seus hematomas.

71) “*roué*”. Célebre suplÍcio, muito recorrente em Sade. Consistia em quebrar os membros do condenado para em seguida deixá-lo morrer numa roda.

72) Théodore Tronchin (1709-1781). Célebre médico genovês no século de Sade, famoso na Europa por suas inoculações.

A REVOLUÇÃO DA PALAVRA LIBERTINA

Dois anos antes da publicação de *A filosofia na alcova* (1795), Donatien Alphonse François, o marquês de Sade, viveu uma “temporada no inferno” da prisão de Madelonnettes, em plena era do Terror. A prisão, que antes fora um Convento, estava abarrotada de presos políticos do Antigo Regime. Suas acomodações eram precárias e insuficientes, as condições de higiene péssimas. Por falta de lugar, Sade acabou sendo instalado junto às latrinas. Passou seis semanas neste ambiente. Foi em seguida transferido¹ para a prisão São Lázaro, antigo Convento de Carmes, onde viria reencontrar o pintor das sombras e ruínas, Hubert Robert, seu companheiro de cela em Sainte-Pélagie. As condições não eram melhores. Os prisioneiros vagavam sujos, maltrapilhos e barbudos pelos corredores infectos. Seis deles contraíram febre maligna, dois morreram na semana em que Sade lá esteve.

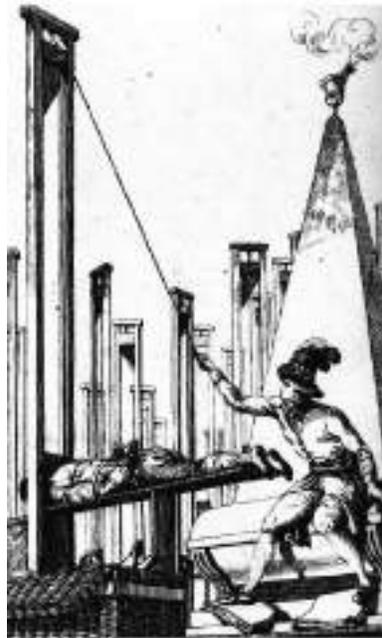
Uma visão sombria de São Lázaro pode ser apreciada em *Germinal*, tela em que Hubert Robert retrata o sinistro corredor. Maurice Lever, autor de uma extensa bibliografia sobre o marquês,² sugere que ele poderia inclusive estar ali presente entre os vultos borrados que povoam o corredor, ou ainda, quem sabe, encontrar-

-se por trás da cena, junto ao pintor, com o objetivo de admirar os efeitos do claro-escuro. À luz difusa desta cena soa irônico um comentário de Diderot sobre Hubert Robert: “Se este artista continuar esboçando, perderá o hábito do acabamento; sua cabeça e sua mão tornar-se-ão libertinas.”³

Sade passa uma semana em São Lázaro no ano de 1794. Quem sabe por essa ocasião já estivesse esboçando mentalmente esta obra, considerada por Gilbert Lely, grande especialista no marquês, uma de suas menos cruéis levando-se em conta os outros principais romances clandestinos de Sade, como *Os 120 dias de Sodoma*, e a terceira versão de *Justine*, seguida da mais aterradora ainda *História de Juliette*, irmã perversa e oposto da primeira, símbolo da heroína virtuosa. De fato, excetuando-se a cena de vexação e tortura sofrida pela senhora de Mistival, mãe de Eugénie, os atos de terror e violência são apenas aludidos em *A filosofia na alcova*, em que a pena do autor descreve as práticas eróticas misturadas aos deveres de uma iniciante, já que a obra se destina, em suas palavras, à educação de uma jovem, mas que acaba no fundo se estendendo a todo cidadão francês, colocando as bases da jovem República sob o império intransigente da Carne. Nesta obra, vários tipos de discurso (moral, político, estético) subordinam-se à

linguagem erótica, que, por sua vez, se serve da linguagem revolucionária para combater os costumes e a religião.

Após uma semana em São Lázaro, Sade é transferido para o Albergue de Picpus, prisão domiciliar para nobres perseguidos que podiam gozar ali de certas regalias mediante uma considerável soma em dinheiro. A França vivia então o auge do Terror sob o comando de Robespierre, o “inocorrúptível”. Em nome da Revolução, seus partidários mandavam para a guilhotina (a “navalha nacional”) todos aqueles de algum modo ligados ao Antigo Regime, ou por simples desconfiança disso. Ser ateu confesso (ou suspeito), nesse momento, era no mínimo oferecer o pescoço à lâmina poderosa de Sanson, o carrasco sanguinário da Revolução que, segundo consta, teria chegado a cortar num dia 54 cabeças em apenas 24 minutos. O certo é que o ateísmo era visto como sinônimo de aristocracia. Robespierre em seus discursos propalava um ideário “inspirado por Deus”, fazendo crer que a Providência conspirava a favor dos revolucionários. Em *A filosofia na alcova*, Sade dá o troco: “Um deus que relegamos ao esquecimento” (...) “De onde o infame Robespierre quis tirá-lo”.



Não encontrando mais carrascos, Robespierre executa ele mesmo o ofício, 1793. Gravura em água-forte, anônima. B. N. Cabinet des Estampes.

Num de seus breves períodos em liberdade, após a queda da Bastilha, Sade

presidira o Comitê Revolucionário da seção de Piques. Seu desempenho moderado (manifestando-se contra a pena de morte inclusive) chega a surpreender quem costuma ler seus romances. É com base em seus serviços prestados à causa da Revolução que Sade apela inutilmente aos ex-colegas de seção para livrá-lo das novas prisões, sob a acusação de ser um homem “muito imoral, muito suspeito e indigno da sociedade”.⁴ Numa de suas cartas desesperadas ele argumenta: “Meu coração é puro e meu sangue, se preciso, está prestes a correr pela felicidade da República”.⁵ Mas sua vida e seus escritos são suspeitos demais para que tais palavras surtam efeito.



A demolição da Bastilha, 1789. Óleo sobre papel colado em cartão. Coleção particular.

Encontramos uma formulação muito semelhante em *A filosofia na alcova*, mas cujo sacrifício se oferece à causa do ateísmo: “Se o ateísmo quiser mártires, que o diga, e meu sangue estará prestes”.

Estes episódios serviram inclusive de pano de fundo em um romance de Serge Bramly,⁶ cujo enredo situa-se na singular prisão de Picpus, esta casa enigmática de “saúde e detenção” onde Sade fica “hospedado” durante oito meses, em 1794. Dataria desta época a redação de *A filosofia na alcova*, como nos faz crer Bramly? O certo é que desse período obscuro pouco ou quase nada se sabe; os

biógrafos de Sade são unânimes em admitir que não há dados suficientes para se dizer a época em que o livro foi redigido. Ignora-se, em particular, se os diálogos que o compõem foram escritos na mesma época do panfleto “Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos” que integra o romance. Vários intérpretes, entre eles Michel Delon,⁷ organizador da edição da Pléiade, supõem que o panfleto tenha sido inserido no interior do quinto diálogo posteriormente à redação do livro. Isso faz sentido se lembrarmos que os sete diálogos apresentam a educação de Eugénie dentro de um quadro de valores bastante identificado à aristocracia, ao passo que o panfleto se inscreve diretamente no debate revolucionário sobre a nova legislação. Segundo a hipótese de Gilbert Lely, com o panfleto, Sade pretendia atualizar uma ficção concebida antes da Revolução.

*

O século XVIII é particularmente frutífero na prática das mais variadas formas romanescas, o que torna as classificações nem sempre cômodas. Do inglês Richardson ao francês Duclos, passando por Prévost, Crébillon, Voltaire e Rousseau, de Madame de Lafayette a Sade, as formas romanescas se multiplicam: *romance histórico e galante*, *romance psicológico*, *romance epistolar*, *romance picaresco*, *romance realista*, *romance sentimental*, *romance em diálogos*, *romance filosófico*, *romance libertino*, *romance de costumes*, enfim, os gêneros não apenas são muitos como também parte desses romances apresentam uma estrutura híbrida, com mais de um ou vários gêneros condensados. As obras de Sade pertencem a esse grupo. Os temas também são múltiplos. O romance tornara-se o veículo literário preferido de expressão da burguesia, cujo interesse passa a girar em torno de intrigas domésticas e passionais. Observa-se a eclosão daquilo que se convencionou chamar de “romanesco”, de que a burguesia necessitava sentimentalmente. A *Comédia lacrimosa* de Lesage é um momento marcante desse fenômeno sentimental que atravessou todo o século, como também o é a *Manon Lescaut*, de Prévost. Mas o fenômeno conhece seu apogeu sobretudo com a explosão sentimental provocada pela *Nova Heloísa* de Rousseau, que conquista definitivamente o leitor burguês. Segundo Henri Coulet, de Rousseau à Revolução e depois ao Diretório e ao Império, o *romance sentimental* torna-se a categoria dominante do gênero romanesco,⁸ e prepara o arrebatamento literário seguinte, o Romantismo, ponto culminante dessa tradição.

Leitor de Rousseau e de toda a tradição sentimental, Sade tornar-se-á, no

entanto, um de seus mais ferozes críticos. Em sua obra, pratica vários gêneros entre os recorrentes do século e quase sempre re combinando-os no interior de um único romance, como em *Aline e Valcour*, publicado em 1795, o mesmo ano de *A filosofia na alcova*. Formas como a do *romance epistolar*, do *romance picaresco*, do *romance filosófico* estão presentes. Se este recurso denominado “gaveta” não é novo, e a mistura de gêneros num mesmo romance é de largo uso na época, o tratamento dado por Sade, sobretudo em relação aos temas, é de outra ordem. Combate veementemente o idealismo sentimental manifesto em boa parte dos romances do século. Para isso, lança mão de um poderoso recurso: a paródia. Tal procedimento faz parte da estratégia do texto sadiano, procedimento que o linguista russo Mikhail Bakhtin denominou *dialogismo*, o diálogo das vozes extraídas de discursos e contextos distintos em planos que se cruzam na narrativa. No caso de Sade, o “discurso do outro”,⁹ ou seja, o objeto linguístico parodiado, é a fala das heroínas tradicionais dos romances de ideologia sentimental, representada em Sade pela linguagem das vítimas. Lembrar que, para Bakhtin, “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”.¹⁰ Como em romances polifônicos como este, o texto está sempre fazendo uma leitura de um “corpo literário” anterior na medida em que o absorve, cria-se uma “ambivalência”, de acordo com Julia Kristeva, ou seja “a inserção da história no texto, e do texto na história”.¹¹ Isso faz que, por extensão, a crítica de Sade também atinja em cheio a sociedade de seu tempo, principalmente no que diz respeito a um de seus traços marcantes, o idealismo sentimental. O uso da polifonia no interior de seus romances (onde um discurso critica outro) promove o “efeito de carnavalização” de que fala Kristeva a respeito de Sade, inserindo-o entre os praticantes dessa tradição carnavalesca popular, uma das correntes formadoras da narrativa europeia (a outra é a épica), e que chega até a Modernidade reanimando as formas do pensamento literário.¹²

Parodiando o discurso sentimental, sobretudo as vozes de suas heroínas virtuosas, cujo modelo exemplar é a Julie de Rousseau, Sade trava uma verdadeira guerra textual contra a corrente triunfante do sentimento e da sensibilidade. *A filosofia na alcova* também participa dessa estratégia. Há ecos da retórica sentimental nas falas da senhora de Mistival, de Eugénie e do próprio cavaleiro, em que não raramente ressoam as palavras de Rousseau.



Jindrich Heisler, frontispício para *La philosophie dans le boudoir*, 1943. Montagem fotográfica. Coleção Georges Goldfayn.

O idealismo sentimental pode ser detectado em boa parte da literatura e das artes do século XVIII. Seus valores incensados são a virtude, a sensibilidade, a bela moralidade, a “boa natureza” (ao contrário do sentido que lhe confere Sade) e todo o ideário cristão de amor ao próximo como a solidariedade, a piedade, a identificação sentimental e o remorso (quando o sujeito se achava em falta com esses valores). As heroínas romanescas geralmente são representações desse modelo: da Clarisse de Richardson a Aline do próprio Sade, passando pela síntese de todas elas, a Julie de Rousseau, a virtude impera no âmago dos corações sensíveis. Como elas, seus pares também não fogem à regra: Saint-Preux, Valcour e tantos outros, são grandes virtuosos sentimentais. Afinal, era a época em que chorar em público valorizava o sujeito aos olhos da sociedade. Lágrimas no salão. Lágrimas no teatro. Lágrimas em toda parte: a senhora de Chatelet ria para não chorar. Mas Voltaire, o “humano Voltaire se desfazia em lágrimas, porque não tinha vergonha em parecer sensível”.¹³ “Que povo é feroz o bastante para não ser tocado pelos signos da dor?”, diz a senhora Graffigny nas *Cartas de uma peruana*.¹⁴ Diderot se comove diante de Greuze. Sua pintura lhe parece dramática; a pintura tem mesmo para esse filósofo uma função moralizadora: instruir, corrigir o caráter, convidar à virtude, “o pincel já não foi

longe demais e consagrado o bastante ao deboche e ao vício?”.¹⁵ Diante de *O parolítico*, Diderot exclama: “Ah meu Deus, como ele me toca! Se o vir de novo, acho que vou chorar!”.¹⁶ Eis o sentido da “bela moralidade” (termo do filósofo). A beleza é ética. Começa aqui, por sinal, com Diderot, a crítica de arte, na crença de que o homem sensível está acima do homem de gênio e até do grande escritor, embora o próprio filósofo reconheça que a sensibilidade “é a qualidade dominante dos seres medíocres”,¹⁷ palavras que terão, quem sabe, deliciado o marquês.

Tal valorização da sensibilidade é própria do século das Luzes, buscando aquilo que assemelha e aproxima os homens. Seria esse o caminho para se entender melhor a vida e a própria natureza?

No universo literário sadiano, porém, a relação entre os seres sensíveis e virtuosos está subordinada a outra, mais poderosa e determinante: a dos libertinos com suas vítimas. Nela, os virtuosos ou vítimas e sua sensibilidade (seu idealismo sentimental) são a parte ofendida naquilo que Maurice Blanchot denominou “sistema sadiano”.¹⁸ De um lado, o sofrimento das vítimas faz o prazer dos libertinos; de outro, os valores do idealismo sentimental são atacados, ridicularizados e destruídos pela palavra desses devassos. De modo geral, ocorre o seguinte nos romances de Sade: contam-se duas histórias paralelas (e complementares) que se cruzam, se entremeiam: a dos *infortúnios da virtude* e a das *prosperidades do vício*. O exemplo melhor realizado disso é a monumental *Nova Justine, seguida da História de Juliette, sua irmã*. Tal estratégia também se repete em suas outras obras, onde essa forma de oposição permanece, embora menos acentuada, determinando as relações entre as personagens (e sua história) a favor dos libertinos. Uma consequência fundamental disso é que o discurso dos virtuosos assume um papel cada vez menor, sobretudo nas obras mais radicais, como *Os 120 dias de Sodoma* e as duas supracitadas, soando cada vez mais paródico num texto em que o discurso do libertino assume o comando da enunciação e se estabelece como centro radiante da verdade.

Sensibilidade e virtude eram valores cultivados e apreciados também por artistas e filósofos, o materialista Diderot inclusive. Mesmo Sade parece comungar desses valores em algumas de suas obras, sobretudo na primeira versão de *Justine ou os infortúnios da virtude*, e em alguns de seus *Crimes do amor*. Mas a necessidade imperiosa de afrontar tais valores e destruir-lhes o significado é a tônica de sua literatura.

Sade utiliza o discurso sentimental, sua efusão lacrimosa, seus arroubos de sensibilidade e virtude para exprimir sua filosofia e seus próprios valores. Se em

Aline e Valcour o uso da paródia ainda não se faz sentir de modo tão contundente (não por acaso o único romance de Sade cuja autoria ele reconhece em público), em *A nova Justine* o modelo da heroína virtuosa é violentamente desconstruído pela estilização paródica.

Em *A filosofia na alcova*, Eugénie será educada nos valores de todo grande libertino de Sade. Vale lembrar que Eugénie (a onomástica sadiana é muito significativa), filha de um pai rico e libertino, significa, não por acaso, aquela que é “nobre”, de “boa casta”. Sua formação consiste em corromper-se no uso da linguagem dos devassos e na prática das ações de tal modo que, liberta dos “laços absurdos e perigosos de uma virtude quimérica e de uma religião nojenta”, possa “semear algumas rosas sobre os espinhos da vida”.

No *Emílio*, Rousseau preconizava que desenvolvendo as potencialidades naturais da criança ela se afastaria dos males sociais tornando-se com isso um “adulto bom”. O que sustentava sua hipótese era a crença na bondade natural do homem. Em Sade, a natureza também é o modelo, mas não pode ser avaliada em termos de valores morais. A seus olhos, dirá o marquês, bem e mal são indiferentes e tanto um quanto outro estão de acordo com suas primeiras intenções. Costumes diferentes de outros povos, ou de outras épocas, comprovam que tais valores podem até se inverter, e “o que é crime aqui, frequentemente é virtude cem léguas além”.¹⁹ Os vícios fazem parte do direito natural do homem. Quanto mais libertino ele se torna, mais fiel à natureza será.

Com efeito, Eugénie parece ter as mesmas disposições para o vício e para o crime que outra grande libertina sadiana: Juliette. Ambas farão carreira nas “prosperidades do vício”. À maneira de Juliette, Eugénie é uma *heroína menos a moral*. Em Sade, palavras como vício, fortuna, crime e prazer se confundem.

La Mettrie, que Sade leu com fervor, mas muito a seu modo, em *O homem-máquina*, o “evangelho da organização material”, segundo a expressão de Paul-Laurent Assoun,²⁰ estabelece que o homem é uma máquina cuja maior finalidade é o gozo.²¹ Daí a célebre fórmula de sua filosofia: “Prazer, mestre soberano dos homens e dos deuses, diante do qual tudo desaparece”.²² Sade a tomará por divisa. Sua obra inteira é construída, seja para celebrar o prazer, seja para atacar tudo aquilo que de alguma forma se interpõe entre o indivíduo e a sua felicidade. Nesse sentido, o que se vê em *A filosofia na alcova* é uma educação pelo avesso. Uma “deseducação” em que os costumes e a religião são desqualificados de suas funções seculares de tornar os indivíduos felizes. Não conseguiram, pensa Sade. Jamais conseguirão porque seus princípios estão assentados em bases falsas. Deus não existe e a virtude é uma quimera.



Théodore de Bry, ilustração para *Narratio regionum indicarum per hispanos quosdam devastatorum*, las Casas, Frankfurt, 1598. Bibliothèque de L'Arsenal.

Escrita em forma de diálogos, *A filosofia na alcova* deve muito de sua estrutura à arte preferida de Sade: o teatro. Romance e teatro estiveram muito próximos em seu século, quando muitas vezes um gênero alimentou o outro como em Diderot e Richardson. O teatro também sempre foi “um desejo implícito” na obra do Sade romancista e provavelmente sua maior paixão em literatura: ele chama seus personagens de “atores”, orienta-os na “marcação” das cenas de deboche, escolhe o “cenário”, cuida da “maquiagem”, dos “disfarces”, dos “figurinos” e assim por diante. Além do fato de que escreveu para o gênero uma infinidade de peças (muitas chegaram a ser encenadas, mas quase sempre sem sucesso) que acabaram não chegando até nós, no final da vida, escreveu e dirigiu peças montadas pelos internos do Hospício de Charenton, sua última prisão, onde falece em 1814.

A influência do teatro em sua obra pode ser facilmente percebida em *O diálogo entre o padre e o moribundo* e em *A filosofia na alcova*, de que Claude Lefort já

disse tratar-se de um romance apresentado como um espetáculo que tem como impulso fundamental “o desejo de corromper”.²³

Já na dedicatória do romance, intitulada “Aos libertinos”, o marquês revela seu *parti pris* em louvor às paixões. A obra destina-se, pois, a fornecer “princípios” que as favoreçam. Ele procura esclarecer o leitor que essas paixões, “com que estúpidos e frios moralistas tentam vos horrorizar, são apenas os meios que a natureza emprega para fazer o homem atingir as metas que traçou para ele”. Como se verá ainda melhor em “Franceses, mais um esforço...”, no quinto diálogo, a obra tem por pretexto a educação de uma jovem, mas, percebe-se logo, visa muito mais longe. Sade apela para que os leitores só ouçam “essas paixões deliciosas”, que, a serviço da natureza, são as únicas cuja voz pode “conduzir à felicidade”. Sua estratégia é utilizar o discurso revolucionário, em voga na época, para promover a libertação do indivíduo e a transformação da sociedade pela corrupção dos costumes. Sua revolução começa com a palavra.

A propósito, Sade é um dos maiores representantes da literatura libertina que se difundiu no século XVIII, cujo universo não estava assim tão distante da realidade francesa que conheceu tantos excessos e desregramentos de conduta, sobretudo na época da regência. Por outro lado, o marquês também pode ser considerado um herdeiro da “libertinagem erudita” do século XVII que precede e prepara a figura do filósofo iluminista. Embora não exista uma linha clara de continuidade entre ambos os fenômenos, de acordo com Luiz Roberto Monzani, além de um “vago horizonte conceitual comum”,²⁴ Sade também se ocupa dos mesmos temas (religião, costumes, política) que inquietavam os livres-pensadores seiscentistas, ele que se celebrizou com esta que foi a maior característica daqueles homens: a liberdade de pensar. Sade, “o espírito mais livre que jamais existiu no mundo”, nas palavras de Apollinaire.

Sade reconhece que a Revolução Francesa dera um golpe decisivo contra a tirania, que seu século já vinha dissipando as trevas da ignorância, da superstição, do preconceito, com o “facho da razão”, mas era preciso fazer mais. Faltava completá-la. Eis o sentido do panfleto “Franceses, mais um esforço...” Para Sade, a consagração definitiva de um Estado revolucionário não é possível sem que a sociedade sofra uma radical transformação na qual a libertinagem dos costumes representa o principal motor. A moral, aqui, só faz sentido se orientar as ações humanas para uma felicidade que só se traduz pela prática das mais variadas formas de prazer e de crueldade, e pela realização de todas as fantasias do indivíduo. *A filosofia na alcova*, sua utopia, é uma descrição detalhada dessa possibilidade, e seu espaço de demonstração é o *boudoir*. “Localizado entre o

salão, onde reina a conversação, e o quarto, onde reina o amor, o *boudoir* simboliza o lugar de união da filosofia e do erotismo”.²⁵ Em *Sade, a felicidade libertina*, Eliane Robert Moraes mostra que o *boudoir* libertino é um lugar pequeno, privado e íntimo, mas cujas dimensões parecem ampliar-se indefinidamente.²⁶ A função dos espelhos, no *boudoir*, destina-se a isso. Os espelhos multiplicam o efeito das cenas libertinas de modo a atingir todos os que se encontram presentes, e mesmo aqueles que não participam diretamente dos atos. O *boudoir*, como diz Eliane, é um espaço de “concentração da luxúria, síntese da libertinagem”.²⁷ Ele assim pode ser visto como uma *maquette*²⁸ da utopia sadiana de transformação do mundo burguês. É no interesse de que a sociedade inteira se transforme num imenso *boudoir* que Sade parece escrever. É aí que a educação deve começar, a religião ser combatida, a família arruinada. A orgia libertina tem esse sentido paradoxal: destruir os laços morais pela união indistinta dos corpos. Nela, todos se tornam apenas um; “Únicos”, na expressão de Blanchot.²⁹ São estes cidadãos, os libertinos, que na cartilha revolucionária de Sade dão ares de declaração universal. Só assim, acredita, a Revolução estaria completa. Mas isso também tiraria todo o significado do universo sadiano dos romances, pois não havendo mais seres virtuosos, seu sentimentalismo, não havendo mais vítimas, suas dores e lágrimas, o gozo do libertino, que depende da crueldade praticada sobre o outro, não seria mais possível. Incoerência? Não se considerarmos que a literatura é o único espaço possível para a realização de tal projeto. O mundo de Sade o fez sonhar com aquele que ele realiza em sua literatura. Se este mundo a tornou possível é porque eles são essencialmente inconciliáveis. E essa talvez seja a maior função da literatura: mostrar o que o mundo pode ser além do que ele realmente é, criando as possibilidades linguísticas dessa materialização. É por isso que Sade nos faz sonhar, a despeito de toda a sua crueldade. A essência desse “mal” é uma inversão de valores que visa, em última instância, transformar seu mundo em outro que ele acreditava melhor. Vista desse modo, a crueldade sadiana é apenas uma estratégia de negação do mundo, uma forma de demonstrar seus equívocos e quão distante ele se encontra do ideal de felicidade humana. Para isso, ele desceu nos abismos do homem, iluminou seus territórios (a moral, a filosofia política, a psicologia), mas seu principal domínio sempre foi a estética. Criou assim uma obra que desafia o tempo e se mantém numa interrogação aberta, num permanente desafio ao entendimento. Vista deste modo, sua crueldade talvez pareça “menos horrível”, e seu “sadismo” possa ser visto menos como um conjunto de perversões patológicas do que como o emblema de uma operação textual de grandes efeitos

que traz em seu bojo um arranjo inusitado e terrível entre a razão e o sonho.



Antonio Gallonio, *Martyrum Cruciatibus*, Paris, 1750. Prancha XIV gravada por Antonio Tempesta.
Bibliothèque Municipale de Boulogne-Sur-Mer.

*

Em *A filosofia na alcova*, os diálogos se alternam entre cenas de deboche e discursos filosóficos; as aulas são práticas e teóricas para que nenhuma dimensão do ser humano seja esquecida: a palavra convida à ação do corpo, assim como o desfecho luxuriante traz em cena novamente a palavra, sob a égide do esclarecimento, seja da própria prática libertina, seja dos termos de volúpia nela utilizados. Essa “ação discursiva”, trama de vários discursos simultâneos em que se vislumbra sempre uma intenção crítica por parte da escritura, desenrola-se à medida que, na narrativa, Eugénie vai se instruindo nas artes da libertinagem.

Se as paixões são dispositivos de uma instância maior que as regula, a natureza, é porque Sade, a exemplo de outros filósofos materialistas de seu tempo, a entende não apenas como a maior das forças universais, mas como um

princípio criador inteligente que só pode ser compreendido pela racionalidade humana que se vê a si própria como uma de suas expressões naturais. Vale lembrar que na tradição materialista categorias como alma, espírito, pensamento têm natureza material. La Mettrie diz, com humor, que a alma é uma parte material sensível do cérebro, mas que às vezes parece mais localizar-se no estômago.³⁰ Mas seu materialismo difere substancialmente do de Sade. Para ele a volúpia, embora sendo “mãe do prazer”, não se confunde com o deboche como acontece nos romances sadianos. La Mettrie vê na volúpia muito mais um bem que se adquire por refinamento de espírito.³¹ É, pois, mais questão de sensibilidade moral do que do fenômeno sensitivo ocasionado pelo efeito da “irritabilidade nos nervos”, motor enigmático da volúpia sadiana. Além do mais, o materialismo de La Mettrie não visa destruir o próximo como o do marquês, nem pretende ser uma apologia do vício. Quanto à natureza, Sade vai contra Rousseau e a tendência de seus contemporâneos de creditar bondade nativa aos homens. Mas o que é essa natureza que se encontra no fundo dos seres e no fundo das coisas e cujo nome constantemente surge nos escritos da época?

O século XVIII tem uma ideia ambígua da natureza. O que seria ela afinal? O conjunto das realidades do mundo? O princípio de organização da matéria, como acreditava Diderot? O ser íntimo do homem? A força produtora do universo? Para Sade, a natureza é um princípio criador onisciente, que tem metas traçadas para as suas criações. Ocupa, portanto, o lugar de Deus. A natureza, em Sade, é deus destituído da divindade. Quando fala da natureza, ele com frequência a trata em termos como “esse grande agente universal”. Levando-se em conta a importância do movimento em Sade, que, para Hubert Juin,³² é o traço mais marcante de sua obra, deve-se observar que, por trás de todo movimento, de toda ação humana boa ou má, estão as intenções da natureza que as determinam. Dolmancé explica a Eugénie, contestando o cavaleiro: “É da natureza que os devassos tiram os princípios que colocam em ação. Já te disse mil vezes que a natureza, para a perfeita manutenção das leis de seu equilíbrio, necessita tanto de vícios quanto de virtudes, e nos inspira um por vez os movimentos que lhe são necessários; logo, não praticamos nenhuma espécie de mal nos livrando a tais movimentos, de quaisquer tipos que se possa supô-los”.³³

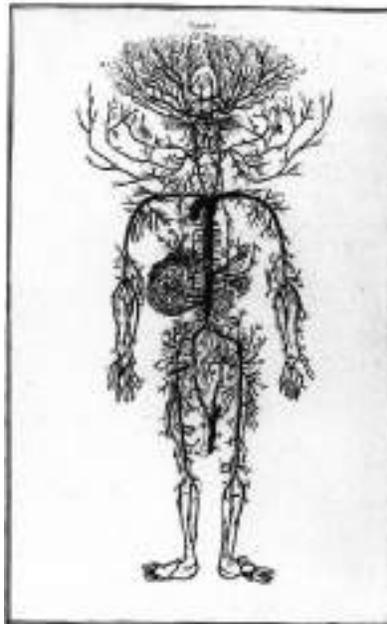
Se Deus e a religião são rechaçados no projeto republicano de “Franceses, mais um esforço...”, é para que o pensamento racional os substitua por um “agente” que, libertando o homem de seus costumes, deverá conduzi-lo à felicidade. O “agente” em questão é a natureza. É nesse sentido que Sade força o pensamento iluminista para além de seus próprios limites, já que a mola dessa superação é a

libertação do corpo pela corrupção dos costumes, o que não se faz sem colocar em xeque os ideais burgueses da Revolução. Para tanto, o pensamento de Sade se faz assimilar pela linguagem revolucionária para expressar-se, e seus libertinos acabam se tornando os modelos de cidadania que ele considera ideal numa nova República.

Sim, na natureza reside a verdade do homem: “a natureza, mãe de todos, só nos fala de nós mesmos”. Ao homem só basta ouvir esta voz. Nada é tão egoísta quanto ela, dirá o marquês. Convém frisar que a ideia do homem como efeito da natureza já se encontra em Espinosa. Em Sade, a natureza é a voz que favorece os indivíduos. Mas não qualquer um. É preciso que ele seja dotado de uma organização especial, pois, nestes termos, a natureza só serve àqueles que lhe dão ouvidos. Quer dizer, os que são capazes (leia-se favorecidos) de reproduzir materialmente, no ambiente humano, as condições naturais de supremacia do forte sobre o fraco. No universo literário de Sade, estes indivíduos singulares, sempre muito ricos e poderosos, são os senhores que irão desempenhar entre os homens as intenções secretas da natureza. Todos os libertinos são filósofos nesse sentido, isto é, intérpretes racionalistas da natureza. Serão também seus beneficiários. Seu maior objetivo, como diz Dolmancé, é gozar, não importando de que modo seja. O ato de gozar é uma paixão que subordina todas as outras e que reúne todas ao mesmo tempo. Saber ouvir a natureza, portanto, é ouvir a si próprio. Que se ouça então o borbulhar do sangue, que se atenda aos apelos dos “espíritos animais”, esses agentes fisiológicos da luxúria em sua irrefreável operação de gozo. Saber ouvir a natureza é reconhecer que, no indivíduo, a volúpia é a sua manifestação mais viva. Quem deseja tem sempre razão porque atende a um apelo natural determinado mecanicamente pelas leis da física que rege o universo. Em Sade, razão e natureza andam juntas como, no outro extremo, no coração dos virtuosos, irmanam-se sensibilidade e religião. O pensamento nasce para justificar o gozo e a crueldade. É por essa última, aliás, que a filosofia, quer dizer, a prática da libertinagem e seu ensino, sua iniciação, se comprovam. “A crueldade é o primeiro sentimento que a natureza nos imprime”, diz Dolmancé a Eugénie. A palavra, assim, autoriza a violência e legitima o desejo e suas ações.

Nos romances sadianos, é sabido, a palavra desencadeia as ações perversas. A palavra dos libertinos é a lei. “A natureza fala de nós mesmos”. No entanto, só o libertino pode se reconhecer nesse “nós”, só ele pertence à casta privilegiada dos que entendem a “linguagem da volúpia”. É esse ato de reconhecimento que divide o mundo sadiano em duas categorias, os libertinos e as vítimas. Os

primeiros são dotados de uma “organização especial” pela natureza e favorecidos por sua condição na sociedade quer como ricos e/ou poderosos: Dolmancé, segundo Saint-Ange, dirigia “o gládio das leis”, assim como o pai libertino de Eugénie é “um dos mais ricos arrecadadores da capital”. Geralmente os libertinos são os senhores dos castelos ou os bispos das Igrejas onde confinam suas vítimas. Os segundos, as vítimas, são seres virtuosos e sensíveis. Estes naturalmente jamais poderão ouvir a natureza, por estarem imersos em ilusões e preconceitos impostos pela moral e pela religião. Não podem praticar libertinagem violenta porque sua relação com o outro é mediada por sentimentos como a piedade e o amor ao próximo. Um ser que aprecia valores como a benevolência, a caridade, a solidariedade, necessariamente é surdo para o clamor natural da volúpia, excetuando-se, é claro, os gozos que a dor proporciona, mas que dizem respeito a um universo místico ou masoquista, não propriamente ao sadiano. É por isso que Dolmancé e Saint-Ange fazem questão de destruir tais valores na educação de Eugénie.



As artérias na Enciclopédia, 1762. Gravada por Benard conforme Drake. Coleção particular.

Os virtuosos, as vítimas sadianas, como a senhora de Mistival, só sabem ouvir o coração. E o que é o coração? O coração engana, dirá Dolmancé refutando o

cavaleiro, no penúltimo diálogo do livro. O coração engana, porque é apenas “a expressão dos falsos cálculos do espírito”. Mais adiante, o devasso confessa: “eu mesmo não sei o que o coração é; chamo assim as fraquezas do espírito”. O coração, portanto, turva a razão e falseia o entendimento. Dolmancé resume a educação de Eugénie nesse conselho: “não deis ouvidos ao coração”.

No século XVIII as duas correntes simétricas e opostas, a sentimental e a materialista,³⁴ conheceriam seus representantes mais radicais em Rousseau e Sade. No primeiro, a alma não tem corpo, e seu fundamento é Deus, no segundo, o corpo não tem alma e deposita na natureza seu fundamento. O coração é o órgão dos sentimentos e da paixão, enquanto o espírito é o “órgão” da razão³⁵. Ambas as correntes, a da sensibilidade e a da razão, sintetizam o espírito no Século das Luzes. Mas, se o coração é o emblema da corrente sentimental, isso não quer dizer que filósofos materialistas como Diderot (e mesmo Sade) não reconheciam a importância da sensibilidade. Ao contrário, Diderot é o intelectual “sensível” por excelência. “Sou uma espécie de Heráclito cristão sempre a ponto de chorar sobre a loucura de meus semelhantes”, escreve à sua amiga Sophie Volland.³⁶ São várias as referências de lágrimas e momentos sensíveis do filósofo. Vemo-lo também chorando ao assistir a passagem de uma procissão, “com o coração em sobressalto”.³⁷ “A sensibilidade me basta”, dirá.³⁸ E este é o ponto inconveniente para Sade: o coração aproxima os indivíduos, permitindo a comunicação sensível. Com isso eles deixam de “ouvir a natureza” que fala diretamente ao seu instinto, a verdade natural do homem. O coração é uma mola traiçoeira.

Diderot define a sensibilidade como “esta disposição companheira da fraqueza dos órgãos”, consequência, pois, de um cruzamento orgânico e psicológico, mescla de imaginação e nervos que provoca emoções, desarranjos, enfim, que gera uma certa desordem no indivíduo. Por um lado, a sensibilidade tem um componente orgânico, “consequência da mobilidade do diafragma”; por outro, um psicológico, “consequência da vivacidade da imaginação”. Em Diderot, como também em Sade, a natureza física modela a natureza moral. Graças à sensibilidade, o ser humano pode admirar, temer, se emocionar, chorar, desmaiar, gritar, etc. Diderot acrescenta ainda que ela pode levar o indivíduo a perder a razão e não ter nenhuma ideia do que seja verdadeiro, bom e belo. O indivíduo sensível pode se tornar injusto.

Contudo, para Sade, há algo de positivo no coração: ele segrega as leis da natureza, que “são tão sensatas quanto simples”, e inspira os homens a segui-las. Tais leis “estão escritas no coração de todos os homens” e “basta interrogar o

coração para lhes desvendar o impulso”.³⁹

Na tradição dos romancistas sentimentais como Prévost e Rousseau e de filósofos como Vauvenargues, a sensibilidade, no entanto, é a condição primordial do ser humano, tanto no aspecto individual como no social. Diderot afirma: a sensibilidade “é o esforço sobre si mesmo em favor dos outros”.⁴⁰ Nada mais contrário à maneira de pensar e agir do libertino sadiano. Vauvenargues opõe sentimento à razão, dando àquele plena supremacia sobre esta, embora se esforce em conciliá-los. A alma está para o sentimento assim como o espírito para a razão. De acordo com o historiador francês Pierre Trahard, a crença na superioridade do sentimento sobre a razão, de um lado, e a bondade da natureza e do instinto, de outro, terá valor de um dogma e irá animar a vida moral da geração dominada pelos autores do *Sobrinho de Rameau* e da *Nova Heloísa*.⁴¹

Para Vauvenargues, o sentimento é o mais alto grau do conhecimento, mas advertia: “julgar as coisas da razão com o espírito e as coisas do sentimento com o coração”.⁴² “Sois sensível demais”, disse Voltaire a Vauvenargues, “é desta sensibilidade extrema que gosto”.⁴³ Tanto Vauvenargues quanto Diderot admiram o homem no tropel das paixões desenfreadas. Vauvenargues prefere um homem apaixonado e criminoso (*sic*) a um virtuoso desprovido de paixões, porque ele se mostra no limite máximo de sua grandeza, na explosão do sentimento, das paixões.

Assim, no extremo desse raciocínio dos cultores do sentimento reencontramos Sade, que leva sua apologia das paixões às últimas consequências. Mas, ao contrário de suas vítimas, seres sensíveis por excelência, os libertinos são indivíduos embotados, insensíveis, apáticos, cujas ações comprovam “os desígnios da natureza”. La Mettrie pedia ao homem sábio face ao domínio natural: “Não basta estudar a Natureza e a Verdade, é preciso ousar dizê-la em favor do pequeno número daqueles que querem e podem pensar”.⁴⁴ Sade é mais categórico: “é bem menos essencial entender a natureza do que respeitar suas leis e delas desfrutar”.⁴⁵

É certo que a apatia, como se sabe, é um ponto obscuro no sistema sadiano e mesmo contraditório. Como é possível negar a sensibilidade que, afinal, é a sede das paixões? É que nos libertinos, “gastos” pela experiência, que têm a sensibilidade “zerada” justamente porque já exauriram todas as fontes dos sentidos, as paixões renascem mais fortes pelo viés da crueldade exercida sobre o outro. Sutilezas mecânicas do materialismo sensualista. De novo, a diferença reside na constituição física dos devassos e sua disposição para o mal. Tudo resulta da “organização” que, como diz La Mettrie, é o “primeiro mérito do

homem”.⁴⁶

Em *A nova Justine*, a heroína virtuosa dirige-se à patroa, a libertina Dorothée, inconformada com a maneira pela qual esta e seu marido vivem felizes à custa de crimes e deboches: “Oh, senhora, jamais compreenderei esta maneira de ser feliz; acho que só poderei sê-lo sabendo que os outros também o são”. E a resposta da libertina: “Isso porque és fragilmente constituída e tens fracos desejos... fracas paixões... volúpias medíocres. Mas esta mediocridade de opinião de modo nenhum é admissível num ser organizado como eu”. Apáticos, os libertinos compensam a insensibilidade com “uma extrema sensibilidade nos nervos”, efeito da “irritabilidade no sangue”, fruto de “uma alma estoica”. É bom repetir que esta mecânica só entra em funcionamento no corpo-máquina do libertino mediante a prática de ações cruéis. A apatia sadiana é uma forma de negação do outro. O libertino, concentrado em si mesmo e indiferente ao mundo, só reage ao outro de modo destrutivo. A crueldade é o único modo de converter a apatia em energia, e esse mecanismo fundamenta o imperialismo do gozo em Sade. No extremo, ele também destrói, com a vítima, seu “espírito sensível”, sua virtude, enfim, seus valores morais. Dolmancé adverte Eugénie: “... que esta pérfida sensibilidade não abuse de vós; estejais bem certa de que ela é apenas fraqueza da alma”,⁴⁷ pois a sensibilidade e seu principal agente, o coração, desviam o indivíduo dos prazeres, arrebatando-lhe as chances de ser feliz; as ações virtuosas, no sistema sadiano, necessariamente levam ao infortúnio: “Ah, acreditai Eugénie”, assevera o devasso, “os prazeres nascidos da apatia valem bem os que a sensibilidade vos dá; esta só sabe atingir o coração num sentido, enquanto que a outra o acaricia e o agita em todas as partes”. A apatia triunfa sobre a sensibilidade porque atua diretamente sobre o prazer do indivíduo. Já a sensibilidade atua sobre o espírito acionando o dispositivo moral das emoções. Visando o bem, ela age numa única direção que só proporciona um prazer indireto, que tem como causa a felicidade do outro. Os prazeres que gera são frutos da virtude: alegria pela sorte do outro, compaixão, lágrimas. Os prazeres da apatia levam a uma multiplicidade de gozos que só dizem respeito ao indivíduo e à sua volúpia. Para Sade, qualquer outra forma de prazer que não tenha essa finalidade traz infortúnio ao homem. Nesse sentido, a moral está sempre em falta com seu principal objeto: a felicidade.

Se nos romances sentimentais a sensibilidade impulsiona as ações virtuosas das personagens, dir-se-á, até às lágrimas, nos romances sadianos é a energia (originária da apatia) que conduz os libertinos nas ações perversas, que acabam sempre nas “décharges”, no derramamento de esperma. O objetivo do libertino é

chegar à volúpia por meios ativos e violentos. Importa “fazer vibrar a massa de nossos nervos pelo choque mais violento possível”. Como a dor afeta mais do que o prazer, produz no libertino “apático” um choque nervoso que faz circular de forma mais violenta os chamados “espíritos animais” cuja ação nas “regiões baixas” vão abrasar os órgãos da volúpia, dispondo-os ao prazer. O que se poderia chamar de “fisiologia da perversidade”, dada a predisposição natural do libertino aos crimes, depende exclusivamente de uma circulação mais violenta dos espíritos no sangue provocada pelo choque nos nervos graças à percepção ou efeito da dor alheia. Para se obter isso, é necessário uma certa “predisposição” (que, diga-se de passagem, todo libertino tem). É parte importante da educação de Eugénie que sua “máquina de gozo” seja despertada nesse sentido. As formas pelas quais o organismo libertino será disposto ao prazer dizem respeito a uma prática sistemática de luxúria com inúmeros procedimentos e posturas, na qual a imaginação representa um suplemento essencial. Foi justamente o medo do grande potencial da imaginação que levou Rousseau a recomendar aos educadores a controlá-la nas crianças, não deixando que ela as excitasse muito cedo, temendo que seu uso desenfreado as tornasse infelizes no futuro. Sade, ao contrário, insiste em “dar asas à imaginação” na libertinagem; e quanto mais cedo melhor, já que a imaginação é o “agulhão dos prazeres”, motor essencial do desejo libertino.

É nessa arte de luxúria que Eugénie será iniciada, de diversas maneiras, no *boudoir* de Saint-Ange.

Afinal, os prazeres da luxúria são os que mais condizem com a República e sua revolução nos costumes, porque glorificam a liberdade exercitando-a em todos os sentidos. Sade, sem dúvida, como outros escritores libertinos de seu século, e quiçá, à maneira de muitos gregos e latinos, sempre confundiu liberdade com libertinagem.



Pierre Schenk, *Física Sagrada*, Amsterdã, 1735. *A corda ou cadeia de prata (a medula espinhal)*. Gravura sobre cobre. Bibliothèque Inter-Universitaire de Médecine de Paris.

Se a meta do devasso é o gozo, o “mais-gozo”, promessa da imaginação que todo grande libertino persegue, tem como base o sofrimento das vítimas; esperma & lágrimas, a correlação assim se estabelece: do lado dos devassos, o gozo coroa as realizações do vício, do lado das vítimas, é a lágrima que celebra o ponto culminante da virtude entre os seres sensíveis. A lágrima é o gozo dos virtuosos. É por isso que nos romances de Sade, críticos da tradição sentimental, a lágrima perde seu sentido de prazer, sendo descaracterizada como um signo revelador de felicidade entre os seres sensíveis que a liberam na partilha das emoções. Em Sade as vítimas não gozam. Só fornecem este alimento indispensável ao desejo libertino em direção ao gozo: a linguagem da dor.

Numa operação maior do texto sadiano, o discurso dos virtuosos é parodiado para justamente expressar “seus infortúnios”, que devem ser repudiados pelo libertino em nome da razão e da natureza por não conduzir à felicidade. Com isso, toda retórica lacrimosa que desfrutou tanto prestígio no século fornecendo material para tantos artistas, romancistas, dramaturgos; que fez chorar tanta gente nos jardins públicos, nos salões, cai por terra desfigurada. Em *A filosofia na alcova*, não é difícil entender por que Sade ataca toda essa tradição. Sua ideologia é incompatível com os ideais revolucionários e representa o Antigo

Regime.

Nos romances sentimentais, a expressão sensível assume sempre um valor positivo de enaltecimento da virtude, estabelecendo-se como o lugar da verdade na enunciação. Saint-Preux descreve as qualidades de sua amada Julie: “É esta união tocante de uma sensibilidade tão viva e de uma inalterável doçura; é esta piedade tão terna a todos os males alheios, é este espírito justo e este gosto delicado que tira sua pureza da alma; são, numa palavra, os encantos do sentimento, bem mais que os da pessoa, que adoro em vós”.⁴⁸ Outra afirmação do sentimento como valor positivo, agora como fator de redenção da alma, pode ser encontrada na *História do marquês de Cressy*, de Riccoboni: “A amável Adélaïde cedeu ao enternecimento de seu coração: chorou; e as lágrimas que o amor fez correr foram o selo do perdão tão desejado”.⁴⁹

Mas o triunfo da virtude sobre o vício, nos romances sentimentais, não raras vezes paga um preço alto: o sofrimento e a morte das heroínas. Talvez porque, como afirma Sade em sua “Ideia sobre os romances”, a virtude, para sobressair-se, necessita ser “atormentada pelo vício”.⁵⁰ Em seus romances, no entanto, o que faz tal juízo parecer cínico, a retórica do sentimento, parodiada, acaba mesmo enaltecendo o vício como valor triunfante da verdade. Justine, Aline, assim como a senhora de Mistival e outras vítimas de Sade, têm sua virtude ameaçada e punida. Aline é terna, espirituosa, cheia de virtudes como Justine, naturalmente todas se espelham na Julie de Rousseau. Todas têm em comum traços de “*charmante precheuse*” e de “*douce prude*”. Justine não perde ocasião de rezar com fervor. É bem verdade que as heroínas sentimentais choravam por um amor culpável, por perseguição e maus tratos sofridos de um esposo cruel ou pai, entre outros infortúnios; mas a intenção daqueles autores visava fortalecer a moral do leitor provocando nele uma espécie de comoção mesclada de revolta interior, que o fazia identificar-se com os infortunados e tomar seu partido. A emoção provocada no leitor era a prova de que a virtude era o único ideal de verdade a seguir, apesar da má sorte de seus heróis.

Em Sade, o tema da “inocência punida” que atravessa todo o século é orientado num sentido inverso pela narrativa, sendo oferecido ao leitor, ao contrário, como uma prova de que o destino infeliz que atinge as heroínas sentimentais é o resultado de sua opção pela virtude e de não terem ouvido os “conselhos da natureza”. Questão de sensatez, mas uma sensatez tendenciosa que em nome da verdade natural torna-se ela própria o fiel da balança. Assim, Justine morre fulminada por um raio. O raio é a vingança da natureza contra os ideais dos virtuosos e seu “deus de farinha”.

No sétimo e último diálogo entra em cena a senhora de Mistival, que fora à casa de Saint-Ange buscar Eugénie. Indignada, ela chora ajoelhada diante da filha, tentando persuadi-la a acompanhá-la. Dolmancé, o preceptor de Eugénie, comenta a atitude com sarcasmo: “Ah, ótimo! Eis uma cena de lágrimas!... Vamos, Eugénie, enternecei-vos!”. O distanciamento crítico é considerável. Salientemos que na cena, com exceção ainda de Mistival, todos os personagens se encontram nus. Deslocada de seu contexto sentimental pela paródia, a ação virtuosa não mais triunfa, a sensibilidade perde seu efeito, a “bela moralidade” se evapora. A lágrima, pervertida pela palavra do libertino, adquire um novo significado.

Em seu ensaio “A ceia interrompida”, sobre Prévost, Auerbach já assinalava que as lágrimas no século XVIII passam a adquirir uma importância que não tinham como motivo independente. Começava-se a misturar nos romances erotismo com sensibilidade.⁵¹ *Manon Lescaut*, para Auerbach, seria um dos marcos dessa nova tendência. Sade admirava muito essa obra. Em sua *Ideia sobre os romances*, tece sobre ela o seguinte comentário: “Que lágrimas derramamos na leitura desta obra deliciosa! (...) não seria demais ousar dizer que esta obra merece o título de nosso melhor romance; e foi lá que Rousseau viu que, malgrado as imprudências e os desatinos, uma heroína ainda poderia nos enternecer, e talvez jamais tivéssemos *Julie*, sem *Manon Lescaut*”.⁵²

É bem outra, no entanto, a erótica sadiana dos romances. Quando os valores das duas tendências da época, a sensibilidade e o erotismo começam a misturar-se numa fórmula que só seria consagrada pelo século seguinte, Sade propõe outra combinação desses elementos. Ambos permanecem em seus romances, mas separados. Seu erotismo é estritamente libertino, pelo menos na intenção de suas obras mais radicais. Não há lugar para o amor em sua literatura. Em *A filosofia na alcova*, dirigindo-se aos republicanos, posiciona-se claramente a respeito citando o naturalista Buffon: “no amor só há de bom o físico”.⁵³ “Ah! se o amor fosse verdadeiramente um bem, se de fato fosse feito para a nossa felicidade, um quarto da vida escorrer-se-ia, portanto, sem que se gozasse dele?”, declara em *A nova Justine*.⁵⁴ No sistema sadiano, o amor só existe no coração das vítimas. Ele pertence a esse território demarcado pela sensibilidade e pela virtude, que o marquês condena aos “infortúnios”. Em *A nova Justine*, a heroína se apaixona justamente por Bressac, um libertino que comete barbaridades contra ela. O narrador tenta justificar esta paixão numa fala que é uma paródia da retórica sentimental: “O amor é então um mal que se possa curar? Tudo com que se tenta apagá-lo só faz atizar ainda mais vivamente sua chama”.⁵⁵

A senhora de Mistival chora ajoelhada diante da filha, e esta lhe estende as nádegas para beijar. Que tipo de reação tais palavras terão provocado nos leitores da época? Risos? Revolta? Indignação? Como explicar que uma obra como *Justine* tenha sido um sucesso de público ainda no século de seu autor? Sua existência já não era a prova de que havia um público para ela, como diria Sartre? Ela, portanto, encheu os olhos de muito leitor ao mesmo tempo em que uma nova sensibilidade se formava. Talvez por isso mesmo seu autor tenha ficado esquecido (ou ocultado) durante mais de um século, até que o nosso o devolvesse à luz e finalmente o consagrasse. Julia Kristeva afirma que os romances de Sade estão enxertados na modernidade.⁵⁶ Seja como for, qualquer que seja a sua recepção nos nossos dias, deve-se salientar nesse texto de aspectos tão múltiplos e surpreendentes a forma pela qual ele se trabalha em sua trama, confrontando discursos diferentes para extrair-lhes uma nova significação estética. Tal procedimento não se faz sem um sentido crítico que o orienta, sem uma intenção certa, ao mesmo tempo laboriosa e voraz, que acompanha vigilante no papel a pena nervosa do marquês.

*

Ao final do quinto diálogo de *A filosofia na alcova*, o libertino Dolmancé interroga Eugénie sobre que assunto ela gostaria de conversar. A aluna decide então investigar a questão dos costumes, se seriam “verdadeiramente necessários num governo e se sua influência tem algum peso sobre o gênio de uma nação”. É a deixa para o texto “Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos”, que será lido pelo cavaleiro, dono de uma “bela voz”. Alguns biógrafos de Sade acham que se trata de um escrito avulso do marquês, que não pertencia originariamente ao romance, sendo então oportunamente costurado à narrativa a exemplo de tantas obras suas cuja estrutura comporta textos de gêneros diversos. Basta lembrar *Aline et Valcour*, em que um romance de aventura, picaresco, o episódio “História de Sainville e Leonore”, é enxertado no meio de um romance epistolar.

O panfleto “Franceses, mais um esforço...” é dividido em duas partes, *a religião* e *os costumes*, e serve de complemento teórico aos discursos dos preceptores de Eugénie, bem como às ações de deboche já praticadas.

Logo no início, o misterioso autor da “brochura”, encontrada casualmente por Dolmancé no “Palais Royal”, declara que seu objetivo é oferecer uma contribuição ao progresso das Luzes. Fala da necessidade de uma moral que

“dirija os costumes” e “que seja como que o seu desenvolvimento, sua consequência necessária”. Passa em seguida a considerar a religião, ou, mais propriamente, a sua condenação no Estado republicano.

Para Sade, nada é tão oposto ao sistema da liberdade republicano quanto os dogmas do cristianismo. Michelet também salienta esta incompatibilidade.⁵⁷ São dois tipos diferentes de organização social. O cristianismo combina mesmo é com o Antigo Regime. Desde a Idade Média, esta aliança era mantida com base no arbítrio da eleição divina de seus representantes. Enquanto o rei, “esta velha sombra, esta superstição antiga”, no dizer de Michelet,⁵⁸ era favorecido com a graça de Deus, seus súditos carregavam a herança do pecado. Os revolucionários franceses substituíram a graça pela justiça e o direito divino pela liberdade. Cabe a Sade realizar a última volta da espiral, que, aliás, representa um “retorno à natureza”: substituir a justiça e a liberdade pelo despotismo da libertinagem.

Vê-se logo por que todas as vítimas sadianas são cristãs, como a maior parte das heroínas virtuosas dos romances sentimentais. E, se a Julie de Rousseau é a síntese e o ponto culminante dessa tradição, Aline e Justine, a grande virtuosa sadiana, representam a sua crítica e ruptura.

Não se deve surpreender, no entanto, com a agonia do grande modelo da virtuosa sentimental. Ao longo das três últimas décadas do Século das Luzes, em que o gênero conhece sua maior evolução, é cada vez mais frequente a posição triunfante ocupada pelo vício nos romances em detrimento da virtude, que sofre os piores atentados, ao passo que os maus, fiéis representantes daquele, escapam ilesos. Mesmo os discípulos de Rousseau, a despeito de seguirem incontestavelmente seu mestre, acrescentam uma maior participação dos seres perversos em suas histórias, prolongando seus perfis e ações para o desespero dos corações sensíveis e seus semelhantes. Segundo Versini,⁵⁹ é do interesse do público que o horror do vício seja sublinhado com um traço espesso. Tal tendência, aliás, reforça a tese defendida por Sade em sua “Ideia sobre o romance”,⁶⁰ segundo a qual o vício é o principal responsável para que um romancista possa prender a atenção do leitor. Com Sade, essa tendência, já delineada em sua época, é levada às últimas consequências.

Ainda que todas as principais religiões monoteístas sejam alvo de seus ataques em praticamente toda a sua obra, é certo que o cristianismo, seus dogmas e símbolos, é a que ele critica com maior violência, talvez porque seja a que menos combina com a erótica de seus romances. O cristianismo, diz Bataille,⁶¹ tenta liberar o mundo do erotismo. Essa condenação peremptória é um de seus maiores dogmas. A pintura religiosa da Idade Média (quando os pintores

trabalhavam para a Igreja) relegara o erotismo ao inferno. Sade inverte a posição dos agraciados por Deus: os libertinos vão para o “paraíso”, aqui na terra mesmo, e os virtuosos são confinados ao inferno.

Julia Kristeva mostra que menipeia, de Menipeu, filósofo do século III a.C., foi o termo empregado pelos romanos para designar certo gênero satírico.⁶² “Todos os grandes romances polifônicos herdaram uma estrutura carnavalesca menipeana (Rabelais, Cervantes, Swift, Sade, Balzac, Lautréamont, Dostoiévski, Joyce, Kafka). A história do romance menipeano é também a história da luta contra o cristianismo e sua representação, isto é, uma exploração da linguagem (do sexo, da morte), uma consagração da ambivalência, do “vício”.⁶³

*

“Sim, cidadão, a religião é incoerente com o sistema da liberdade”, lê-se no panfleto de Sade.⁶⁴ Os únicos deuses que o republicano deve admitir são a *coragem* e a *liberdade*. O cristianismo com seus “dogmas absurdos, arrepiantes mistérios, cerimônias monstruosas” propõe uma “moral impossível”, que “pela baixaza de seus fins estará sempre ligada às atrocidades do Antigo Regime”. O sacerdote de Jesus, portanto, mensageiro de sua palavra, é “um escravo dos preconceitos e da superstição”. Mas surge uma exceção, o que pode parecer contraditório, mas perfeitamente coerente com o pensamento sadiano e sua devoção aos cultos do paganismo: “Já que acreditamos ser um culto necessário, imitemos o dos romanos”.⁶⁵ O argumento é que os objetos de tal culto eram “ações”, “paixões”, “heróis”. O leitor é enviado ao mundo clássico, a principal referência de Sade quando descreve os valores guerreiros tomados de empréstimo para enaltecer seus personagens libertinos. “Tais ídolos elevavam a alma, eletrizavam-na.” Em *A genealogia da moral*, Nietzsche comenta justamente esta casta de heróis: “Os romanos eram os fortes e os nobres, mais que todos os povos da Terra; cada vestígio do seu domínio, a menor inscrição maravilha-nos e eleva-nos”.⁶⁶

Se Sade aprecia tanto o ideal estético clássico, talvez seja porque, no mundo pagão, os costumes são mais condizentes com os valores libertinos e parecem convir melhor às suas ações. Por isso, deveriam ser adotados pelos republicanos. O homem ativo, agressivo, analisa Nietzsche, está muito mais próximo da justiça do que o homem “reativo” da tradição judaico-cristã. O homem pagão “não erra seu alvo porque tem o olhar mais prevenido e a consciência mais limpa do que o homem rancoroso”.⁶⁷ Eis o modelo ideal que Sade recomenda ao homem

republicano. O cristianismo defende uma “moral de escravos”, para utilizar a terminologia nietzschiana; é uma religião que exalta, como se sabe, os valores do espírito em detrimento do corpo; vive sob o estigma do martírio, e tem na dor, na piedade, no ressentimento, seus principais valores. Vimos que, no sistema sadiano, as vítimas são porta-vozes dessa ideologia. Os libertinos, ao contrário, parecem conhecer muito bem o que Nietzsche fala em relação aos romanos: “para arrancar da consciência a dor (...), é necessária uma paixão, uma paixão das mais selvagens, e um pretexto para a excitar.”.⁶⁸

Entende-se melhor o pensamento sadiano à luz da crítica dos valores morais empreendida por Nietzsche um século mais tarde. O pensador alemão mostra que etimologicamente “bom” não vem de “bondade”. “Bons” eram os homens distintos, os poderosos que julgavam boas as suas ações “de primeira ordem”, opondo-se a tudo quanto era baixo, mesquinho e vulgar. Assim, nos romanos, a consciência da superioridade e da distância, o sentimento geral, fundamental e constante de uma raça superior e dominadora, em oposição a uma raça inferior e baixa, determinou a origem da antítese entre “bom” e “mau”.⁶⁹ Por essa etimologia, “bom”, originariamente, não tem que ver com a ação altruísta ou piedosa preconizada pelas ideologias religiosas da tradição judaico-cristã. Para o antigo romeno, *bonus* (bom) significava “guerreiro”.⁷⁰ Eis o sentido dos valores morais que Sade recupera para o homem republicano. Nietzsche mostra que essa moral positiva dos romanos foi renegada por uma outra, “reativa”, dos judeus que se “vingaram espiritualmente” de seus dominadores. Houve assim uma radical mudança nos valores morais que acabaram sendo invertidos: os “bons” passaram a ser, na tradição judaico-cristã, os infelizes, os pobres, os fracos, os piedosos e sofredores em geral.⁷¹ Pensando-se nesses termos, “boas”, no sistema sadiano, são as Alines, as Justines, as Mistival; são as vítimas, esses seres altruístas unidos em compaixão na dor e nas lágrimas.

Como não ver, nesses valores cultuados sob a égide da sensibilidade, uma ideologia moral que fecundou fortemente o pensamento, a arte e a literatura setecentista? Em *Greuze*, a pintura convida à virtude e também à purgação sentimental provocando arrebatamento, emoção e lágrimas. Em *A jovem que chora seu pássaro morto*, o pintor mostra, segundo Diderot, como uma cena de dor pode ser tão bela e fazer refletir sobre o sentimento.⁷² Esse é sem dúvida um sentido de beleza importante para o século, mas que não se separa da moral condenada por Sade à perdição dos infortúnios.

Logo, se os republicanos necessitam de algum culto, que adotem os deuses do paganismo. Sade está pensando precisamente nas qualidades que eles

comunicavam aos adoradores, no sentido das “virtudes nobres” ressaltadas na revisão nietzschiana. Discorre entusiasmado em seu panfleto: “o adorador de Minerva queria ser prudente. A coragem estava no coração daquele que se via aos pés de Marte. Nenhum dos deuses desses grandes homens era privado de energia; todos transmitiam à alma daquele que os venerava o fogo de que eles próprios se abrasavam; e, como se tinha esperança de ser um dia também adorado, aspirava-se chegar a ser ao menos tão grande quanto aquele que se tomava por modelo”.⁷³ Eis o caminho para o republicano chegar à grandeza e à elevação. Estas, não por acaso, são qualidades dos libertinos de Sade. Virtuosos e nobres como os guerreiros romanos, fortes e audazes como os libertinos, assim também devem ser os republicanos franceses.

Descartando a religião teísta do Estado republicano, Sade considera que os *costumes* também lhe são inconvenientes. O “mais um esforço” que pede aos republicanos é no sentido de uma transformação radical da vida em sociedade, já que “um novo governo precisa de novos costumes”.⁷⁴ Sob o novo governo, o que deve ou não ser permitido? Em princípio, crime será somente aquilo que a lei reprime. Mas o que poderia ser criminoso numa sociedade que tem por base a liberdade e a igualdade? Percebe-se logo que este não deve ser o parâmetro adequado para regradar com precisão o que é bem e o que é mal, já que, aos olhos da natureza, ambos são indiferentes. Sendo assim, quais serão os deveres do homem no Estado republicano?

Sade estabelece três tipos:

1. aqueles que sua consciência e sua credulidade lhe impõem em relação ao ser Supremo;
2. aqueles que o homem é obrigado a manter com seus irmãos;
3. enfim, aqueles que só dizem respeito a ele mesmo.

Tendo já provado que a existência de Deus é “uma quimera”, passa a analisar apenas os dois outros pontos. Para que os homens possam viver bem entre seus semelhantes, bastam poucas leis, mas que sejam brandas, para que todos possam sujeitar-se a elas. Considera o absurdo da pena de morte: matar um homem por ter tirado a vida de outrem faz com que, ao todo, se suprima dois homens de uma vez e “tal aritmética só pode ser familiar a carrascos e a imbecis”.⁷⁵

O passo seguinte é o exame dos quatro principais tipos de crimes que se pode cometer: a *calúnia*, o *roubo*, os crimes causados pela *impureza* e o *assassinato*. Será que tais ações, consideradas capitais num governo monárquico, serão tão graves num Estado republicano? Veremos que a *calúnia* não pode ser considerada um mal, pois, se atinge um homem perverso, não tem efeito por ser

redundante, já que ele o praticou em demasia. E se recai sobre um virtuoso, acaba, na verdade, ressaltando ainda mais suas qualidades. Logo, a calúnia está liberada.

Quanto ao *roubo*, recorrer-se-á à história, procedimento constante em Sade, e, diga-se de passagem, iluminista, que repudia a idéia de leis morais universais, preferindo pensar a moral em termos da relatividade dos costumes nos povos, a exemplo de Voltaire e Montesquieu.

O modelo escolhido é de novo tirado da Antiguidade; desta vez são as repúblicas da Grécia, onde o delito do roubo era visto como uma virtude guerreira, ressaltando-se nele a coragem, a força e a habilidade. Como sempre, em Sade, o outro, o ser lesado, pouco importa. Ou só importa na medida em que é utilizado como “objeto de deboche”, como anteparo para a crueldade dos devassos que assim ressaltam sua superioridade. A propósito, como disse Espinosa, “nada é tão útil a um homem quanto seu próximo”. Sabe-se o quanto o sistema sadiano depende da figura do outro para funcionar, uma vez que se estrutura na bipolaridade libertino/vítima. O outro, em Sade, é a condição do gesto transgressor.

Ainda quanto ao roubo, pergunta como pode se sustentar um juramento do respeito às propriedades que visa, em última instância, manter a igualdade entre os cidadãos, se, para manter este pacto, seria preciso que aquele que nada tem se prendesse a um pacto que só protege aquele que tem tudo? Tal raciocínio introduz uma contradição e serve de arma ao forte contra o fraco, sendo que é justamente contra isso que o ideário da Revolução se bate. O ideal burguês da igualdade revela-se impraticável.

Os demais delitos analisados dizem respeito aos crimes de *impureza*, divididos em quatro categorias: a *prostituição*, o *incesto*, o *estupro* e a *sodomia*. Todos são absolutamente recomendados ao novo Estado, pois sua ação é indiferente num governo cujo único dever é a sua própria manutenção. Além disso, não são os “meios morais” os maiores responsáveis para a conservação de um Estado; caso contrário, a guerra seria inócua e, como diz Sade, “não há nada menos moral do que a guerra”. A guerra, por sinal, é brevemente analisada na passagem que trata do assassinato: “O que é a guerra senão a ciência de destruir?”. A racionalidade a serviço da natureza é, para Sade, uma das consequências da política, que tem no assassinato uma de suas molas principais.

Com o homem republicano curado dos erros religiosos e da tirania dos costumes tutelados pelo regime monárquico, o dever maior do Estado é garantir os meios para que o cidadão se satisfaça com os “objetos de luxúria” que

deseja.⁷⁶ O pacto social que aqui se pretende visa, em última análise, levar o indivíduo à felicidade. Mas, para isso, é preciso que todos deem sua cota de “sacrifício” em favor da libertinagem. Em *História de Juliette*, vemos na prática como uma sociedade baseada nesses princípios pode funcionar. Para que alguém seja admitido na Sociedade dos Amigos do Crime, é preciso que aceite determinadas regras segundo as quais, para satisfazer seus desejos, ele deverá saciar os desejos de outrem. Ora, dirá Dolmancé a Eugénie, as leis não são boas porque não atendem ao interesse individual. A República precisa de uma constituição que abrigue o desejo como lei suprema e garanta a sua realização. E não há nada mais sensato que o desejo, diz Sade, pois ele manifesta no homem as intenções da natureza. Assim, os “novos costumes” deverão satisfazer o indivíduo, elevando seu desejo à categoria de lei. A lei, por sua vez, serve para racionalizar o desejo determinando as relações de poder. Todos, sem exceção, terão seus desejos satisfeitos à medida que se sujeitarem aos desejos dos outros. Num pacto dessa natureza, o desejo de cada um também se instaura como desejo da Revolução, e, sendo um de seus princípios, torna-se lei universal. Esta é uma das novidades que *A filosofia na alcova* parece introduzir na obra sadiana: o que antes podia ser visto como lei restrita apenas ao universo sadiano dos romances, garantindo a supremacia dos libertinos sobre as vítimas, seus “objetos de deboche”, agora se oferece a todos os cidadãos da República. Em sua utopia, Sade quer convencer que a libertinagem instituída pela corrupção dos costumes é o único modo de tornar os cidadãos felizes. Não por acaso, aliás, a forma de texto escolhida para veicular estas ideias é a do panfleto político. Texto pletórico, cheio de energia, o panfleto se caracteriza por seu caráter de urgência, por ser um programa de ação imediata: *práxis* e *logos* se harmonizam. O ponto de partida desse “mais um esforço”, dessa “mais-revolução”, é fazer da palavra libertina um instrumento de transformação política onde o erotismo se torna o centro do poder, e o desejo individual suas bases de sustentação. “Um povo só tem um inimigo perigoso, seu governo”, diz Saint-Just.⁷⁷ Mas na utopia de Sade, o governo é o único que poderá garantir a felicidade dos cidadãos institucionalizando a libertinagem e a corrupção dos costumes como formas novas de convívio social. O mundo de pernas para cima.

Nesta utopia, o Estado republicano só deve admitir um tipo de despotismo: o da luxúria. Na falta de outro nome, diz Sade, pois “a pobreza da língua francesa nos obriga a empregar palavras que nosso feliz governo hoje com tanta razão nos reprova”.⁷⁸ A favor do despotismo da luxúria, não conta o ônus da opressão política sobre os súditos, excluídos da participação dos bens e das riquezas. No

despotismo da luxúria, os subordinados terão sua vez. Terão prazer em servir porque sabem que desfrutarão depois, a ponto de o sacrifício inicial com isso se tornar também prazer. É um pouco da dialética do senhor e do escravo que se vislumbra aqui. Eugénie, você vai ser castigada, diz Dolmancé, vou açoitá-la. Mas não se aflige, porque depois será sua vez de bater. Apanhar, ser aviltado, acirra o orgulho libertino.

Dolmancé explica a Eugénie a necessidade do egoísmo no gozo: “O que se deseja quando se goza? Que todos aqueles que nos rodeiam só se ocupem de nós, só pensem em nós, só cuidem de nós. Se os objetos que nos servem também gozam, ei-los mais ocupados consigo próprios do que conosco, e consequentemente nosso prazer será prejudicado. Não há homem que não queira ser déspota quando sente tesão”.⁷⁹ Desse modo, não apenas se aceita a tirania na libertinagem, mas ela própria é a razão do gozo. “A ideia de ver o outro gozar como ele (o devasso) coloca-o numa espécie de igualdade que prejudica os atrativos individuais que o *despotismo* (grifo de Sade) proporciona. Contraditoriamente, a libertinagem só liberta e torna os indivíduos felizes numa relação que os torna ao mesmo tempo dominantes e dominados. O ideal burguês revolucionário da igualdade sofre outro golpe da política do corpo sadiana.

É certo que a libertinagem sadiana recomenda o gozo solitário, pois goza-se melhor quando o outro (a vítima) não participa deste prazer; ao contrário, o libertino prefere que o outro sofra enquanto ele goza. Mas por que se preocupa tanto com o prazer de seus parceiros? A explicação é a seguinte: os libertinos raramente se tornam vítimas cabais uns dos outros (com exceção talvez do que ocorre na *História de Juliette*). São extensões de si mesmos, irmãos de “estirpe” de uma mesma confraria como a Sociedade dos Amigos do Crime, em que Juliette foi admitida. Nas orgias, os libertinos desempenham todas as funções, sem preconceito. Seu erotismo vive dessa inversão de papéis, desse jogo de máscaras. Isso serve para estimular a imaginação e multiplicar os prazeres, estendendo-os, como pede um dos monges libertinos na *Nova Justine*, para além de todos os limites.

Há ocasiões em que os libertinos fazem questão de usar entre si a mesma linguagem com que tratam suas vítimas. Numa cena de luxúria, Dolmancé se dirige à senhora de Saint-Ange, também libertina e preceptora de Eugénie: “Vê como te trato, sacana, como te domino!”. Os devassos suportam assim (e adoram) todos os tipos de vexações e se submetem a todas as fantasias de seus parceiros. No seio da libertinagem sadiana, toda dor se transforma em prazer, toda lágrima se transforma em gozo. Por isso Dolmancé conclama a todos para

gozarem ao mesmo tempo numa orgia: “é a única felicidade da vida”.

Se a volúpia é necessária ao Estado republicano, o amor, como se poderia esperar, não é um sentimento bem-vindo. Ele é um sentimento egoísta que só satisfaz a dois indivíduos e não pode servir à felicidade de todos.⁸⁰

Após um elogio à prostituição e uma condenação radical do amor, essa “loucura da alma”, o autor do panfleto defende a abolição do tabu da virgindade. Dirige-se então às mulheres: “Sexo encantador, sereis livre!”.

Gozar dos prazeres é um dever natural do homem. Passamos depois à condenação do adultério e à apologia do incesto, que “torna mais ativo o amor dos cidadãos pela pátria”, já que estende os laços de família. A instituição familiar assim também é reinventada pela subversão dos costumes.

Quanto ao estupro, não pode ser considerado um mal, já que tão somente antecipa o que virá depois com o himeneu ou com o amor.

A paixão da sodomia é louvada durante toda a educação de Eugénie, e justificada de todas as formas. Quando o cavaleiro discorda de Dolmancé sobre esse ponto, dizendo preferir o “altar natural” que a natureza reservou aos homens, na mulher, o preceptor de Eugénie retruca: mas “o altar é o cu”. Seu principal argumento, com muito humor, baseia-se na lógica mecanicista que determina que o orifício do ânus se ajusta perfeitamente aos membros viris, o que faz dessa disposição a mais natural. Caso contrário, “como é possível querer que um membro redondo possa se ajustar a um buraco oval?”.⁸¹ A sodomia, portanto, é questão de organização natural de cada indivíduo. Ela se encontra em todas as partes do globo e pode ser vista em todas as épocas. Os legisladores da Grécia não a teriam introduzido em sua República se a julgassem perigosa. Pelo contrário, “a pederastia foi sempre o vício dos povos guerreiros”.⁸² Sade conclui que “a corrupção dos costumes, quase sempre muito útil num governo, não poderia ser nociva sob nenhum aspecto”.⁸³

Finalmente, tem lugar no texto o exame do assassinato. Será o assassinato um crime? Tal questão é analisada sob diversos aspectos.

Seu ponto de partida é “rebaixar o homem ao nível de todas as outras produções da natureza”, pois o filósofo “não acaricia as pequenas vaidades humanas”.⁸⁴ Aos olhos da natureza, não existe diferença entre o homem e as outras criaturas, animais e plantas.

Quanto à destruição do homem, “que valor terão para a natureza indivíduos que não lhe custam a menor pena ou o menor cuidado?” Ora, dirá Sade, se todos fossem eternos, a natureza não poderia criar novos seres, o que é inaceitável; logo, “se a eternidade dos seres é impossível à natureza, sua destruição torna-se

uma de suas leis”.⁸⁵ Tese central do pensamento materialista sadiano. Destruição em nome da transmutação ou do *movimento perpétuo*. O que autoriza a violência do libertino é, pois, um saber: uma filosofia da natureza. Assim, o assassino ajuda a natureza porque lhe fornece efetivamente a matéria-prima para as suas reconstruções. Prestando este “serviço” à natureza, ele participa ativamente da circulação geral das espécies no sentido de sua renovação energética. Nada se perde. Transmutação não é destruição. O assassinato não pode ser considerado um crime: “O homem que destrói seu semelhante é para a natureza aquilo que é para ele a peste ou a fome”.⁸⁶ Phillippe Sollers dirá a propósito: o crime é só uma maneira diferente de reorganizar a matéria.⁸⁷

Com a demonstração de que o assassinato não é um crime e que crimes, por sinal, não existem, o projeto de Eugénie contra a sua mãe pode ser retomado. Entra assim em cena, no sétimo e último diálogo, a figura que faltava para completar as ações de deboche e crueldade, operações fundamentais do sistema sadiano: a vítima. Conclui-se também a educação de Eugénie, com sua própria mãe servindo de modelo. A mudança de tratamento em relação a essa personagem é total e decisiva. As entradas das personagens em cena (nos diálogos) seguem a seguinte estratégia: Dolmancé entra no terceiro diálogo; o cavaleiro, no quarto; e Augustin, no quinto. Todos entram na condição de libertinos, seja para servirem de “manequins” em que serão dadas as aulas a Eugénie, seja para renovar o contingente libertino já sem forças devido ao excesso nos deboches. Só no último diálogo surge pela primeira vez a vítima, encarnada na senhora de Mistival. Esse diálogo é uma apoteose, uma espécie de “festa de formatura” de Eugénie, quando o ritual de libertinagem sadiana se intensifica e chega ao apogeu. O movimento das ações estende-se dos deboches à crueldade, passando por vexações e torturas infligidas à mãe de Eugénie, até seu estupro praticado pelo valete sifilítico de Dolmancé. Não há limites para a violência sadiana. O excesso é a marca principal de suas ações. E a lei do excesso (Bataille) é exceder-se a si mesmo num desejo de transgressão permanente. Eis aí seu terror, mas também seu fascínio.

*

Num mundo em que o crime é lei porque a natureza precisa renovar a massa de energia que o compõe; em que a fantasia anda à solta, e a imaginação poderosa é aliada de um desejo sempre em falta consigo mesmo, sempre em busca de um objeto impossível, mas que, qualquer que seja, tem as condições de sua

realização garantidas pelo Estado, ninguém está livre do efeito multiplicador da violência que será desencadeado em seu seio, ainda que os libertinos jurem não fazer mal a seus pares. Mas se a “mais-revolução” proposta por Sade é impraticável (daí sua utopia), sua palavra permanece como um exercício de lucidez sombria que não se pode descartar. Se esta literatura está condenada ao impossível por se divorciar do real, ela se vinga no espaço de sua realidade absurda criando um mundo às avessas, como um espelho de imagens retorcidas em que, no entanto, o homem contrafeito parece belo, o gozo triunfa e a felicidade é possível.

Contador Borges

-
- [1](#) Foram ao todo vinte e sete anos em onze diferentes prisões sob três diferentes regimes.
 - [2](#) *Donatien Alphonse François, Marquis de Sade*. Paris, Fayard, 1991.
 - [3](#) Diderot, *Les Salons*. In: *Oeuvres Esthétiques*. Paris, Garnier Frères, 1959, p. 652.
 - [4](#) Maurice Lever, *op. cit.*, p. 520.
 - [5](#) *Idem*, p. 524.
 - [6](#) *La Terreur dans le Boudoir*. Paris, Grasset & Fasquelle, 1994. Tradução brasileira, Record, 1996.
 - [7](#) Para essas informações, contei com a preciosa colaboração de Eliane Robert Moraes, a quem agradeço.
 - [8](#) Henri Coulet. *Le roman jusqu'à la révolution*, t. 1, collection U, Paris: Librairie Armand Colin, 1967, p. 442.
 - [9](#) Expressão de Bakhtin. V. Mikhaïl Bakhtine. *Esthétique et Théorie du Roman*.
 - [10](#) V. Julia Kristeva. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, col. *Debates*, 1974, p. 64.
 - [11](#) *Idem*, p. 79.
 - [12](#) *Idem*, *ibidem*.
 - [13](#) Anne Vincent-Buffault. *Histoire des larmes*. Paris: Rivages, 1986, p. 17.
 - [14](#) *Idem*, p. 40.
 - [15](#) *Les Salons*, *op. cit.* p. 524.
 - [16](#) *Idem*, p. 525.
 - [17](#) Pierre Trahard. *Les maîtres de la sensibilité française au XVIII*, tomo II. Paris: Boivin Cie. Éditeurs, 1932, p. 63
 - [18](#) “La raison de Sade”. In: *Lautréamont et Sade*. Paris: Minuit, 1963.
 - [19](#) *A filosofia na alcova*.
 - [20](#) “Présentation”. In: La Mettrie. *L'homme machine*. Paris: Denoël/Gonthier, 1981, p. 24.
 - [21](#) *Idem*, p. 68.
 - [22](#) *Idem*, *ibidem*
 - [23](#) Claude Lefort. O desejo de corromper. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 jul. 1989. Cadernos Ideias/Ensaio.
 - [24](#) “Origens do discurso libertino”. In: *Libertinos, libertários*, org. de Adauto Novaes. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 193.
 - [25](#) Yvon Belaval, citado por Eliane Robert Moraes, in: *Sade, a felicidade libertina*. Rio de Janeiro: Imago, “Biblioteca Pierre Menard”, 1994, p. 195.
 - [26](#) Para uma leitura plena da função do *boudoir* na obra de Sade, indico o mesmo ensaio. *Idem*, pp. 177-208.
 - [27](#) *Idem*, p. 177.
 - [28](#) O termo é de Marcel Hénaff, citado por Eliane Robert Moraes. *Idem*, p. 196.
 - [29](#) “La raison de Sade”, *op. cit.*, p. 3.
 - [30](#) *L'homme-machine*, *op. cit.*, pp. 101 e 138.
 - [31](#) La Mettrie. “L'école de la volupté”. In: *De la volupté*. Paris: Desjonquères, 1966, p. 135.

- [32](#) In: *Europe*, op. cit., p. 12.
- [33](#) *A filosofia na alcova*.
- [34](#) Ver Jean Fabre. “Sade face a Rousseau”. In: *Europe*, op. cit., p. 43.
- [35](#) Jean-Pierre Han e Jean-Pierre Valla. “Le système philosophique de Sade”, idem, p. 111.
- [36](#) Citado por Pierre Trahard, *Les maitres de la sensibilité française au XVIII*, op. cit., p. 52.
- [37](#) Idem, p. 55.
- [38](#) Idem, ibidem.
- [39](#) *A filosofia na alcova*.
- [40](#) *Les maitres de la sensibilité française au XVIII*, op. cit., p. 53.
- [41](#) Idem, p. 63.
- [42](#) Idem, p. 68.
- [43](#) Idem, ibidem.
- [44](#) *L’homme-machine*, op. cit., 96.
- [45](#) *A filosofia na alcova*, p. 171.
- [46](#) *L’homme-machine*, op. cit., p.114.
- [47](#) *A filosofia na alcova*.
- [48](#) Jean-Jacques Rousseau. *Julie ou la nouvelle Héloïse. Lettre première*, p. 6.
- [49](#) Madame Riccoboni. *L’histoire du Marquis de Cressy*. Paris: ed. Des femmes, 1987, p. 52.
- [50](#) Sade. “Idée sur les romans”. In: *Les crimes de l’amour*, v. 1. Paris: Jean-Jacques Pauvert, 1961, p. 27.
- [51](#) Erich Auerbach. “A ceia interrompida”. In: *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, col. Estudos, 1976, pp. 355 e 356.
- [52](#) “L’idée sur les romans”, op. cit., p. 29.
- [53](#) *A filosofia na alcova*.
- [54](#) Sade. *La nouvelle Justine*. Paris: U.G.E, col. 10/18, 1978, v. 1, p. 138.
- [55](#) Idem, p. 146.
- [56](#) Julia Kristeva, op. cit., p. 86
- [57](#) Ver Michelet. *La Révolution française*. Paris, Librairie Générale Française, 1988.
- [58](#) Idem, p. 25.
- [59](#) Laurent Versini. *Le roman épistolaire*, p. 107.
- [60](#) In: *Les crimes de l’amour*. Paris, Jean-Jacques Pauvert, v. I, 1961, p. 27.
- [61](#) Georges Bataille. *Les larmes d’Eros*. Paris: UGE, col. 10/18, 1978, p. 99.
- [62](#) *Introdução à semanálise*, op. cit., p. 81.
- [63](#) Idem, p. 79.
- [64](#) *A filosofia na alcova*.
- [65](#) Idem.
- [66](#) Nietzsche. *A genealogia da moral*. Lisboa: Guimarães, 1976, p. 44.
- [67](#) Idem, p. 68.
- [68](#) Idem, p. 127.
- [69](#) Idem, p. 19.
- [70](#) Idem, p. 24.
- [71](#) Idem, p. 27.
- [72](#) *Les salons*, op. cit., p. 533.
- [73](#) *A filosofia na alcova*.
- [74](#) Idem.
- [75](#) Idem.
- [76](#) *A filosofia na alcova*.
- [77](#) “Rapport sur le gouvernement révolutionnaire”. In: *Théorie politique*. Paris, Seuil, 1976, p. 234.
- [78](#) *A filosofia na alcova*.
- [79](#) Idem.
- [80](#) Idem.
- [81](#) Idem.

[82](#) Idem.

[83](#) Idem.

[84](#) Idem.

[85](#) Idem.

[86](#) Idem.

[87](#) *L'écriture et l'expérience des limites*. Paris, Seuil, 1968, p. 64.

CRONOLOGIA

1740 - Nasce, a 2 de junho, Donatien-Alphonse-François, o marquês de Sade, em Paris.

1744 - Donatien é enviado à Provença, onde é educado primeiramente por suas tias e depois pelo tio, o abade de Sade, erudito e libertino.

1746 - Diderot publica seus *Pensamentos filosóficos* e assume a direção da *Enciclopédia*.

1751 - A *Enciclopédia* começa a ser publicada.

1755 - O marquês é nomeado alferes de infantaria junto à casa do rei.

1756 - Tem início a “Guerra dos Sete Anos”. Durante a campanha, o jovem oficial Sade é beneficiado com várias promoções. Começam suas primeiras ações como libertino.

1763 - Fim da “Guerra dos Sete Anos” com o tratado de Paris. Sade é reformado como capitão de cavalaria. Ligação com a senhorita de Lauris, de uma antiga casa da nobreza provençal. Casa-se a contragosto, a 17 de maio, com Renée-Pélagie de Montreuil, uma jovem rica oriunda da aristocracia inferior. Ações de libertinagem em Paris. Sade é encarcerado em Vincennes, a 29 de outubro, por uma *lettre de cachet* (ordem de prisão com o selo real), e solto a 13 de novembro.

1764 - Voltaire publica o *Dicionário filosófico*. Sade se relaciona com a senhorita Colet, atriz do Teatro Italiano, e com diversas prostitutas de Paris.

1766 - Várias relações com prostitutas e atrizes.

1767 - Nascimento do primeiro filho do marquês, Louis-Marie, a 27 de outubro.

1768 - A França adquire a Córsega um ano antes do nascimento de Napoleão Bonaparte. A 3 de abril, o primeiro grande escândalo do marquês: flagela em Arcueil, num domingo de Páscoa, uma jovem mendiga, Rose Keller, que consegue fugir e denunciá-lo. A 8 de abril, é encarcerado em Saumur, a despeito dos apelos da mulher Renée e da desistência da vítima do processo. É transferido em seguida para Pierre-Enclise, perto de Lyon. A 10 de junho é processado em Paris e condenado a pagar multa de cem libras. A 16 de novembro é solto por ordem do rei.

1769 - Nasce a 27 de junho o segundo filho do marquês. Viagem aos Países Baixos. Redige uma *Viagem a Holanda, em forma de cartas*.

1770 - D’Holbach publica sob o nome falso de Mirabaud o *Sistema da*

Natureza, obra que terá grande influência no pensamento sadiano. Retoma seu trabalho como capitão-comandante.

1771 - Nasce, a 17 de abril, Madeleine-Laure, filha do marquês. Nova prisão, em agosto, por causa de dívidas.

1772 - Ligação de Sade com a cunhada. Orgia em Marselha, a 27 de junho, juntamente com seu criado e quatro mulheres. As mulheres, obrigadas a ingerir bombons de anis contaminados por cantáridas, como “afrodisíaco” e “para fazê-las peidar”, segundo o marquês, sentiram-se mal e deram queixa, o que lhe valeu nova condenação, desta vez “à morte por contumácia”, pena que equivalia a uma grande desonra e cuja execução foi “en effigie”. Tratava-se na verdade de uma representação grosseira, mediante um quadro ou boneco do condenado a quem se fazia experimentar a pena pronunciada. Tinha ao menos dois objetivos: imprimir uma maior ignomínia ao acusado e inspirar no povo, por tal aparelho, maior horror pelo crime. O marquês e seu criado, por terem cometido crimes de libertinagem, algolagnia, sodomia e envenenamento, foram assim “queimados” em praça pública.

1774 - Morte de Luís XV.

1775 - Uma criada dá à luz uma filha do marquês: novo risco de escândalo, que a família procura abafar. Sade foge para a Itália e só retorna no ano seguinte para seu castelo de Lacoste.

1777 - É encarcerado novamente em Vincennes, por uma *lettre de cachet* emitida pelo rei por insistência da sogra, visando preservar a honra da família Sade-Montreuil de suas afrontas.

1778 - Morte de Rousseau e de Voltaire. Durante uma transferência a Paris, Sade foge, e após 39 dias em liberdade é preso em Lacoste. A 7 de setembro retorna ao torreão de Vincennes, onde ficará cinco anos e meio. Inicia sua obra literária.

1782 - Choderlos de Laclos publica *As relações perigosas*. Sade redige o *Diálogo entre um padre e um moribundo* e começa os *120 dias de Sodoma*.

1784 - É conduzido à Bastilha, onde permanece até a Revolução de 89.

1786 - Começa a redigir *Aline e Valcour*.

1787 - Problemas de saúde. Escreve *Os infortúnios da Virtude*, em dezesseis dias.

1788 - Convocação dos Estados Gerais. Publicação dos últimos livros das *Confissões*, de Rousseau. Morte de Buffon, naturalista que Sade admirava. Redige *Eugénie de Franval* e conclui *Aline e Valcour ou romance filosófico*.

1789 - Reunião dos Estados Gerais que se tornam Assembleia Constituinte. A

4 de julho, Sade é transferido da Bastilha para Charenton. Permanece nove meses em Charenton. 14 de julho: Queda da Bastilha. A 4 de agosto, dá-se a abolição dos privilégios. Declaração dos Direitos do Homem.

1790 - A Assembleia constituinte abole as “lettres de cachets”. Sade é libertado a 2 de abril. A 9 de junho, a senhora de Sade obtém o divórcio. Sade torna-se “cidadão ativo” da futura seção de Piques a 1 de julho. Tem início, a 25 de agosto, sua relação com Marie-Constance Quesnet, a “sensível”. Aceita várias encomendas de peças para os teatros parisienses.

1791 - Fuga de Luís XVI, destituído de suas funções. Reunião da Assembleia Legislativa. Sade passa a viver com a senhora Quesnet. Primeira edição de *Justine ou os infortúnios da virtude*. Em outubro e novembro, faz sucesso com a peça *O Conde Oxtiern ou as desgraças da libertinagem*.

1792 - Em setembro, o castelo de Lacoste é saqueado. Em outubro, Sade é nomeado comissário da seção de Piques.

1793 - 21 de janeiro: execução de Luís XVI. Instaure-se a fase do “Terror”. Em julho, o “cidadão” de Sade torna-se presidente da seção de Piques. Ele risca os Montreuil da lista dos suspeitos. A 29 de setembro, pronuncia um *Discurso às almas de Marat e de Le Pelletier*, ambos “mártires da liberdade”. A 8 de dezembro, nova detenção de Sade, acusado de “moderado”. É sucessivamente encarcerado nas Madelonnetes, nos Carmes, em Saint-Lazare e em Picpus.

1794 - Sade é condenado à morte, a 27 de julho. Robespierre, Saint-Just e outros são executados a 28 de julho. 15 de outubro: Sade é liberado.

1795 - Agosto: publicação de *Aline e Valcour* e da *A filosofia na Alcova*.

1796 - O castelo de Lacoste é vendido em outubro.

1797 - Publicação de *A nova Justine ou os infortúnios da Virtude*, seguida da *História de Juliette*, sua irmã. Viagem de Sade à Provença. Problemas financeiros e jurídicos.

1799 - Sade vive na miséria, trabalhando como empregado no espetáculo de Versalhes.

1800 - Publicação dos *Crimes do amor, precedidos de uma ideia sobre os romances*.

1801 - 6 de março: detenção de Sade como autor de obras pornográficas. É encarcerado em Sainte-Pélagie.

1802 - 14 de março: após tentar seduzir jovens detentos, Sade é transferido de Sainte-Pélagie para Bicêtre. Finalmente, a 27 de abril, é enviado ao Hospício de Charenton. Inicia *Jornadas de Florbelle ou a natureza desvelada*.

1805 - Sade auxilia na missa de Páscoa, em Charenton.

- 1806 - Morte de Restif de la Bretonne. Sade redige seu testamento.
- 1807 - Conclui, em abril, as *Jornadas de Florbelle*. A 5 de junho, tem seus manuscritos apreendidos e destruídos pela polícia.
- 1808 - Sade organiza um teatro com os detentos de Charenton.
- 1809 - Morre seu filho mais velho.
- 1810 - Morre, a 7 de julho, Renée-Pélagie, a marquesa de Sade.
- 1812 - Sade redige *Adelaide de Brunswick, princesa da Saxônia*.
- 1813 - Escreve *A história secreta de Isabelle da Baviera*, e publica *A marquesa de Gange*.
- 1814 - Abdicação de Napoleão e retorno de Luís XVIII. O novo diretor do hospício pede transferência do marquês. Morre Donatien-Alphonse-François de Sade, a 2 de dezembro. Apesar de suas disposições testamentárias, é sepultado religiosamente no cemitério do hospício.

BIBLIOGRAFIA

1. A tradução de *A filosofia na alcova*, do original *La philosophie dans le boudoir*, foi realizada com base nas seguintes edições:

La philosophie dans le boudoir. Paris, Union Générale d'Éditions, 1972.
La philosophie dans le boudoir. Paris, Jean-Jacques Pauvert, t. XXVII, 1955.

2. As versões do romance para o português consultadas foram as seguintes:

A filosofia na alcova. Tradução de Aloísio Costa. Brasília, Coordenada Editora de Brasília, 1968.
A filosofia na alcova. Tradutor anônimo. Apresentação de Eliane Robert Moraes, Salvador, BA. Ágalma, 1995.
A filosofia na alcova. Tradução de Ana Rabaça. Portugal, Publicações Europa-América.

3. Obras de Sade utilizadas no posfácio:

La philosophie dans le boudoir. Paris, Union Générale d'Édition, 1972.
La nouvelle Justine ou Les malheurs de la vertu. Idem, 1978.
Histoire de Juliette. Idem, 1976.
Les cent-vingt journées de Sodome ou L'école du libertinage. Idem, 1975.
Discours contre Dieu. Idem, 1980.
Lettres choisies. Idem, 1974.
Justine ou Les malheurs de la vertu. Paris, Jean-Jacques Pauvert, 1955.
Aline et Valcour. Idem, ibidem.

4. Outras obras:

AUTORES, Vários. *Europe*, n. 522. Revue Littéraire Mensuelle. Paris, Les Editeurs Français Réunis, 1972.
BAKHTIN, Mikhaïl. *Esthétique et théorie du roman*. Paris, Gallimard.
BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Paris, col. Points, Seuil, 1971.
_____. *Le plaisir du texte*. Paris, col. Points, Seuil, 1973.
_____. *Roland Barthes par Roland Barthes*. Paris, Seuil, 1975.
BATAILLE, Georges. *L'érotisme*. Paris, Minuit, 1957.
_____. *La part maudite*. Paris, Minuit, 1967.
BEAUVOIR, Simone de. *Faut-il brûler Sade?* Paris, Minuit, 1967.
BELAVAL, Yvon. *L'Esthétique sans paradoxe de Diderot*. Paris, Gallimard, 1950.
BLANCHOT, Maurice. *Lautréamont et Sade*. Paris, Minuit, 1963.
BORGES, Augusto Contador. Sade e a revolução dos espíritos. In: *Ciranda dos libertinos*. São Paulo, Max Limonad, 1988.
BRAMLY, Serge. *O terror na alcova*. Rio de Janeiro, Record, 1996.
BRETONNE, Restif de la. *Le pornographe*. Paris, Regine Deforges, 1977.
_____. *As noites revolucionárias*. São Paulo, Estação Liberdade, 1989.
BUFFAULT, Anne Vincent. *Histoire des larmes*. Paris, Rivages, 1986.

- COULET, Henri (org.). *Idées sur le roman: textes critiques sur le roman français*. Paris, Larousse, 1992.
_____ *Le roman jusqu'à la révolution*. t. 1, Col. U, Paris, Armand Colin, 1967.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro, Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles. *Sade/Masoch*. Paris, Minuit, 1976.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
_____ *Gramatologia*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- DESBORDES, Jean. *O verdadeiro rosto do Marquês de Sade*. Rio de Janeiro, Vecchi, 1968.
- DIDEROT, Denis. *Discurso sobre a poesia dramática*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
_____ *Paradoxo sobre o comediante*. São Paulo, Coleção "Os pensadores", Abril Cultural, 1976.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes, 1977.
_____ *Histoire de la sexualité I - La volonté de savoir*. Paris, Gallimard, 1976.
- FURET, François. *Penser la Révolution Française*. Paris, Gallimard, 1978.
- KLOSSOWSKI, Pierre. *Sade mon prochain*. Paris, Seuil, 1967.
_____ *Roberte ce soir*. Paris, Minuit, 1953.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- LACLOS, Choderlos. *As relações perigosas*. São Paulo, Globo, 1993.
- LA METTRIE. *L'homme machine*. Paris, Denoel/Gonthier, 1981.
_____ *L'Ecole de la volupté*. In: *De la volupté*. Paris, Desjonqueres, 1996.
- LÉLY, Gilbert. *Vie du Marquis de Sade*. Tomos I e II. Paris, Gallimard, 1952.
- LEVER, Maurice. *Donatien Alphonse François, Marquis de Sade*. Paris, Arthème Fayard, 1991.
- MICHELET. *La Révolution Française*. Paris, Le livre de poche, Librairie Générale Française, 1988.
- MORAES, Eliane Robert. *Sade, a felicidade libertina*. Rio de Janeiro, Imago, 1994.
- PLEYNET, Marcelin. *Sade lisible*. In: *Tel Quel, théorie d'ensemble*. Paris, Seuil, 1968.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo, Coleção "Os pensadores", Abril Cultural, 1976.
_____ *Julie ou la nouvelle Héloïse*. Paris, Garnier Frères, 1960.
_____ *Carta a d'Alembert*. Porto Alegre, Globo, 1958.
- SAINT-JUST. *Esprit de la Révolution et de la Constitution de France. De la nature. Rapport sur le gouvernement révolutionnaire jusqu'à la paix. Fragments d'institutions republicaines*. In: *Théorie politique*. Paris, Seuil, 1976.
- SOLLERS, Philippe. *L'écriture et l'expérience des limites*. Paris, Seuil, 1968.
- STAROBINSKI, Jean. *1789 - Os emblemas da razão*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- STEWART, Philip. *Le Masque et la parole*. Paris, José Corti, 1973.
- TRAHARD, Pierre. *Les Maitres de la sensibilité française au XVIII*. Tome II. Paris, Boivin Cie. Éditeurs, 1932.

ÍNDICE

A filosofia na alcova

COLEÇÃO PÉROLAS FURIOSAS

Marquês de Sade

CRÉDITOS

NOTA À TRADUÇÃO

AOS LIBERTINOS

PRIMEIRO DIÁLOGO

SEGUNDO DIÁLOGO

TERCEIRO DIÁLOGO

QUARTO DIÁLOGO

QUINTO DIÁLOGO

FRANCESES, MAIS UM ESFORÇO SE QUEREIS SER REPUBLICANOS

SEXTO DIÁLOGO

SÉTIMO E ÚLTIMO DIÁLOGO

NOTAS

A REVOLUÇÃO DA PALAVRA LIBERTINA

CRONOLOGIA

BIBLIOGRAFIA